



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



LUDICIDADE, ANIMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA  
O PROJETO “VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER”

Matheus Oliveira Santos

SÃO CARLOS  
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



LUDICIDADE, ANIMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA  
O PROJETO “VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER”

Matheus Oliveira Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

SÃO CARLOS  
2008

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S237la

Santos, Matheus Oliveira.

Ludicidade, animação cultural e educação : um olhar para o projeto "Vivências em atividades diversificadas de lazer" / Matheus Oliveira Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2008. 213 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Educação. 2. Práticas sociais e processos educativos. 3. Lazer. 4. Ludicidade. 5. Animação cultural. I. Título.

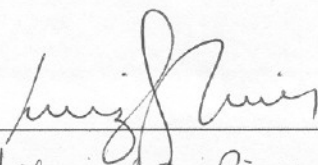

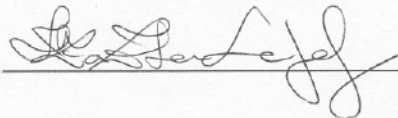
CDD: 370 (20<sup>a</sup>)

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Profª Drª Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a todos os participantes do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, que me fizeram enxergar a vida com mais alegria, intensidade e esperança. Viva a vida!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Niltão e minha mãe Branca, por todo amor e carinho recebido durante toda a minha vida. Vocês são os melhores pais do mundo.

Aos meus irmãos, Thiago e Manuela, por todas as aventuras, brigas, e histórias engraçadas que marcaram nossas vidas.

Aos meus avós, Manoel e Dona Alaíde, que são exemplos de vida, de alegria e dedicação aos filhos e netos. À memória de meus avós, Oscar Jaó e Alzira. Carrego comigo o amor e os ensinamentos deixados por vocês;

À minha companheira, que nas crises, nas alegrias, sempre com paciência leu várias vezes este trabalho. Ju, muito obrigado por tudo;

Ao meu grande amigo e orientador Luiz Gonçalves Junior, por mais uma vez acreditar no meu potencial e ter paciência com seu orientando;

A todos os funcionários e educadores da ECO e do Centro Comunitário do Pacaembu. Sem vocês este trabalho não teria nenhum significado;

Às professoras Ilza e Leila por confiar e aceitar a tarefa de fazer parte da minha banca. Ao professor Victor, que contribuiu muito com suas sugestões feitas na qualificação.

Aos moradores do Jardim Gonzaga. Obrigado pelo reconhecimento e acolhimento de todos. Para mim o bairro com mais “vida” de São Carlos;

Ao grande companheiro “Papito”, um dos maiores intelectuais na área do lazer, que escreveu com grandeza e dedicação o prefácio deste trabalho;

Aos amigos Fábio Mizuno, Magali Boemer e Tauana pela belíssima revisão feita na minha dissertação. À Maria do Céu, por todo apoio e amizade;

Ao CNPQ pelo apoio fundamental para concretização deste estudo;

A todos educadores e pós-graduandos da linha “Práticas Sociais e Processos Educativos”. Vocês me ajudaram a ver o mundo de outra maneira, com muito mais esperança;

Aos grandes amigos, Rica, Cae, Rá, Fabiano, Barba, Cadu, Pangá, Capoeira e Andrezinho. Amigos de longa data e que dividiram muitos momentos especiais comigo;

Aos amigos e melhores profissionais do lazer, que fazem parte da empresa Jacaré Ki Pira, especialmente à Thaís, Pedro, Thiago, Aninha, Beth, Wel, Bruna;

A todos os colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), especialmente ao Gorpo, Denise, Victor, Vicente, Mônica, Claudinha, Vanderlei, Fabiano Maranhão, Silmara, Regiane, Alesandro, Clovis, Spina, Bianca;

E, finalmente, a todos, que de alguma forma, fizeram parte deste momento tão maravilhoso e significativo de minha vida.

***“Eu fico com a pureza da resposta das crianças,  
É a vida, é bonita e é bonita...”***

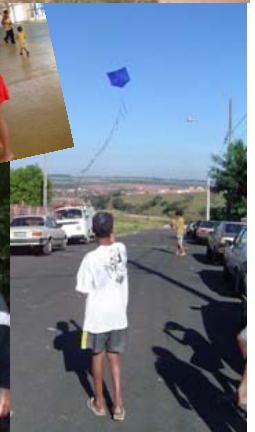


***Viver e não ter a vergonha de ser  
feliz, cantar, e cantar e cantar a  
beleza de ser um eterno aprendiz,***

***...***



***eu sei que a vida devia ser  
bem melhor e será, mas isso  
não impede que eu repita...***



***é bonita, é bonita e é bonita.” (O que é, O que é - GONZAGUINHA).***

## RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no Jardim Gonzaga, bairro periférico do município de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, no qual é realizado o projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, da Universidade Federal de São Carlos, em parceria com o projeto “Campeões na Rua”, da Prefeitura do Município de São Carlos. A pesquisa teve como objetivo analisar os processos educativos presentes na prática social do lazer, particularmente atentando para o elemento lúdico no contexto do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, no espaço da Estação Comunitária (ECO) do Jardim Gonzaga, segundo a percepção dos participantes mais antigos, seus familiares e educadores. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa com ênfase na fenomenologia, modalidade fenômeno situado. Foram realizadas entrevistas com quatro participantes e quatro respectivos familiares, inseridos, desde o início (2002), nos projetos. No que se refere aos educadores, foram escolhidos três, os quais participam atualmente dos projetos. Na coleta de dados foram também realizados diários de campo entre setembro de 2004 e abril de 2008. Na análise dos dados foram estabelecidas as seguintes categorias: A) Brincando e aprendendo no projeto; B) O espaço da ECO é melhor para os projetos; C) A importância dos educadores; D) Tirando as crianças da rua; E) Brincar e aprender de barriginha cheia é melhor; as quais possibilitaram a construção dos resultados. Nas considerações observei, dentre os processos educativos desencadados na convivência de participantes, educadores e familiares: o aprender brincando, a vivência lúdica diversificada e a autonomia na decisão e forma de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro, a afirmação étnico-racial, o respeito e a interação com o meio ambiente, o incentivo a leitura e a escrita, aprendizagens em diferentes espaços, o comprometimento. Destaco, por fim, que além *do que* aprendemos (jogos; brincadeiras; respeito para com o outro, independentemente do gênero, da idade, da etnia, da condição social, da situação profissional, da cultura...), de igual importância foi o *como* aprendemos (nos humanizamos): em experiências concretas, em vivências significativas, em reciprocidade.

**Palavras-chave:** processos educativos; lazer; lúdico; animação cultural; educação.



## ABSTRACT

The present study was developed in “Jardim Gonzaga”, a peripheral neighborhood of the city of São Carlos, interior of the State of São Paulo, where the project “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (Experiences in Diversified Leisure Activities) takes place. This is a university extension project (São Carlos Federal University), in partnership with the project “Campeões na Rua” (Champions in the Street), coordinated by São Carlos’s Town Hall. The objective of this research was to analyze the educative processes present in the social practice of leisure, with particular attention to the playful elements (ludic), in the context of the project “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, which took place in the Communitarian Station (ECO) of Jardim Gonzaga, especially through the perception of the oldest participants, their relatives and the educators. The methodology used was “situated phenomenon”, a phenomenological qualitative inquiry. Interviews were carried out with four participants and four respective relatives, inserted in the projects since the beginning (2002). Three educators currently participating in the project were also interviewed. For the gathering of data, field diaries were made between September of 2004 and April of 2008. In the analysis of the data the next categories were established: A) Playing and learning in the project; B) ECO is a better space for the projects; C) The importance of the educators; D) Driving children out of the street; E) To play and to learn with a full tummy is better. These categories made the construction of the results possible. In the “considerations” I observed, among the educative processes resulting from the relationship between the participants, the educators and their relatives: learning while they are playing, diversified ludic experiences and independence in choosing how to enjoy leisure, affection and sensibility, collective work, respect and solidarity for others, racial-ethnically affirmative actions, respect and interaction with the environment, incentive towards reading and writing, apprenticeships in different spaces, commitment. Finally, I would like to emphasize that besides *what* we learn (games; mutual respect, without regard to gender, age, race, social status, professional status, culture...), equally important is *how* we learn (we humanize ourselves): in concrete experiences, in significant existences, in reciprocity.

**key words:** educative processes; leisure; ludic; cultural liveliness; education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Participantes e educadora Maria desenhando na calçada em frente ao campinho....	18
Figura 2: Foto dos participantes na piscina da chacinha sendo observados pelo educador Adonis.....	19
Figura 3: Educadoras Regiane e Mônica junto a participantes confeccionando pipa no saguão de entrada do Centro Comunitário do Pacaembu. ....	20
Figura 4: Aérea da localização dos espaços utilizados pelo projeto.....	21
Figura 5: Participantes e educadores brincando de queimada garrafobol na ECO. ....	93
Figura 6: Participantes e o educador Luiz em piquenique realizado no buracão .....	94
Figura 7: Participantes brincando de .....	95
Figura 8: Participantes brincando de gangorra com o galho da árvore no buracão.....	95
Figura 9: Crianças lendo e colorindo o jornalzinho na ECO.....	99
Figura 10: Participantes e educadores Vicente e Fabiano dialogando sobre as atividades a serem realizadas.....	102
Figura 11: Foto dos participantes jogando futebol na chacinha.....	108
Figura 12: Foto de participantes brincando .....	110
Figura 13: Participantes jogando tênis no campinho.....	110
Figura 14: Festa de confraternização dos participantes aniversariantes junto aos Educadores Matheus e Talita. ....	117
Figura 15: Participantes e educadores Fabiano e Luiz no momento do lanche no.....	122

## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – CAMINHO METODOLÓGICO.....	24
CAPÍTULO 2 – O LAZER COMO PRÁTICA SOCIAL NO PROJETO.....	29
2.1 Práticas sociais e processos educativos – algumas considerações.....	30
CAPÍTULO 3 – DIALOGANDO SOBRE O LAZER E O LÚDICO.....	40
3.1 Compreensões e significados do Lazer e do lúdico.....	40
3.2 Animação Cultural.....	49
3.3 Estudos Culturais e Animação Cultural.....	52
3.4 O Animador Cultural.....	55
3.5 Lazer e grupos marginalizados.....	59
CAPÍTULO 4 – DANDO OUVIDOS AOS SUJEITOS SITUADOS DA PESQUISA.....	64
4.1 Procedimentos adotados na análise das entrevistas.....	64
4.2 Discursos.....	65
4.2.1 Discursos dos familiares.....	65
4.2.2 Discursos dos participantes.....	71
4.2.3 Discursos dos educadores.....	79
4.3 Construção dos resultados.....	90
A) Brincando e aprendendo no projeto.....	92
B) O “novo” e os “velhos” espaços do projeto.....	106
C) A importância dos educadores.....	111
D) Tirando as crianças da rua.....	119
E) Brincar e aprender de barriginha cheia é melhor.....	122
CONSIDERAÇÕES.....	126
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICE.....	141
APÊNDICE 1 - DIÁRIOS DE CAMPO.....	141
APÊNDICE 2 - JORNAIS.....	205
APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	213

## PREFÁCIO

Escrever um prefácio para a dissertação de mestrado do amigo Matheus Oliveira Santos é algo que desperta em mim duas sensações. A primeira se refere a uma responsabilidade de traduzir de maneira fiel, os ideais, as reflexões, as discussões propostas pelo autor ao longo do trabalho, o que não é uma tarefa fácil. A segunda sensação despertada está intimamente ligada ao sentimento de gratidão de possuir o privilégio de realizar tal empreitada, a qual acolho com muita satisfação e alegria.

O seu estilo característico, não só de escrever, mas também de ler o mundo (como nos diria o saudoso Paulo Freire), sempre *sendo-uns-com-os-outros* faz com que o seu trabalho tenha um significado ainda maior para o campo da educação e de suas interfaces com o lazer.

Desde o início de seu texto percebemos uma preocupação muito grande com a questão da dialogicidade, um dos pilares fundantes do projeto estudado. Algo muito importante para o existir humano, que acredito ser um dos caminhos para o processo de transformação social, por parte dos seres humanos em busca de uma sociedade mais digna, justa e solidária, que realmente considere o que as chamadas “classes subalternas” têm a nos dizer.

Não cabe aqui uma reconstituição do esquema teórico construído, mas apenas apontar a consistência e competência no tratamento de questões como práticas sociais, processos educativos, animação cultural, lazer, grupos marginalizados. Temáticas estas que algumas vezes têm sido tratadas de maneira superficial e equivocada.

Além disso, chamo a atenção para o caminho metodológico trilhado pelo autor, especialmente no que se refere ao trabalho de campo, durante o período de inserção e convivência (se assim permitam a grafia) com as crianças participantes do projeto, educadores, pais, mães e/ou responsáveis. Sem o falso temor de comprometer a objetividade científica, como alguns ainda advogam, Matheus estabeleceu um vínculo com todos os envolvidos no projeto baseado no respeito, na solidariedade e no diálogo, revelados em sua práxis cotidiana e nos processos educativos desencadeados nas interações, sempre em busca de uma educação problematizadora e emancipadora.

A minha intenção ao apresentar-lhes o excelente trabalho de Matheus Oliveira Santos não é a de esgotar todas as questões discutidas, nem destrinchar os detalhes analíticos presentes ao longo do texto. Cada um fará a sua leitura e, com certeza, destacará outros pontos significativos, dada a riqueza do material e da contribuição teórico-prática da presente

dissertação. Estou honrado com a solicitação que me foi feita de prefaciar este trabalho. Sou testemunha de sua seriedade profissional, que exerce com a mesma competência que consegue ser amigo, meu e de tantas outras pessoas, que aguardavam ansiosamente a finalização deste estudo.

São Carlos, maio de 2008.

Robson Amaral da Silva (Papito)

## INTRODUÇÃO

Desde o início da minha Licenciatura em Educação Física (1998), na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), me interessei pela temática do lazer. Iniciei trabalhando em acantonamentos<sup>1</sup>, hotéis, clubes e festas de aniversários, na maioria das vezes, envolvendo crianças e adolescentes. A princípio, acreditava que o lazer e a recreação não eram respaldados por uma teoria que fundamentasse minha prática e, nesse sentido, apenas reproduzia as atividades que os coordenadores de recreação me passavam.

Durante a graduação, por meio de disciplinas relacionadas ao lazer, fui percebendo a importância dessa temática enquanto veículo e objeto de educação. Autores como Marcellino (2000a), Werneck (2000), Dumazedier (2001a, 2001b), despertaram minha atenção para o estudo do lazer, gerando o início de uma melhor análise de minha prática.

Em 2001, fui convidado, pelo São Carlos Clube<sup>2</sup>, para coordenar seus projetos de lazer e recreação. No mesmo ano, fui eleito presidente da Associação Atlética Acadêmica (AAA) da UFSCar<sup>3</sup>. Esses dois desafios, de grande responsabilidade, foram fundamentais para que pudesse analisar, criticamente, as atividades de lazer e recreação propostas para crianças, adolescentes e comunidade universitária.

Nos momentos de programação e planejamento dos eventos, nos dois espaços anteriormente citados, as pessoas envolvidas nesses processos perguntavam: quais contribuições daríamos à comunidade participante? Qual o objetivo que queremos alcançar com esse evento? Quais contribuições daríamos no sentido de formar cidadãos mais críticos e criativos? Essas e outras várias perguntas começaram a inquietar-me, fazendo com que voltasse minha atenção para a preocupação sócio-cultural que nos cercava.

Com essas inquietações, optei, em 2004, por cursar a pós-graduação “*lato sensu*”, em Lazer, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e participar do “Núcleo de Estudos de Fenomenologia, em Educação Física” (NEFEF) da UFSCar, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

---

<sup>1</sup> Segundo Ferreira (1986), acantonamento é um lugar onde as pessoas se instalam em casas de alvenaria, sendo instituições temporárias, onde trabalham nos finais de semana, feriados e em época de férias escolares, proporcionando, aos seus participantes, a oportunidade de se relacionarem com a natureza e com o social. Já acampamento é um lugar onde se acampa, de permanência provisória, com barracas, em campo ou em acampamento.

<sup>2</sup> Clube recreativo-esportivo, situado na cidade de São Carlos, com mais de 100 anos de existência.

<sup>3</sup> Responsável pela realização de eventos culturais (esportes, jogos, brincadeiras, festas, confraternizações) para universitários, professores e funcionários da UFSCar.

Nesse curso, tive a oportunidade de conhecer professores de várias instituições acadêmicas do Brasil. Nesse momento, o que mais me interessou foram os projetos sociais, apresentados por professores, nas disciplinas “Lazer, Sociedade e Educação<sup>4</sup>”; “Lazer e Grupos Sociais<sup>5</sup>”; “Lazer e Políticas Públicas<sup>6</sup>”. No entanto, foi na disciplina “Lazer e Cultura<sup>7</sup>”, que pude vivenciar o projeto Espaço Criança Esperança (CRIESP), desenvolvido no Aglomerado da Serra<sup>8</sup>, em região de baixa renda de Belo Horizonte e uma manifestação cultural muito tradicional, conhecida como Congada. A partir dessas experiências, comecei a me interessar também por pesquisar projetos sociais de lazer que trabalhassem com crianças e adolescentes, desfavorecidos social e economicamente.

A partir de então, meu percurso acadêmico foi direcionando-se no sentido de buscar conhecimentos, em nível de pós-graduação, sobre o tema. Assim, tive a oportunidade de conhecer o projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, uma parceria entre o Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar) e o projeto “Campeões na Rua”, da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer e da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, da Prefeitura Municipal de São Carlos (SMEL–SMCAS/PMSC). Esses projetos atuam junto às crianças e adolescentes que, prioritariamente, pertencem a grupos desfavorecidos social e economicamente e têm ação direcionada ao Jardim Gonzaga e bairros adjacentes (Monte Carlo e Pacaembu).

No segundo semestre de 2004, tive a oportunidade de me inserir, como membro voluntário, no projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, quando percebi que minhas inquietações tinham grande interligação com o projeto. Os participantes e seus familiares me acolheram e, gradativamente, fui sentindo-me parte dos projetos e do bairro. Outro aspecto importante foi a forma como as atividades e as brincadeiras eram desenvolvidas. Nas minhas experiências anteriores, eram os educadores que propunham as brincadeiras e os participantes tinham pouca atuação, seja na elaboração ou na execução das mesmas. Este projeto mostrava-se diferente, pois, ao final de cada encontro, os educadores dialogavam com os participantes e selecionavam, em conjunto, as atividades da

---

<sup>4</sup> Professores da disciplina: Dr. Euclides Guimarães Neto e Dr. Carlos Roberto Jamil Cury.

<sup>5</sup> Professor da disciplina: Dr. Victor Andrade de Melo.

<sup>6</sup> Professora da disciplina: Dra. Meily Assbú Linhales.

<sup>7</sup> Professora da disciplina: Dda. Vânia de Fátima Noronha Alves

<sup>8</sup> Projeto executado pela PUC Minas em parceria com a Rede Globo de Televisão, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Prefeitura de Belo Horizonte. Consiste em ações de inclusão social com um público de 1500 jovens entre 12 e 18 anos, além de familiares e comunidade.

próxima vivência. Destaca-se também a grande participação dos familiares e da comunidade do bairro nas escolhas de algumas atividades e nas propostas para a melhoria do projeto.

Permanecendo como voluntário, pensei na possibilidade de realizar o mestrado, investigando um tema relacionado a essa minha vivência. Durante o ano de 2005, dialogando com os participantes e seus familiares, percebi suas preocupações com o processo de urbanização que o bairro estava sofrendo e suas expectativas em relação ao espaço de lazer a ser inaugurado: a Estação Comunitária (ECO), composta por uma quadra poliesportiva coberta, um mini-campo de futebol, uma sala de projeção, uma sala multiuso, uma área de convivência, uma Unidade de Saúde da Família (USF) e uma pequena área de recreação infantil.

Ingressei no mestrado em 2006 e, após um percurso que incluiu realização de disciplinas, participação em eventos e núcleos de estudos, entre outras vivências, ou seja, uma grande incursão pelo tema, construí a presente dissertação de mestrado, com o objetivo de analisar os processos educativos presentes na prática social do lazer, particularmente atentando para o elemento lúdico no contexto do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, no novo equipamento de lazer do Jardim Gonzaga, no espaço da Estação Comunitária (ECO) do Jardim Gonzaga, segundo a percepção dos participantes mais antigos, seus familiares e educadores.

Assim, para situar o leitor em relação ao projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, contextualizarei geográfica, econômica e culturalmente o ambiente no qual está inserido o projeto.

São Carlos localiza-se na região central do estado de São Paulo, distante 230 Km da capital, sendo que esta localização permite rápido acesso a qualquer ponto do estado. Possui, de acordo com o IBGE (2002), 192.923 habitantes, sendo 183.369 na zona urbana e 9.554 na rural, além de uma das maiores rendas *per capita* do Brasil. Na economia da cidade prevalecem os setores industrial e de serviços, além da produção agropecuária (leite, laranja e cana-de-açúcar).

A implantação de duas grandes universidades (Universidade de São Paulo – campus São Carlos – e Universidade Federal de São Carlos, nas décadas de 1950 e 1960, respectivamente) aliada ao conseqüente surgimento de diversas empresas, fez com que São Carlos atingisse a condição de pólo tecnológico e se tornasse conhecida como a Capital da Tecnologia.

Apesar de considerada como cidade-pólo de alta tecnologia, também possui bolsões de pobreza; entre eles, o Jardim Gonzaga, área fronteira do perímetro urbano da



cidade, detentora de altos índices de vulnerabilidade social (pobreza, violência, desemprego, drogas e baixa escolaridade). Considerada “zona crítica”, de acordo com o perfil sócio-econômico de seus moradores, esses são bastante estigmatizados fora da mesma (CAMPOS et al, 2003).

O local começou a ser ocupado no período entre 1977 e 1979, quando já estava consolidada uma extensão da cidade nos bairros Jardim Cruzeiro do Sul, Jardim Monte Carlo e Jardim Pacaembu. Grande parte das terras ocupadas fazia parte das áreas livres do Jardim Pacaembu e do Jardim Cruzeiro do Sul, sendo o restante de propriedade particular, ocupada por trabalhadores vindos não só de São Carlos e região, mas, principalmente, de outras regiões; todos subempregados ou desempregados, sem condições de alugar casas em outros bairros. Assim, seus moradores passaram a construir, locar ou sublocar barracos, conformando o que passou a ser conhecido, na época, como Favela do Gonzaga (SÃO CARLOS, 2002a). O nome do bairro surgiu em decorrência de um dos seus primeiros moradores ser conhecido como “Seu Gonzaga”.

A lógica de intervenção promovida desrespeitou limites geomorfológicos e físico-ambientais, ocasionando a instalação de moradias próximas de uma grande área de risco e de preservação ambiental, chamada, pelos moradores locais, de “buracão”. Trata-se de uma ruptura no relevo formada pelas bordas das encostas da cuesta basáltica; esse local possui várias nascentes, porém, ali, é despejada grande quantidade de lixo e entulho. (SÃO CARLOS, 2002b). Além disso, havia falta de serviços urbanos essenciais, principalmente na área da saúde, lazer e esportes (CAMPOS et al, 2003).

O bairro passou, entre 2002 e 2005, por transformações decorrentes de ações do “Projeto de Urbanização Integrado – Gonzaga e Monte Carlo”, tornado possível por um financiamento, viabilizado pela PMSC junto ao “Programa Habitar Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento” (HBB), cujo objetivo principal é revitalizar áreas degradadas econômica e socialmente, como é o caso do Jardim Gonzaga. Nesse sentido, destacaram-se obras de infra-estrutura (drenagem, rede de água e esgoto, pavimentação, iluminação e contenção de encostas), as de reestruturação das casas e legalização daquelas habitadas pelos moradores há mais de cinco anos (portanto, com direito à “usucapião”), a edificação de dois Conjuntos Habitacionais e da ECO (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Para a seleção dessa área, além dos critérios estabelecidos pelo programa, o qual considera área ocupada há mais de cinco anos e com 60% das famílias com renda até 3 (três) salários mínimos, foram consideradas também as situações de risco aí existentes, especialmente as decorrentes da topografia desta região (SÃO CARLOS, 2002b).

O andamento das obras foi acompanhado por uma Comissão de Moradores, eleita entre eles, a partir de várias chapas. Ocorreu, no entanto, a existência de atrasos em algumas obras, como no caso da ECO, a qual deveria ter sido concluída em agosto de 2004, o que ocorreu apenas em dezembro de 2005 (GONÇALVES JUNIOR e SANTOS, 2006).

Em relação aos projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” e “Campeões na Rua”, estes contam com a participação de professores e funcionários da PMSC, professor do DEFMH, estagiários do curso de Educação Física, e mestrados voluntários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, sendo que todos serão denominados ao longo deste estudo como educadores.

O projeto “Campeões na Rua” ocorre de segunda à sexta-feira, nos períodos matutino e vespertino, enquanto o “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” ocorre, atualmente, às quintas-feiras, nos mesmos períodos citados. É nesse projeto que se dá minha inserção.

Os objetivos do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” são: realizar atividades diversificadas de lazer, a partir da construção coletiva e dialógica (jogos, organização/representação de peças teatrais, debate de filmes, confecção de “jornalinhos”, leituras de livros e gibis, passeios em trilhas e em pontos culturais diversos dos bairros em que se realiza o projeto e da cidade); discutir as transformações dos espaços públicos da cidade de São Carlos; e promover cidadania, principalmente às comunidades carentes do ponto de vista econômico ou com insuficiente apoio governamental, tendo como eixo comum a prática social do lazer e os processos educativos envolvidos.

O foco central da ação deste projeto pauta-se no referencial da fenomenologia existencial (MERLEAU-PONTY, 1969 e 1999) e da pedagogia dialógica (FREIRE, 2001; 2005a; 2005b), observando a atenção ao *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*. Ser, portanto, como diz Freire (2005a), inconcluso e incompleto, que está sempre *sendo*, se fazendo e refazendo nas relações de intersubjetividade com os outros seres no pano de fundo do contexto do mundo. Freire (2001, p.18) lembra:

Consciente de que posso conhecer social e historicamente, sei também que o que sei não poderia escapar à continuidade histórica. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo (...) A história é tão vir-a-ser quanto nós (...), quanto o conhecimento que produzimos. (...) Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História (...). Não podemos sobreviver à morte da história que, por nós feita, nos faz e refaz.

Salientamos também que, como Merleau-Ponty (1999), nos opomos à tradição cartesiana que “(...) habituou-nos a desprendermos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente, a noção comum do corpo e a da alma, definindo o corpo como uma soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si mesmo (...)” (p.268).  
Pois:

(...) o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. (...) Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (p.269).

Procuramos, no projeto, romper com a dicotomia do ser e estabelecer compreensão de *corpo encarnado*, conforme apresentada por Merleau-Ponty (1999), ou seja: corpo que olha todas as coisas e que também é capaz de olhar a si, que se vê vidente, toca-se tateante. Corpo que se move não pela reunião de partes e na ignorância de si, mas irradiando de um si, captado no pano de fundo do mundo, com a coesão de uma coisa, de um anexo ou um prolongamento dele mesmo, incrustadas na sua carne, pois o corpo é o lugar de todo o diálogo que envolve *o eu e o mundo*.

Corpo que não é objeto para um “eu penso”; ele é um conjunto de significações vividas, pois, como afirma Merleau-Ponty (1999): “não reúno as partes de meu corpo uma a uma; essa tradução e essa reunião estão feitas de uma vez por todas em mim: elas são meu próprio corpo (...). Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo.” (p.207-208).

Essa compreensão também é compartilhada por Sérgio (1999), ao referir-se à Motricidade Humana como “movimento intencional da transcendência, ou seja, o movimento de significação mais profunda” (p.17), no qual o essencial “é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjectividade que a práxis supõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida” (p.17-18).

Em relação ao cotidiano das ações do projeto, ao final de cada encontro com os participantes, discutíamos, sugeríamos e elaborávamos em círculo, conjuntamente (educadores e participantes), as atividades (brincadeiras, jogos, oficinas, dinâmicas, jornalzinhos, passeios). Assim, respeitando os gostos e interesses compartilhados, desenvolvíamos as atividades no encontro seguinte; muitas vezes, o planejado sofria

alterações por iniciativa dos próprios participantes ou, em outras ocasiões, por limitações de espaço ou materiais. Também houve momentos nos quais, apesar de acordo prévio, parte do grupo se dispersou, organizando-se, de forma autônoma, em outras atividades (GONÇALVES JUNIOR e SANTOS, 2006).

Neste sentido, Freire (2005a, p.79) afirma que:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita estar sendo com as liberdades e não contra elas.

No decorrer dos seis anos de existência desse projeto, houve algumas mudanças de espaços. No princípio, em 2002, as ações eram desenvolvidas no campinho (campo de futebol em terra batida), localizado na região central do Jardim Gonzaga, cujo espaço era a única área específica de lazer do bairro, mantido pelos próprios moradores. Assim, os jogos e as brincadeiras eram desenvolvidos neste espaço, o qual funcionava quase que como um quintal das casas dos moradores. Deste modo, por vezes, também brincávamos à sombra de uma das casas, na rua, na escada da igreja ou nas calçadas (ver figura 1).



**Figura 1:** Participantes e educadora Maria desenhando na calçada em frente ao campinho.

Os participantes chegavam ao campinho em torno das 8h e brincavam até às 11h. Destaco que, devido ao espaço ser aberto, as pessoas, às vezes, chegavam atrasadas para as atividades ou retiravam-se mais cedo. Nesse primeiro momento do Projeto, não era servido o lanche.

No início de 2004, com o processo de urbanização e a implementação da ECO no espaço do campinho, o projeto foi transferido para um novo lugar: a chacinha, assim denominada pelos participantes, devido a esse lugar ter sido, no passado, uma chácara particular de recreio, denominada São Jorge, a qual foi inicialmente alugada pela PMSC, depois considerada área de utilidade pública. Após ser finalmente adquirida, passou a ser denominada “Centro da Juventude Eliane Viviane”. Tal local possui cerca de 12.290m<sup>2</sup> e localiza-se no bairro Monte Carlo, nas imediações do Jardim Gonzaga, Vila Conceição, Cruzeiro do Sul, Cidade Aracy e Pacaembu. Esse Centro possui um espaço com árvores frutíferas de diversas espécies e horta comunitária. Também possui sala de vídeo, cozinha, refeitório, piscina (ver figura 2), mini-campo de futebol e quadra poliesportiva (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).



**Figura 2:** Foto dos participantes na piscina da chacinha sendo observados pelo educador Adonis.

Para a transferência das atividades do Projeto do campinho para a chacinha, inicialmente conversamos com os pais ou responsáveis das crianças, informando-os que os educadores iriam acompanhar as crianças de suas residências a esse espaço provisório. Cada responsável assinou uma autorização que permitia à criança ou ao jovem participar das atividades no Centro da Juventude (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Os educadores encontravam-se às 7h30min, no Centro Comunitário do Pacaembu e caminhavam pelas ruas dos três bairros (Pacaembu, Gonzaga e Monte Carlo) até chegarem à chacinha. O percurso desse trajeto, de aproximadamente 35 min., permitia que os participantes e os educadores se ajudassem mutuamente para a chegada ao destino, com muita conversa, brincadeiras e cuidado com aglutinações de grupos de participantes - os que iam mais rápido à frente ou, mais devagar, atrás (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Quando chegávamos à chacinha, as crianças e adolescentes tomavam o café da manhã (leite com achocolatado em pó ou groselha e pão com manteiga) e, a seguir, brincavam de acordo com as atividades que haviam combinado com os educadores, na vivência anterior. Aproximadamente às 11h era realizada uma reunião entre educadores e participantes para decisão do que seria realizado no próximo encontro. Às 11h30min, os participantes refaziam o percurso de volta para casa, acompanhados pelos educadores, com a contribuição adicional da Guarda Municipal, necessária devido ao trânsito intenso nas ruas locais. Tal deslocamento conjunto, na ida e na volta, ocorreu não apenas pela novidade do espaço, mas pela necessidade de segurança, face à distância ao trânsito local, ampliado e dificultado pelas obras (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

No começo do ano de 2005, com as obras de construção da ECO ainda não concluídas, e com início da reforma do Centro da Juventude Eliane Viviane, houve necessidade de transferir os projetos para o Centro Comunitário Maria Bernadete Rossi Ferrari, conhecido popularmente como Centro Comunitário do Pacaembu, o qual disponibilizou apenas três espaços para a realização das atividades dos projetos: um saguão de entrada (ver figura 3) e uma quadra de areia, ambos pequenos e sem cobertura e uma sala multiuso pequena, com algumas mesas, porém coberta (SANTOS, 2005).



**Figura 3:** Educadoras Regiane e Mônica junto a participantes confeccionando pipa no saguão de entrada do Centro Comunitário do Pacaembu.

Em decorrência desse espaço provisório foram necessárias diversas medidas, algumas tomadas pelos parceiros ligados à PMSC, entre elas, a divisão etária dos participantes, ficando, os mais novos, entre 3 e 10 anos, com atividades às terças e quintas-feiras e, os mais velhos, entre 11 e 17 anos, com atividades às segundas, quartas e sextas-feiras (SANTOS, 2005). Nesse ano, o Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” foi realizado

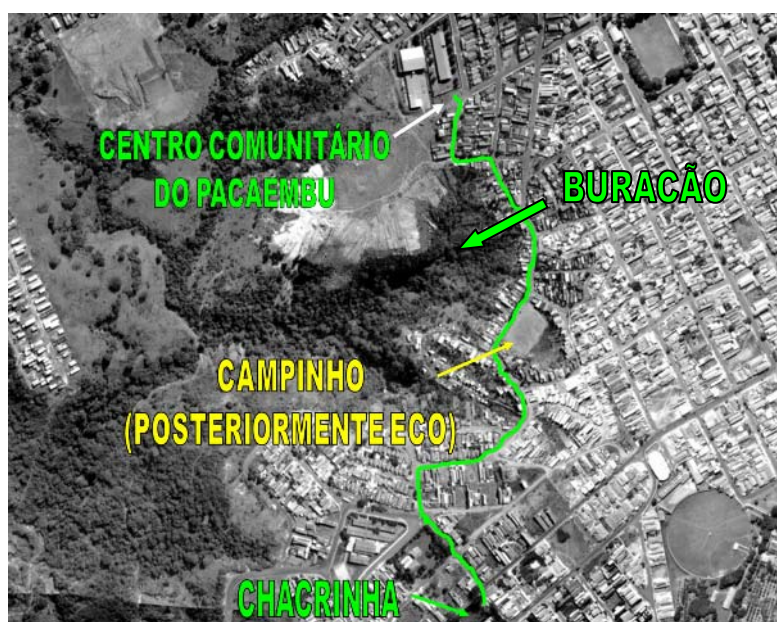
às quartas-feiras, impossibilitando o trabalho com os participantes com idades entre 3 e 10 anos.

Nesse local, a dinâmica adotada foi semelhante à já relatada, com pequenas variações de horários.

Com a inauguração da ECO, em dezembro de 2005, o projeto retornou, em março de 2006, ao seu lugar de origem, o antigo campinho, porém agora com edificação sobre ele. O espaço, que outrora era livre para entrada e saída, agora transformado em ECO, passou a ter regras distintas para seu funcionamento, não necessariamente formuladas pelos moradores locais.

Atualmente, na parte da manhã, os participantes chegam ao local às 8h e vão tomar lanche. Ao terminarem, escovam os dentes e, em seguida, vão realizar as atividades combinadas na semana anterior. Às 10h30min todos nos reunimos na sala multiuso e decidimos, conjuntamente, o que será realizado no próximo encontro. Cerca de 11h os participantes recebem uma fruta e retornam para suas casas. Já na parte da tarde os participantes chegam às 14h, brincam até às 16h30min e depois vão para a sala de multiuso para combinarem as atividades da próxima semana e tomarem o lanche. Às 17h todos voltam para suas casas.

Logo abaixo, na figura 4, uma visão aérea da localização dos bairros e espaços abordados anteriormente:



**Figura 4:** Aérea da localização dos espaços utilizados pelo projeto.

Após esta apresentação do dia-a-dia do projeto buscando situar o leitor, realizo, a seguir, no capítulo I, a descrição da metodologia utilizada neste estudo.

No capítulo II enfoco o referencial teórico que fundamenta a compreensão dos processos educativos e a prática social focada.

No capítulo III abordo os entendimentos do lazer e do lúdico, bem como a atuação do profissional do lazer enquanto animador cultural.

As entrevistas, o respectivo procedimento de análise e a construção dos resultados são apresentados no capítulo IV, e, finalmente, apresento as Considerações sobre os processos educativos desencadeados na prática social do lazer, particularmente atentando para o elemento lúdico no contexto do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, a partir dos discursos dos sujeitos, das descrições nos diários de campo e de reflexões.

Em apêndice são colocados, na íntegra, os diários de campo, os jornais construídos pelos participantes do projeto e o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Por último, esclareço que, para redação deste trabalho, em algumas ocasiões, utilizo a primeira pessoa do plural e, em outras, a primeira pessoa do singular. Isso se deve em respeito e fidedignidade aos muitos momentos compartilhados com outras pessoas inseridas no projeto.



## **Alucinação**

(Composição: Belchior)

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Nem tinta pro meu rosto  
Oba-oba o belo dia  
Para acompanhar bocejos matinais*

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais  
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia  
E meu delírio a experiência com coisas reais*

*Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite. Revólver. Cheira cachorro.  
Os humilhados do parque com os seus jornais.*

*Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas dessas capitais  
A violência da noite, o movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra é demais  
Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, preto baby  
Doces jovens coloridos, dois policiais  
Cumprindo seu todo dever e defendendo seu amor e nossa vida  
Cumprindo seu todo dever e defendendo seu amor e nossa vida*

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas me interessam mais...*

## CAPÍTULO 1 – CAMINHO METODOLÓGICO

Para compreender como ocorrem os processos educativos nos projetos de lazer desenvolvidos no Jardim Gonzaga, esta pesquisa adotou a metodologia de investigação qualitativa. Nessa forma de investigação, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se pretende compreender, não se preocupando com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o pesquisador (GARNICA, 1997). Essa compreensão é entendida como uma capacidade própria do ser humano, imerso em um contexto do qual participa e transforma ativamente, compreendendo por que interroga as coisas com as quais convive, em seu *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*.

Essa abordagem, de acordo com Chizzotti (1995), “(...) parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (p.79).

Nessa perspectiva, decidi realizar uma incursão metodológica pelos princípios filosóficos da fenomenologia.

A pesquisa pautada na fenomenologia não se propõe à explicação de *fatoss*, ou seja, de relações causais, mecânicas, mensuráveis, mas sim à busca pela compreensão dos *fenômenos* (do grego *phainoumenon*: luz que ilumina aquilo que está oculto), ou a consciência enquanto fluxo temporal de vivências, cuja peculiaridade é a imanência (compreendido na própria essência do todo) e a possibilidade de atribuir significados às coisas exteriores (TÁPIA, 1984). A fenomenologia busca a descrição de fenômenos, tendo a sua preocupação voltada para o mostrar, e não o demonstrar, sendo assim, a descrição prevê ou supõe um rigor, e através deste podemos chegar à essência do fenômeno (MARTINS, BOEMER e FERRAZ, 1990).

Segundo Machado (1994, p.35):

A preocupação central desta trajetória de pesquisa se dá com o ato de compreender, mais do que explicar o objeto de estudo. A fenomenologia significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação, opera através do método que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não de explicá-la. Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação causal.

Nesse sentido, pretendo que o fenômeno se mostre tal como é, e isto só é possível por meio daqueles que o experienciam em seu mundo-vida, atribuindo-lhe significados (GONÇALVES JUNIOR, 2003). Assim, por meio das descrições das experiências vividas, essa modalidade de pesquisa busca a essência do fenômeno. Isto, contudo, sem pretender uma universalidade de análise, pois, segundo essa forma de investigação, a maior relevância é dada à inter-relação do fenômeno a um contexto existencial no qual o fenômeno está situado, do que ao conhecimento dos universais (BICUDO e ESPOSITO, 1994).

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador, de início, estará preocupado com a natureza do que vai investigar, de tal modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno. Inicia seu trabalho interrogando o fenômeno e isso só ocorre se o pesquisador se propuser a ir-às-coisas-mesmas (experiência fundante do pensar fenomenológico), procurando mover-se lenta e cuidadosamente de forma a permitir, aos seus sujeitos, trazerem à luz os significados por eles atribuídos à sua vivência de determinada situação (MARTINS e BICUDO, 1994).

Inserido no contexto do Jardim Gonzaga e dos projetos de lazer desde 2004, em todos os momentos dessa inserção, além de muita conversa (fala e, principalmente, escuta) também houve muitas brincadeiras, co-participadas entre mim e os participantes dos projetos, seus pais ou responsáveis. Ocorreu ainda cuidado para não imposição de saber, considerando que, conforme alerta Freire (2001): “estar no mundo implica, necessariamente, estar com o mundo e com os outros” (p.20) e não *para os outros* ou *sobre os outros* como se nos achássemos melhores, superiores, mais puros ou de vanguarda, até porque: “muito sonho possível ficou inviável pelo excesso de certeza de seus agentes, pelo voluntarismo com que pretendiam moldar a História em vez de fazê-la com os outros, refazendo-se nesse processo” (p.21).

Nesse período de pesquisa realizei revisão de literatura sobre a temática de processos educativos em práticas sociais, do lazer, do lúdico, bem como a atuação do profissional do lazer enquanto animador cultural. Também foram elaborados diários de campo, os quais, segundo Bogdan e Biklen (1994) constituem-se no “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha, reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150). De acordo com estes autores, as notas de campo consistem em dois tipos de material, sendo o primeiro descritivo, “em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo

– a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas idéias e preocupações” (p.152).

Para uma melhor compreensão dos processos educativos vivenciados no projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, também foram realizadas entrevistas com os participantes, familiares e educadores dos projetos. Foram escolhidos quatro participantes e seus familiares, inseridos desde o início nos projetos (2002). No que se refere aos educadores, foram escolhidos três, os quais participam atualmente dos projetos. Todas as entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2007. A seguir apresento dois Quadros referentes aos sujeitos dessa pesquisa. O primeiro Quadro mostra os participantes, seus respectivos familiares e idades. O segundo mostra o nome e a idade dos educadores:

Quadro 1: participantes e familiares (nomes fictícios).

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Familiar</b>	<b>Parentesco</b>	<b>idade</b>
Marcos	9 anos	Vera	Mãe	38 anos
Lucas	7 anos	Teresa	Mãe	27 anos
Rafael	11 anos	Larissa	Mãe	29 anos
Juliana	13 anos	Lúcia	Avó	67 anos

Quadro 2: educadores.

<b>Educador</b>	<b>Idade</b>
Maria	35 anos
Talita	31 anos
Fabiano	27 anos

Os nomes dos educadores entrevistados Maria (supervisora da ECO) e Fabiano (bolsista extensão do DEFMH/UFSCar), foram mantidos em decorrência da autorização dos mesmos. Já da educadora Talita, funcionária da PMSC e dos participantes e familiares foram preservados, utilizando-se nomes fictícios. Quanto aos educadores Luiz (coordenador do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”), Adônis, Maurício, Victor, Mônica e José Vicente citados em diários de campo também tiveram seus nomes mantidos por autorizarem. Já nomes de outros educadores, participantes e familiares citados em diários de campo tiveram seus nomes alterados.

Gostaria de ressaltar dois aspectos que chamam a atenção entre os entrevistados:

- Primeiro, o participante Lucas que estava com 7 anos no período das entrevistas, participa do Projeto a quase seis anos, ou seja, desde aproximadamente os dois anos de idade. Lucas

começou a freqüentar o campinho acompanhado de seus primos mais velhos. Durante o período em que ocorriam as atividades do projeto, das quais seus primos participavam, Lucas ficava a maior parte do tempo com a educadora Maria, em alguns momentos até em seu colo. Nos anos seguintes Lucas continuou participando assiduamente do projeto;

- Segundo, todos os familiares responsáveis pelos participantes entrevistados do projeto são do gênero feminino (mães e avó). Durante minhas vivências no bairro foi possível constatar que, no que tange à situação familiar, as mulheres estão mais presentes do que os homens nos cuidados e responsabilidades com as crianças.

No que diz respeito a seleção dos entrevistados, esta se fez a partir da importância que estes têm no que se refere ao fenômeno em estudo, pois os critérios de seleção dos sujeitos são de compreensão, de pertinência e não de representatividade estatística. Sendo assim, a “amostra”, de modo algum tem a pretensão de generalizar os resultados, mas sim, aprofundar o conhecimento desta realidade, “cuja singularidade é, por si, significativa” (PAIS, 2001, p.110).

Buscando os caminhos da fenomenologia, tem-se que os próprios sujeitos da pesquisa deverão, a partir de uma questão ampla e abrangente, descrever o que vivenciam (VENÂNCIO, 1994). Deste modo, a interrogação proposta foi: ***O que é o projeto para você?***

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em gravador digital, para posterior transcrição, na íntegra, e análise. Todos os entrevistados concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os responsáveis pelos participantes autorizaram o uso de imagens utilizadas neste estudo.

Os procedimentos adotados nesse estudo pautam-se na modalidade de pesquisa qualitativa fenômeno situado (MARTINS e BICUDO, 1994; BICUDO e ESPÓSITO, 1994; GONÇALVES JUNIOR, 2003) e serão oportunamente descritos no início do capítulo IV, antes da apresentação das entrevistas.

**Cidadão**

(Gravação: Zé Geraldo - Composição: Lucio Barbosa)

*Tá vendo aquele edificio moço?  
 Ajudei a levantar  
 Foi um tempo de aflição  
 Eram quatro condução  
 Duas pra ir, duas pra voltar  
 Hoje depois dele pronto  
 Olho pra cima e fico tonto  
 Mas me chega um cidadão  
 E me diz desconfiado, tu tá aí admirado  
 Ou tá querendo roubar?  
 Meu domingo tá perdido  
 Vou pra casa entristecido  
 Dá vontade de beber  
 E pra aumentar o meu tédio  
 Eu nem posso olhar pro prédio  
 Que eu ajudei a fazer*

*Tá vendo aquele colégio moço?  
 Eu também trabalhei lá  
 Lá eu quase me arrebento  
 Pus a massa fiz cimento  
 Ajudei a rebocar  
 Minha filha inocente  
 Vem pra mim toda contente  
 Pai vou me matricular  
 Mas me diz um cidadão  
 Criança de pé no chão  
 Aqui não pode estudar  
 Esta dor doeu mais forte  
 Por que que eu deixei o norte  
 Eu me pus a me dizer  
 Lá a seca castigava mas o pouco que eu  
 plantava  
 Tinha direito a comer*

*Tá vendo aquela igreja moço?  
 Onde o padre diz amém  
 Pus o sino e o badalo  
 Enchi minha mão de calo  
 Lá eu trabalhei também  
 Lá sim valeu a pena  
 Tem quermesse, tem novena  
 E o padre me deixa entrar  
 Foi lá que cristo me disse  
 Rapaz deixe de tolice  
 Não se deixe amedrontar*

*Fui eu quem criou a terra  
 Enchi o rio fiz a serra  
 Não deixei nada faltar  
 Hoje o homem criou asas  
 E na maioria das casas  
 Eu também não posso entrar*

*Fui eu quem criou a terra  
 Enchi o rio fiz a serra  
 Não deixei nada faltar*

*Hoje o homem criou asas  
 E na maioria das casas  
 Eu também não posso entrar*

## CAPÍTULO 2 – O LAZER COMO PRÁTICA SOCIAL NO PROJETO

*É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar.*  
(FREIRE, 2005b, p.155)

O sentido de práticas sociais adotado nesse trabalho é definido como um conjunto de ações coletivas que têm como objetivo manter ou transformar uma realidade. Essas ações estão relacionadas à cultura (mitos, festas, costumes, tradição) e são organizadas com regras e normas, por grupos de pessoas que, freqüentemente, reúnem-se para refletirem sobre situações e fenômenos vivenciados no cotidiano. Silva et al. (2008, p.9) complementam essa definição, considerando prática social como:

(...) relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais amplas; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações.

Ainda segundo esses autores, essas práticas estendem-se em espaço/tempo construído por aqueles que delas participam, seja compulsoriamente, por escolha política ou de outra natureza. Sua duração (permanência, desaparecimento, transformações) depende dos atores que as constroem, desenvolvem, mantêm. Sendo assim, é fundamental que estes se sintam parte da prática social inserida, pois, de acordo com Merleau-Ponty (1999), não basta o sujeito ter uma consciência que ele está em uma prática social, mas ele tem que “existir” nessa prática social; assim, “não é porque eu penso ser que estou certo de existir, mas, ao contrário, a certeza que tenho de meus pensamentos deriva de sua existência efetiva” (p. 511).

Neste sentido, a vivência do lazer no projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” pode ser considerada uma prática social e, portanto, como práxis humana que se dá no contexto do mundo por meio das relações entre pessoas, grupos,

comunidades, sociedades e nações, desenvolvidas com certa finalidade e em certo espaço e tempo; tais pessoas ou comunidades são capazes de repassarem conhecimentos e tradições, suprirem necessidades de sobrevivência material e não-material, pensarem e refletirem sobre a sua situação de vida, inclusive propondo e realizando transformações de forma a garantir seus direitos ou dirimir distorções (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Assim, considero os participantes do projeto, bem como seus pais ou responsáveis, não como receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual estão inseridos, mas como participantes dinâmicos das relações sociais, econômicas, culturais e históricas, o que permite que se apropriem/mantenham/questionem/modifiquem os valores e comportamentos de seu tempo e lugar (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Nessa interação e participação em práticas sociais, surgem processos educativos, os quais são desencadeados, conformados, consolidados por meio de informações, valores, atitudes, posturas geradoras de significados, como veremos adiante.

## **2.1 Práticas sociais e processos educativos – algumas considerações**

Enquanto um momento de relações sociais entre pessoas, as práticas sociais são de grande importância para que pessoas ou grupos se encontrem e dialoguem, construindo sua maneira de conceber e ler o mundo para, então, buscarem por sua transformação ou conformação. O termo fenomenológico “ser-com-os-outros-no-mundo”, proposto por Heidegger (1981), expressa bem essa visão, pois, para a fenomenologia, os homens são seres inacabados, inconclusos e, por meio do diálogo *com* o outro e não *sobre* o outro, podem tanto transformar o mundo como serem por ele transformados.

Para Freire (2005a), é pelo diálogo que os homens se aproximam uns dos outros, sem qualquer preconceito ou postura de ostentação. Nesse processo, são fundamentais o amor, a humildade, a fé nos homens e a esperança. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis (FREIRE, 1992).

Ainda de acordo com esse autor:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2005a, p.90).



São nesses momentos de leitura e transformação do mundo que podemos dizer que as pessoas se conscientizam, o que, segundo Fiori (1986), significa o retomar reflexivo do movimento da constituição da consciência como existência. Nesse sentido, é fundamental que o ser humano protagonize sua história. E ele só protagoniza sendo sujeito e não objeto do mundo. Nessa subjetividade com o mundo, Fiori (1986, p.5) nos alerta para a comunicação das consciências, entendendo que:

A comunicação das consciências (a intersubjetividade) supõe um mundo comum. Se cada um constituísse seu mundo, esse não poderia ser a mediação para o encontro das consciências, e estas se comunicariam sem o mundo – que não é o caso, pois somos seres encarnados – ou não se comunicariam. Uma vez mais: as consciências não se encontram, mas se constituem em intersubjetividade originária.

Quando deixamos de protagonizar nossa história e nos tornamos objeto do mundo e dos outros sujeitos, corremos o risco de tornar opaca a nossa subjetividade. A consciência passa a ser prisioneira de um mundo de outras consciências. “A intersubjetividade, nesse caso, não é mais reconhecimento, mas sim dominação de consciência, seja por grupos pequenos, classes ou povos inteiros” (FIORI, 1986, p.6). A esse processo, o autor denomina de alienação.

Freire (2005a) também discute essa questão, relacionando a alienação/opressão à educação. A educação opressora sugere uma dicotomia inexistente entre homens e mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo espacializado neles e não aos seres humanos como “corpos conscientes”. A consciência, como se fosse uma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo, que irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber, permanentemente, os depósitos que o mundo lhe faz e que vão transformando em seus conteúdos. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles que tivessem por distração “enchê-los” de pedaços seus. Essa educação é denominada de “bancária”, pois a tarefa do educador é a de “depositar” conteúdos nos educandos.

Assim,

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que o educando, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2005a, p.66).

Contribuindo para essa discussão, Dussel (s/d) menciona, ao longo de seu estudo, os momentos de opressão e dominação, sofridos pelo povo latino-americano. Para ele, desde o momento de colonização da América Latina, os dominadores usam da dominação pedagógica para impor sua cultura, dita superior e que nega a dos nativos. A educação, nesse modelo, consiste em introjetar no povo uma cultura estranha, alienante de sua tradição:

Hoje, a ontologia pedagógica burguesa-imperial não ensina somente pelas escolas, pelas universidades, mas o faz sutil e ideologicamente por meio da comunicação de massa. Nossas crianças são educadas através de Pato Donald, dos filmes de *cow-boy*, das novas histórias do Superman ou Batman. Nelas, nossas novas gerações aprendem que o valor supremo se mede em dólares, que a única maldade é arrebataram a propriedade privada, que a maneira de restabelecer a “ordem” violada pelo “bandido” é a violência irracional do “mocinho”. (...) Podemos concluir então que o “órfão” por excelência da pedagógica da dominação não é só a criança, mas a criança da periferia, o órfão colonial, neocolonial e mestiço latino-americano, ao qual apresentam *gato* (cultura imperial) *por lebre* (natureza humana) (DUSSEL, s/d, p.182 e 183).

Para a superação desse estado de opressão, Dussel (s/d), Fiori (1986) e Freire (2005a; 2005b) anunciam uma necessária busca pela libertação da América Latina.

Assim, os sujeitos, primeiramente, têm que se reconhecerem oprimidos. Somente os oprimidos são capazes de lutar pela sua libertação. São também eles os únicos a libertarem o opressor (FREIRE, 2005a). De acordo com Fiori (1986), “o homem não pode libertar-se se ele mesmo não protagoniza sua história, se não toma sua existência em suas mãos” (p3).

Essa luta pela liberdade é delicada. Os oprimidos, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, muitas vezes temem a liberdade, pois não se sentem capazes de correr o risco de assumir. Temem-na também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só por parte dos opressores, mas por seus companheiros oprimidos, que temem maiores repressões (FREIRE, 2005a).

Por isso é necessário haver um engajamento por parte dos oprimidos de forma a libertarem-se da força do opressor, o que requer, indiscutivelmente, uma práxis autêntica, a qual não pode ser ativismo, mas ação e reflexão dos seres humanos sobre o mundo, com o objetivo de transformá-lo. Sem essa práxis, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido (FREIRE, 2005a).

A libertação, por isto é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição

opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 2005a, p.38).

Nesse processo de libertação, é fundamental que haja, conjuntamente, um projeto ou modelo de educação que não deve fundar-se em uma compreensão “bancária de educação”, a qual considera homens como seres vazios, os quais o mundo “preencha” de conteúdos. Também não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas sim nos homens como ‘corpos conscientes’ e, na consciência, como consciência intencionada ao mundo.

Assim, Freire (2005a) desenvolve sua concepção de educação, denominada de libertadora. Segundo ele, os homens são protagonistas, sujeitos da educação, compreendendo também que a educação é uma prática permanente, reconhecendo-os como seres que *estão sendo, seres inacabados, inconclusos*, buscando sempre *ser mais*<sup>9</sup>. Nesse sentido, a concepção de educação libertadora e problematizadora necessita superar a relação vertical existente entre o educador e os educandos. Assim, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que é educado, em diálogo, com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, tornam-se sujeitos do processo no qual crescem juntos e onde os ‘argumentos de autoridade’ já não valem” (p.79). Portanto, na educação libertadora, “ninguém educa ninguém, como também ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (p.79).

Fiori (1986) também relata esperança em relação à práxis de libertação. Para ele, nem mesmo a mais feroz dominação será capaz de coisificar totalmente o ser humano. Sempre existirá uma auto-consciência crítica da situação e do momento, que deverá, definitivamente, marcar o significado humano de seus projetos. “As lutas pela libertação, desde seus primórdios, devem restituir ao homem sua responsabilidade de re-produzir-se, isto é, de educar-se e não de ser educado” (p. 3).

Para entender a contribuição que Fiori (1986) dá à educação nesse processo de libertação é preciso entender qual conceito de cultura o autor utiliza. Para ele, cultura é o mesmo processo histórico em que o homem se constitui e reconstitui, em intersubjetividade, por meio da mediação humanizadora do mundo, implicando, dialeticamente, em aperfeiçoamento pessoal e domínio do mundo.

---

<sup>9</sup> Termo usado por Paulo Freire (2005a) para retratar que homens são seres inconclusos e, conscientes de sua inconclusão, estão sempre em busca de algo mais.

Contudo, a educação é, para Fiori (1986), um “processo histórico no qual o homem se re-produz, produzindo seu mundo. Todos que colaboram na produção deste, deveriam reencontrar-se, no processo, como sujeitos de sua própria destinação histórica, autores de sua existência” (p.10). A missão na luta pela libertação do povo oprimido deve iniciar pela sua conscientização, que é o esforço desse povo em retomar seu contexto histórico, sua cultura em suas mãos. “Cultura do povo, pois, e não cultura para o povo: cultura popular” (p.10).

Ao falar em cultura popular, é necessário explicitar os seus entendimentos e significados. Sua compreensão não é uma tarefa simples; depende de um ponto de vista e, em geral, implica tomada de decisão (BOSI, 1977).

Para Arantes (1983), basta olharmos à nossa volta e veremos que “(...) são muitos os seus significados e bastantes heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre” (p.7).

Na tentativa de compreender esse fenômeno tão complexo e permeado por significados, não podemos deixar de pensá-lo profundamente ligado aos processos de modernização, sofridos pela América Latina. Porém, não é o objetivo desse estudo elaborar um levantamento de todos os processos ocorridos na modernização<sup>10</sup>, mas sim destacar alguns deles, os quais interferiram na compreensão do que podemos hoje entender por Cultura Popular.

O estudo de García Canclini (2006) sinaliza para os processos de hibridação cultural que o povo Latino Americano sofreu com a modernização, criando, assim, o conceito de “Culturas Híbridas”. Esse autor entende por hibridação os “(...) processos sócio-culturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p.XIX). Os exemplos são os mais variados, como os casamentos mestiços, a combinação de ancestrais africanos, figuras indígenas e santos católicos na umbanda brasileira; algo também freqüente como a fusão de melodias étnicas com música clássica e contemporânea, entre outros (GARCÍA CANCLINI, 2006).

Outros termos já eram usados antes de hibridação, como mestiçagem, sincretismo e crioulização, mas esse autor defende sua definição por parecer mais consistente por nomear não apenas as combinações entre elementos étnicos ou religiosos, mas também aqueles produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos (GARCÍA CANCLINI, 2006).

---

<sup>10</sup> Para saber mais sobre o processo de modernização na América Latina, veja os trabalhos MARTIN-BARBERO, 2006, GARCÍA CANCLINI, 2006 e ORTIZ, 2006.

Assim, para esse autor, não podemos pensar o popular atribuindo excessivo peso ao tradicional, ao folclórico, ao rural; é necessário contemplar todas as formas de hibridações que envolvem o popular, estando atentos para as culturas populares urbanas, para as mudanças desencadeadas pelas migrações, para os processos simbólicos de jovens dissidentes, para as massas de desempregados e subempregados que compõem os mercados informais, entre outros fatores.

Outra transformação cultural, ocorrida no processo de modernização na América Latina, diz respeito à compreensão da cultura popular de massa, gerada, principalmente, pela indústria cultural<sup>11</sup> (MARTIN-BARBERO, 2006; CANCLINI, 2006; ORTIZ, 2006).

Para Martin-Barbero (2006, p.174), o significado de massa é atribuído ao:

(...) modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto o que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demanda e aspirações de democratização social. E de massa será chamada cultura popular. Isto, porque, no momento que a cultura popular tender a converter-se em cultura *de classe*, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura *de massa*.

A cultura de massa não surgiu de repente, como uma ruptura que permitisse seu confronto com a cultura popular. O massivo foi gerado lentamente, a partir do popular. Dessa maneira, para Martin-Barbero (2006, p.70):

A denominação do popular fica assim atribuída à cultura de massa, operando como dispositivo de mistificação histórica, mas propondo pela primeira vez a possibilidade de pensar em positivo o que se passa culturalmente com as massas. E isso constitui um desafio aos “críticos” em duas direções: a necessidade de incluir no estudo do popular não só aquilo que culturalmente produzem as massas, mas também o que consomem, aquilo que se alimentam; e a de pensar o popular não como algo limitado ao que se relaciona com seu passado - e um passado rural -, mas também e principalmente como algo ligado à modernidade, à mestiçagem e à complexidade do urbano.

Para Ortiz (2006), é somente na década de 1940 que surge, no Brasil, a cultura popular de massa, devido à consolidação do que os sociólogos denominaram de sociedade urbano-industrial. É nesse contexto mais amplo que são redefinidos os antigos meios (imprensa, rádio e cinema) e direcionadas as técnicas como a televisão e o marketing. As décadas de 1960 e 1970 caracterizam-se pela consolidação de um mercado de bens culturais.

---

<sup>11</sup> A expressão "indústria cultural" foi utilizada pela primeira vez pelos teóricos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer (1986) no livro *Dialética do Esclarecimento*. Nessa obra, Adorno e Horkheimer discorrem sobre a reificação da cultura por meio de processos industriais.

A implementação de uma indústria cultural modifica o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que, definitivamente, ela passa a ser concebida como um investimento comercial.

Nesse processo de consolidação da cultura popular de massa, nos referidos anos, não podemos nos esquecer de um fato que marcou essa época: - o golpe militar:

Certamente os militares não inventam o capitalismo, mas 64 é um momento de reorganização da economia brasileira que cada vez mais se insere no processo de internacionalização do capital; o Estado autoritário permite consolidar no Brasil o “capitalismo tardio”. Em termos culturais essa reorientação econômica traz conseqüências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado de bens materiais, fortalece-se o parque industrial de produção de cultura e o mercado de bens culturais (ORTIZ, 2006, p. 114).

Para Ortiz (2006), a relação entre cultura e política nos remete a uma discussão clássica sobre o popular e o nacional no Brasil. O advento de uma cultura popular de massa implica a redefinição desses conceitos e dos próprios parâmetros da discussão cultural. No entanto, antes de entrarmos especificamente no tema, é necessário referenciar as posições em torno das quais, historicamente, esse debate evoluiu.

Ortiz (2006) menciona duas importantes tradições que procuravam pensar a problemática do nacional-popular. A primeira, mais antiga (fins do século XIX), ligada aos estudos e às preocupações folclóricas. Nessa perspectiva, “(...) popular significa tradicional e se identifica com as manifestações culturais das classes populares que, em princípio, preservariam uma cultura ‘milena’, românticamente idealizada pelos folcloristas” (p.160).

Já a outra tradição, mais politizada, de acordo com Ortiz (2006), surge na cena histórica, em meados dos anos de 1950, marcada pelo clima de efervescência da época. Ela terá, no entanto, várias matrizes ideológicas: será reformista para o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), marxista para os Centros Populares de Cultura, católicos de esquerda, para o movimento de alfabetização e o Movimento de Cultura Popular do Nordeste. Existe, porém, um elemento que as unifica: a política. Nessa perspectiva, considera o autor, “a cultura se transforma, (...), em ação política junto às classes subalternas” (p.162), buscando, por meio da cultura popular, “(...) levar às classes sociais uma consciência crítica dos problemas sociais” (p.162).

O autor nos alerta também para compreendermos em que medida o advento de uma indústria cultural modifica o panorama dessa discussão. Segundo ele:

No caso da moderna tradição brasileira, popular se reveste de um outro significado, e se identifica ao que é mais consumido, podendo inclusive estabelecer uma hierarquia de popularidade entre diversos produtos ofertados no mercado. (...) Nesse sentido se pode dizer que a lógica mercadológica despolitiza a discussão, pois se aceita o consumo como categoria última para se medir a relevância dos produtos culturais. (...) Isto não significa que eles não mais irão se posicionar politicamente. Só que doravante se acentua uma dicotomia entre trabalho cultural e expressão política. (p.164).

Bosi (1994) difere de Ortiz (2006) em relação à formação da cultura popular de massa. Para ele, as “culturas brasileiras” são divididas em *cultura erudita brasileira* “(...) centralizada no sistema educacional (e, principalmente, nas universidades) (...)” (p.142), e uma *cultura popular*, “(...) basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano, ainda não assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna” (p.142).

Nessas duas faixas extremas, bem marcantes, Bosi (1994) acrescenta outras duas, as quais o desenvolvimento da sociedade urbano-capitalista foi alargando. A *cultura criadora* individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, cineastas, entre outros, que “(...) não vivem dentro da Universidade, e que, agrupados ou não, formariam, para quem olha de fora, um sistema cultural ‘alto’, independentemente dos motivos ideológicos particulares que animam este ou aquele dramaturgo, este ou aquele artista” (p.142 e 143). E a *cultura de massas*, que, “(...) pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção de mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt, *indústria cultural*, *cultura de consumo*” (p.143).

Ainda para Bosi (1994), a cultura popular é diferente da escolar e da cultura de massas, cujas formações são institucionalizadas pelo Estado e pela empresa, com a finalidade de transmitir conhecimentos ou preencher horas de uma fração ponderável da população brasileira. No popular, a instituição existe, isto é, as manifestações são grupais e obedecem a uma série de preceitos, “(...) mas elas não dispõem da rede do poder econômico vinculante, nem como uma força ideológica expansiva como a Universidade e as empresas de comunicação. São microinstituições, dispersas no espaço nacional, e que guardam boas distâncias da cultura oficial” (p.156). São grupos mais fechados, apesar de seus membros estarem, também, expostos à cultura escolar e aos meios de comunicação de massa.

Enfim, segundo Bosi (1994, p.173), para pensar as “culturas brasileiras”:

(...) É importante, pois, fazer a descrição e a interpretação daqueles subconjuntos diferenciados (c.erudita, c. de massas, c. popular, c. criadora individualizada); e ver como se interpenetram em formas históricas concretas, multiplamente determinadas pelo contexto econômico, pelas relações de classes, pelo dinamismo interno dos

grupos e, até mesmo, pela sensibilidade individual dos criadores e dos consumidores das várias culturas.

Dussel (s/d), também distingue cultura de massa de cultura popular. Para o autor “a cultura popular é, essencialmente, a noção chave na ‘pedagógica da libertação’; somente ela é fundamento do pro-jeto de libertação, pro-jeto eticamente justo, humano, alterativo” (p.214).

Corroboro com os pensamentos de Dussel (s/d) e Bosi (1994) em relação à cultura popular. Mesmo com toda a opressão ideológica da classe dominante por meio da indústria cultural, acredito, assim como Dussel (s/d, p.225), que “(...) a cultura popular é o ponto mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido (...) contra o opressor”, constituindo-se no momento mais autêntico da cultura de um povo”, no qual ele faz parte, ativamente, desse processo de criação e recriação.

Para Dussel (s/d, p.225):

Esta criação cultural se exprime historicamente por uma arte popular (que não é o “rústico”, mas que também inclui o artesanal), especialmente a música que exprime rítmica e faladamente a história, os sofrimentos e as gestas do povo; é uma língua própria, com suas estruturas, modismos, usanças; é um folclore, mas não só folclore; são tradições de acontecimentos, é uma tradição em seu sentimento autêntico; são os símbolos que exprimem pletoricamente o projeto e as mediações na existência do povo; são símbolos religiosos (...); são símbolos políticos pelos quais o povo recorda (é sua história não escrita) suas lutas, seus heróis, seus traidores, seus amigos, seus inimigos (...). Enfim, é uma totalidade de sentido humano (...).

Buscar uma totalidade do sentido humano é uma tarefa árdua, a qual, como exposto, terá que ser feita por meio de muita luta, de ação transformadora. Precisamos acreditar e sonhar que esse mundo onde há opressão (entre sujeitos, países, povos, comunidades que dominam e que são dominados) é também um mundo no qual os sujeitos são atores de suas próprias histórias e que a relação com outras pessoas não necessita ser um ato de dominação ou de submissão, mas de respeito e afetividade.



### **Saber o Sabor**

(Composição: Biquini Cavado - Álvaro Prieto Lopes, Bruno Castro Gouveia, Miguel Flores da Cunha, Carlos Augusto P. Coelho)

*Fogo que não para de queimar o coração  
Vontade de estar sem qualquer preocupação  
Só pra ver o sol morrer atrás do morro  
Ver que sua ausência vai mudando a cor do céu  
Perceber que a noite vai chegando*

*Quem disse que o tempo tem que ter utilidade  
Tempo não é algo que se compra ou se produz  
Está dentro de nós, da nossa vontade  
Viver só vale a pena quando provoca saudade  
De querer fazer de novo só porque é bom*

*Sempre que puder, vou querer saber o sabor  
Do que é bom na vida  
Ter prazer ou dor, seja lá o prêmio que for,  
Eu vou querer saber o sabor*

*A simplicidade das coisas me seduz  
O céu fica mais lindo quando falta luz  
Inventar desenhos na forma de uma nuvem  
Olhar a noite inteira a lua passear no céu  
Até não se dar conta que o tempo passou*

*Sempre que puder, vou querer saber o sabor  
Do que é bom na vida  
Ter prazer ou dor, seja lá o prêmio que for,  
Eu vou querer saber o sabor  
Eu vou querer saber o sabor  
Eu vou querer saber sempre!*

## CAPÍTULO 3 – DIALOGANDO<sup>12</sup> SOBRE O LAZER E O LÚDICO

### 3.1 Compreensões e significados do Lazer e do lúdico

Desde o início das minhas experiências com o lazer, venho questionando: o que é esse fenômeno, o lazer? Quando e de onde ele surgiu? Como podemos defini-lo? Segundo Marcellino (2000b), existe uma grande polêmica entre os estudiosos sobre a ocorrência histórica do lazer na vida social. Para ele, o fenômeno lazer, tal como conhecemos hoje, surge a partir da Revolução Industrial, quando a Europa passou por um conjunto de transformações sócio-econômicas, com conseqüente alteração do modo de organização social e de trabalho. A economia de subsistência, baseada, sobretudo, na agricultura e no trabalho artesanal, foi substituída pelo trabalho, em um sistema dito fabril.

Alves Junior e Melo (2003) também refletem sobre esse aspecto. Para eles, a humanidade, constantemente, buscou por formas de diversão tão importantes quanto o trabalho, a religiosidade e a vida familiar. Todavia, essa busca pela diversão não significa que sempre tenha existido o que hoje chamamos por lazer. “O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos” (p.2). Assim, “o lazer é um fenômeno moderno, surgido com a artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção fabril, desenvolvido a partir da Revolução Industrial” (p.29).

De acordo com Bruhns (1998), é nessa sociedade urbano-industrial que a noção de tempo linear tornou-se, predominantemente, objetiva, universal, irreversível e medida em unidades sucessivas, concebida como medida abstrata, capaz de ser aferida e calculada por um instrumento: o relógio mecânico.

Para Woodcock (1990, p.120), escritor vinculado ao movimento político anarquista<sup>13</sup>, o relógio:

(...) transformou o tempo, transformando-o de um processo natural em uma mercadoria que pode ser comprada, vendida e medida como um sabonete ou um punhado de passas de uva. E, pelo simples fato de que, se não houvesse um meio para marcar as horas com exatidão, o capitalista industrial nunca poderia ter se desenvolvido, nem teria continuado a explorar os trabalhadores, o relógio representa

<sup>12</sup> “O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese, (...) é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 1992, p. 52)

<sup>13</sup> Anarquismo é a doutrina, teoria ou filosofia política que afirma que a autoridade política, sob qualquer aspecto, é desnecessária e indesejável. Embora a ênfase central na teoria repouse assim na hostilidade ao Estado, a ela se aliam frequentemente atitudes que repudiam não só a autoridade política, mas também a organização social e a autoridade religiosa. O anarquismo destaca as possibilidades de cooperação voluntária e ajuda mútua na vida do homem e ataca a cooperação conseguida pela força ou pela ameaça de coação externa (SILVA, 1986).

um elemento de ditadura mecânica na vida do homem moderno, mais poderoso do que qualquer outro explorador isolado ou de qualquer outra máquina.

O relógio foi a primeira máquina automática que adquiriu uma função social, pois, por meio dele, foi possível a regulamentação e arregimentação da vida dos seres humanos, condições necessárias para assegurar o funcionamento de um sistema de trabalho baseado na exploração. Podemos perceber essa exploração nos *slogans* da ideologia capitalista que dizem “tempo é dinheiro<sup>14</sup>” e “perder tempo”, sendo, este último, considerado um pecado para a igreja.

Para Lafargue (1999, p.63):

Uma estranha loucura apossa-se das classes operárias das nações onde impera a civilização capitalista. (...) Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e sua prole. Em vez de reagir contra essa aberração mental, os padres, economistas, moralistas sacrossantificaram o trabalho.

Alves Junior e Melo (2003) referem que, com a artificialização do tempo de trabalho, houve também a artificialização do tempo de não-trabalho, surgindo o que hoje definimos como lazer.

Com essas mudanças, o tempo de não-trabalho torna-se um tempo de contraponto ao trabalho produtivo. O trabalho capitalista, alienado em sua essência, era visto pelas classes proletárias como um esforço cansativo e rotineiro, o qual tinha a sobrevivência como principal objetivo. Assim, o lazer torna-se, paradoxalmente, vislumbrado pelo assalariado como um dos poucos momentos de realização e prazer, devendo “compensar” a frustração gerada no seio do processo produtivo (WERNECK, 2000).

Concordo com Bosi (1977), quando diz que “(...) se no trabalho e no lazer corre o mesmo sangue social, é de esperar que a alienação de um gere a evasão e processos compensatórios em outro” (p.76). Criou-se assim, até os dias atuais, uma clara cisão entre “tempo de trabalho” e “tempo de não-trabalho” ou “tempo livre” que, muitas vezes, é confundido com o próprio fenômeno lazer.

De acordo com essas reflexões, o entendimento do lazer vem sendo histórico e culturalmente atrelado, principalmente, às noções de trabalho, assumindo relações de tensão. O trabalho vem sendo reduzido ao simples labor. Já o lazer, por sua vez, vem sendo concebido como um “tempo livre” do trabalho produtivo, sendo privilégio de poucos e um

---

<sup>14</sup> Expressão marcada por Benjamin Franklin.

sutil meio de se internalizar a maneira dominante de ver o mundo, permitindo a manutenção dessa opressora e injusta situação (WERNECK, 2000).

Atualmente, o lazer está presente não apenas na Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>15</sup>, mas também na Constituição Federal do Brasil<sup>16</sup>, sendo previsto como um direito social, constituindo-se em um importante fenômeno social. Mas, será que existe um consenso sobre sua definição entre os estudiosos, profissionais da área e a população em geral?

Segundo Bramante (1998), há uma grande complexidade na sua definição, transitando desde sua etimologia, representando sentidos distintos na sua raiz latina: *licere* (lazer), *schole* (escola), *otiu* (ócio), até a inexistência da palavra lazer, nos países vizinhos de língua espanhola, sendo, habitualmente, tratada por “ocio” ou “tiempo libre”. Em nosso país, ele sempre foi conceitualmente confundido com recreação, jogo, esporte, brincadeira, entre outros.

No que diz respeito ao vocabulário comum, o que se verifica, com maior frequência, é o entendimento do lazer enquanto “(...) simples associação com experiências individuais vivenciadas que, muitas vezes, implica na redução do conceito à visões parciais, restritas ao conteúdo de determinadas atividades” (MARCELLINO, 2000a, p.21). O mesmo autor mostra que nem mesmo as repartições de prestações de serviços públicos deixam evidenciado um campo abrangido pelo lazer. “Não são poucas, nos âmbitos estadual e, principalmente, municipal, secretarias ou divisões de ‘Esporte e Lazer’, ‘Recreação e Lazer’, ‘Cultura e Lazer’, etc<sup>17</sup>” (p.21).

Esse caráter parcial e limitado que se observa quanto ao conteúdo também é verificado quando se procura detectar os valores associados ao lazer. Para o senso comum, os mais comumente relacionados são o divertimento e o descanso (MARCELLINO, 2000a).

Se sairmos às ruas perguntando às pessoas o que é lazer, veremos que, dificilmente, alguém não terá uma opinião sobre o assunto. Isso porque, na atualidade, o lazer vem ganhando prestígio e espaço nas vivências cotidianas. Em entrevistas realizadas junto a transeuntes, o lazer é entendido como: “jogo, piquenique”, “parque, onde as crianças brincam, onde tem campo de futebol e a turma joga bola, voleibol, basquete”, “sair, curtir, ir para as

---

<sup>15</sup> Artigo 24: “Todo o homem tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas”. DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos (2008): proclamada pela *Assembléia Geral das Nações Unidas* em 1948.

<sup>16</sup> Art. 6º, Capítulo II. BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988.

<sup>17</sup> Na própria cidade de São Carlos temos, atualmente, a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, a qual, até 2002, era denominada Secretaria Municipal de Esporte, Turismo e Lazer.

baladas”, “lazer é diversão, tranqüilidade, crianças”, “um momento onde a gente se diverte, o lugar onde a gente esquece do dia-a-dia, é uma brincadeira, (...) passatempo”, “é uma maneira de você sair da sua rotina, mas (...) não significa uma maneira vazia de você sair da rotina”, “refrescar a mente um pouco, ficar sossegado, beber, se divertir, sem arrumar conflito, sem nada”<sup>18</sup>. Como podemos observar nessas frases citadas pelos populares, não existe um consenso quanto a uma definição do que vem a ser o lazer.

Entre os estudiosos e profissionais da área também não existe um consenso sobre seu conceito. O que se pode verificar é a distinção de duas grandes linhas. A primeira, que enfatiza o aspecto *atitude*, considera o lazer como um *estilo de vida*, portanto independente de um tempo determinado e, a segunda, privilegia o aspecto *tempo*, situando-o como liberado do trabalho, ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações (religiosas e familiares, por exemplo), ressaltando a qualidade das ocupações desenvolvidas. Mas, a tendência mais comum entre os estudiosos e especialistas é a de considerar as duas variáveis – tempo e atitude – para a conceituação do lazer (MARCELLINO, 2000b). Alves Junior e Melo (2003) referem-se também ao prazer como importante parâmetro para definir o lazer. Segundo os autores “as atividades de lazer são buscadas tendo em vista o *prazer* que possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades” (p.32).

Os estudiosos das mais variadas matrizes ideológicas tendem a concordar com um conjunto de características advindas da vivência do lúdico como eixo fundamental do lazer. Para Bramante (1998), “a ludicidade, enquanto eixo principal da experiência do lazer, (...) que, por meio dos mais distintos estudos, redescobre-se a vocação inerente do ser humano que brinca e que joga, na sua mais pura essência antropológica” (p.12). Para Bracht (2003) “uma das características do lazer enquanto dimensão própria da cultura, além dos aspectos já pontuados (relativos ao tempo, à atitude e busca do prazer), é o caráter lúdico de suas práticas” (p.157).

Pinto (2007) parte da concepção de lúdico como construção da alegria, pela prática com autonomia, conceito este que a autora analisa com base na inter-relação dos princípios de vivência plural, significativa e compartilhada.

A experiência plural significativa é uma ação com sentidos e significados atribuídos pelos seus participantes. Nasce da curiosidade, da motivação, do interesse dos

---

<sup>18</sup> Frases retiradas do documentário “Ócios do Ofício”, desenvolvido na cidade de São Carlos, pela ACIEPE (Atividade Curricular da Integração Ensino, Pesquisa e Extensão) Lazer em Debate, ministrada pela Prof. Dra. Valquíria Padilha, na UFSCar, em 2004 (ÓCIOS, 2004).

sujeitos brincantes e realiza-se segundo suas capacidades de (re)criar os conteúdos nas situações concretas vividas (PINTO, 2007).

Já a construção compartilhada na experiência lúdica capacita o grupo a transformar o desejado em algo possível. Sujeitos e grupos fortalecem-se. Dessa experiência compartilhada surgem as regras de convivência e de organização. O jogo lúdico constitui-se como espaço privilegiado de diálogo e interação, com ricas possibilidades para administração dos conflitos (PINTO, 2007).

Ainda segundo a autora, a experiência lúdica é enfatizada pelo direito que todos têm de ser, decidir e agir como indivíduos e sujeitos coletivos. No entanto, é importante esclarecer que ela não está referindo-se à liberdade como um bem absoluto, doado e herdado, do qual podemos abusar. Também não a está limitando pela coação social sob a forma de tradição, costumes, leis ou regulamentos. Viver a liberdade também não é fazer o que se quer, na hora e lugar que se desejar. Assim, a liberdade no jogo lúdico é autonomia construída na interação com o outro.

Mas, para Pinto (1998), o lúdico, essência do lazer, foi sendo esquecido, principalmente no século XX. Para ela, “o desejo de ‘retorno’ à proeza de repensar o lazer fundado nos pilares do lúdico, nos desafia a romper a simbolização alienada, que nos vem sendo ensinada quotidianamente, e entender os sentidos das resistências lúdicas nessa nossa sociedade tão conflituosa” (p.19).

A conotação positiva está muito presente nos trabalhos que consideram o lúdico como um fenômeno que provoca nos sujeitos um estado de agradável sensação (GOMES, 2004a; BRACHT, 2003). Mas para Silva (2001, p.16) o lúdico não pode estar carregado somente de valores positivos, pois para ele:

(...) é importante reconhecer que o lúdico não é apenas uma entidade divina e metafísica, um reino da fantasia, dotado apenas da força transgressora da liberdade, gratuidade, criatividade, prazer e solidariedade, participação voluntária e outros. Pelo contrário, ele contém em seu bojo esses valores supracitados, mas também uma relação dialética entre consenso e conflito, a dor e prazer, alienação e emancipação.

Gomes (2004a) reconhece as contradições apontadas por Silva (2001), e define o lúdico “(..) como *expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto*” (p.145). Por isso, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade, sendo construído culturalmente e cercado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência.

Dessa maneira, podemos perceber que cresce o entendimento do lazer como busca de dignidade e do respeito à pessoa como cidadã e, assim, de sua compreensão como campo de humanização das relações, dando sentido às vivências de lazer para as pessoas.

Um dos estudiosos do lazer, cujos estudos tiveram grande repercussão no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, foi o sociólogo francês Joffre Dumazedier, referência importante pelo enfoque a partir da sociologia, arquitetura, psicologia, educação física, áreas essas que se debruçam no estudo do lazer.

Esse pesquisador compreende o lazer como:

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2001a, p.34).

Segundo o autor, o lazer teria, basicamente, três funções: *descanso*, *divertimento*<sup>19</sup> e *desenvolvimento*.

A função *descanso* tem como objetivo liberar-se da fadiga. Nesse sentido, o lazer “é um reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho” (p32). Já a função *divertimento* está diretamente ligada à busca de atividades compensatórias que provoquem prazer e satisfação. Finalmente, a função *desenvolvimento* “(...) cria novas formas de aprendizagem voluntária, (...) no indivíduo libertado de suas obrigações profissionais”, visando “(...) o completo desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal e social” (p.34). Vale ressaltar que, para o autor, as três funções são solidárias e estão sempre intimamente unidas umas às outras, mesmo quando parecem opor-se entre si.

Além dessas categorizações sobre a função do lazer, Joffre Dumazedier (2001b) faz uma classificação dos interesses culturais do lazer, procurando dividi-los em cinco categorias, de acordo com o interesse central desencadeado na vivência, sendo elas: os interesses físicos, práticos ou manuais, artísticos, intelectuais e sociais. Marcellino (2000b), Alves Junior e Melo (2003), Camargo (2003) e Schwartz (2003) corroboram com essa classificação. Ao refletirmos sobre essas categorias, não podemos pensá-las separadamente, como campos estanques, mas sim havendo fortes ligações umas com as outras.

---

<sup>19</sup> Devido aos vários sentidos da palavra *divertissement*, na língua francesa, a tradutora do livro de Joffre Dumazedier prefere não restringir à simples tradução divertimento, preferindo colocar três sentidos: divertimento, recreação e entretenimento.

Nos **interesses físicos** o que mais prevalece é o movimento e/ou o exercício físico. As práticas esportivas, a pesca, os passeios, a ginástica constituem esse campo de interesse.

Nos **interesses práticos** ou **manuais** prevalece o prazer em manipular objetos, materiais ou lidar com a natureza. Como exemplos, temos a bricolagem<sup>20</sup>, o artesanato, a jardinagem e o cuidado dos animais. Esses interesses são frequentemente confundidos com os *hobbies*, ainda que, entre eles, encontrem-se atividades não necessariamente manuais.

Os **interesses artísticos** têm seu campo de domínio no imaginário; seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza e do encantamento. Estão relacionados a essa categoria a dança, as festas, o teatro, a música. Alves Júnior e Melo (2003) observam a existência da arte na cultura popular, nas quadras de escolas de samba, nas tradições folclóricas.

Já nos **interesses intelectuais** o que se busca é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. Como exemplos dessa categoria, temos a leitura, a participação em cursos, o xadrez, enfim, todas as atividades diretamente ligadas ao raciocínio.

Por fim, os **interesses sociais** englobam, em princípio, todas as atividades que tendem a envolver grupos e a desenvolver a sociabilidade. Os bailes, os bares, cafês, programas noturnos são exemplos.

Mais recentemente, dois outros interesses culturais do lazer foram adicionados: o interesse turístico, proposto por Camargo (2003), e o interesse virtual, proposto por Schwartz (2003). No **interesse turístico**, são buscados novos ritmos, costumes, paisagens, distintos daqueles vivenciados cotidianamente. Os passeios, as viagens e a visita a shoppings constituem-se em exemplos. O **interesse virtual** pode ser compreendido como atividades de lazer que se utilizam de equipamentos de alta tecnologia. Como exemplos dessa categoria temos a interatividade com os computadores, vídeo-game, telefone celular e televisão.

Por situar o lazer enquanto um “conjunto de ocupações”, restringindo o fenômeno à prática de determinadas atividades, o conceito de Dumazedier (2001a) vem sendo alvo de críticas (GOMES, 2004b). Gaelzer (1979) também considera a atividade como um dos elementos do lazer. Para esta autora: “(...) os elementos tempo, atividade e atitude são interdependentes e relacionados para fins do lazer individual; nenhum em separado poderá

---

<sup>20</sup> Bricolagem tem origem na palavra francesa "bricolage", sendo usada para designar tudo aquilo que você pode fazer sem a ajuda de um profissional especializado. Normalmente associado às atividades de casa, como pequenos consertos, reformas, decoração, etc.



preencher as condições necessárias ao que se pretende aqui chamar Lazer” (p.54). Escreve ainda que o lazer pode ser definido como “(...) harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer” (p.54).

Cabe ressaltar que o acesso ao lazer pela população não se esgota na mera realização de determinadas “atividades” que visem, simplesmente, a diversão e o relaxamento, descontextualizados da dinâmica social. O significado do lazer precisa, pois, ser redimensionado e concebido no seio das dimensões sócio-culturais, inscritas nas sociedades atuais (WERNECK, 2000).

Nos estudos de Marcellino (2000a, 2000b), esse autor supera o entendimento do lazer como mero “conjunto de ocupações”, redimensionando-o enquanto um fenômeno cultural. Assim, entende o lazer:

(...) como a cultura – *compreendida no seu sentido mais amplo* – vivenciada (*praticada ou fruída*) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “*disponibilidade de tempo*” significa *possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa*” (2000a, p.31).

Marcellino (2000a) prefere não usar a expressão *tempo livre*, por julgar que “(...) tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social”. Segundo ele, “talvez fosse mais correto falar em *tempo disponível*, ao invés de *tempo livre*” (p.29). O *tempo disponível* é aquele que o sujeito dispõe após as obrigações profissionais (trabalho) e das obrigações pessoais (familiares, políticas e sociais), dedicando-se a si mesmo.

Já Bramante (1998, p.11) prefere usar a expressão tempo conquistado, pois para ele:

O tempo, conceito objetivamente inelástico, vem se tornando uma “mercadoria” de luxo, em que a máxima “tempo é dinheiro” chega a refletir o seu verdadeiro significado, dado por segmentos significativos da nossa sociedade. Portanto, “conquistar” um tempo da não obrigação vem se impondo como um desafio para todos que desejam exercitar a face humana da vida plena.

Para Gomes (2004b), “a cultura constitui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade histórico-social” (p.124). Assim, pauta-se “(...) no pressuposto de que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas,

e o lazer representa uma de suas dimensões: inclui a *fruição* de diversas manifestações culturais” (p.124).

Para a autora, o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados:

- *Tempo*, que corresponde ao usufruto presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, entre outros);
- *Espaço-lugar*, que se estende muito além de um espaço físico do qual os sujeitos se apropriam para exercer o convívio social ou local do encontro do lazer;
- *Manifestações culturais*: conteúdos vivenciados como o fluir da cultura, seja como possibilidade de diversão, descanso ou desenvolvimento;
- *Ações* (ou *atitude*) as quais estabelecem suas bases no lúdico.

Ao tomar esses quatro elementos como referência, Gomes (2004b, p.124) ressalta que:

(...) o lazer se inscreve no seio das relações estabelecidas com as diversas dimensões da nossa vida cultural (o trabalho, a economia, a política e a educação, entre outras), sendo institucionalizado na atualidade como um campo dotado de características próprias. Mas o lazer não é um fenômeno isolado, pois está em franco diálogo com o contexto. Por um lado, o lazer pode contribuir para o mascaramento das contradições sociais, mas, por outro lado, pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio.

Ao analisar as compreensões dos estudiosos do lazer, observamos que têm sido atribuídos valores para, basicamente, quatro aspectos: tempo, espaço, atividade e atitude. Desde já, explico minha compreensão, compartilhada com outros colaboradores (SANTOS et al, 2007), da vivência do lazer enquanto prática social, não fragmentada em tempo (de trabalho x livre/disponível), tampouco como sendo possível de realizar apenas delimitada a espaços (equipamentos específicos de lazer x outros espaços), nem mesmo atendo-se à atividades (não sérias x sérias), mas, prioritariamente, enquanto atitude, ou seja, a *intencionalidade do sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*. Ser este, portanto, integral, que se faz e refaz nas relações de intersubjetividade com os outros seres, tendo, como pano de fundo, o contexto do mundo (SANTOS et al, 2007).

Reconhecemos, porém, as interferências recíprocas da prática social trabalho na prática social lazer, bem como de outras práticas sociais. Também alertamos para a necessidade de políticas públicas que contemplem a construção de equipamentos específicos de lazer. Quanto às atividades, compreendemos que devam ser significativas e repletas de

sentido para a pessoa que as realiza, de forma que não seja compelida, alienada ou oprimida (SANTOS et al, 2007).

Em síntese, atentamos para a possibilidade da conscientização e autonomia do ser, implicando, portanto, na *intencionalidade* atribuída pelo ser ao lazer (e demais práticas sociais), não desconsiderando o contexto sócio-político, o qual envolve opressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros), conforme a prática social do lazer vai ocorrendo nas relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, desenvolvida sob certas finalidades e em determinados espaços e tempos (SANTOS et al, 2007).

No próximo item contextualizo compreensão de animação cultural.

### 3.2 Animação Cultural

A expressão Animação Cultural pode ser conceituada como uma das possibilidades de intervenções pedagógicas nos momentos de lazer. O termo “animação” é originário da palavra grega *anima* que, traduzida para o português, significa “alma” (MELO, 2004). Assim, os momentos de lazer necessitam ter um significado, um sentido para aqueles que os vivenciam; o foco e a estratégia central de sua ação são voltados para o campo da cultura. Mas como podemos compreender o termo cultura?

Como qualquer ocorrência histórica, a compreensão de cultura não pode ser realizada de forma homogênea e uniforme, como algo dado à *priori* ou que possua uma suposta essencialidade. Ela se modifica no decorrer do tempo, em conformidade com as relações de poder e com os interesses envolvidos nos embates e tensões entabulados pelos atores sociais, os quais, por motivos diversos, transitam no campo gerador e gerado, ao redor da compreensão (MELO, 2006).

Fiori (1986, p.8) entende que:

A cultura é um processo vivo, de permanente criação: perpetua-se, refazendo-se em novas formas de vida. Só se cultiva, realmente, quem participa deste processo, ao refazê-lo e refazer-se nele. A transmissão do já feito, é cultura morta. O feito é só mediador de cultura, enquanto manifesta, interiormente, um fazer interno de que participamos. A elaboração do mundo só é cultura e humanização, se intersubjetiva as consciências. Elaboração que se postula, necessariamente, colaboração-participação na construção de um mundo comum.

Segundo Hall (1997), no século XX, a cultura assumiu uma função de importância ímpar no que diz respeito à estrutura e organização da sociedade moderna, aos

processos de intervenção no meio ambiente global e às movimentações dos recursos econômicos materiais. O avanço e a expansão das tecnologias e a revolução da informação não só passaram a interferir, de modo incisivo, na produção material e tecnológica, como também a direcionarem uma proporção crescente de recursos humanos para estes setores. Ao mesmo tempo, a mídia tem tornado-se mediadora em muitos outros processos sociais e culturais, constituindo uma referência tanto na reprodução das condições de produção material das sociedades, quanto na veiculação das idéias e valores vigentes nessas sociedades.

Em relação à expansão das tecnologias, Melo (2006, p.21) ressalta que durante essa época:

O desenvolvimento de tecnologias que tinham incrementado a produção, também influencia a criação e o aperfeiçoamento de novas formas de diversão, entre as quais podemos destacar o cinema como elemento-chave de compreensão, com sua relação com a eletricidade, a velocidade, a fugacidade, a imagem. Estamos nos referindo ao nascimento de uma “sociedade do espetáculo” e aos primeiros passos de estruturação de uma cultura de massas. Cada vez mais a cultura se tornará um palco de disputas e uma necessidade estratégica de controle.

Na sociedade contemporânea, a classe dominante tem se utilizado desse controle da indústria cultural, como reguladora e disciplinadora, para a manutenção da ordem social, embora também sejam observadas iniciativas de resistências e subversão. No caso brasileiro, o problema parece ainda maior, como explicita Santos (2000, p.18):

O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deitou raízes mais profundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta. Tudo, ou quase, tornou-se objeto de manipulação bem azeitada, embora nem sempre bem-sucedida.

Podemos ver que nossos esforços na área do lazer, por meio da animação cultural, incidirão em uma sociedade na qual um conjunto de imagens invade nosso cotidiano, penetrando em nossos lares e nos alcançando nas ruas, de forma ora mais, ora menos acintosa (MELO, 2006).

Assim, percebo que o trabalho com animação cultural não será fácil, pois participamos de um jogo desigual, sendo necessário empreender embates entre a ordem estabelecida, de forma a conseguirmos contribuir para a superação da ordem vigente e para a construção de uma sociedade mais justa.

O termo Animação Cultural aproxima-se de muitas expressões usadas em nosso país. Entre elas, destacam-se: promoção cultural, difusão cultural, ação cultural,

desenvolvimento cultural, entre outros. Na França e na Espanha, mais comumente, utiliza-se o termo Animação Sócio-cultural. Nesses países, existe até mesmo uma formação, de nível superior, para a preparação de profissionais, próxima da Educação Social. Já na Inglaterra, é corrente o uso da denominação Desenvolvimento Comunitário Sócio-cultural (MELO, 2004).

A animação cultural no Brasil é um campo de atuação novo e, nesse sentido, Melo (2006, p.73) alerta:

Nos dias de hoje, a animação (sócio)cultural existe e não existe no Brasil. Há um grande número de experiências que, de alguma forma, dialogam – ora mais, ora menos intencionalmente – com as reflexões dos autores ligados à temática, mas o termo ainda é pouco utilizado, as referências teóricas são pouco conhecidas (até mesmo porque temos pouco material acerca do assunto publicado no Brasil) e o campo acadêmico praticamente inexistente.

Ainda de acordo com Melo (2006), mesmo com um terreno fértil para desencadear tal discussão, há de considerar-se alguns fatores problematizadores:

- a organização de um campo acadêmico, relacionado à animação cultural no Brasil, deverá defrontar-se com uma forte tradição disciplinar que dificulta a construção de práticas acadêmicas com características multi e interdisciplinares, como é o caso da animação;
- no Brasil, temos uma série de denominações que se sobrepõem, muitas vezes tornando-se um fator complicador para o debate. Além da coexistência de “Lazer” e “Recreação”, do recente crescimento da utilização do conceito “Entretenimento”, identifica-se ainda um grande número de termos para designar o profissional de lazer: recreador, professor, mediador, agente cultural, gentil organizador, entre outros; não são incomuns as resistências ao termo “animador”, considerando haver certo desconhecimento da etimologia da palavra;
- como não possuímos uma formação profissional específica para o animador, sendo que mesmo as experiências relacionadas à formação do profissional do lazer têm se mostrado parciais e/ou deficientes, isso pode ser mais um fator dificultador para a formulação de um campo acadêmico que possa incrementar essa discussão no Brasil.

Essas dificuldades não devem desestimular nossas esperanças de difundir e refletir sobre questões relacionadas à temática. Ressaltamos que alguns projetos e instituições vêm esforçando-se para o desenvolvimento da Animação Cultural. No Brasil, merece destaque o Grupo de Pesquisa Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais<sup>21</sup>, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo, como responsáveis, os Professores Victor

---

<sup>21</sup> Mais informações podem ser obtidas no site: <http://grupoanima.org/>

Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres, os quais, nos últimos anos, vêm publicando vários artigos sobre o tema.

Também merecem referência alguns projetos em parcerias com nossos vizinhos latino-americanos e com alguns países europeus, como a realização do I Congresso Ibero Americano de Animación Sociocultural, realizado em 2006, na cidade de Salamanca (Espanha), evento no qual foram lançados a “Red Iberoamericana de Animación Sociocultural<sup>22</sup>” e o periódico Animador Sciocultural: Iberoamericana<sup>23</sup>.

Essas parcerias possibilitaram o início de uma reflexão e de um diálogo, de forma a buscar pontos convergentes para a construção de um conhecimento comum, compartilhado em torno daquilo que nos une. Na palavra de Ventosa (2007, p.2), membro da Red Iberoamericana de Animación Sociocultural, essa união se faz possível pela nossa vontade:

(...) voluntad por mejorar la calidad de vida de nuestros semejantes implicándoles en el desarrollo sociocultural de sus comunidades de una manera activa, participativa, placentera y grupal. Al conjunto de prácticas, métodos y técnicas con intencionalidad educativa, contenido cultural y continente social, dirigido a conseguir dicha meta, es a lo que llamamos Animación Sociocultural.

Retomando as discussões sobre as compreensões em relação à Animação Cultural, destacamos a sua aproximação, no Brasil, com os Estudos Culturais, na busca por um referencial teórico que permita novos e consistentes entendimentos sobre os desafios que se apresentam para os que habitam o âmbito da cultura e que identificam sua atuação como estratégica para a construção de uma nova ordem social. Nas palavras de Melo (2006, p.26):

Creio que os Estudos Culturais, em seu intuito de estabelecer uma leitura da “alta cultura” e da “cultura popular”, bem como de estabelecer um certo olhar sobre a “cultura de massas” (na verdade, rompe-se definitivamente com uma compreensão estática desses “níveis culturais”, agora entendidos como profundamente relacionados e com fronteiras bem pouco precisas), pode apresentar perspectivas alvissareiras para pensarmos a Animação Cultural e os Estudos do Lazer.

A seguir, escreverei um pouco sobre os Estudos Culturais, observando sua interface com a Animação Cultural.

### **3.3 Estudos Culturais e Animação Cultural**

<sup>22</sup> Mais informações podem ser obtidas no site: <http://www.rianimacion.org/publicaciones.php>

<sup>23</sup> Mais informações podem ser obtidas no site: <http://www.lazer.eefd.uftj.br/animadorsociocultural/>

Nesse item, pretendo apresentar algumas idéias pertinentes aos Estudos Culturais, dialogando com a Animação Cultural, suas especificidades e desafios na atualidade.

De acordo com Melo (2006), os Estudos Culturais surgem da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que dela haviam sido privados. Raymond Williams e E.P. Thompson – juntos com Richard Hoggart, compõem os primórdios dessa perspectiva teórica – atuavam como professores de classes de trabalhadores no ensino noturno, na Inglaterra. Foi a partir dessa prática concreta, dessa experiência de intervenção, que questionaram o que se ensinava e como se ensinava, com vistas a contribuir para a superação da questão da imposição de valores, por parte da classe dominante.

Parte importante dessa iniciativa era pensar que uma nova sociedade só podia ser criada de baixo para cima, e a educação era a ocasião de troca entre intelectuais e trabalhadores, cada um educando o outro, na medida que os professores tinham de se esforçar para explicar suas disciplinas em termos que fossem entendidos por pessoas comuns e pudessem ser utilizados em movimentos reais (CEVASCO, 2003, p.62).

Os Estudos Culturais, portanto, nascem de um compromisso de professores que se vêem como mais que meros reprodutores de conteúdos. O próprio Williams afirma:

Estamos começando a ver artigos de enciclopédia que datam o aparecimento dos estudos culturais a partir deste ou daquele livro de finais dos anos de 1950. Não acreditem em uma só palavra. A mudança de perspectiva no ensino das artes e da literatura e sua relação com a história e a sociedade contemporânea começou na Educação para Adultos, não começou em nenhum outro lugar (*Apud* CEVASCO, 2003, p.61).

Conforme Cevasco (2003), Raymond Williams e E.P. Thompson lutavam contra uma tradição que separava a cultura do âmbito da política e da economia, afirmando que a cultura tem uma função social, sendo um campo válido de lutas, mesmo não sendo encarada como único espaço de contestação, mas a própria situação geral contemporânea – de uma sociedade altamente complexa que tem seu funcionamento afinado pela comunicação de massa e seus procedimentos confirmados pela educação – determina que a cultura seja um campo de lutas relevantes. Ainda segundo a autora, “(...) fica difícil intervir na sociedade a partir de uma concepção da cultura como separada da organização social, um campo apartado de onde efetivamente desenrola a vida social. Esta é uma das percepções fundantes dos estudos culturais” (p.48).

Um dos conceitos centrais a serem resgatados do pensamento de Raymond Williams é o do materialismo cultural, compreendendo que existe uma intensa relação entre fenômenos culturais e socioeconômicos (CEVASCO, 2003; MELO, 2006).

Assim, os bens culturais devem ser compreendidos segundo a lógica de produção, relacionados aos valores e sensibilidades que conferem existência concreta à sociedade. Isso não quer dizer que sejam explicados, linearmente, pelas questões econômicas, mas é uma conclamação para que percebamos as complexas articulações que se estabelecem (MELO, 2006).

Prossegue Melo (2006, p.31):

Na ótica do materialismo cultural, os produtos não são meramente objetos, mas práticas sociais. Nosso papel como animadores culturais seria de fundamentalmente o de contribuir no processo de desvendar as condições em que se apresentam na sociedade, pensando perspectiva de intervenção que considerem suas diversas formas de estruturação de sentidos e significados, considerando também os movimentos alternativos de contestação. É esse processo complexo de tensão entre o ‘dominante’ e o ‘dominado’, é essa não-linearidade que permite a ascensão de resistências, que devem sempre nortear nosso olhar cuidadoso.

Outra contribuição dada por Raymond Williams, segundo Cevasco (2003), diz respeito à necessidade de construção de uma “cultura em comum”, capaz de romper com uma longa tradição inglesa que acreditava que a cultura era um privilégio de poucos (cultura de minoria), de uma elite que deveria conduzir a organização social da maioria, a qual, supostamente, não teria condições de escolher seus caminhos face a uma sociedade turbulenta.

Na construção de uma “cultura em comum”, o desafio central parece ser criar condições para que todos tenham acesso aos meios de produção cultural, entendendo que os de ‘baixo’ também produzem cultura. A questão é criar mecanismos para garantir constantes fluxos e contrafluxos culturais, encarando a todos como potenciais produtores culturais, não somente consumidores (MELO, 2006).

Para Williams,

(...) uma cultura em comum não é a extensão geral do que uma minoria quer dizer e acredita, mas a criação de uma condição em que as pessoas como um todo participem na articulação dos significados e dos valores, e nas conseqüentes decisões entre este e aquele significado ou valor. Isso envolveria, em qualquer mundo real, a remoção de todos os obstáculos a precisamente essa forma de participação: essa é a razão para ter interesse nas instituições de comunicação, que, sendo dominadas pelo capital e pelo poder de estado, estabeleceram a idéia de poucos comunicando para muitos, desconsiderando a contribuição dos que são vistos não como comunicadores, mas meramente como comunicáveis (*apud* CEVASCO, 2003, p.54).



Nesse sentido é preciso recuperar a idéia de que tenhamos uma postura pedagógica perante a cultura, mesmo porque essa vem se tornando, cada vez mais, uma experiência pedagógica em si, de difusão de valores e sensibilidades relacionados à nossa vida cotidiana, à nossa experiência social. Nesse processo, é necessário cuidado com a questão da organização das camadas populares, o que pode sugerir um certo direcionismo exacerbado, algo potencialmente perigoso (MELO, 2006). Entendendo o lazer enquanto uma dimensão da cultura historicamente situada, corroboro com Parker (1978) quando diz que “(...) problema é saber até onde os educadores devem ir ao dizer às pessoas que tipo de lazer lhes convém” (p.115).

Assim, acredito que a idéia de mediação (e não imposição) seja fundamental para lidarmos com a intervenção no âmbito da cultura, sendo fundamental o uso do diálogo entre as pessoas, pois é pelo diálogo que os homens e as mulheres se aproximam uns dos outros, desprovidos de qualquer preconceito ou postura de ostentação. Ninguém pode, se quiser dialogar, estabelecer uma relação em que um dite as normas, e o outro simplesmente as observe. No diálogo, as pessoas são livres para desejar, cultivar e estabelecer encontros.

Para Freire (2005a), “(...) o diálogo é uma exigência existencial, (...) é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir dos sujeitos, endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado (...)” (p.79).

Após essa aproximação em relação às temáticas em questão, apresento a definição de Animação Cultural, desenvolvida por Melo (2006, p.28), a qual considero a mais apropriada. Esse autor entende que:

(...) a Animação Cultural como uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica) pautada na idéia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude à nossa existência cotidiana, construída com base no princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a idéia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade mais justa.

Assim, a seguir, passo à análise do papel do animador cultural na construção de uma sociedade mais justa.

### **3.4 O Animador Cultural**

*O que se exige eticamente de educadoras e educadores progressistas é que, coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo, os manipulem.*  
(Paulo Freire, 2005b, p.80)

De todo o exposto até então a respeito dos temas práticas sociais, processos educativos, lazer, lúdico e animação cultural, o leitor já deve ter identificado que a vivência do lazer não deve ser compreendida como instantes de alienação e de opressão, desconectada da realidade social; tampouco, como espaços de fuga. Isto não significa que esteja negando que os momentos de lazer tenham também um caráter de repouso e descanso ou de recuperação das forças. É necessário estar atento para analisar como o sistema faz uso deles, e caso seja necessário, realizar um redimensionamento segundo uma ótica que interesse não apenas aqueles que detêm o poder (MELO, 2006).

Então, qual seria a contribuição do profissional do lazer para o questionamento da ordem social e para promover uma dimensão de grande importância na qualidade de vida individual e social?

Alves Junior e Melo (2003) atentam para o fato de que, no plano cultural, não encontramos apenas uma rígida orientação que baliza todos os comportamentos humanos; tampouco, unicamente, elementos de transgressão e resistência. Assim, “ao mesmo tempo em que nela [cultura] encontramos os parâmetros que propagam e mantêm a ordem social, identificamos potenciais para o questionamento e a superação dessa mesma ordem” (p. 52).

Dessa forma, o profissional do lazer, que atua diretamente ligado ao campo cultural, deve lidar com essas contradições, aproveitando o potencial de intervenção na ordem social, sempre respeitando as características culturais do grupo com o qual se trabalha (ALVES JUNIOR e MELO, 2003).

No caso deste estudo, a minha inserção no Jardim Gonzaga e nos projetos aí desenvolvidos constituiu-se em um processo lento, cuidadoso e necessário para que eu pudesse melhor conhecer as pessoas, seus costumes, tradições, gostos e também para que eles pudessem me conhecer. Dessa forma, saliento que, após quatro anos de inserção nessa comunidade, continuo aprendendo muito sobre suas vidas.

A intervenção do animador cultural em qualquer grupo ou comunidade não pode ocorrer de maneira impositiva. Não cabe a ele tentar interpretar a realidade, detectar o que nela está ausente ou errado, colocando “as peças no lugar”, como se observa em muitas intervenções na área de atuação do profissional do lazer. Agindo dessa maneira, o profissional, enquanto educador, estará desenvolvendo uma educação “bancária”, cujo objetivo é “encher”

os educandos de conteúdos. Para Freire (2005a), “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber” (p.67). Ainda segundo esse autor, esse tipo de educação “sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros” (p.72).

Nesse sentido, defendo o papel do profissional/educador enquanto mediador, que colabora para uma educação problematizadora e emancipadora, por meio da dialogicidade. Por isso, o animador cultural, ao estar cuidadosamente inserido na comunidade, atuando *com* os outros e não *sobre* os outros, conhece e reconhece um pouco mais sobre os gostos e tradições do grupo, tornando possíveis a problematização e o questionamento da realidade que os permeiam.

Neste processo é fundamental, segundo Freire (2006), um comprometimento profissional do educador, o que envolve um compromisso com os sujeitos envolvidos, a consciência do papel que cabe a cada um, a necessidade de aprimorar-se e a busca da visão crítica da realidade.

Essa forma de agir com os outros e não sobre os outros impede que o animador contribua para uma educação “bancária”, pois segundo Freire (2005a, p.77):

A educação que se impõem aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Para Werneck (1998), os profissionais da animação cultural necessitam ser capazes de interrogar o significado de suas ações e resolverem problemas coletivamente, questionando a realidade e assumindo uma atitude reflexiva face aos processos sociais e às contradições do nosso meio, fazendo do lazer “não um mero produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica, criativa e significativa a ser vivenciada com autonomia e muita responsabilidade” (p. 59).

Assim, o profissional se destaca como um educador, onde sua atuação se dá em um espaço de maior liberdade que a escola, cuja procura é motivada pela busca de prazer; sob essa ótica não há, necessariamente, um conjunto de conteúdos preestabelecidos com rigidez (MELO, 2003).

De acordo com Marcellino (2000a), “só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado, (...), como um dos possíveis canais de atuação no

plano cultural, em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social” (p.63 e 64).

Alves Junior e Melo (2003, p.52) mencionam algumas possibilidades que contribuem para o processo de intervenção educacional:

(...) a busca de novas formas de encarar a realidade social, direta ou indiretamente, oferecidas pelo acesso a novas linguagens culturais; a percepção da necessidade de equilíbrio entre consumo e participação direta nos momentos de lazer; a recuperação de bens culturais destruídos ou em processo de degradação em resultado da ação da indústria cultural; e a própria humanização do indivíduo, que passa a se entender como agente, e não apenas paciente, do processo social.

Há de se ressaltar ainda o duplo aspecto educativo da intervenção pedagógica sob a perspectiva da animação cultural: a educação pelo lazer e a educação para o lazer.

Segundo Marcellino (2000b), para minimizar os riscos das posturas destrutivas e da passividade, contribuindo para o deslocamento do conformismo a níveis críticos e criativos e para a justa distribuição do tempo e do espaço para o lazer para todos, deve-se “somar uma ação cultural democratizadora, atenta a seu duplo aspecto educativo: a educação pelo lazer e a educação para o lazer” (p.70).

O primeiro aspecto colocado, ou seja, o lazer enquanto *veículo* de educação, significa aproveitar o potencial educativo das vivências de lazer, podendo trabalhar questões como valores, condutas, atitudes e comportamentos. Isto pode se dar, como nos aponta Marcellino (2000a) “(...). Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade (...)” (p.60).

É importante ressaltar que a educação é vista por Freire (1997) como um processo de formação da pessoa, o qual se inicia no lar e se estende até o fim da vida, visando a transformação por meio da vivência e de experiências adquiridas pela integração com outras pessoas.

O segundo aspecto desta reflexão diz respeito ao lazer enquanto *objeto* de educação, que seria uma preparação das pessoas para a vivência das atividades de lazer (na esfera da produção cultural), ou mesmo para o consumo não-conformista, almejando níveis mais críticos e criativos de fruição, produção ou contemplação (MARCELLINO, 2000a). A intervenção do animador, então, não se aterá ao pensamento dos conteúdos e valores, mas, também, envolverá as representações e sensibilidades. Assim, Melo (2004) ressalta como

fundamental “(...) um processo de educação estética<sup>24</sup>, de educação de sensibilidades, o que pode permitir aos indivíduos desenvolverem o ato de julgar e criticar a partir de novos olhares acerca da vida e da realidade” (p.14).

Dessa forma, o animador cultural precisa ser, fundamentalmente, um estimulador de novas experiências estéticas, “(...) alguém que, em um processo de mediação e diálogo, pretende apresentar e discutir novas linguagens; um profissional que educa ao incomodar e informar sobre as possibilidades de melhor sorver, acessar e produzir diferentes olhares” (MELO, 2006, p.60).

Finalizando, reporto-me à Hollanda (2006, p.11), que, a meu ver, sintetiza a responsabilidade do profissional do lazer enquanto animador cultural:

(...) Reconhecendo que a luta no campo da cultura é uma possibilidade real de ação política, o novo animador passa a se entender como mediador e não mais como “instrutor”. Ele deve procurar, antes de mais nada, a articulação produtiva entre saberes diferenciados. Ele deve, sobretudo, ser capaz de questionar e problematizar, em sua atividade pedagógica profissional, as noções de arte, cultura e estética dominantes e estimular, como grande prioridade de sua tarefa como educador, formas de recepção cultural ativa e, conseqüentemente, o exercício crítico diante dos fenômenos culturais e sociais. Ele deve se empenhar para que nunca a estética se mostre desvinculado da ética, seja na construção de novos olhares, de percepções artísticas e culturais, mas também como elemento para a construção da cidadania, através da fruição estética.

### **3.5 Lazer e grupos marginalizados**

O lazer, a partir do final da década de 1960 e no decorrer da década de 1970, começou a ser discutido com maior ênfase, no Brasil, tanto no âmbito acadêmico (ciências sociais, psicologia, comunicação social e educação física) quanto no das organizações governamentais (políticas públicas de lazer). Melo (2003) destaca que “em comum entre essas diferentes reflexões, deve-se ressaltar a compreensão da característica multidisciplinar da temática, bem como a sua consideração como fenômeno a ser entendido como componente da cultura”. (p.21).

No entanto, desde o início, observa-se uma constante incompreensão teórica ao redor da temática, com sua dissociação do âmbito da cultura e conseqüente associação direta e linear ao esporte. Os dias atuais trazem, dentre outras, novas preocupações, sendo uma delas a indústria de “lazer e entretenimento”.

---

<sup>24</sup> Melo (2006) considera “estética” “(...) como o estudo de um modo específico de apropriação da realidade, em que se destacam as questões ligadas à sensibilidade, mesmo que vinculadas a outras formas de apropriação e com suas condições históricas, sociais e culturais (isto é, mesmo com autonomia, há uma relação entre o estético e o extra-estético)” (p.58).

Alves Junior e Melo (2003, p.18) referem-se às características dessa indústria:

Notadamente podemos identificar o crescimento das preocupações com o turismo, a consolidação do esporte como poderoso produto de negócios, o fortalecimento do mercado cultural ligado às diversas manifestações artísticas, o aumento do poderio dos meios de comunicação e o rápido, embora desordenado, crescimento de parques temáticos.

Além disso, a indústria do “lazer e entretenimento” vem impondo necessidades de consumo e padrões de vida, subordinando diferentes culturas aos princípios impostos por uma cultura reconhecida como dominante, a qual, de acordo com Werneck (2000), acaba por atingir “(...) profundamente as dimensões do trabalho e do lazer em nossa globalizada sociedade” (p.64), levando-nos a um processo de invasão cultural, o que, a meu ver, em sua essência, é alienante.

Conforme nos alerta Freire (2005a, p.173):

Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a esses sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Nesse sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la.

Em acordo, Fiori (1986, p.6), aponta sua preocupação acerca da alienação:

Nela, o homem perde sua condição humana, de sujeito de sua própria historicização – trágica situação de quem se objetiva sem poder, na objetivação, encarnar sua subjetividade. A consciência do mundo cinde-se num dualismo que deforma e nega o homem. A consciência passa a ser prisioneira de um mundo de outras consciências; a intersubjetividade não é mais reconhecimento, mas sim dominação de consciência, seja por grupos pequenos, classes ou povos inteiros.

Para Melo (2003), essas preocupações chamam a atenção para a necessidade de questionar um mercado claramente seletivo, somente acessível em toda sua plenitude aos privilegiados economicamente, e a ação da indústria cultural, cada vez mais forte, propagando uma visão de cultura linear, superficial e unidimensional, restringindo as possibilidades de vivências de lazer da população e colocando em risco as manifestações da cultura popular.

Temos o grande desafio de tornar a fruição do lazer acessível a todos, de forma qualitativamente superior à que hoje encontramos, bem como o de conhecer a intervenção no campo da ação no lazer como algo que possa contribuir para superar essa lógica social pautada na diferença e na desigualdade.

Para a superação dessas diferenças e desigualdades é possível verificar o surgimento de movimentos sociais que vêm lutando para que a sociedade possa considerar as diversas formas e escolhas da vida em coletividade, sem preconceitos, estereótipos e discriminações.

Estamos nos referindo a grupos que se organizam para protestar de diferentes formas com base no reconhecimento de que em um regime democrático é possível e necessário considerar a diversidade de expressões de interesses próprios, não contemplados em razão da intolerância e do controle social, econômico e cultural na definição de normas gerais, por estarem diretamente ligadas aos intuítos de uma minoria conservadora e detentora do poder (MELO, 2003, p.24).

Essas lutas/protestos têm contribuído para o questionamento de certas regras e normas, constituindo-se, então, em uma possibilidade de dar um salto de qualidade no que tange às relações sociais e à acessibilidade ao lazer. Nesse sentido, é possível observar os grupos de “desqualificados e marginalizados” pela sociedade que criam resistências, delineadas segundo suas experiências concretas cotidianas.

No Brasil, vem crescendo o número de estudos nessa área, evidenciando a força que os grupos de “desqualificados e marginalizados” têm na implementação de políticas públicas de lazer que respeitem e contemplem gostos, anseios e necessidades da população. Entretanto, apesar de todo esse movimento, Valla (1996, p.178) chama a atenção para alguns cuidados que os pesquisadores/educadores devem ter para que possam compreender o que esses grupos estão querendo dizer:

A primeira é que nossa dificuldade de compreender o que os membros das chamadas classes subalternas estão nos dizendo está relacionada mais com nossa postura do que com questões técnicas como, por exemplo, lingüísticas. Falo de postura, referindo-me a nossa dificuldade em aceitar que pessoas ‘humildes, pobres, moradoras da periferia’ são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade e, dessa forma, fazer uma interpretação que contribui para a avaliação que nós fazemos da mesma sociedade. (...) A segunda é que parte de nossa compreensão do que está sendo dito decorre da nossa capacidade de entender quem está falando. (...) e a compreensão desse fato passa pela compreensão das suas raízes culturais, seu local de moradia e a relação que se mantém com os grupos que acumulam capitais.

Nesse sentido, Silva et al. (2008, p.18) lembram:

(...) que as pesquisas junto a pessoas e grupos socialmente “marginalizados” devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, num conviver, realizando interação com seus membros, confiando e passando confiança. Essa inserção não deve se dar na tentativa de estar no lugar de uma pessoa que já é integrante daquele grupo, mas procurando assumir o lugar de um

integrante, olhando ou procurando olhar os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só acontece quando somos acolhidos e nos dispomos a ser acolhidos. Entrar para compreender, não para julgar, muito menos para pré-julgar. Esta inserção é insuficiente se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar “o que aconteceu no processo?”.

Essas ponderações remetem para a importância dos profissionais estarem atentos, preparados para ouvir, dispostos a compreender, superando os preconceitos que existem em cada um de nós e que acabam por conduzir à distorções na forma de observar as diversas organizações sociais. Assim, trabalhar com os “desqualificados e marginalizados” requer também um esforço de superação individual de cada profissional de forma a aproximar-se, da melhor maneira possível, da realidade desses grupos, de acordo com o interesse específico na temática do lazer.

Assim, considero fundamental que, ao trabalhar com essas populações, o profissional do lazer assuma uma postura de animador cultural, nunca desconsiderando as peculiaridades do seu local de atuação. Assim, mais do que ensinar, esse profissional estaria aprendendo muito em seu *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*.



**BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE**  
(Composição: Milton Nascimento)

*Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade alegria e amor  
Pois não posso  
Não devo  
Não quero  
Viver como toda essa gente  
Insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão  
Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem pra me dar a mão*

## CAPÍTULO 4 – DANDO OUVIDOS AOS SUJEITOS SITUADOS DA PESQUISA

### 4.1 Procedimentos adotados na análise das entrevistas

Considero necessário destacar neste capítulo as entrevistas realizadas e transcritas na íntegra. Isto se fez necessário para que os leitores pudessem compreender um pouco melhor o contexto do projeto na perspectiva dos entrevistados. Ao observar as entrevistas na íntegra, ficam visíveis também outros detalhes e informações, além das unidades de significado que foram por mim selecionadas para criação das categorias de análise.

Explicito que, enquanto procedimentos metodológicos de análise das entrevistas, baseei-me no referencial fenômeno situado (MARTINS e BICUDO, 1989; BICUDO e ESPÓSITO, 1994; GONÇALVES JUNIOR, 2003), assim, após ouvir várias vezes e transcrever rigorosamente os discursos coletados, a pesquisa percorreu as seguintes fases:

- Identificação das unidades de significado: após efetuar diversas leituras das entrevistas, para compreender o sentido do todo, foi realizado o levantamento de asserções que foram significativas para mim, pesquisador, diante do objetivo da pesquisa. Trata-se de um primeiro movimento em busca da essência, em cada um dos discursos (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

(...) como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. (...) as unidades são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. (...) As unidades de significado (...) também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (MARTINS e BICUDO, 1994, p.99).

As unidades de significado estão sublinhadas nas descrições dos sujeitos, sempre seguidas, entre parênteses, de letra maiúscula referente a família (F), aos participantes (P) e aos educadores (E) e número romano para identificar o sujeito entrevistado; após hífen, temos identificação por letra maiúscula (de A à E) da categoria que foi construída com base na unidade de significado, esta identificada com número arábico visando facilitar a visualização da referida unidade, sujeito e categoria na matriz nomotética conforme apresentada no quadro 3.

- Organização das Categorias: ao perceber convergências, divergências ou ainda idiossincrasias nos discursos, foram estabelecidas categorias estruturais e, desta forma, agrupadas às unidades de significado dos discursos em análise sob categorias, objetivando a

busca da essência do fenômeno que se revela ou se manifesta nos depoimentos dos sujeitos, ou seja, a natureza própria daquilo que se interroga. (GONÇALVES JUNIOR, 2003)

- Construção dos Resultados: fase da pesquisa na qual se apresenta uma compreensão do fenômeno interrogado, a partir dos dados organizados na matriz nomotética. (GONÇALVES JUNIOR, 2003)

A seguir, temos as entrevistas transcritas, já com identificação das unidades de significado através de sublinha, agrupadas por familiares, participantes e educadores.

## 4.2 Discursos

### 4.2.1 Discursos dos familiares

#### Discurso I – Vera (Mãe do Marcos)

Ah, eu acho assim que é uma coisa muito boa, pelo menos pro meu filho tem sido. Desde o começo, né? Quando era o campinho ele já participava. Ele sempre gostou. Foi, assim, um jeito dele sair da rua à tarde, né? Que ele estudava de manhã, freqüentava tarde; agora ele também estuda de manhã e freqüenta à tarde. É um jeito assim da criança sair da rua. (FI-D1)

Os professores são muito bom. Eu gosto muito, nunca tive nada contra nenhum dos professor que participou do projeto. E ele gosta muito, né? O importante é isso, que ele gosta. (FI-C2) Nossa, o dia que eu falo que ele não vai, ele até fica bravo, ele gosta muito. Eu acho bom, maravilhoso este projeto! Sempre foi pra mim, sempre foi, desde o começo. Eu... sempre foi bom pras crianças, né? Pelo menos pros meus foi, né?

Eles aprendem muita coisa, aprendem bastante coisa. Tudo que eles faz lá, eles chegam em casa e eles contam. Eu incentivo sempre eles ir. Agora ele tá participando dessa... dessa aula, né? De perna de pau, não sei se já terminou, né? Ele gosta daquele malabarismo com bola, ele gosta. É, ele já foi fazer apresentação lá no centro, né? (FI-A3) Então, o que tenho que falar é isso, tudo foi tudo bom. Eu acho que foi um projeto muito bom que teve aqui no Gonzaga, que tirou muitas crianças que ficava na rua fazendo muita coisa errada. (FI-D4) As crianças, eles sentiu bem à vontade, né? Nesse projeto. Pelos menos todos que fala comigo é assim e eles gostam muito de você (risos). Você vê que eles não... quando você chega, nossa, eles gostam muito. Ah, é isso que eu tenho que falar. (FI-C5) Eu gosto demais do projeto, que eles se dão bem lá.

**Matheus:** Queria acrescentar alguma coisa?

Não... pra mim do jeito que tá, tá bom. Eu gosto das festas, quando é época de festa junina eles participa, né? Vocês incentiva, é natal, dia das crianças, né? Tem que ter alguma coisa pra fazer pras crianças, eu acho isso daí muito bom. Esse bairro nosso é um bairro de muito preconceito, mas tem que ter alguém que faz algo bom pras crianças daqui, né? Que são vocês neste projeto. É bom, muito bom. (FI-C6) O que eu tenho pra falar é isso, que é muito bom mesmo. Tá maravilhoso, do jeito que tá, tá bom mesmo.

## **Discurso II - Teresa (Mãe do Lucas)**

Ah, o projeto é uma coisa que nossa,... foi coisa melhor que aconteceu aqui no bairro, principalmente pras crianças, né? As crianças saem um pouco da rua e o meu filho adora este projeto. (FII-D1) Às vezes ele acorda tarde, que eu não deixo ele entrar tarde, que tem horário pra entrar e horário pra sair, ele fica chorando aqui, ele fica chorando pra ir. Às vezes, ele acorda até antes do horário; abre a janela que dá de frente com o projeto e quer descer até antes do horário, ele adora este projeto, foi a melhor coisa que deveria ter acontecido pras criança aqui no bairro, né? (pausa) Mais? E... também eu... é... minha opinião deveria ter mais coisa, né? É... capoeira, essas coisas, que as crianças gosta aqui do bairro, né? E... é... vôlei... vôlei tem de vez em quando, né? E eu queria perguntar uma coisa pra você, Matheus, que tem uns voluntários que vem à tarde, parece que é dia de quarta e porque que eles não vêm de manhã? (FII-B2)

**Matheus:** “Oh, Viva Vôlei”.

Acho que é. Isso.

**Matheus:** Então, acho que eles têm contrato com a prefeitura de meio período. Mas eu posso passar isso à Maria, pra ela trabalhar com isso na questão da manhã.

E dia de quinta, né? Que eu queria que... que vocês...vocês que são voluntários, né? Queria que vocês viessem direto porque, eles é bom assim... as professoras que fica durante a semana, mas nossa... ele adora vocês, ele adora vocês... hum... porque vocês tem outros compromisso, né? (FII-C3)

**Matheus:** Alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar?

Mas, não vai gravar? E eu... E eu acho uma coisa, legal também, de vez em quando, vocês levar eles pra passear, pro passeio, né? Que, nossa...! Eles gostam muito. (silêncio) Só isso.

**Obs.:** Depois que terminei a entrevista, continuamos conversando na sala sobre o projeto. Perguntei se podia ligar o gravador e ela consentiu.

Porque o projeto é muito bom pras crianças, que tira as crianças da rua, né? Porque as crianças ficam muito na rua, aqui no Gonzaga e poderia ter alguma coisa entre sábado e domingo porque as crianças ficam sem fazer nada. Às vezes o Lucas confunde... amanhã é sábado... amanhã é sábado e ele pensa “ah mãe, eu vou pro projeto” e eu falo “ah, mas hoje não tem, Lucas, hoje é sábado”. Uma vez ele se arrumou e ia descer de dia de sábado e eu falei “Não Lucas, é... o projeto só é de segunda a sexta”, aí ele fica de final de semana: “Ah, não tem nada pra fazer mãe, não tem nada”. Aí, as crianças ficam tudo aí na rua, no sol, soltando pipa porque, de segunda à sexta, eles tem alguma coisa pra fazer, né? Ir pro projeto.

Porque a quadra fica fechada, né? De final de semana, né? E tem até criança que passa ali por debaixo, pra poder ir pro parquinho, brinca uma bola, porque não tem nada pra fazer aqui no final de semana pras crianças, não tem nada... e a quadra fica fechada... porque se tem é... alguma pessoa pra dar alguma atividade, eles abrem a quadra, né? Os meninos ficam com a chave, né? Mas, se não tem, não vão deixar as criança lá sozinha, vai que machuca, quebra alguma coisa, né? Tem que ter alguém pra olhar, né? Tem que ter alguém pra olhar as crianças. (FII-D4)

**Matheus:** E o que ele aprende e ensina no projeto?

Ah, ele não... o que ele aprendeu no projeto também, aprendeu a rezar, porque ele não sabia e eu achava que ele não sabia rezar e uma vez eu fui ensinar ele e ele falou “mãe, eu já sei, que lá no centro comunitário, antes da refeição, a gente reza”. E eu achava que ele não sabia rezar e agora ele já sabe. Foi no projeto que ele aprendeu também a rezar. E aprende a... é... se envolve com outras crianças e aprende também a respeitar mais, né? Assim... uns aos outros, né? Porque criança tem que conviver com outra criança, né? Com outras crianças, né? (FII-A5) (choros de um bebê). Se Deus quiser, este aqui também vai pro projeto junto com o irmão... tá com seis meses... vai demorar um pouquinho. Só isso.

### **Discurso III – Larissa (mãe do Rafael)**

O que é o projeto pra mim? O projeto pra mim foi... pareceu uma melhor... uma melhor, como que fala assim... uma melhor oportunidade, porque o Rafael gostava mais mesmo de ficar na rua, e sair pra escola... dava o que fazer pra achar ele, que ele sumia, agora,

com o projeto lá perto de casa, é mais fácil ele tá aí. Se dá o horário da escola eu sei onde encontrar ele. (FIII-D1) O projeto pra mim pareceu uma melhor maneira, pra mim foi bom.

Desde o início eu não gostava, quando era lá na Chacrinha, que eu tinha medo por causa da piscina, porque ele é teimoso e como eu falava pra ele não pular, tinha vez que ele queria pular. Então, na Chacrinha, eu não gostei não, por causa da piscina mesmo. E no campo também, uma parte foi ruim por causa desse sol quente, lembra? No começo, a turma quando ficava aí... agora não, tem a quadra, tem o campinho, agora assim é... tá bem feito aí... oportunidade boa pras crianças (FIII-B2) (silêncio) hum... até eu lembrar agora (risos) hum... difícil hein, Matheus? E agora?

**Matheus:** Você quer falar alguma coisa mais sobre o projeto?

Ah eu não vou falar mais nada porque todo mundo ali eu gosto e o Rafael quer ir mais nos dias que você vai, porque os dias que você não vai, é muito difícil ele ir, mas ele vai mesmo é os dias que você tá lá. Às vezes, eu cubro ele de manhã, acordo ele, falo “vai lá Rafael, pro projeto!” e ele fala “ah hoje não, hoje não é dia do Matheus”...ele só vai mesmo nos dias que você tá...acho que a Maria pega mais em cima, né? Então, ele fica mais com medo. (FIII-C3) A Denise que eu não eu não tenho visto aí, muito difícil ela ir, né? Ela gosta mais de ficar em casa... vamos ver... se ela mete a cara no serviço já pra num... aprendendo muita coisa no mundo que não presta.

#### **Discurso IV – Lúcia (Avó da Juliana)**

Ah, o projeto é tudo, né? É tudo porque as crianças tem onde ficar, porque se não tivesse projeto, eles ficava pra rua, porque as mãe trabalham, outras não tem quem fica com eles, então ia deixar pra rua, e aqui no projeto eles tem onde ficar o dia inteiro... (FIV-D1) é... do almoço... a meio dia é o horário de quem vai na escola de manhã e quem vai na escola de tarde, é outro horário pra outro ficar, que nem os meus mesmo fica. Tem uns que vai de manhã até onze horas e depois das onze horas ao meio dia é os outros que vem na escola e vão ficar ali, né?

Então o projeto é bom demais pras crianças e pra gente, porque tem quem olha, que fica junto com as pessoa, os professor, vê que eles não tão sozinhos, eles não tem onde bagunçar, e tando dentro de casa, aí uma hora tá dentro de casa, outra hora tá pra rua. Você não vê o que eles faz quando não tá dentro de casa, não tá sabendo que tá pra rua e você não vê, quer dizer que então, é ótimo, é ótimo o projeto, pra nós aqui do Gonzaga é... que que eu posso falar? Tudo de bão, né? (FIV-D2) Porque lá tanto eles comem, né? Tanto eles comem

como tem professor. (FIV-E3) O professor ensina pra eles também, eles vão na escola, vão... e quando vem tem aí a escola também, quer dizer que nada de ruim não tenho que falar do projeto não (FIV-C4). Se as mães que acham que não tá bom, então aí é paciência, né? Porque elas tem que querer agradecer muito a Deus e vocês do projeto, primeiramente a Deus, né? É isso... porque eles comem, eles bebem, eles tem onde ficar. Você quer melhor que isso, pra que? Acho que tá ótimo. Agradeço mesmo, agradeço o Newton Lima que fez isso aí, o governo que fez, que ajudou, tá ajudando os pobres, né? Porque muitos não têm nem o que comer, e ali tem. (FIV-E5) Quantos ficavam aí para rua, agora tem onde ficar, eu acho bom demais. A única coisa que posso falar é isso aí. (FIV-D6)

**Matheus:** Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o projeto?

Ah, o que eu tenho que falar, falei... que eles ficam o dia, eles comem, eles brincam, então, que eu posso falar mais? Agradecer aos professor que ajuda, né? (FIV-E7) É isso aí... se tem mais alguma coisa que eu não lembro, eu não sei, mas eu tenho na minha cabeça isso daí... Não é verdade? Não porque se vê, que nem agora já tem um ali, tá lá, o outro hoje não foi porque tava indo lá, indo na biblioteca e sei que depois ele vai. Se eu não tenho ali, eles vão aonde? Pra rua, que eu não guento segurar tudo aqui dentro. A mãe trabalha, o pai trabalha, e eu segura eles aqui não dá... pra mim, ali é bom demais por isso... “aí vó, vou lá no campinho”... “vai”... eles falam campinho, porque joga tudo ali, né? Vai, eu sei que tá ali, tá seguro, porque se fosse pra outro lugar, eu não podia falar vai. Eu sei lá o que eles iam fazer por aí sozinhos, né? E ali já tem os professor tudo, né? (FIV-D8) Fico sossegada de fica em casa fazendo meu serviço. Você, também agradeço muito vocês terem ficado ali. (FIV-C9) Tudo de bom que eu podia falar, já falei. (silêncio) Graças a Deus, vocês fizeram essa construção aí para recolher os muleque, os muleque, as menina, de noite os rapazes que jogam... é bom pra todos eles, né? Trabalham durante o dia... outra hora ficam se divertindo aí ó... passa a noite, a noite não, passa a hora, né? Porque a noite não... quando é dez, dez e meia eles vem embora, mas pra todos eles, né? Uma diversão pra eles aí. (FIV-D10) E a mãe também trabalha sossegada, né? Ela sai cedo, que ela sabe que eles fica aí, depois daí já vai para escola, ficar o dia inteiro ocupado. Vai de manhã na escola, de tarde passa aí, os que vai de tarde, de manhã passa aí e fica aí, né? Não é verdade? É isso aí... (FIV-D11) o que eu posso falar pra você é isso aí, graças a Deus. Tudo de bom que eu posso falar é isso aí, porque de ruim não tem nada, graças a Deus não tem nada. Pelos menos pro nosso lado, não.

A paciência de vocês com as criança, né? (risos) Paciência, tem que ter muita paciência com essas criança. Eles são terríveis, eles são, não tem um nem outro, é tudo eles,

né? Mas tão no caminho certo, se comportam, não é verdade? E eles gostam muito de vocês também, professora, professor, tudo eles gostam. Se tem mais alguma coisa pra mim falar que eu não lembro, me perdoa, mas... tudo de bom, porque é tudo de bom... é mérito, é tudo... não tenho queixa de ninguém, todos são tudo muito bom, pra gente que é adulto, pras crianças. (risos) Acho que tá bom, né? (FIV-C12) Falar coisa de mais é ruim, né? (risos)

É o que eu to dizendo, é tudo de bom, tudo, se antes não tinha, as mulecada vivia pra rua. Você vê aquele campinho que era de terra, quem segurava aqueles muleque lá? Ninguém, não dava. E agora, entra ali e encontra um fulano, você sabe que tá ali. (FIV-D13) É você que é o Matheus. Eu não sei o nome de todos. Tem a Maria, mas a outra que eu não sei o nome mais, mas tá muito bom, demais, graças a Deus. Eu gosto muito da Maria e as crianças gostam demais, né? Principalmente aqui de casa, a Ariadne, o Gabriel, o Julian, a Juliana, todos eles gostam da Maria, de você, da Maria e da outra que eu não lembro o nome, graças a Deus. (FIV-C14)

No tempo que ia pra chacinha, vinha, tava sempre contente, ia dando risada, voltava contando. Podia voltar o tempo de ir nessa chacinha também. Onde está o campinho aqui e lá pra chacinha, né? Vão vê se é bom... mas que era bom... tudo que faz em volta aqui da favela, é bom demais, (FIV-B15) que nem segura as crianças, as mãe fica sossegada. Quem trabalha, tem que trabalhar, ou pensando, se pensar tem que ir, então trabalha sossegada, sem pensar nada, sabe que tá aí dentro. Que nem passarinho. Que nem essas rolinhas e as andorinha, não sai fazendo verão? Igual as mãe que vai trabalhar, sai livre, sossegada. Tem a creche, sai pega na creche, fica na creche, quando não fica aí, pega aí... tá bom, tá ótimo, né?

E eles gostando e você gostando deles, você, as professora, vê combina bem, né? Dá pra combinar sossegado. Se eles não tiverem educação, é só falar que a gente educa eles. Tá bom demais Marcelo. É Marcelo, né? Matheus, né? Tá bom demais, graças a Deus. Porque a gente cumpre dentro de casa o dia inteiro, tanto eles ficam irritados, como estressa, porque fica fazendo bagunça, arte, chorando, brigando, né? Assim não, né? (silêncio) Pois é perto pra gente ficar junto com eles, né? É perto da minha casa, é perto aí. Eu não deixo ficar malcriado, tem que respeitar o professor, as professoras, tudo, né? Tem que respeitar. Como respeita os pais, tem que respeitar os professores, porque tem criança que não respeita. Aqui eu quero que respeita. Não é verdade? Já que é professor, é pra ser respeitado, não é? Porque, quando tá doente acode, quando tá com fome acode. Graças a Deus! (FIV-A16)

Depois que vocês puseram isso aí, ficou bom demais, viu? Ficou mesmo. (FIV-B17) Que nem eu que sou Vó, fico aqui sossegada, “onde você vai?”, “vou lá no



campinho”. Já sei que tá lá, não tem que ir atrás, indo atrás, fica tudo junto, tudo junto aos professores, graças a Deus. Se continuar assim, tá bom demais... tomara que nunca saia daí, não tire ninguém daí. Já faz tempo, quero continuá junto até morrer. (risos) Enquanto nós tiver vivo, tamo tudo junto. Graças a Deus. (FIV-C18) Deus te abençoe, vocês professores. Deus te abençoe mesmo. Falei bastante, para o meu tamanho falei bastante. Vocês tomam conta demais das crianças, tando aí eles tão sossegado e a gente também tá. Eles respeitam, eles quer bem, recebendo educação, o principal é isso, né? Ótimo, ótimo, bom mesmo. (FIV-C19) Minha mensagem pra você é essa aí. A hora que precisar, estamos aqui. (risos) O que posso ajudar, to ajudando. A vez que vocês achar que precisa de novo, estamos aqui. Se Deus quiser. Primeiramente, eu ponho Deus na frente, porque ele toma conta de tudo. É isso aí. Graças a Deus... Conversando que se entende.

#### 4.2.2 Discursos dos participantes

##### Discurso I - Marcos

Aí travou. Importante, que ele dá mais educação, tem cada mais brincadeira, quanto mais gente, fica mais bão. Igual teve ontem, como você foi o árbitro no jogo, e também muitas coisas diferente, fazer... nos passeios também, como no buracão, fazendo a... e lá no buracão pra brinca, fazer piquenique. Caminhar também lá e fazer muitas outras coisas também, como fazer brincadeira, jogar queima. (PI-A1)

Aí mudou, nós foi pra Chacrinha, nós brincamo, nós brincava lá de pega-pega, esconde-esconde, também o futebol, também nadava. A brincadeira que nós brincava lá mais era esconde-esconde. Aí, até construir a quadra. Aí construiu a quadra, aí nós veio pra cá, brincamos de outras coisas mais legal. (silêncio) Foi muito bom participar também das coisas. Eu participo da aula de educação circense, é... malabarismo, trapézio, perna de pau, outras coisas também como acrobacia, pular corda, parada de mão, mortal e... outras coisas também legal na aula. Aí outro dia é mais legal ainda, aí começa tudo de novo, como nós vai brincando de bola, participando das brincadeiras, jogando queima, hum... e vôlei também, é pega-pega ajuda, duro-mole americano, é... esconde-esconde e outras brincadeiras. (PI-A2)

Quando de quinta-feira, o Matheus, né? Ele vem aí ele manda nós sentar. Como ontem, na quinta-feira, lá no fim da aula, teve surpresa pros aniversariantes de junho, julho e agosto, teve... teve um monte de coisa legal. Ontem também teve bexiga, teve futebol, também outras coisas que não lembro mais. Sexta-feira, quando vem a Talita e a Amanda,

nóis brinca de queima na primeira aula, na segunda aula é de futebol, depois é pega-pega, depois é mãe-da-rua e vai indo. (PI-A3)

**Matheus:** O que mais você queria acrescentar sobre o projeto?

Obedecer à regra. Obedecer à regra é obedecer à professora, não subir lá em cima aonde o lugar, não pode subir lá e também a professora chamava participar de queima, a gente tinha que ir. Se quebrar a regra, fica de suspensão uma semana, duas e, por assim em diante. (PI-A4) Ai, não sei mais o que dizer.

Segunda e quarta é a minha aula de arte circense e, de quinta, vem o Matheus, de terça... de segunda, terça, quarta, quinta, sexta vem as professora, trazendo mais coisa, como o pessoal do vôlei, né? De quarta-feira, vem aqueles do Viva Vôlei e da... vem os deficientes, né? Vem o Yuri, vem a... é um gordinho assim, ele vem... também tem as professora do vôlei também e tem um professor. (silêncio) (PI-A5) Ai, não sei mais.

Quando era o campinho, vinha o Adônis e a Maria e o Matheus. Aí nós brincava lá, formava uma roda, nós brincava lá, tinha uns barranquinho também lá, não tinha brinquedo; aí nós brincava de muitas brincadeiras legais como corre-cutia, pular corda, fazia um monte de coisa. (PI-A6) Aí mudou, nós foi pra Chacrinha, como eu disse, aí o Adônis vinha e a Maria também e o Matheus; aí, nós ia lá catar jabuticaba quando era época, abacate também. (PI-E7) Agora nós tamo no projeto da ECO, né? Com outras professoras, outras professora, Viva Vôlei, arte circense... acabou.

## **Discurso II - Lucas**

Ah... (silêncio) porque eu gosto do projeto... eu... eu... eu aprendo muito, eu... eu brinco. Ah! Eu brinco... Ah, eu brinco de fica soltando pipa, de sacolinha, fico brincando de bola. Hoje eu brinquei de vareta, o pau e a linha, assim, aí tem que cortar as crianças com a linha e só. (PII-A1)

## **Discurso III - Rafael**

Bom, aprende... quando você vem de quinta, nós joga bola, nós passeia. (PIII-A1) Ir lá no centro comunitário, come. (PIII-E2) Espera aí Matheus tem mais ainda. Na Chacrinha. Nesse dia, Matheus, quando nós fomo lá, sabe filho do Chitão, ele catou um saquinho, foi encher de água, ele caiu lá dentro, aí eu mergulhei pra catar ele, ele não sabia

nadar, lá dentro da piscina da chacinha, lá. Agora, quando cai pipa lá, eu vou lá todo dia e pulo e cato. Tem cachorro, Matheus, agora, um pitbull, o homem... e agora?

**Matheus:** Você quer falar alguma coisa mais sobre o projeto?

Ah Matheus! era mai bão quando tinha o campo, né? Não era pra ter essa quadra aí, porque a molecada de noite aí não joga, só de dia... nós chega da escola umas 5:30h, aí, quando nós vem de noite, eles não deixa nós jogar. (PIII-B3) Agora acabou, Matheus. É legal vim aqui no projeto.

Ele não falou, o Lucas? Cadê o do Lucas? Ah aqui tá escrito Teresa, você fez entrevista dela também? Ah... eu não sei mais.

#### **Discurso IV - Juliana**

O projeto pra mim... eu acho assim, que também aqui no Centro Comunitário, aqui da ECO. É muito bom pras crianças sim porque, você veja, antes as crianças ficava na rua, ficava pegando barreira, barreira do caminhão, né? E agora tem o projeto, né? (PIV-D1) Porque também ajuda a fazer as coisas, ensina as coisas (PIV-A2), tem o professor, as professora da... ah... aquelas professoras que faz as coisas com eles, vários tipos de coisas com eles, né? E também tem o Matheus que ele vem e traz as brincadeiras e as crianças se diverte muito e depois só toma banho e vai pra escola. (PIV-C3) Porque antes, ficava na rua, não tinha o que fazer, sabe, ficava só soltando pipa e era muito ruim; as mães agora gosta porque fica lá no projeto, depois vem pra casa e é muito bom. (PIV-D4)

E na chacinha... porque antes era só um campo cheio sabe, um campo só vazio e era a Maria e o Adônis, e eles traziam só corda e a gente ficava pulando corda no sol, né? O dia inteiro. Era pouquinha gente porque não tinha lanche, não tinha nada e quase ninguém queria vir, né? (PIV-E5) Aí depois que foi, a gente fomo pra chacinha. Aí, lá era muito legal lá porque lá tinha árvore, a gente podia subir, tinha muita... tinha árvore de jabuticaba, a gente podia subir pra comer, tinha pé de manga que tinham muitas mangas, tinha vários tipos de pé de fruta assim (PIV-E6), tinha uma quadra de areia que a gente podia por a rede pra jogar vôlei, né? E tinha... tinha uma casinha que tinha... tinha... que podia fazer muitas atividades, também no dia das crianças cada um ganhou o seu presente, né? Podia ir na salinha escolher, foi muito legal porque assim ó... as crianças querendo escolher o seu presente, né?

Também... vamo ver mais alguma coisa, ah tinha também as professoras que era muito legal da chacinha também, né? Tinha a Mônica, que ia antes, agora não sei, né?

Acho que tá fazendo faculdade, né? Tinha o Adônis, que era muito legal também, que as crianças gostava bastante dele, o Matheus... ah um monte de gente. (PIV-C7)

Aí, a gente passamo pra... agora pro centro comunitário, né? Aí, tá melhor aí do que antes no... naquele campo vazio, né? Que não vinha quase criança nenhuma, né? Agora ficou bem melhor porque, porque antes, né? (PIV-B8) A gente... sabe... ficava jogado, não tinha nada pra fazer, as mães deixava as crianças pra rua, iam trabalhar e deixava pra rua, né? Ficava só bagunçando no meio da rua. (PIV-D9) Agora ficou bem melhor porque as criança lancha, depois vem, toma banho e vai pra escola. (PIV-E10) Então, é muito melhor, pra mim eu acho assim. (silêncio)

No centro comunitário, não vou falar que era muito legal, porque não era tão grande assim pras criança brincar; tinha pouquinho espaço pra nós brincar assim, mas era legal também, né? Tinha a quadra de areia também, mas, muitas vezes, os muleque que jogava futebol, né? Então, a gente nem brincava. Aí, tinha lá trás que a gente brincava de pega-pega, esconde-esconde, e, toda quinta, o Matheus também faz assim, a gente faz uma roda de conversa e vê o que que você quer brincar semana que vem, quinta-feira que vem e, aí, a gente escolhe, né? Porque têm outros que não quer um, outros quer outro e a aí concorda todo mundo junto. Tem dia que quer vôlei, tem dia que quer futebol. Então a gente concorda tudo, né? (PIV-A11) (pausa) Aí, era pouco espaço, né? Mas agora, a gente mudamo pra cá, tá maior, né?

Mas eu prefiro a chacinha porque a chacinha era muito legal; não tem lugar mais legal que lá. (PIV-B12) A única coisa que era ruim, né? É que a gente tinha que subir pra chacinha e tinha uma rua movimentada e as crianças... era muito perigoso pras crianças, né? E, de vez em quando as criança ia sozinha, né? Tinha... também, né? Era ruim, porque tinha um moço que ele dava sabe, coisa vencida pras crianças e as crianças tudo pegava sabe. Até a Maria pegou e pegou um saco preto e colocou tudo as coisa que deu vencida, né? Ninguém queria dar sabe, tudo mundo queria pegar as bolacha, só que tava tudo vencido, né? As crianças não queria dar. A Maria pegou o saco inteiro e foi lá reclamar com o homem, né? Que tava dando coisa vencida, né? E as crianças tudo querendo levar as coisa embora, né?

A Maria também, a Maria foi, a Maria que ajudou a fazer as coisas, né? Ah... ajudou a aumentar o projeto, né? Porque, antes, vinha pouquinho pessoa, a Maria que tá ajudando, né? O Fabiano, o Fabiano que ele é muito legal também, né? Ele vem no projeto, ele brinca com as crianças, as criança pula nele, ele é muito legal. O Luiz também, ele tem várias brincadeiras, tem um professor de dama, que dá dama pra nós de terça-feira, tem o

Victor que agora também tá vindo com... antes, ele não vinha, mas agora ele tá vindo; também ele é muito legal, as crianças gosta bastante dele. (PIV-C13)

Ah! Têm várias coisas, né? Que a gente pode brincar lá. A gente pode brincar de pega-pega. (PIV-A14) Única coisa que não pode subir é lá pra cima, né? Porque as criança fica querendo subir lá pra num morro assim que tem pra cima, né? E a Maria fica brava, né? Aí, tem as professora do Anime-se que elas faz várias brincadeiras na salinha. Elas traz roupa, sabe, pras criança se vestir, fazer teatro, fazer várias coisas e é muito legal, eu gosto. E tem a professora que traz, que traz massinha pra gente brincar, eu gostei muito dali. (PIV-C15) Só, muito legal.

**Matheus:** Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre o projeto?

Mais alguma coisa... Ah...! do passeio do buracão também. A gente fomo no passeio no buracão, né? A primeira vez que eu fui, fiquei com muito medo, né? Porque, sabe... muitos buracos assim, né? Os muleque ia assim e deixava tudo as menina pra trás, né? A primeira vez eu fui com o Adônis, todo dia a gente ia, né? Mas, na hora que chega lá, tem um campão assim e um monte de árvore pra você pular, tem uma subidona que você pode escorregar, assim, né? É muito legal só que a gente tem que passar por um monte de lugar, um monte de árvore, um monte de... tem um rio lá sujo também que dá medo de cair dentro. (PIV-A16) Aí, a gente ia todo dia, né? Aí, depois a gente paramo de ir porque o Adônis saiu de lá, foi pra outro lugar, pra outra cidade e entrou outros professores e a gente... e, agora que a gente tá indo, agora que a gente foi... faz pouco... faz tempinho já que a gente foi, né Matheus? A gente foi, foi muito legal. Assim... tem que ser em grupo, né? Porque um tem que ajudar o outro a subir, né? Porque as crianças também... tive que... ah... a minha mãe não queria que a minha irmã fosse porque ela é muito pequenininha, né? Ficou com medo de ela cair lá, né? E eu também, eu tinha que... eu sou de manhã e ela de tarde, então não tem como eu levar ela, mas assim, o máximo que eu pude, ajudei as crianças mais pequena, né? Porque aquele rio, se cair lá, se suja tudo, tem muitas crianças que foi pra longe, foi escorregar no cipó, que é muito legal, tinha uns cipó que a gente balançava, né? Tinha muitas coisas pra gente brincar lá, muito legal. Tinha uma árvore e a gente fez um piquenique embaixo da árvore, né? E aí foi muito legal, porque cada um levou um pouco do seu lanche e todo mundo repartiu. (PIV-A17)

E também o passeio da UFSCar, que a gente fomo, que foi muito legal também, sabe? A gente fomo no restaurante, primeiro nós fomo nadar, aí fomo na piscina, nós nadamos na piscina. Aí foi todo mundo assim, ajudando o outro pro pequeno não afogar, né? E, depois, a gente saiu da piscina, né? E aí nós ficamo vendo sabe... vendo tudo lá por lá, né?

A gente viu uma quadra de vôlei, né? Vimo aquele rio que tem, assim, lá, e depois a gente fomo pro restaurante, né? A comida de lá é muito boa, que nós comemo, aí depois nós voltamo e aí nós tivemos várias coisas, nós brincamos. Tinha uns que foi no pé de goiaba pegar goiaba, e várias coisas que a gente fez lá, tinha bastante coisa pra fazer também lá. (PIV-A18)

Aí depois é... só... que mais? Ah... teve um passeio que a gente fomo, mas não foi todo mundo. Acho que foi quatro pessoas, né Matheus? A gente fomo ver os índios. Foi quatro ou cinco pessoas, né? Mas foi bem mais legal, a gente viu uma dança, né? Muito legal também. A dança que fazia com o pé, fazia bastante coisa, né? (PIV-A19) Só que nem todos foram, né? Foram três ou quatro pessoas só, né? Porque uns não gostam, outros não foi porque não quis, né? E também... que mais? Nós fizemos a festa junina e dançamo o hip-hop na festa junina. Aí o Matheus também combinou de levar nós no... comer o lanche, né? Aí todo mundo queria ir do projeto, né? Mas o Matheus já tinha combinado que só ia quem dançou, mas ninguém queria levar a sério, todo mundo queria só dançar e fica brincando. Mas aí, depois o Matheus falou “se tivesse todo mundo dançado, ia levar todo mundo, mas ninguém quis dançar”, só foi, acho que umas doze pessoas, e aí ele levou nós doze; só sei que foi muito legal também. A gente se divertimo bastante, né? Só isso, fizemo um monte de coisa lá também. A gente brincamo, a Maria ficou assim com o volante assim também... ela ficou pra lá e pra cá com o volante e foi muito legal porque as crianças viu o Matheus fazendo, né? E aí quer que a Maria também faz, né? Aí, o Pereira pediu pra Maria fazer, aí a Maria fez.

Ah e também tem assim, as professora, a Talita e a Karina, que elas são muito legais, antes era a Diná, né? Ano passado era a Diná. Aí, a Diná saiu. Agora, a Talita e a Karina... se eu... assim... elas tão fazendo bastante o esforço delas, porque as crianças sabe... de vez em quando não obedece, né? E também elas podia tá em outro lugar, podia tá que nem... podia tá em escola particular e, não, elas vem aqui ajudar o Jardim Gonzaga. Então elas podiam tá em outro lugar também, né? E aqui, as crianças são mais rebeldes, né? Então, aí briga, só que elas agüenta, né? Porque se fosse outra pessoa, já tinha pedido a conta e já tinha ido embora, né? E elas são muito legal, dá jogo, dá bola, tem bastante brinquedo pras crianças brincar, tem areia, tem o parquinho lá que, de vez em quando, não pode brincar que tá molhado, né? Mas, assim já é muito legal também. (PIV-C20) Gostei muito do projeto, né? Tomara que cresça cada dia mais, né? Só.

**Matheus:** Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa, quando o professor vem às quintas-feiras?

Então, a gente, no dia do Matheus e do Fabiano e do Victor, a gente... o Matheus chega e todo mundo vai correndo pra cima dele, né? Todo mundo vai correndo, quer montar no cavalinho, montar de tudo, né? (PIV-C21) Aí vem. Aí nós senta e faz uma roda, né? E aí o Matheus pergunta, né? Que que a gente vai fazer hoje, né? Tem uns que lembra, tem uns que não lembra. Porque, quinta-feira que nem quinta-feira passada, aí gente conversa o que vai fazer quinta-feira; aí chega quinta-feira e tem que lembrar o que pediu pra fazer, né? Aí, a gente faz do começo, de vez em quando a gente faz mãe da rua, de vez em quando a gente faz pega-pega, né? Cada dia tem que ter uma brincadeira, né? Não adianta só vôlei, só futebol, porque os muleque só quer futebol, só futebol, mas cada dia tem que ter uma brincadeira. (PIV-A22)

Aí, depois a gente também fica um pouco no Anime-se. Aí, depois vai um pouco com o Matheus; as crianças mais pequena quer ficar no Anime-se fazendo brincadeira, massinha, se trocando com roupa e os grandes quer ficar com o Matheus. Aí o Matheus, o Fabiano, o Fabiano também as crianças quer montar nele, quer subir nele, quer mexer no cabelo dele, quer fazer tudo nele, né? (PIV-C23) Aí eles pegam, brincam, né? O Matheus faz que nem as brincadeira quem quiser pode fazer, né? Não tendo machucando assim, pode brincar, né? E cada um faz a brincadeira que quer. As meninas, de vez em quando, pega brinquedo pra brincar. Aí, depois no final, a gente vai, toma, a gente antes de toma o lanche, a gente pega, senta num caracol que tem assim no centro comunitário, todo mundo senta e fica conversando, né? De que quer brincar, né? Semana que vem, e todo mundo concorda, né? Porque tem uns que quer futebol, aí brinca um pouquinho de futebol. Uns quer pega-pega, aí brinca um pouquinho de pega-pega e todo mundo brinca do que quer, né? (PIV-A24)

E também.... assim também... num dia que cai dia dos aniversariante, né? Que foi ontem também. Todo mês tem uma festinha pros aniversariantes, né? E aí, comemora o aniversário de todo mundo, né? Não dá pra dar presente pra todo mundo porque se for dar pra todo mundo não tem como, né? Que nem dá no Natal, Dia das Crianças, agora no dia do aniversário não tem como, né? Porque se não tem que dar pra um, tem que dar pra outro também, né? Aí a gente... eles faz um bolo pras crianças, as crianças comem (PIV-E25) e vai lá e canta parabéns, porque tem muitas criança que é pobre e a mãe não tem como fazer um bolinho no aniversário e o projeto pode dar um bolo, né? Porque as crianças ficam muito feliz, né? Com o bolinho que eles ganha lá, né? Porque tem criança... que nem a mãe não tem dinheiro nem pra comprar um bolo, vai no projeto, no aniversário e eles ganha um bolo, mesmo que não é de casa, mas é uma festinha, né? Como uma festinha, né? Criança que nunca teve uma festinha, isso pra ele já é uma festona pra eles, né?

E o Matheus também tem ajudado muito, né? Porque ele que corre atrás dos brinquedo pra dar pras criança, das doação pras criança e também os passeio, né? Que, no final do ano, não sei... acho que a gente vai, eles vão pra UFSCar, né? E vai ter vários outros passeios também, né? Que o Matheus tava falando que queria ver a TAM, né? A TAM, né? Ver os avião... e ele tava combinando com as professora, né? Pra ver se arruma tudo, né? Ver se arruma um ônibus, tudo, né?

Tem as professora da tarde também, que eu não conheço quase todas. Mas eu conheço a Amanda, que ela também é muito legal também a Amanda... ela faz mais brincadeira, ela é mais assim ó, ela traz presente pras crianças de tarde, pras pequenininha. Todo dia minha irmã vem com alguma coisa, ou ela deu uma faixa ou ela dá chiclete, ou ela dá bala, mas todo dia ela tem que dar uma coisa pras criança pequena, né? Também tem o Viva Vôlei, eles tem um negócio com a Toalhas São Carlos e eles dá toalha, né? Pras criança. Dá toalha, toalhinha e todo dia assim eles traz alguma coisa pras criança, ou traz lanche, ovo de páscoa. No Natal, perto do Natal, eles traz um presente, que nem... faz tempo já, eles trouxe um saquinho de presente pra cada criança que faz o Viva Vôlei, né? E tinha criança que ficava revoltada porque eles não trouxeram pra elas. Mesma coisa do lanche que ele falou: “quem participasse do projeto inteiro, ele ia dar o presente pra todo mundo também, né?” É isso aí, que mais? Vamos ver. (pausa)

O Matheus também, ele assim, ele gasta a vida dele assim também que nem ele podia tá com a namorada dele, podia estar com os parentes dele, mas não, ele vem aqui ajudar as crianças, que aqui é um bairro carente, né? (PIV-C26) As crianças não tem assim um presente, a mãe não tem como comprar um presente pra criança, né? E chega no Natal, a criança ganha um carrinho, e já fica alegre, né? Porque tem muitas crianças que tem dinheiro, ganha um carrinho e não quer, né? Quer um vídeo-game, um computador, né? E as crianças daqui se contenta, né? Se ajudasse todo mundo... é ... só isso mesmo, vamos ver o que mais. (pausa)

Ah, também tem os funcionários que é muito legal... tem a Maria Eduarda que limpa lá, né? Que limpa. Tem (silêncio) o Marcão também, tem o Miranda que olha de vez em quando, mas ele mais fica no posto. (PIV-C27) Tem o posto também, que a gente não pode fazer muito barulho, porque tá tendo consulta, né? E tem uma quadra que a gente pode jogar, uma quadra de vôlei, uma quadra de salão e tem a outra que é de mato, assim, aquela grama assim, né? E aí, tem um monte de espaço pra gente brincar, um monte de mesinha pra desenhar. As professora dá bastante desenho pra gente pintar, pra fazer no dia dos pais, no dia



das mães faz um desenho, né? (PIV-A28) Assim... não tem dinheiro pra comprar o presente pras mãe e pro pai, né? Mas, o cartão que dá, já tá bom, né?

Tem muitas coisas que a gente faz lá também, né? Que as criança gosta muito, né? Tem uns lá que já não quer fazer nada, só quer jogar futebol. Ah também... podia... assim ter, né? Não sei se as crianças gosta muito é... uma cesta de basquete pras crianças ficar jogando basquete, né? Tem muita criança que quer jogar basquete, né? Mas... muita criança assim não, né? Os mais grandes, porque criança não vai conseguir acertar a cesta, né? As crianças também gosta bastante de brinca com os brinquedo que agora tá acabando, né? Tem uns que levam embora e não traz, né? E também assim... a criança assim... tem gente que leva mais pequenininho e fica chorando; as brigas também, assim, agora tá melhor, porque antes era pior, né? Ficava na rua e só brigava, ia pro projeto e brigava. Tem uns que chegava só na hora de comer. Agora tá acabando isso daí, né? (PIV-A29) Porque agora é... antes a gente tinha que subir lá no centro comunitário, né? E aí eles iam jogando as coisas, né? E agora não, é aqui agora, né? Conseguimos lanche pra aqui (PIV-E30) e eles vai aí e depois eles vão embora, joga as coisa tudo no lixo e é muito legal também, a gente pode fazer o que quiser mesmo fazendo menos bagunça, né? E é bem melhor, gostei muito daqui, só. (PIV-B31) Tá bom Matheus?

Da chacinha, a única coisa que não gostava era subir, né? aquela rua que é muito movimentada aquela rua, aqui, aqui também, no centro comunitário é ruim, porque assim, antes a gente tinha que subir e todo mundo que vinha subindo, queria ir junto e chegava lá, via os outros comendo e não podia deixar eles ficar com vontade e deixava eles entrar e todo mundo que não ia no projeto entrava; chegava tarde e entrava, aí agora é ali, a professora já sabe e deixa entrar só quem é dali e também porque ali é aberto, por causa do posto, não tem como fechar o portão só pra quem é. Porque, se fechar, como que as pessoa do posto vai entrar? Então, se a gente faz uma festa, aí as crianças que não é do projeto quer vir, um espalha pro outro “ah vai ter festa!”, então tem que ser segredo, secreto... só pra quem é do projeto, mas não falar pra ninguém, ninguém sabe. Só na hora, fecha a porta, faz pra todas as crianças lá e ninguém fala pra ninguém, né? Aí traz um pedaço de bolo, né? Se sobrasse, né? Um pedaço de bolo pra mãe... ah... só isso mesmo que tenho pra falar. Gostei muito, agradecer vocês também, né? Porque, se não fossem vocês, a gente não tinha nem o projeto, né? As crianças tariam aí pra rua. (PIV-D32) Só isso.

#### 4.2.3 Discursos dos educadores

## Discurso I – Maria (Supervisora da ECO)

Ah...o projeto é tudo, né? É... dá a oportunidade de crianças, né? a...a... utilizar o lazer, né? Como forma de integração social, trabalhar o conhecimento de si, né? E também conseguir trabalhar coletivamente um com o outro, respeitando, respeitando o colega, respeitando os professores, funcionários, né? (EI-A1) E, nessa oportunidade deles estar assim fazendo um projeto, saindo da rua... é... vejo tudo de bom, né? (EI-D2) Que aí... tem aquela coisa... no período contrário ao da escola, eles vem no projeto e a gente tá com este projeto desde 2002, né? E é fascínio, desde 2002 eu tenho fascínio pelas crianças. É uma turminha difícil de trabalhar, é, né? Mas, com o sacrifício, vai superando, né? (EI-C3) Igual a gente vê crianças, que antes entrou no projeto, nem falava, agora hoje tá falando, tá sendo estimulada e depois teve mais crianças novas entrando, mas a gente também tem criança que tá desde 2002 com a gente, que é o Rafael, a Denise, o Pereira, o Itamar, o Márcio que era nenenzinho, que ficava na ECO do campinho, o Ramiro que tinha dois anos e não falava, hoje é um tagarela. É só que o mal que eu vejo, as brigas deles, né? Sempre... sempre aquela coisa, refletiu o que a família passa, precisa saber o que a família tem, né? Bate e, então, bate no colega também! (EI-A4) Ah... mas eu acho... a criança sempre brincando, assim,...tudo que a gente propõe, eles aceitam, né? E o projeto foi muito melhorado desde 2002, passou pelo campinho, depois passou pra chácara, depois a gente foi lá pro centro comunitário que era um centro comunitário que era da Laura, não era nosso muito, né? Então, a gente tinha aquela liberdade... aí a gente veio pra ECO pensando que a gente ia ter liberdade com as crianças, né? E a gente se esbarra no posto de saúde, comissão de moradores e na prefeitura. Mas, na medida do possível, a gente vai passando por cima (risos). (EI-B5)

Tem festa que o povo não aceita, mas a gente vai lá, faz a festa, depois aconteceu aí. Aí a gente quer voltar a festa pro projeto, né? Aí vem a comunidade inteira, a festa que é pra cem crianças, de repente tem trezentas pessoas aí, mas a gente vai indo aos trancos e barrancos, vai fazendo e tudo que a gente puder fazer pra melhorar pras crianças, a gente vai fazer, pra melhorar, não o projeto em si... pra melhorar a vida delas, né? (EI-C6) Que a gente foi.... de uma certa forma, a criança foi que... passou pra gente, ela vai dando uma melhorada, só que a gente sabe que o bairro não oferece muitas coisas de bom que, se for pro lado de ser bandido, que seja um bandido bonzinho, né? (risos) Que seja um bandido bonzinho, né?!? Porque os valores que a gente tenta passar, é de ser um bom cidadão, né? O jeito que eles vão usar depois no futuro... ainda mais que... das estruturas que fornece o bairro é...um ou outro que vai, né? No caminho. Destes que tão no projeto, hoje já chegou na fase de

dezoito, dezenove anos, a gente tem o Humberto que tá trabalhando na área azul, né? E também a gente tem o Vanderlei, né? Que trabalha no gesso, aí temos também o Marquinhos que tá trabalhando no gesso, né? Mas tem outros que a gente sente muito, né? Que é o Mala, que já passou por uma Febem, né? Que é o Edmundo também, que já passou pela liberdade assistida e a gente vê a situação e fica triste; e também tem o Souza que foi por um caminho das drogas, hoje é um viciado, né? E... a gente não vê... a gente fica triste, queria que partisse, né? Mas, na medida do possível, a gente vai tentando conversar, né? Aí... a gente teve também uma situação trágica com a Marília, que chegou totalmente dopada, né? Aqui... aí conversei... que eu cuido da vida dos outros mesmo que (risos), é como se fosse filho da gente, né? (EI-C7) Aí... tá morando com o irmão agora, né? Aí também tivemos a situação da Marisa, né? Pousou uma noite fora, depois acha no dia seguinte... dizem que era com um menino de onze anos mas não acredito, né? E... tivemos também meninas também no projeto hoje que são mães que também partiram pro mundo da... da exploração infantil, né? Que a gente não diz mais prostituição, me corrigiram um dia... exploração infantil, né? E que tão aí hoje, né? Com crianças, sendo crianças e sofrendo pela situação, né? Porque ser mãe com quatorze, quinze anos, é criança, né? Uma criança cuidando de outra criança! Às vezes, a gente esbarra nessas coisas.

Mas... ah... eu sou assim nem muito amada, nem muito querida em algumas partes, porque eu,... é meu mal,... eu vou... se eu ver uma coisa errada, eu vou bater de frente, eu vou... não importa a consequência, né? Porque eu quero o bem dessas crianças, né? Apesar que eles.... tem hora que pensam que a gente não quer o bem, mas a gente quer o bem deles, né? (EI-C8) Igual, se comportar... assim... vai comer... tem que respeitar o coleguinha, não tem que bater no colega, né? As leituras que a gente vai tentando fazer, só que tem um porém, né? Antes era o Adônis, o Adônis, o Matheus, eu e... a gente se juntava; a Mônica também... era outro perfil. Tudo mundo participa, todo mundo se mata, mas aí a gente vê as ACTs<sup>25</sup>, né? Embora que a gente fala, que o projeto tá trabalhando lazer, um lazer dirigido... não é só dar as coisas pras crianças, tem que estar junto... se você separar os maiores dos menores, você tem então um professor pros maiores, outro pros menores, né? Que tem que fazer uma coisa dirigida... não é só dar o material e a criança fazer o que quer, né? A gente desde o ano passado, quando voltamos pra ECO, tive essas dificuldades, né? Tanto no período da manhã como a tarde, mas na medida do possível tem hora que a gente tem que puxar a orelha do professor só que não pode ficar puxando assim direto, né? Tem que dar um toque “Ó... vamos

---

<sup>25</sup> A sigla ACT refere-se a “Admissão em Caráter Temporário”.

fazer atividade todo mundo junto”, né? Mas você querendo que, o, seu papel é educador, se o educador com o braço cruzado, não é educador, ainda mais aqui no Gonzaga, a gente estimulá as crianças, a fazer coisas que tem que fazer direto, né?... vai fazendo uma coisa direto com a outra, não pode dar tempo pra eles brigar, se for fazer jogos, tem que ser um jogo atrás do outro, porque se você dá tempo, vira tumulto, um briga com o outro, vira bagunça, porque bagunça é de criança mesmo... a gente até concorda, né? Só que tem isso, né? (EI-C9)

As preparações das festas aqui deu uma boa melhorada, né? Que antes a gente fazia festa pra cinquenta crianças, agora tem que pensar pra duzentas, trezentas. (risos) Mas é... vai indo... o projeto tem tudo pra melhorar, né? Vamos ver se a gente consegue mais patrocínio, batendo na prefeitura, mas eles já fez uma festa junina com dois patrocínio... aí vai indo, tá bom.

**Matheus:** Você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre o projeto?

Ah... sobre o projeto, eu acho que ele... mesmo eu não tando aqui algum dia mais, acho que a gente tem que pensar que este projeto tem que continuar; igual o Adônis largou, foi pra Piracicaba, tá dando aula no Estado, mas eu acho que ela ia gostar de continuar este projeto, né? Igual como o... é... eu não ia ser supervisora daqui, eu vi que o projeto ia acabar, que ia ser outra dinâmica dar só esportes, esportes pra eles e a gente que nossas crianças gosta do esporte, mas não é só o esporte em si, gosta da brincadeira, porque o objetivo deles não é... do projeto não é formar atletas, é formar cidadãos... e na formação do cidadão, tem que ter muito cuidado... Se a mãe não tá preocupada com o cidadão, a gente tem que educar, você também tem que ir num jeito, que tem hora que a criança tá nervosa você também tem que relevar, tem que ter muito jogo de cintura, né? E também, se deixar a criança querer fazer o que quer, aí não vira projeto também, né? Horário, a gente tem que cobrar o horário, só que... sem a presença da mãe, não adianta a gente cobrar da criança, porque a criança em si, ela nunca tem... não sei... das regras, ela tá acostumada a apanhar. Quando você chega pra conversar, ela já é muito teimosa, né? Tem hora que você tem que extrapolar, dar um grito, que obedece... não só um grito, uns dez, quem sabe, né? (risos). (EI-C10) Acho que é só que eu tenho para acrescentar.

**Obs.:** Depois de desligado o gravador, ele se lembra de mais coisas e pede para eu ligar novamente.

Ah... em relação aos ACTS que eu tava falando, né? Único dia que eu vi existir o projeto, tanto o projeto em si, tanto o lado da prefeitura como da UFSCar, único dia que relembra bastante, que parece que ele recorda a época do campinho e a época do centro comunitário, a época da Chacrinha é quando que o grupo do Matheus vem, né? Que é todas as

quintas que é ativi...Projeto Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer...aí vem o Fabiano, vem o Victor, vem o Matheus... aí vêm esses três... aí parece que as criança... ah...! eles não vêem a hora que chegue aquele dia e começa a recordar todos aqueles momentos, aqueles momentos de alegria, de contato... aí dá aquele espírito bão nas professoras, elas consegue... ah... fazer parecido assim, né? Mas a gente tem que respeitar a individualidade, né? (EI-C11)

Aí a criançada brinca, participa e também quando o Matheus não vem, ele até apanha aqui, né? (risos) Leva chute do Filipe, aí o Gabriel que... ah... quem pergunta mais dele é o Gabriel e o Filipe. Gabriel toda hora “...e o Matheus vai vir?”, “ah o Matheus ficou doente”... “ah, Matheus ficou doente?” (risos) aí também quando o Matheus chega, já vem “Matheus!!”, já corre lá, catá o Matheus, abraça, né? Mas esse carinho, também tem com a professora, quando a professora aparece, de manhã, a Talita aparece, eles já tá tudo em cima, né? (EI-C12) Antes... a gente passava nas casa, agora eles vem até nós, né? E, nesse vim até nós, eu acho que pra eles é mais difícil, é questão de hora porque a gente, quando ia pra Chacrinha, ia passando nas casas, aí eles já iam, um ia acor... passando na frente chamando o outro. De repente juntava aqueles quarenta já de manhã, né? Aí depois eles tinham que... chegava depois, de repente já tinha cinqüenta crianças jogada pela chácara, né? (risos)

Mas é bem isso, né? Ah, eles gostam muito do contato... é... o professor pra trabalhar com as crianças aqui, ele não pode tem... ele não pode se preocupar, né? De fica limpinho. Igual ontem, né? Eu e o Matheus inventamos de dar judô, pra que, né? Até então, que eu tava ensinando eles a cair, tudo bem, né? Quando eu fui lutar com o Matheus, fazendo de conta que era judô, mas que não era judô coisa nenhuma, era o kick boxing (risos), o Matheus não me deu uma rasteira de... de capoeira, caí no chão; dali a pouco, o Matheus caiu pra cima de mim pra imobilizar e vem o grupo inteiro em cima... fizeram bolinho da gente... (risos) aí eu como supervisora, tava limpinha, né? Fiquei toda marcada, a manhã inteira e nem percebi que a roupa tava suja...(risos). (EI-C13)

**Matheus:** O que mais você gostaria de falar sobre o projeto?

E tem hora que eu to assim na sala de supervisão, vendo as professora com o braço cruzado, aí dá vontade de ir lá dar aula, né? Mas, eu tenho que ver que é ela que tem que dar aula, me seguro um pouco, né? E também a hora que a criançada aponta na minha frente, eu não resisto, dou um grito ainda como se tivesse dando aula, depende... a professora lá conversando, tá pondo os papo em dia e eu to me estressando porque aí eu tenho que fazer relatório, tenho que fazer minhas obrigações. (EI-C14) Tem hora que o povo me cobra porque eu esqueço umas coisas; igual, hoje, era festa de aniversário, a festa de aniversário

surpresa pras crianças, mas não era surpresa pro pessoal da secretaria que ia emprestar a máquina digital; depois eu fui pedir... “mas, Maria você que tem que lembrar”... mas tem hora que....se acaba esquecendo... aí, você em vez de fazer uma função só, começa a se multiplicar em três, quatro, né? Aí, depois se esguela, a criança volta ao normal e quando eu vou pra reunião, as própria criança chega assim “Maria, quando você não tava aqui, as crianças fizeram uma bagunça, brigaram.

Aí, agora, acho que já faz umas duas semana que a gente tá tentando, quando tem projeto, alguma coisa no curso, integrar eles, fazer atividade tudo junto, né? Aí, depois, mostrar pra eles, o projeto tem a hora que vai fazer o que quer, tem as brincadeiras dirigidas, um lazer dirigido, que é todo mundo junto. Não adianta querer fazer diferente, né? Porque vai chegar aqui, vai é... fazer o que quer, né? A gente tem que dar uma chegada nas professoras, mostrar que a criança tá aqui, mas a responsabilidade dela não vai ser a minha responsabilidade, né? Porque a criança é difícil, mas, se deixar ela fazer o que quer, ela vai fazer o que quer. Beleza, é só isso... tá tudo certo.

## **Discurso II - Talita**

Bom, o projeto... eu trabalho manhã e tarde, né? De manhã, trabalho de oito até às onze e, à tarde, de duas às cinco horas, né? Eu comecei no início de fevereiro. Sou contratada pela prefeitura, né? Vim trabalhar no projeto Gonzaga e, como eu já disse, né? Manhã e tarde. E o projeto, pra mim, é assim uma oportunidade, né? Porque quem estuda de manhã, né? Freqüenta o projeto à tarde e, quem estuda à tarde, freqüenta o projeto de manhã. Então, essa é uma oportunidade, né? Pra que eles não ficam na rua, né? É... saindo da escola eles vão direto pro projeto, né? (EII-D1) Tão sempre em atividade, atividade lúdica, né? (EII-A2) De quinta-feira a gente tem o pessoal da faculdade da federal, né? Que é o Matheus, que é o Victor, o Fabiano, né? E assim é muito legal, porque também sai um pouco da rotina, né? Porque a gente combina de quinta-feira as atividades que, né? Vão ser feitas, né? E eles adoram assim, né? (EII-A3) E é muito legal, porque eles não ficam na rua. (EII-D4) Sai um pouco daquela coisa, né? Vai pra escola, estuda durante o dia e, à tarde, eles freqüentam o projeto.

O que é difícil, o que é complicado é a disciplina, né? Porque, por mais que a gente tenta colocar ordem, colocar disciplina... é complicado porque eles não tem aquela coisa assim de ordem, né? Até assim pra colocar regras, né? Às vezes é difícil, a gente tenta, né? Mas devagar, devagar, a gente vai conseguindo, né? E essa coisa da agressividade também,

né? Que é complicado, porque... não sei se é porque... o meio que eles convivem, né? Às vezes dificulta, né? A gente fala “não pode brigar”, mas daqui a pouco já tem um lá se pegando, se agredindo, então é complicado, né? E aquela coisa também assim eles, até no jogo mesmo, eles querem ganhar, né? Quando perdem, já gera já um conflito, né? Porque nem tudo na vida mesmo a gente ganha, né? É complicado, então, no jogo em si, eles querem ganhar, e quando não ganha, já gera um certo conflito entre eles, mas aí a gente contorna, né? A gente está sempre explicando, né? Sempre trabalhando em cima desta agressividade, né? Sempre contornando, mas é complicado, né? Pra gente, o mais complicado é isso, né? É a indisciplina, né? (EII-A5) Mas a gente vai, vai levando, né? (risos) E dia de quinta-feira, né? É muito legal assim porque é diferente, né? Porque aí é conversado. Porque lá, desde o começo do ano, a gente entrou, a gente fez um planejamento, né? A gente ia seguir o que seria, né? Só que de quinta-feira, a gente sai um pouco fora, né? E é combinado entre eles, né? Os professores que vem da federal, o que eles iriam fazer, né? Cada quinta-feira, né? Tem os passeios, né? (EII-A6) Também é legal. (silêncio) O que eu vou falar mais. Acho que falei tudo.

### **Discurso III - Fabiano**

(risos) Bom, meu nome é Fabiano, eu sou integrante também... faço parte deste projeto, atuo como educador. Este projeto pra mim, eu vejo ele como um espaço que trabalha com... através dos jogos e brincadeiras, na perspectiva de auxiliar ou trabalhar conjuntamente na formação dos cidadãos assim, o que vem a ser este cidadão. Agora que virou um pouco clichê assim, né? Todo projeto social, falou que tem preto, tem pobre, é formação de cidadãos, mas quando eu digo cidadão, seria na formação de como enfrentar as adversidades e se prepararem pra vida. (EIII-A1) Eu vejo este projeto, atuo nele já faz um ano e meio, um pouco mais, desde o início de 2006, eu vejo nele uma possibilidade das crianças que participam dele de vivenciar algumas atividades, que de repente, se não fosse via projeto, talvez não tivessem esta possibilidade... é... como passeios, como visita a algumas exposições, é... apresentações de dança, visitas em outros espaços da cidade como a universidade, parque ecológico. Vejo também o projeto como, hum... (risos) e nesse um ano e meio que participo deste projeto, é... bastante criança já passaram por ele e muitas ficam, outras vão, retornam, outras vão e não retornam por causa da idade também. Como disse, eu vejo este projeto como espaço que pode auxiliar na formação destas crianças... é... embora eu vejo que o trabalho desenvolvido no projeto, sobretudo no projeto que trabalho, que é de quinta-feira, na parte da

manhã, poderia ser feito algo mais direcionado... é... porque o trabalho que é feito atualmente, ele atua mais na subjetividade e desta forma fica difícil de repente apontar benefícios ou apurar resultados oriundos deste projeto, mas de toda forma, eu acho ele bastante eficiente por possibilitar vivências diferenciadas, experiências diferenciadas e contato com pessoas diferenciadas que até então poderia não ser possibilitado se tivesse somente no espaço e os materiais pra eles brincarem entre eles. E quando eu digo no sentido de algo focal, seria de eles perceberem estes processos educativos e ressaltarem e terem consciência deles, não isso vir desencadear futuramente e... e pode não ter relação, não ter relacionado com o projeto, porque essa questão do comportamento, da reflexão, do respeito também é trabalhada em outros espaços e talvez ficaria difícil associar a esta prática nossa, né? No projeto como algo que interferiu diretamente nessas mudanças de atitude. (EIII-A2) (silêncio) O projeto, acredito, pras crianças que participam dele, seja de grande relevância, tanto pras crianças, quanto pras famílias. Em relatos de alguns pais, vêm o projeto como um espaço de tirar as crianças da rua (EIII-D3), pras crianças, um espaço de brincar e eu apostaria nesse projeto pelo trabalho que é desenvolvido. que não é somente um brincar assim, embora às vezes possa ficar caracterizado e as crianças não conseguem fazer mediação sobre...

**Obs.:** O gravador parou de funcionar. Depois de resolvido o problema, o Fabiano voltou a falar.

Quando digo que não é somente um espaço de brincar, digo que várias experiências, várias... é... vários aprendizados são desenvolvidos, são aprendidos no espaço, com as pessoas que fazem parte, é... uma das coisas que eu gostaria de destacar, é... seria pelo fato de ser negro, de possuir o cabelo crespo e perceber que era muito recorrente algumas brincadeiras pejorativas em relação a isso e, na convivência e na reflexão e na discussão, quando algumas crianças falavam “olha o cabelo do tio, o cabelo do tio é ruim” e eu falava “não, não é cabelo ruim, é cabelo crespo é como o seu cabelo. Se você deixar o seu cabelo crescer, ele vai ser igual ao meu”. Ou quando era menina, que tava de trança, eu falava “se você soltar a trança, seu cabelo vai ser igual ao meu” e às vezes eles tocavam o cabelo e ficavam pensando não sei o que, mas ficavam pensando e sentindo o cabelo e refletindo e, com isso, pude perceber durante este tempo que convivemos juntos que tem diminuído a frequência desse tipo de brincadeira com o cabelo ou com o tom de pele. É... a maioria das crianças que participam do projeto são negras e tem pouco, e tem isso muito pouco discutido, acredito, no seio familiar e em outros espaços como outras pesquisas apontam. E o fato de ter um educador, um monitor negro, acho que serve como referência pra essas crianças que



participam deste projeto, até mesmo como uma futura possibilidade de atuação nesta área, uma referência de atuação nesta área. (EIII-A4)

Inicialmente eu comecei falando que era um espaço de formação, que poderia auxiliar na formação das pessoas... é... quero trazer, quero dividir assim também as coisas que eu aprendi ou as coisas que auxiliou na minha formação, na minha percepção e na minha leitura de mundo assim. Aprendi muito com essas crianças, com os outros educadores que também trabalham neste projeto, com o espaço, com as mães dessas crianças, com a organização do espaço e... me tinha como referência, como uma pessoa economicamente carente e acreditava que levava uma vida, uma das mais sofrível e, quando tive a possibilidade de conhecer essas crianças, vi que eles levam uma vida muito mais sofrível do que eu. Sofrível no sentido economicamente, não no sentido de felicidade ou forma de lidar com as adversidades. Sofrível, digo, no sentido econômico e, muitas vezes, ter que passar um mês... mães solteiras com dois, três filhos ou mais com salário mínimo, quando tem um salário mínimo... e aprendi muito com essas crianças no sentido de lidar com a adversidade, pois, muitas vezes, estava em espaço onde todos se comportavam de uma mesma forma, todos tinham a mesma cor, todos tinham o que queriam ter e... foi uma experiência muito rica pra mim, enquanto a isso. (EIII-A5) Destacaria também que esta questão do toque, essa questão do abraço, essa questão de querer colo assim, me fez romper com alguns preconceitos que às vezes as crianças não estavam tão bem cheirosas assim sabe, e às vezes me fazia compreender porque às vezes aquelas crianças estavam cheirando urina ou estavam com o rosto marcado do catarro que havia escorrido durante a noite e olhar pra isso não com nojo, não com pena, não com dó e até mesmo auxiliar na questão higiênica, na questão de saber o porque e compreender as condições em que eles viviam. (EIII-A6) (silêncio) Aprendi também que eu tenho muito mais pra ensinar, mas não, aprendi, ou não sei ainda, como fazer isso assim, de repente eles poderiam me auxiliar nisso, embora nunca dirigido, nunca intencionalmente sentamos pra ver quais são os anseios, o que poderia de repente tá auxiliando, tá ajudando de uma forma mais efetiva, mas eu acho que eu poderia, eu posso, se possível eu vou assim, ajudar, não no sentido de que tenha mais, seja mais. O que eu acho que eu tenho mais pode ser contato, experiência de vida e idade (risos) e escolaridade também e de repente com esses anos, né? Nos bancos escolares, com esse conhecimento adquirido eu posso de repente, tá auxiliando ou informando ou dando outras referências de outras coisas. (EIII-A7)

O projeto... eu acho o projeto bacana pelos itens que listei anteriormente mas, mais principalmente, de ser um espaço de aprendizado pra todos que se inserem nele, assim. Todos, digo comunidade, criança, os educadores. (EIII-A8) Durante muito tempo,

inicialmente, eu até achava que era uma troca injusta, pois eu mais aprendia do que ensinava, eu mais... eu chegava em casa refletindo, chegava em casa pensando em várias coisas que acontecia no mundo, que muitas vezes não me dava oportunidade de conhecer, refletir e eu acreditava que era uma troca meio injusta, que eu mais sugava do que passava alguma coisa. Isso, na minha leitura. Eu acho que foi um grande espaço de formação pra mim assim sabe, foi... acho que, para além da universidade, foi um espaço onde efetivamente eu lidei com vários conflitos, com várias situações, com adversidades grandes e, de uma certa forma ou de outra, tive que aprender a como lidar com isso e aprendi muitas coisas que me servem hoje e vão me servir pro resto da vida como educador, como pai, como pessoa, como tudo. (EIII-A9) Acho que é isso só.

**Matheus:** Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o projeto?

No projeto também é desenvolvido, trimestralmente, um jornal cuja crianças tem uma participação efetiva na construção deste jornal, ou dando entrevistas, sugerindo atividades. Que é um trabalho, um esforço para o incentivo à leitura, através das gravuras, de desenhos e com frases, com citações ou frases das próprias crianças. (EIII-A10) No projeto Vivências Diversificadas de Lazer, ele se pauta principalmente em jogos e brincadeiras, jogos que em sua grande maioria, são propostos... são propostos pelas crianças, mas não só, também os educadores também trazem novos jogos, novas brincadeiras e sempre que possível fazendo uma reflexão acerca deles e eu percebo que há um grande interesse, pois todo dia às oito da manhã, tem um número considerável de crianças nos esperando pra participar e pro projeto acontecer. Então, acredito que tenha um grande significado para essas crianças assim sabe, estar participando desse projeto. (EIII-A11) (silêncio) Eu acrescentaria é... eu acrescentaria é... parabenizando as pessoas envolvidas neste projeto, sobretudo Vivências Diversificadas de Lazer, pois eu acho que tem uma preocupação muito mais com o projeto do que... do que o que financia este projeto, ou o que financiaria este projeto, é... tem uma parceria com a prefeitura, pois acontece num espaço da prefeitura, mas as pessoas envolvidas neste projeto têm um comprometimento grande com ele, com as crianças, com os outros educadores. Eu acho isso super importante e o diferencial de outros projetos que eu já tenha participado. Então, acho que há um comprometimento efetivo, um comprometimento grande com todos os integrantes deste projeto. Existe, como tudo na vida, sempre os oportunistas que em alguns momentos pontuais colocam o seu banner ou pega o microfone pra fazer política, mas, mesmo isso, esporadicamente, não atrapalha, nem interfere no andamento do projeto e no trabalho desenvolvido ali. As crianças percebem isso, nós também com certeza, mas... e acho que isso faz até parte das reflexões, das discussões, do aprendizado ali, de saber que na vida vai ter

alguns oportunistas, alguns sanguessugas e acho legal que quando isso acontece, as crianças fazem essa leitura e se questionar e falar “ah, mas só vem aqui no dia tal, só vem aqui e não sabe o que a gente passa, só vem aqui...”, e essas indagações, eu acho que reflete numa percepção diferente de mundo que talvez em outros espaços, se realmente não tivessem essas interferências “inoportunas” talvez não teria essa reflexão. (EIII-C12) Ponto final.

É difícil de lembrar! Com certeza, tem muito mais coisa pra falar, mas num baque, numa questão tão aberta, às vezes passa quinze mil informações na cabeça e algumas você acha que já falou, outras não e você fica pescando. (silêncio) Lembrei uma coisa que eu sempre, às vezes falo, que inicialmente quando recebi o convite pra participar deste projeto, aceitei inicialmente pela bolsa que era destinada e que tava precisando de dinheiro no momento, mas não que acreditasse de fato nos projetos de extensão universitários, sobretudo na federal que tem uma proximidade maior e na qual é a unidade que eu estudo, né? Na qual faço parte. Embora sempre tenha trabalhado em projetos sociais e... mas muitos deles sem uma vinculação à academia... sem vinculação à universidade. Esse pré-conceito era por não acreditar num interesse de uma efetiva mudança, ou de uma mudança significativa nessas populações que fizessem, fazem parte destes projetos. A leitura que eu fazia, e que ainda faço de alguns projetos de extensão universitária, é que há uma preocupação muito maior da academia, uma preocupação muito maior dos pesquisadores com seus dados do que com as pessoas que participam e relatam os dados e dão os dados coletados pelo pesquisador. Então quando recebi este convite, inicialmente, mesmo sabendo que era uma população carente, onde é... tenho inteira disposição e como ideal de trabalho, como profissional, tinha... aceitei mais por conta da bolsa que era oferecida, que não é uma bolsa com valor tão alto assim, mas me ajudou muito no momento... e... do que propriamente com o projeto. Cheguei no projeto um pouco desconfiado das coisas que aconteciam ali. A leitura que fiz inicialmente também foi um pouco da... do pão e circo, de que “vamos alegrar, vamos brincar, vamos virar cambalhota, vamos virar estrela e dar um pão com leite” e tá bom assim sabe. Acreditava que era mais um espaço, nos vários espaços que há, de alienação e de acalmar as pessoas de baixa renda, as pessoas da periferia e... mas, na convivência com os outros educadores, com as crianças, conhecendo melhor o projeto é... muitos ou alguns desses pré-conceitos foram mudados, alguns ainda está sendo trabalhado, mas muitos foram mudados e hoje faço uma leitura diferente, sobretudo deste projeto e de alguns outros projetos que tive a oportunidade de conhecer de perto mas, confesso, que sempre tinha e ainda tenho um pouco essa preocupação de que alguns pesquisadores, ou dos pesquisadores das universidades abrem a cabeça da população escolhida pra coletar os seus dados, coletam os seus dados e voltam pra

ilha da fantasia pra estudar os dados e deixa a população, as pessoas com a cabeça aberta, sem saber o que fazer. Este projeto já faz quatro anos, se não me engano; a existência dele e... já passaram vários educadores, vários monitores, vários estudantes, mas o projeto continua e acredito que ele tem não somente porque trabalho nele, independente disso, mas por conhecer um pouco melhor nesse tempo que estou... é... tem, pelo menos, a intenção de ser diferente. (EIII-C13) E tem demonstrado no dia-a-dia que é um projeto diferente ou tem se tentado fazer diferente e... quando disse anteriormente que acreditava que há necessidade de ter uma atividade ou algo mais direcionada, vai um pouco pra não cair dentro desse parêntesis de projetos de extensão com periferias, com comunidades carentes é... de pão e circo e de alienação, embora, como disse e falo novamente, vários processos educativos venho... tenho percebido nesse um ano e meio que eu convivo com essas crianças e com outros educadores, tanto por parte das crianças na minha leitura, claro, e como eu também tenho aprendido muito com elas e com as outras pessoas envolvidas nele. (EIII-A14) Eu acho que... fim.

### 4.3 Construção dos resultados

Os resultados que serão apresentados a seguir, foram construídos a partir da intersubjetividade estabelecida entre mim (pesquisador) e os sujeitos desta pesquisa (educadores, familiares e participantes), com base nos dados obtidos das entrevistas e diários de campo.

Apresento, no Quadro 3, a matriz nomotética ou quadro síntese dos discursos coletados dos familiares (F), dos participantes (P) e dos educadores (E). Na parte superior da matriz, em uma seqüência horizontal, estão numerados, em algarismos romanos, os sujeitos da pesquisa. A matriz também é composta de uma coluna, à esquerda, na qual exponho as categorias, classificadas com letras maiúsculas, organizadas com base nas asserções dos discursos coletados. Já abaixo da seqüência dos discursos, e ao lado direito das categorias, disponho, nas caselas, as unidades de significados correspondentes àquela categoria, por meio de números arábicos, não se perdendo a origem da referida unidade. Quando há lacuna de informação em uma ou outra casela, significa que, naquele discurso, não houve asserção correspondente àquela categoria (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Segundo Gonçalves Junior (2003), a construção dos resultados busca uma compreensão do fenômeno, baseando-se, diretamente, nos dados da matriz nomotética, a qual revela compreensões dos sujeitos. Independentemente da saturação ou não das categorias, todas as proposições foram consideradas, pois são também perspectivas do fenômeno.

Quadro 3: Matriz Nomotética

<b>DISCURSOS</b> <b>CATEGORIAS</b>	<b>F I</b> <b>Vera</b>	<b>F II</b> <b>Teresa</b>	<b>F III</b> <b>Larissa</b>	<b>F IV</b> <b>Lúcia</b>	<b>P I</b> <b>Marcos</b>	<b>P II</b> <b>Lucas</b>	<b>P III</b> <b>Rafael</b>	<b>P IV</b> <b>Juliana</b>	<b>E I</b> <b>Maria</b>	<b>E II</b> <b>Talita</b>	<b>E III</b> <b>Fabiano</b>
A) Brincando e aprendendo no projeto	3	5		16	1; 2; 3; 4; 5; 6	1	1	2; 11; 14; 16; 17; 18; 19; 22; 24; 28; 29	1; 4	2; 3; 5; 6	1; 2; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 14
B) O “novo” e os “velhos” espaços do projeto		2	2	15; 17			3	8; 12; 31	5		
C) A importância dos educadores	2; 5; 6	3	3	4; 9; 12; 14; 18; 19				3; 7; 13; 15; 20; 21; 23; 26; 27	3; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14		12; 13
D) Tirando as crianças da rua	1; 4	1; 4	1	1; 2; 6; 8; 10; 11; 13				1; 4; 9; 32	2	1; 4	3
E) Brincar e aprender de barriginha cheia é melhor				3; 5; 7	7		2	5; 6; 10; 25; 30			

A seguir, passo à análise de cada uma das cinco categorias (“A” a “E”), utilizando-me de alguns trechos das descrições dos familiares, participantes e educadores, os quais desvelam suas perspectivas sobre a prática social do lazer, particularmente atentando para o elemento lúdico, realizada no novo espaço do Jardim Gonzaga (ECO). Nesse momento, também serão utilizados trechos dos diários de campo (na íntegra no apêndice 1) de forma a melhor contextualizar as falas dos sujeitos.

### **A) Brincando e aprendendo no projeto**

Todos os participantes do estudo realizaram comentários em relação a esta categoria, evidenciando o significado do brincar e as possibilidades de aprendizado dele advindas. Comentavam sobre o cotidiano do projeto, os jogos e brincadeiras desenvolvidos desde o início em 2002, bem como sobre o aprendizado por meio dessas atividades. Também destacaram brincadeiras e jogos desenvolvidos em outros dias, nos quais não ocorreu a nossa participação.

O Marcos, filho da Vera, ressaltou a diversidade de brincadeiras em todos os projetos desenvolvidos na ECO, tendo sido fundamental, para ele, o convívio com outras pessoas, além de haver destacado as aprendizagens ocorridas na aula de educação circense, como aprender a dar mortal, pular corda, fazer acrobacias, entre outros. Vejamos as falas:

*“(...) Importante, que ele dá mais educação, tem cada [vez] mais brincadeira, quanto mais gente, fica mais bom. Igual teve ontem, como você foi o árbitro no jogo, e também muitas coisas diferente (...)” (PI-1)* *“(...) Segunda e quarta é a minha aula de arte circense e de quinta vem o Matheus, de terça... de segunda, terça, quarta, quinta, sexta vem as professora, trazendo mais coisa, como o pessoal do vôlei, né? De quarta-feira vem aqueles do Viva Vôlei e da... vem os deficientes, né? Vem o Yuri, vem a... é um gordinho assim, ele vem... também tem as professora do vôlei também (...)” (PI-5)*

*“(...) Aí construiu a quadra, aí nós veio pra cá, brincamos de outras coisas mais legal. (silêncio) Foi muito bom participar também das coisas. Eu participo da aula de educação circense, é... malabarismo, trapézio, perna de pau, outras coisas também como acrobacia, pular corda, parada de mão, mortal e... outras coisas também legal na aula. Aí outro dia é mais legal ainda, aí começa tudo de novo, como nós vai brincando de bola, participando das brincadeiras, jogando queima, hum... e vôlei também, é pega-pega ajuda, duro-mole americano, é... esconde-esconde e outras brincadeiras (...)” (PI-2)*

Nas falas do Lucas, filho da Teresa, e do Rafael, filho da Larissa, o brincar e o aprender estão associados, destacando-se o soltar pipa e o jogar futebol, brincadeiras essas tradicionais no Brasil:

*“(...) porque eu gosto do projeto (...) eu aprendo muito, eu... eu brinco. Ah! Eu brinco... Ah, eu brinco de fica soltando pipa, de sacolinha, fico brincando de bola. Hoje eu brinquei de vareta, o pau e a linha, assim, aí tem que cortar as crianças com a linha e só (...)” (PII-1)*

*“(...) aprende... quando você vem de quinta, nós joga bola, nós passeia (...)” (PIII-1)*

As brincadeiras mais solicitadas pelos participantes na ECO foram a queimada (ver figura 5) e o futebol. Os diários de campo 47 e 41 destacam, respectivamente, esses interesses:

*“Depois de encerrada a brincadeira, sentamos à mesa e a maioria decidiu jogar queimada tradicional. É impressionante o tanto que eles gostam desse jogo” (D47-1).*

*“Logo que todos chegaram, sentamos na quadra para conversarmos sobre o que tínhamos combinado. Diferente de outros momentos nos quais algumas pessoas não lembravam da atividade, nesse dia todos lembraram que teríamos futebol. Ai se alguém falasse que o futebol não poderia ser realizado, acredito que nesse caso teríamos um movimento organizado de reivindicação ao direito a esse esporte, com muitos manifestantes revoltados” (D41-2).*



**Figura 5:** Participantes e educadores brincando de queimada garrafobol na ECO.

Apreendo, nesses trechos dos diários, o aprendizado em relação ao direito de reivindicar e o diálogo igualitário na decisão pelas brincadeiras.

O Marcos, filho da Vera, e a Juliana, neta da Dona Lúcia, relataram sobre os passeios ao buracão (ver figura 6) e descreveram vários processos educativos desencadeados

nessas vivências, como o respeito e a interação com a natureza, o ajudar nos momentos de dificuldade do trajeto, o repartir o alimento uns com os outros:

*“(...)nos passeios também, como no buracão, fazendo a... e lá no buracão pra brinca, fazer piquenique. Caminhar também lá e fazer muitas outras coisas também, como fazer brincadeira (...)” (PI-1)*

*“(...) A primeira vez eu fui com o Adônis, todo dia a gente ia, né? Mas na hora que chega lá, tem um campão assim e um monte de árvore pra você pular, tem uma subidona que você pode escorregar assim, né? É muito legal só que a gente tem que passar por um monte de lugar, um monte de árvore, um monte de... tem um rio lá sujo também que dá medo de cair dentro (...)” (PIV-16)* *“(...) A gente foi, foi muito legal. Assim... tem que ser em grupo, né? Porque um tem que ajudar o outro a subir, né? Porque as crianças também... tive que... ah... a minha mãe não queria que a minha irmã fosse porque ela é muito pequenininha, né? Ficou com medo de ela cair lá, né? E eu também, eu tinha que... eu sou de manhã e ela de tarde, então não tem como eu levar ela, mas assim, o máximo que eu pude, ajudei as crianças mais pequena, né? Porque aquele rio, se cair lá, se suja tudo, tem muitas crianças que foi pra longe, foi escorregar no cipó, que é muito legal, tinha uns cipó que a gente balançava, né? Tinha muitas coisas pra gente brincar lá, muito legal. Tinha uma árvore e a gente fez um piquenique embaixo da árvore, né? E aí foi muito legal, porque cada um levou um pouco do seu lanche e todo mundo repartiu (...)” (PIV-17)*



**Figura 6:** Participantes e o educador Luiz em piquenique realizado no buracão

As várias brincadeiras realizadas no “buracão”, a ajuda das pessoas para chegar ao local, bem como a preocupação com a natureza estiveram presentes também nos trechos do diário de campo 24, como podem ser vistos a seguir:

*“Ao chegarem, os participantes foram logo brincar no morro. Alguns começaram a soltar pipa, outros acharam pedaços de papelão e começaram a descer o barranco, escorregando no papelão (ver figura 7), outros sentaram debaixo de uma árvore e ficaram conversando; outros ficaram brincando de gangorra no galho da árvore (ver figura 8) e outros ficaram correndo pelo espaço. (...) O interessante foi que a iniciativa das*



*brincadeiras veio dos próprios participantes, os educadores eram chamados pelos participantes para brincarem juntos” (D24-3).*

*“Na continuação do passeio começamos a descer uma trilha onde tínhamos que andar em fila indiana. Em alguns momentos a trilha era muito íngreme e os mais velhos ajudavam as crianças menores. Fiquei muito impressionado com o interesse dos participantes em ajudar; além dos menores, eles faziam questão de ajudar a educadora Diná” (D24-1).*

*“No final da descida, entramos no meio da vegetação nativa. Parecia que eu estava fazendo uma trilha em alguma fazenda ou em algum lugar longe da cidade. Mas não, aquele lugar maravilhoso era o buracão do Jardim Gonzaga. Cem metros depois que entramos na vegetação, senti uma enorme tristeza. Encontramos um riacho que estava todo poluído e cheirando muito mal. Perguntei para um dos participantes de que local estava vindo o esgoto. Ele respondeu que vem do bairro Pacaembu e que o esgoto é despejado no riacho. Nesse momento, todos se mostraram incomodados com aquela sujeira” (D24-2).*



**Figura 7:** Participantes brincando de escorregar de papelão no buracão.



**Figura 8:** Participantes brincando de gangorra com o galho da árvore no buracão.

A Juliana também faz referência aos passeios de final de ano (2006) à UFSCar e ao espetáculo de dança “Milágrimas”, do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, realizado no SESC / São Carlos, em 2006. A solidariedade na piscina, a possibilidade de ter experiências em lugares que não fazem parte do cotidiano dos participantes foram processos educativos desencadeados:

*“(...) E também o passeio da UFSCar, que a gente fomo, que foi muito legal também, sabe? A gente fomo no restaurante, primeiro nós fomo nadar, aí fomo na piscina, nós nadamos na piscina. Aí foi todo mundo assim, ajudando o outro pro pequeno não afogar, né? E depois a gente saiu da piscina, né? E aí nós ficamo vendo sabe... vendo tudo lá por lá, né? A gente viu uma quadra de vôlei, né? Vimo aquele rio que tem assim lá, e depois a gente fomo pro restaurante, né? A comida de lá é muito boa, que nós comemo, aí depois nós voltamo, e aí nós tivemos várias coisas, nós brincamos. Tinha uns que foi no pé de goiaba pegar goiaba, e várias coisas que a gente fez lá, tinha bastante coisa pra fazer também lá (...)” (PIV-18)*

*“(...) Foi quatro ou cinco pessoas, né? Mas foi bem mais legal, a gente viu uma dança, né? Muito legal também. A dança que fazia com o pé, fazia bastante coisa, né? (...)” (PIV-19)*

Para muitos, o espetáculo de dança “Milágrimas” foi a primeira apresentação de dança profissional por eles assistida. Toda a estrutura montada no SESC São Carlos, a decoração do palco e a coreografia apresentada pelos bailarinos, os deixaram fascinados. No trecho do diário 22, esses detalhes são destacados:

*“Quando retornamos aos nossos lugares, as luzes do SESC se apagaram e foi iniciada a apresentação de dança do Milágrimas. No início, os participantes ficaram ‘hipnotizados’ com as danças afro-brasileiras realizadas pelos jovens da periferia de São Paulo. Apenas ao final da apresentação, eles começaram a dispersar sua atenção e a conversar. (...) Ao final, perguntei o que eles mais tinham gostado e eles disseram que gostaram dos sons e dos movimentos que eles faziam com a boca e com o corpo. Mas, o que mais impressionou os participantes, foi quando abriu-se um pano que cobria todo o palco, parecendo um mar” (D22-2).*

Mesmo antes do início do espetáculo, os participantes puderam conhecer e conversar pessoalmente com alguns índios da etnia Kalapalo, presentes no local, e também ficaram surpresos com a forma de abrir a torneira dos banheiros do SESC. Vejamos um trecho do diário 22:

*“Enquanto a apresentação não começava, os participantes foram conhecer os índios Kalapalo, que moram na tribo do Alto do Xingu e estavam em São Carlos para o lançamento do livro que retrata as brincadeiras realizadas na tribo. Os participantes ficaram conversando com os mesmos e o que chamou a sua atenção foram os objetos indígenas, principalmente o arco e flecha. Antes do início da apresentação, os meninos quiseram ir ao banheiro. Enquanto bebiam água, um dos participantes foi me chamar para abrir a torneira, pois não estava conseguindo abrir. Falei que aquela torneira era diferente das que eles conheciam. Expliquei que, para sair água, era necessário apertar o botão e que, após algum tempo, ela pararia. Os meninos ficaram muito impressionados com a torneira, apertando várias vezes para ver a água sair” (D22-1).*

Em relação ao brincar, os educadores alertaram para os vários processos de aprendizagem desencadeados pela interação entre os participantes, participantes-educadores, educadores-participantes, na vivência do lazer. A fala da supervisora Maria destaca o potencial do projeto no desencadeamento de processos educativos para a integração social, o auto-conhecimento e o respeito às outras pessoas:

*“(...) É... dá a oportunidade de crianças, né? (...) utilizar o lazer, né? Como forma de integração social, trabalhar o conhecimento de si, né? E também conseguir trabalhar coletivamente um com o outro (...) respeitando o coleguinha, respeitando os professores, funcionários, né? (...)” (EI-1)*

O lúdico também se fez presente nas atividades do projeto, como revela a fala da educadora Talita:

*“(...) Tão sempre em atividade, atividade lúdica, né? (...)” (EII-2)*

No decorrer dos anos, foram criados, pelos participantes, alguns jogos, além da modificação das regras quando eles julgaram necessário. No trecho do diário 9, há um exemplo desse processo, com a criação e a adaptação do “bola ao cesto”:

*“Em outro jogo, inventado pelas crianças no primeiro semestre de 2004, batizado de ‘bola ao cesto’, percebemos também mudanças nas regras. A ‘bola ao cesto’ é um jogo com dois participantes. Eles ficam um de frente para o outro com certa distância, e com uma garrafa ‘pet’ cortada no meio que está sendo segurada por uma das mãos. Lembrando que as garrafas foram cortadas por eles. O objetivo do jogo é lançar uma bolinha de tênis um para o outro, tentando colocá-la dentro da garrafa ‘pet’ cortada ao meio. Depois de muitas rodadas, os adolescentes inventaram novas regras. Eles tiraram a garrafa do jogo e ficaram jogando a bola com as mãos. A pessoa que deixasse a bola cair saía da brincadeira, entrando outra pessoa em seu lugar. Assim, todos podiam participar” (D9-1).*

O educador Fabiano enfocou o projeto como um espaço que auxilia na formação de cidadãos, de forma que estejam preparados para enfrentar as adversidades:

*“(...) Este projeto, pra mim, eu vejo ele como um espaço que trabalha (...) através dos jogos e brincadeiras, na perspectiva de auxiliar ou trabalhar conjuntamente na formação dos cidadãos. Assim, o que vem a ser este cidadão, agora que virou um pouco clichê assim, né? Todo projeto social, falou que tem preto, tem pobre, é formação de cidadãos, mas quando eu digo cidadão, seria na formação de como enfrentar as adversidades e se prepararem pra vida (...)” (EIII-1)*

A preocupação com a temática étnico-racial mereceu destaque na fala do educador Fabiano, o que possibilitou momentos de reflexão entre os participantes e também uma auto-reflexão do educador:

*“(...) um espaço de brincar e eu apostaria nesse projeto pelo trabalho que é desenvolvido que não é somente um brincar assim, embora às vezes possa ficar caracterizado e as crianças não conseguem fazer mediação (...) Quando digo que não é somente um espaço de brincar, digo que várias experiências, várias... é... vários aprendizados são desenvolvidos, são aprendidos no espaço com as pessoas que fazem parte, (...) uma das coisas que eu gostaria de destacar, (...) seria pelo fato de ser negro, de possuir o cabelo crespo e perceber que era muito recorrente algumas brincadeiras pejorativas em relação a isso e, na convivência, na reflexão e na discussão, quando algumas crianças falavam ‘olha o cabelo do tio, o cabelo do tio é ruim’ e eu falava ‘não, não é cabelo ruim, é cabelo crespo, é como o seu cabelo. Se você deixar o seu cabelo crescer, ele vai ser igual ao meu’. Ou quando era menina, que tava de trança, eu falava ‘se você soltar a trança, seu cabelo vai ser igual ao meu’ e, às vezes, eles tocavam o cabelo e ficavam pensando não sei o que, mas ficavam pensando e sentindo o cabelo e refletindo, e com isso pude perceber durante este tempo que convivemos juntos que tem diminuído a frequência desse tipo de brincadeira com o cabelo ou com o tom de pele. (...) a maioria das crianças que participam do projeto são negras e tem pouco, e tem isso muito pouco discutido, acredito, no seio familiar e em outros espaços como outras pesquisas apontam. E o fato de ter um educador, um monitor negro, acho que serve como referência pra essas crianças que participam deste projeto, até mesmo como uma futura possibilidade de atuação nesta área, uma referência de atuação nesta área (...)” (EIII-4)*

Em relação a essa temática étnico-racial, houve uma experiência que marcou a minha participação no projeto, identificada no trecho do diário de campo 35:

*“Quando todos estavam calmos, iniciamos o diálogo sobre as atividades do dia. Eles escolheram as brincadeiras elefantinho colorido, garrafobol, futebol e pular corda. A primeira foi o elefantinho colorido. A brincadeira é muito parecida com a mãe da rua, mas o pegador ao centro, ao invés de gritar ‘mãe da rua’, grita ‘elefantinho colorido’ e os demais respondem ‘que cor?’, aí o pegador escolhe uma cor, por exemplo verde, e todos que tiverem essa cor poderão atravessar a quadra sem serem pegos. (...) No meio da brincadeira, um acontecimento chamou minha atenção. Quando um pegador escolheu como cor a ‘cor da pele’, as crianças tiveram dúvidas se podiam atravessar sem serem pegos. A maioria das crianças e adolescentes negras atravessou pensando que o pegador poderia pegá-las. Nesse mesmo instante parei a brincadeira e, em círculo, perguntei qual é a ‘cor da pele’? Eles pensaram e não falaram nada. Ao invés de eu esperar mais um pouco, fui logo dizendo que todas as cores (brancas, morenas, negras,...) eram as ‘cores da pele’, não existindo então uma cor padrão.(...) Na volta da brincadeira, ele repetiu ‘cor da pele’ e todos atravessaram sem que fossem pegos” (D35-1).*

Ainda o educador Fabiano, relembra as várias atividades desenvolvidas no projeto, a participação efetiva de crianças e adolescentes na construção do jornalzinho (ver figura 9), desencadeando processos educativos de incentivo à leitura:

*“(...) No projeto também é desenvolvido, trimestralmente, um jornal cuja crianças tem uma participação efetiva na construção deste jornal, ou dando entrevistas,*

*sugerindo atividades. Que é um trabalho, um esforço para o incentivo à leitura, através das gravuras, de desenhos e com frases, com citações ou frases das próprias crianças (...)*” (EIII-10)

Mesmo com o incentivo à leitura, é necessário destacar o pouco interesse dos participantes pela mesma, alegando não gostarem de ler, como pode ser visto no trecho do diário de campo 45:

*“A última atividade realizada foi o jornalzinho. Pedimos para que todos sentassem na quadra e fui distribuindo um jornal para cada um e pedi que, em grupos, eles lessem e colorissem os escudos dos times do São Paulo, Santos, Palmeiras e Corinthians, os quatro times com maior torcida no Estado de São Paulo. A pintura foi um sucesso. Todos ficaram pintando, compenetrados na atividade, mas foram poucas as crianças e adolescentes que tiveram a iniciativa de ler o jornal. Fico muito chateado pelo pouco número de participantes que se interessam pela leitura. Quando solicitei que lessem, muitos alegaram não gostar de leitura. Acho muito importante os projetos incentivarem a leitura, mas irei conversar com os outros educadores para vermos, juntos, o que podemos fazer para ajudar” (D45-1).*



**Figura 9:** Crianças lendo e colorindo o jornalzinho na ECO.

Não foram apenas os participantes que vivenciaram processos educativos, mas também os educadores e a comunidade. O Fabiano referiu ter aprendido muito com os participantes, com os outros educadores, com as mães e com o espaço. Aprendeu também com as dificuldades, com a dor, com o sofrimento e com as adversidades, principalmente do ponto de vista econômico:

*“(...) quero dividir assim também as coisas que eu aprendi ou as coisas que auxiliou na minha formação, na minha percepção e na minha leitura de mundo assim. Aprendi muito com essas crianças, com os outros educadores que também trabalham neste projeto, com o espaço, com as mães dessas crianças, com a organização do espaço e... me*

*tinha como referência, como uma pessoa economicamente carente e acreditava que levava uma vida, uma das mais sofrível, e quando tive a possibilidade de conhecer essas crianças vi que eles levam uma vida muito mais sofrível do que eu. Sofrível no sentido economicamente, não no sentido de felicidade ou forma de lidar com as adversidades. Sofrível, digo, no sentido econômico e, muitas vezes, ter que passar um mês... mães solteiras com dois, três filhos ou mais com salário mínimo, quando tem um salário mínimo... e aprendi muito com essas crianças no sentido de lidar com a adversidade, pois, muitas vezes, estava em espaço onde todos se comportavam de uma mesma forma, todos tinham a mesma cor, todos tinham o que queriam ter e... foi uma experiência muito rica pra mim, quanto a isso (...)" (EIII-5)*

Prosseguiu falando sobre a importância do toque, do abraço, do querer colo nas vivências e sobre como o contato é importante para melhor compreender a vida dos participantes:

*"(...) Destacaria também que esta questão do toque, essa questão do abraço, essa questão de querer colo assim, me fez romper com alguns preconceitos que, às vezes, as crianças não estavam tão bem cheirosas assim sabe, e às vezes me fazia compreender porque às vezes aquelas crianças estavam cheirando urina ou estavam com o rosto marcado do catarro que havia escorrido durante a noite e olhar pra isso não com nojo, não com pena, não com dó e até mesmo auxiliar na questão higiênica, na questão de saber o porque e compreender as condições em que eles viviam (...)" (EIII-6)*

O diário 17 expressa como o contato foi essencial para que percebesse o carinho que os participantes têm por mim e pelo referido educador:

*"No percurso encontramos três crianças (...) que nos acompanharam até a ECO. Essas crianças, logo que nos viram, foram correndo para nos darem as mãos. (...) Nesse momento senti, pelo toque e conversa das crianças, o carinho que elas têm por mim e pelo educador Fabiano" (D17-1).*

No processo de ensino e aprendizagem, o educador Fabiano referiu ter aprendido mais do que ensinara, valorizando os processos educativos desencadeados fora da instituição escolar:

*"(...) Durante muito tempo, inicialmente, eu até achava que era uma troca injusta, pois eu mais aprendia do que ensinava, eu mais... eu chegava em casa refletindo, chegava em casa pensando em várias coisas que acontecia no mundo que, muitas vezes, não me dava oportunidade de conhecer, refletir e eu acreditava que era uma troca meio injusta, que eu mais sugava do que passava alguma coisa. Isso, na minha leitura. Eu acho que foi um grande espaço de formação pra mim assim sabe, foi... acho que, para além da universidade, foi um espaço onde efetivamente eu lidei com vários conflitos, com várias situações, com adversidades grandes e, de uma certa forma ou de outra, tive que aprender a como lidar com*

*isso e aprendi muitas coisas que me servem hoje e vão me servir pro resto da vida como educador, como pai, como pessoa, como tudo (...)*” **(EIII-9)**

O momento do diálogo para sugestões e escolhas das brincadeiras, jogos e atividades em geral foi mencionado em trechos da fala do Marcos, filho da Vera, e da Juliana, neta da Dona Lúcia:

*“(...) Quando de quinta-feira, o Matheus, né? Ele vem, aí ele manda nós sentar. Como ontem, na quinta-feira, lá no fim da aula, teve surpresa pros aniversariantes de junho, julho e agosto, teve... teve um monte de coisa legal. Ontem também, teve bexiga, teve futebol, também outras coisas que não lembro mais (...)*” **(PI-3)**

*“(...) e toda quinta o Matheus também faz assim, a gente faz uma roda de conversa e vê o que que você quer brincar semana que vem, quinta-feira que vem, e aí a gente escolhe, né? Porque têm outros que não quer um, outros quer outro e a aí concorda todo mundo junto. Tem dia que quer vôlei, tem dia que quer futebol. Então, a gente concorda tudo, né? (...)*” **(PIV-11)**

Segundo Juliana, nesse processo houve respeito pelos gostos das pessoas, o compartilhar das brincadeiras e o desenvolvimento da memória:

*“(...) Aí nós senta e faz uma roda, né? E aí, o Matheus pergunta, né? Que que a gente vai fazer hoje, né? Tem uns que lembra, tem uns que não lembra. Porque quinta-feira que nem, quinta-feira passada, aí gente conversa o que vai fazer quinta-feira, aí chega quinta-feira e tem que lembrar o que pediu pra fazer, né? Aí, a gente faz do começo, de vez em quando a gente faz mãe da rua, de vez em quando a gente faz pega-pega, né? Cada dia tem que ter uma brincadeira, né? Não adianta só vôlei, só futebol, porque os muleque só quer futebol, só futebol, mas cada dia tem que ter uma brincadeira (...)*” **(PIV-22)**

*“(...) Aí, depois no final, a gente vai toma, a gente antes de toma o lanche, a gente pega, senta num caracol que tem assim no centro comunitário, todo mundo senta e fica conversando, né? De que quer brincar, né? Semana que vem, e todo mundo concorda, né? Porque tem uns que quer futebol, aí brinca um pouquinho de futebol. Uns quer pega-pega, aí brinca um pouquinho de pega-pega e todo mundo brinca do que quer, né? (...)*” **(PIV-24)**

A educadora Talita também se referiu, de forma positiva, ao projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, no que diz respeito à maneira como as atividades são planejadas. Destacou a ocorrência de aprendizagens significativas no momento da escolha da atividade, pois eles decidem o que irão fazer, em diálogo com o grupo (ver figura 10):

*“(...) De quinta-feira a gente tem o pessoal da faculdade da federal, né? Que é o Matheus, que é o Victor, o Fabiano, né? E, assim, é muito legal, porque também sai um pouco da rotina, né? Porque a gente combina de quinta-feira as atividades que, né? Vão ser feitas, né? E eles adoram assim, né? (...)” (EII-3)* *“(...) E dia de quinta-feira, né? É muito legal assim porque é diferente, né? Porque aí é conversado. Porque lá, desde o começo do ano, a gente entrou, a gente fez um planejamento, né? A gente ia seguir o que seria, né? Só que de quinta-feira, a gente sai um pouco fora, né? (...)” (EII-6)*

O Fabiano também ressaltou o momento da escolha das atividades:

*“(...) No projeto Vivências Diversificadas de Lazer, ele se pauta principalmente em jogos e brincadeiras, jogos que em sua grande maioria, são propostos... são propostos pelas crianças, mas não só. Também os educadores também trazem novos jogos, novas brincadeiras e, sempre que possível, fazendo uma reflexão acerca deles e eu percebo que há um grande interesse, pois todo dia, às oito da manhã, tem um número considerável de crianças nos esperando pra participar e pro projeto acontecer. Então, acredito que tenha um grande significado para essas crianças assim sabe, estar participando desse projeto (...)” (EIII-11)*



**Figura 10:** Participantes e educadores Vicente e Fabiano dialogando sobre as atividades a serem realizadas.

Esse mesmo educador, reconhecendo a eficiência do projeto, sugeriu um maior direcionamento das atividades de forma que os processos educativos se tornassem mais nítidos para os participantes:

*“(...) Como disse, eu vejo este projeto como espaço que pode auxiliar na formação destas crianças... é... embora eu vejo que o trabalho desenvolvido no projeto, sobretudo no projeto que trabalho, que é de quinta-feira, na parte da manhã, poderia ser feito algo mais direcionado... é... porque o trabalho que é feito atualmente, ele atua mais na subjetividade e, desta forma, fica difícil, de repente, apontar benefícios ou apurar resultados oriundos deste projeto, mas, de toda forma, eu acho ele bastante eficiente por possibilitar vivências diferenciadas, experiências diferenciadas e contato com pessoas diferenciadas que,*



*até então, poderia não ser possibilitado se tivesse somente no espaço e os materiais pra eles brincarem entre eles. E quando eu digo no sentido de algo focal, seria de eles perceberem estes processos educativos e ressaltarem e terem consciência deles, não isso vir desencadear futuramente e... e pode não ter relação, não ter relacionado com o projeto, porque essa questão do comportamento, da reflexão, do respeito também é trabalhada em outros espaços e talvez ficaria difícil associar a esta prática nossa, né? No projeto como algo que interferiu diretamente nessas mudanças de atitude (...)" (EIII-2)*

Em relação aos discursos dos familiares, a Vera, mãe do Marcos, referiu que seu filho aprendia muito nos projetos e que, ao voltar pra casa, contava-lhe tudo. O incentivo da família para a participação no projeto mereceu destaque em sua fala:

*"(...) Eles aprendem muita coisa, aprendem bastante coisa. Tudo que eles faz lá eles chegam em casa e eles contam. Eu incentivo sempre eles ir. Agora ele tá participando (...) dessa aula (...) de perna de pau, não sei se já terminou, né? Ele gosta daquele malabarismo com bola, ele gosta. É, ele já foi fazer apresentação lá no centro, né? (...)" (FI-3)*

No discurso da Teresa, mãe do Lucas, houve menção às aprendizagens, dando, como exemplo, o aprender a rezar. Outro destaque foi no sentido da necessidade de convívio entre as crianças, emergindo processos educativos de respeito de uns com os outros:

*"(...) o que ele aprendeu no projeto também, aprendeu a rezar, porque ele não sabia e eu achava que ele não sabia rezar e uma vez eu fui ensinar ele e ele falou 'mãe, eu já sei, que lá no centro comunitário, antes da refeição, a gente reza'. E eu achava que ele não sabia rezar e agora ele já sabe. Foi no projeto que ele aprendeu também a rezar. E aprende a... é... se envolve com outras crianças e aprende também a respeitar mais, né? Assim... uns aos outros, né? Porque criança tem que conviver com outra criança, né? Com outras crianças, né? (...)" (FII-5)*

Na vivência do diário de campo 17, observei referência ao momento da reza, realizada antes das refeições:

*"Todos entraram e receberam o lanche, a salada de frutas e uma banana. Antes de comerem, eu fiz um agradecimento a Deus pelo alimento e rezamos juntos o Pai Nosso" (D17-2).*

As brincadeiras, o convívio respeitoso entre os participantes, participantes-educadores e educadores-participantes geraram processos educativos, como vimos anteriormente, mas Dona Lúcia, avó da Juliana, nos mostrou também a importância da família

neste processo. No seu discurso, o respeito aos educadores é um ensinamento que ela transmite aos seus netos que participam dos projetos:

*“(...) Eu não deixo ficar malcriado, tem que respeitar o professor, as professoras, tudo, né? Tem que respeitar. Como respeita os pais, tem que respeitar os professores, porque tem criança que não respeita. Aqui eu quero que respeita. Não é verdade? Já que é professor, é pra ser respeitado, não é? Porque, quando tá doente acode, quando tá com fome, acode. Graças a Deus! (...)” (FIV-16)*

Houve diminuição de conflitos entre os participantes, conforme enfatizado pela Juliana:

*“(...) E também assim... a criança assim... tem gente que leva mais pequenininho e fica chorando, as brigas também assim agora tá melhor, porque antes era pior, né? Ficava na rua e só brigava, ia pro projeto e brigava. Tem uns que chegava só na hora de comer. Agora tá acabando isso daí, né? (...)” (PIV-29)*

Já para as educadoras Talita e Maria, mesmo com a diminuição dos conflitos, outras dificuldades dizem respeito à falta de disciplina dos participantes, com conseqüente influência negativa nos processos educativos. A agressividade, as brigas e os conflitos foram retratados em suas falas como fatores de complicação dos projetos, sendo, em alguns casos, considerados por eles reflexo da convivência familiar. Muitas vezes, o jogo, ao invés de possibilitar um convívio amigável entre as equipes, mostrou que, através de uma competição, busca-se a vitória a qualquer preço, sendo que os que perdem, brigam entre si:

*“(...) O que é difícil, o que é complicado é a disciplina, né? Porque por mais que a gente tenta colocar ordem, colocar disciplina... é complicado porque eles não tem aquela coisa assim de ordem, né? Até assim pra colocar regras, né? Às vezes é difícil, a gente tenta, né? Mas devagar, devagar, a gente vai conseguindo, né? E essa coisa da agressividade também, né? Que é complicado, porque... não sei se é porque... o meio que eles convivem, né? Às vezes dificulta, né? A gente fala ‘não pode brigar’, mas daqui a pouco já tem um lá se pegando, se agredindo, então é complicado, né? E aquela coisa também assim eles, até no jogo mesmo, eles querem ganhar, né? Quando perdem, já gera já um conflito, né? Porque nem tudo na vida mesmo a gente ganha, né? É complicado, então, no jogo em si, eles querem ganhar, e quando não ganha, já gera um certo conflito entre eles, mas aí, a gente contorna, né? A gente está sempre explicando, né? Sempre trabalhando em cima desta agressividade, né? Sempre contornando, mas é complicado, né? Pra gente, o mais complicado é isso, né? É a indisciplina, né? (...)” (EII-5)*

*“(...) É só que o mal que eu vejo, as brigas deles, né? Sempre (...) aquela coisa, refletiu o que a família passa, precisa saber o que a família tem, né? Bate e, então, bate no colega também! (...)” (EI-4)*

Durante todos os anos em que participei do projeto, os conflitos sempre estiveram presentes. Houve momentos em que os participantes discutiam uns com os outros, utilizando “palavrões”, ocasionando, muitas vezes, uma agressão física. Também foi freqüente, nos jogos e brincadeiras, o querer ganhar a qualquer custo. Trechos de diários de campo retratam alguns desses momentos:

*“E, por fim, foram as discussões nas equipes. Quando alguma equipe estava perdendo, começavam as brigas entre os jogadores da mesma equipe. Conversamos bastante com os participantes sobre o assunto, buscando compreensão quanto a companheirismo, também na derrota” (D3-1).*

*“O futebol foi muito estressante e a todo momento eles ficavam discutindo uns com os outros. Gritavam, falavam mal e, às vezes, queriam brigar porque um não tinha passado a bola para o outro, ou por uma falta mais violenta. Chegou um momento em que fiquei irritado e parei o jogo. Conversamos bastante e eles prometeram que iriam parar e se concentrar na partida. Ao recomençar houve uma melhora muito grande, mas depois de uns cinco minutos, as discussões voltaram. Na próxima vez que formos jogar, irei combinar algumas regras disciplinares antes para que isso não ocorra mais” (D30-1).*

Uma das maneiras encontradas por alguns educadores para tentar diminuir os conflitos foi retirar o participante que fez bagunça de algumas atividades e também lhe dar suspensão. Vale destacar que os educadores do Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer” não concordam com este método, preferindo usar o diálogo na tentativa de resolver esses conflitos. O respeito às regras para não “tomar” suspensão foi ressaltado na fala do participante Marcos:

*“(...) Obedecer à regra. Obedecer à regra é obedecer à professora, não subir lá em cima aonde o lugar, não pode subir lá e também a professora chamava participar de queima, a gente tinha que ir. Se quebrar a regra, fica de suspensão uma semana, duas e por assim em diante (...)” (PI-4)*

Ressalto que, por vezes, ocorreu discordância entre os projetos e/ou educadores, tendo sido necessário o diálogo para, em conjunto, chegar a uma solução ou entendimento mais adequado. O diário 20 expressa um desses acontecimentos:

*“No trajeto, o Luiz contou como foi o ping-pong. Disse que tudo estava muito divertido, que as crianças mais novas e três adolescentes estavam brincando junto com ele. No meio da atividade, a Maria o chamou de lado e falou que os adolescentes não poderiam brincar, pois aquele horário era apenas para os menores. Ele achou muito estranho o que ela dissera, pois o combinado era que às quintas-feiras juntar-se-iam crianças e adolescentes de 3 a 17 anos para trabalharem a interação entre as gerações. A supervisora disse que havia esquecido do combinado e que iria mudar o mural de programação para que os adolescentes pudessem participar” (D20-1).*

Ainda desejo destacar o enfoque do participante Marcos sobre os antigos espaços dos projetos, bem como as brincadeiras que eram desenvolvidas nesses espaços:

*“(...) Quando era o campinho, vinha o Adônis e a Maria, e o Matheus. Aí nós brincava lá, formava uma roda, nós brincava lá, tinha uns barranquinho também lá, não tinha brinquedo, aí nós brincava de muitas brincadeiras legais como corre-cutia, pular corda, fazia um monte de coisa (...)” (PI-6)*

*“(...) Aí mudou, nós foi pra Chacrinha, nós brincamo, nós brincava lá de pega-pega, esconde-esconde, também o futebol, também nadava (...)” (PI-2)*

## **B) O “novo” e os “velhos” espaços do projeto**

Nos discursos que levaram à construção dessa categoria temática, foi possível perceber o significado que a ECO tem para o bairro e para a formação das crianças e adolescentes. A chacrinha e o campinho também foram lembrados pelos entrevistados. Para a supervisora Maria, o projeto foi melhorando com as mudanças dos espaços, mas, mesmo na ECO, ela referiu dificuldades no que tange à liberdade para desenvolver as atividades, esbarrando, muitas vezes, na Unidade de Saúde da Família, na comissão de moradores ou na Prefeitura:

*“(...) E o projeto foi muito melhorado desde 2002. Passou pelo campinho, depois passou pra chácara, depois a gente foi lá pro centro comunitário que era um centro comunitário que era da Laura, não era nosso muito, né? Então, a gente tinha aquela ‘liberdade’... aí a gente veio pra ECO pensando que a gente ia ter liberdade com as crianças, né? E a gente se esbarra no posto de saúde, comissão de moradores e na prefeitura. Mas, na medida do possível, a gente vai passando por cima (risos) (...)” (EI-5)*

Não posso deixar de mencionar uma experiência que tivemos logo após a primeira reunião na ECO, com a finalidade de dialogar sobre o projeto no novo espaço. A médica da Unidade de Saúde da Família tentou impedir o uso da quadra coberta para que não

houvesse barulho no local; dessa forma, os participantes ficariam expostos ao sol. Essa medida, entretanto, não teve êxito e esse fato está retratado no diário de campo:

*“O grande problema exposto pela Maria diz respeito à possibilidade de não usarmos a quadra para a realização das atividades. A médica da Unidade de Saúde da Família da ECO não quer que tenha barulho nas salas de consultas entre 8:00h e 15:00h. Como a quadra fica bem ao lado, a médica solicitou que não houvesse atividades naquele local” (D14-1).*

A Dona Lúcia, avó da Juliana, enalteceu a construção da ECO, mas também relembrou outro espaço, a chacinha, que trouxe muito entusiasmo e alegria para as crianças. Solicitou a possibilidade de reativá-lo, para ser utilizado juntamente com a ECO:

*“(...) Depois que vocês puseram isso aí ficou bom demais, viu? Ficou mesmo (...)” (FIV-17)*

*“(...) No tempo que ia pra chacinha, vinha, tava sempre contente, ia dando risada, voltava contando. Podia voltar o tempo de ir nessa chacinha também. Onde está o campinho aqui e lá pra chacinha, né? Vão vê se é bom... mas que era bom... tudo que faz em volta aqui da favela, é bom demais (...)” (FIV-15)*

Para sua neta, o “novo” espaço é bem melhor que o antigo campinho, mas, o melhor espaço foi a chacinha:

*“(...)Aí tá melhor aí do que antes no... naquele campo vazio, né? Que não vinha quase criança nenhuma, né? Agora ficou bem melhor (...)” (PIV-8) “(...) É é bem melhor, gostei muito daqui (...)” (PIV-31)*

*“(...) Mas eu prefiro a chacinha porque a chacinha era muito legal; não tem lugar mais legal que lá (...)” (PIV-12)*

A chacinha foi um espaço marcante para os participantes. Em uma das vivências, durante a qual foram mostradas na televisão todas as fotos tiradas do grupo, os participantes, ao reverem a chacinha, recordaram-se dos bons momentos ali vividos, conforme expressa a anotação no diário de campo 31:

*“Conforme eu ia mostrando as fotos dos outros espaços, os participantes iam lembrando daqueles momentos e não paravam de comentar as fotos. ‘olha essa foto, é do dia das crianças. Eu ganhei um carrinho que tenho até hoje’. ‘Olha o balanço da ‘chacinha’, como era bom brincar lá’” (D31-1).*

No período em que o projeto foi desenvolvido na chacinha foi possível identificar vários processos educativos.

No trajeto de ida e volta entre o Centro Comunitário do Pacaembu e a chacinha, percebíamos não apenas nossa ajuda e a dos Guardas Municipais para com os participantes no deslocamento pelas ruas dos bairros Pacaembu, Gonzaga e Monte Carlo, como também entre os participantes mais velhos para com os mais novos, dando-lhes as mãos, orientando sobre como atravessarem as ruas e cuidados a serem tomados com o trânsito (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Na continuidade dos encontros, também era possível observar uma melhor atenção dos mais velhos para com os mais novos nas situações de jogos e brincadeiras, no apanhar das frutas e na hora do lanche (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005). Outra observação, diz respeito às relações de gênero. No início das atividades na chacinha, os participantes brincavam, jogavam e conversavam em grupos distintos, divididos, quase exclusivamente, em masculino e feminino. Essa postura foi sendo modificada durante os encontros, quando surgiram situações nas quais as meninas mais velhas ensinavam os meninos mais velhos a praticarem os fundamentos do vôlei - toque e manchete; as meninas mais novas, convidando e recebendo os meninos mais novos, para brincarem de casinha; os meninos, em geral, ajudando as meninas a confeccionarem pipas e a jogarem futebol (ver figura 11) (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).



**Figura 11:** Foto dos participantes jogando futebol na chacinha.

Nas várias brincadeiras, os participantes expressavam seu respeito e interação com a natureza, apanhando frutas, brincando de balanço nos galhos, subindo nas árvores, entre outras.

Outro processo educativo, destacado nos encontros, diz respeito à elaboração de regras de convivência entre todos e ao acordo com relação às atividades a serem desenvolvidas no próximo encontro. Em círculo, discutíamos, sugeríamos e elaborávamos conjuntamente as atividades de forma compartilhada, sendo possível observar que, a cada encontro, a participação e auto-organização aumentavam (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Entretanto, para Larissa, mãe do Rafael, a chacrinha era um local perigoso que gerava insegurança para os pais. Houve também críticas ao antigo campinho por não existir, na época, espaços cobertos, considerando que as crianças e adolescentes ficavam expostos ao sol:

*“(...) Desde o início, eu não gostava quando era lá na Chacrinha, que eu tinha medo por causa da piscina, porque ele é teimoso e como eu falava pra ele não pular, tinha vez que ele queria pular. Então, na Chacrinha, eu não gostei não por causa da piscina mesmo. E no campo também, uma parte foi ruim por causa desse sol quente, lembra? No começo, a turma quando ficava aí... agora não, tem a quadra, tem o campinho, agora assim é... tá bem feito aí... oportunidade boa pras crianças (...)” (FIII-2)*

Para Rafael, a preferência foi pelo antigo campinho, onde não havia restrição para a utilização desse espaço:

*“(...) Ah Matheus, era mai bão quando tinha o campo, né? Não era pra ter essa quadra aí, porque a molecada de noite aí não joga, só de dia... nós chega da escola umas 5:30h, aí quando nós vem de noite eles não deixa nós jogar (...)” (PIII-3)*

Ressalto, em pesquisas realizadas anteriormente, a quase inexistência da utilização de brinquedos industrializados no campinho, sendo que a maioria construía seus próprios brinquedos: pipas, carrinhos de rolimã, tacos para bets, estilingue, bonecos e saquinhos de areia, chamados por eles de “xinxá”. Também houve a prática de brincadeiras de rua, as quais não requeriam quaisquer equipamentos: pega-pega e variações, beijo-abraço-aperto-de-mão e passa anel, ou a utilização de equipamentos simples: bolinhas de gude, corda para balanço ou para pular, bola para futebol. Os relatos desses jogos e brincadeiras pelas crianças foram também mencionados nos depoimentos de seus familiares ou responsáveis, quando puderam, também, discorrer sobre as brincadeiras de suas infâncias (CAMPOS et al, 2003).

Revedo os diários de campo e fotos arquivadas, é possível observar a construção de um balanço pelas crianças (ver figura 12), utilizando-se de cordas amarradas às traves dos gols, já existentes no campinho. Em outra ocasião, um grupo de jovens estava jogando tênis, quando os educadores chegaram e ficaram surpresos com a cena, considerando que esse tipo de jogo é, supostamente, tido como de elite. Os garotos haviam encontrado as raquetes no lixo quando saíram com seus pais para coleta de materiais para reciclagem e, com apoio do pessoal da marcenaria do “Centro Comunitário Maria Bernadete Rossi Ferrari”, localizado no Bairro Pacaembu (por isso mais conhecido como Centro Comunitário do Pacaembu), vinculada a PMSC, as consertaram. A partir de então, solicitaram aos educadores que os ensinassem algumas regras desse jogo. Cabe ressaltar que, nessa ocasião, o jogador brasileiro de tênis Gustavo Kuerten (Guga) estava em grande destaque na mídia, ganhando muitas competições (ver figura 13).



**Figura 12:** Foto de participantes brincando de balanço com a educadora Maria.



**Figura 13:** Participantes jogando tênis no campinho.

Nos diários de campo foi registrada ainda a freqüente presença dos moradores nas ruas, onde os familiares dos participantes conversavam com os amigos, as crianças brincavam, criavam, se divertiam com outras crianças e, muitas vezes, com os pais, mães, familiares ou demais moradores, conforme entrevista realizada em 2003 com Sr. Almir, pai de dois participantes, relatou que uma das coisas que mais gosta de fazer, em suas horas de folga, é soltar pipa com seus filhos. Curiosamente, durante sua infância, quando residia em São Paulo (capital), não tinha tempo para brincar, pois ajudava seus pais em feiras livres todos os dias. Em outra entrevista, outra participante declara que o que mais gosta de fazer é brincar com seus pais (CAMPOS et al, 2003).

No espaço do Centro Comunitário do Pacaembu os participantes interessaram-se bastante por jogos de tabuleiros, como xadrez, dama e banco imobiliário. Convidamos,



então, o técnico de esportes da SMEL/PMSC, Prof. José Vicente Martins, para uma vez por semana ensinar as regras e as táticas dos jogos de xadrez e dama.

Outro aspecto importante diz respeito à diversidade de jogos e brincadeiras realizados. Além do popular futebol, pipas foram confeccionadas, filmes foram assistidos, jogos de bets e vôlei realizados, brincadeiras como pular corda, pega-pega fuji-fuji<sup>26</sup> desenvolvidas. Um dos jogos que mais teve destaque foi a “queimada garrafobol<sup>27</sup>”, proposto por um dos educadores.

### C) A importância dos educadores

Nesta categoria apresento, a partir de trechos das falas dos entrevistados e dos diários, diversos momentos nos quais ficou explícito o quanto é necessária e satisfatória a presença dos educadores no projeto e na vida dos participantes. A Vera, mãe do Marcos, ressaltou a qualidade dos educadores:

*“(...) Os professores são muito bom. Eu gosto muito, nunca tive nada contra nenhum dos professor que participou do projeto. E ele gosta muito, né? O importante é isso, que ele gosta (...)” (FI-2)* *“(...) Esse bairro nosso é um bairro de muito preconceito, mas tem que ter alguém que faz algo bom pras crianças daqui, né? Que são vocês neste projeto. É bom, muito bom (...)” (FI-6)*

A Dona Júlia também se referiu às qualidades dos educadores, dizendo de suas paciências para com os participantes, bem como do carinho dos participantes por eles:

*“(...) É você que é o Matheus. Eu não sei o nome de todos. Tem a Maria, mas a outra que eu não sei o nome (...) Eu gosto muito da Maria e as crianças gostam demais, né? Principalmente aqui de casa, a Ariadne, o Gabriel, o Julian, a Juliana, todos eles gostam da Maria, de você, da Maria e da outra que eu não lembro o nome, graças a Deus (...)” (FIV-14)*

*“(...) A paciência de vocês com as crianças (...) (risos) Paciência, tem que ter muita paciência com essas criança. Eles são terríveis, eles são, não tem um nem outro, é tudo eles, né? Mas, tão no caminho certo, se comportam, não é verdade? E eles gostam muito de vocês também, professora, professor, tudo eles gostam. (...) não tenho queixa de ninguém, todos são tudo muito bom, pra gente que é adulto, pras crianças. (risos) Acho que tá bom,*

<sup>26</sup> Brincadeira na qual parte dos jogadores fica de um lado da quadra ou de um espaço previamente demarcado e um pegador fica no meio. Quando o pegador grita “pega-pega”, todos os participantes têm que gritar “fuji-fuji” e procurar atravessar para o outro lado da quadra ou do espaço demarcado. Quem for pego, também vira um pegador. A atividade acaba quando todos forem pegos.

<sup>27</sup> Jogo parecido com a queimada tradicional, no qual as pessoas têm que derrubar as garrafas e não “queimar” o corpo dos jogadores.

*né? (...)” (FIV-12) “(...) tomara que nunca saia daí, não tire ninguém daí. Já faz tempo, quero continuá junto até morrer. (risos) Enquanto nós tiver vivo, tamo tudo junto. Graças a Deus (...)”(FIV-18)*

O respeito dos educadores pelos participantes, suas preocupações com a educação dos mesmos e a comparação do projeto com a escola foram destaques no depoimento de Dona Júlia:

*“(...) O professor ensina pra eles também, eles vão na escola, vão... e quando vem, tem aí a escola também, quer dizer que nada de ruim não tenho que falar do projeto não (...)” (FIV-4) “(...) Vocês tomam conta demais das crianças, tando aí eles tão sossegado e a gente também tá. Eles respeitam, eles quer bem, recebendo educação, o principal é isso, né? Ótimo, ótimo, bom mesmo (...)” (FIV-19)*

A fala da Juliana, neta da Dona Júlia, ao se referir à primeira educadora contratada para o projeto, ressaltou o quanto foi importante sua presença durante esses anos. Também faz referências a outros educadores que participam dos projetos:

*“(...) A Maria também, a Maria foi, a Maria que ajudou a fazer as coisas, né? Ah... ajudou a aumentar o projeto, né? Porque antes vinha pouquinha pessoa, a Maria que tá ajudando, né? O Fabiano, o Fabiano que ele é muito legal também, né? Ele vem no projeto, ele brinca com as crianças, as criança pula nele, ele é muito legal. O Luiz também, ele tem várias brincadeiras, tem um professor de dama, que dá dama pra nós de terça-feira, tem o Victor que agora também tá vindo com... antes ele não vinha, mas agora ele tá vindo, também ele é muito legal, as crianças gosta bastante dele (...)” (PIV-13)*

*“(...) Ah e também tem assim, as professora, a Talita e a Karina, que elas são muito legais, antes era a Diná, né? Ano passado, era a Diná. Aí, a Diná saiu. Agora, a Talita e a Karina... se eu... assim... elas tão fazendo bastante o esforço delas, porque as crianças sabe... de vez em quando não obedece, né? E também elas podia tá em outro lugar, podia tá que nem... podia tá em escola particular e não, elas vem aqui ajudar o Jardim Gonzaga (...) E aqui as crianças são mais rebeldes, né? Então, aí briga, só que elas agüenta, né? Porque se fosse outra pessoa, já tinha pedido a conta e já tinha ido embora, né? E elas são muito legal, dá jogo, dá bola, tem bastante brinquedo pras crianças brincar, tem areia, tem o parquinho lá, que de vez em quando não pode brincar que tá molhado, né? Mas assim já é muito legal também (...)” (PIV-20) “(...) Aí tem as professora do Anime-se que elas faz várias brincadeiras na salinha. Elas traz roupa, sabe pras criança se vestir, fazer teatro, fazer várias coisas e é muito legal, eu gosto. E tem a professora que traz, que traz massinha pra gente brincar, eu gostei muito dali (...)” (PIV-15)*

A Vera, mãe do Marcos, e a Larissa, mãe do Rafael, enfatizaram, em suas falas, o quanto gostavam dos educadores do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”:

*“(...) Pelos menos todos que fala comigo é assim e eles gostam muito de você (risos). Você vê que eles (...), quando você chega, nossa eles gostam muito (...)” (FI-5)*

*“(...) e o Rafael quer ir mais nos dias que você vai, porque os dias que você não vai, é muito difícil ele ir, mas ele vai mesmo é os dias que você tá lá. Às vezes eu cubro ele de manhã, acordo ele, falo ‘vai lá Rafael, pro projeto!’ e ele fala ‘ah hoje não, hoje não é dia do Matheus’... ele só vai mesmo nos dias que você tá... acho que a Maria pega mais em cima, né? Então, ele fica mais com medo (...)” (FIII-3)*

Teresa, mãe do Lucas, solicitou que os educadores estivessem presentes todos os dias e não apenas uma vez por semana:

*“(...) E dia de quinta, né? Que eu queria que... que vocês... vocês que são voluntários, né? Queria que vocês viessem direto porque, eles é bom assim... as professoras que fica durante a semana, mas nossa... ele adora vocês, ele adora vocês... hum... porque vocês tem outros compromisso, né? (...)” (FII-3)*

O carinho dos participantes no momento em que os educadores do Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer” chegavam à ECO, mereceu também destaque na fala da Juliana, a qual reconheceu o profissionalismo dos educadores:

*“(...) Então, a gente, no dia do Matheus e do Fabiano e do Victor, a gente... o Matheus chega e todo mundo vai correndo pra cima dele, né? Todo mundo vai correndo, quer montar no cavalinho, montar de tudo, né? (...)” (PIV-21) “(...) Ai o Matheus, o Fabiano, o Fabiano também as crianças quer montar nele, quer subir nele, quer mexer no cabelo dele, quer fazer tudo nele, né? (...)” (PIV-23)*

*“(...) E o Matheus também tem ajudado muito, né? Porque ele que corre atrás dos brinquedo pra dar pras criança, das doação pras criança e também os passeio, né? Que no final do ano, não sei... acho que a gente vai, eles vão pra UFSCar, né? E vai ter vários outros passeios também, né? Que o Matheus tava falando que queria ver a TAM, né? A TAM, né? Ver os avião... e ele tava combinando com as professora, né? Pra ver se arruma tudo, né? Ver se arruma um ônibus, tudo, né?(...)” (PIV-26)*

Os trechos dos diários de campo 25 e 50 revelam a forma carinhosa como sou recebido quando chego à ECO, o que me motiva, cada vez mais, a participar do projeto:

*“Ao chegar à ECO estacionei meu carro em frente à quadra e quando os participantes viram que éramos nós, correram em nossa direção, gritando nossos nomes. Ao chegarem à nossa frente, a euforia era tão grande que dois ou três me abraçavam ao mesmo tempo. Esse carinho, ao chegar, vem ocorrendo com bastante frequência e está me deixando cada dia mais feliz em participar dos projetos” (D25-1).*

*“Chegando à ECO, fomos recepcionados por cerca de dez crianças e adolescentes que abraçavam muito eu e o Maurício. É gostoso esse momento, pois eles sempre ficam discutindo para ver quem vai dar as mãos para os educadores. Muitas vezes, eu tenho que dar as mãos para seis pessoas simultaneamente” (D50-1).*

Também, na fala da Maria, foi possível verificar a ansiedade dos participantes em relação à chegada dos educadores do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, às quintas-feiras:

*“(...) Que é todas as quintas que é (...) Projeto Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer... aí vem o Fabiano, vem o Victor, vem o Matheus... aí vêm esses três... aí parece que as criança... ah... eles não vêem a hora que chegue aquele dia e começa a recordar todos aqueles momentos, aqueles momentos de alegria, de contato... aí, dá aquele espírito bão nas professoras, elas consegue... ah... fazer parecido assim, né? Mas a gente tem que respeitar a individualidade, né? (...)” (EI-11)*

Novamente, há de se destacar o sentimento afetivo dos participantes em relação aos educadores. No trecho abaixo, este sentimento foi expresso:

*“(...) Aí a criançada brinca, participa e também quando o Matheus não vem, ele até apanha aqui, né? (risos) Leva chute do Filipe, aí o Gabriel que... ah... quem pergunta mais dele é o Gabriel e o Filipe. Gabriel toda hora ‘...e o Matheus vai vir?’, ‘ah o Matheus ficou doente’... ‘ah, Matheus ficou doente?’ (risos) aí também quando o Matheus chega, já vem ‘Matheus!!’, já corre lá, cata o Matheus, abraça, né? Mas esse carinho, também tem com a professora, quando a professora aparece de manhã, a Talita aparece, eles já tá tudo em cima, né? (...)” (EI-12)*

Em uma das vivências, retratada no diário 23, fui recebido com certa agressividade por um participante, o qual havia ficado aborrecido por eu ter estado ausente na semana anterior. Foi a sua forma de expressar, com socos, que gostava de mim e não queria que me ausentasse novamente:

*“Ao entrar na ECO, o Gabriel veio correndo em nossa direção e deu um abraço muito forte na gente. Logo atrás dele, veio o Filipe, 7 anos, e pediu para que abaixasse para ele me dar um abraço: quando abaixei, ele começou a me dar vários socos fortes. Assustado,*

*perguntei por que ele estava fazendo aquilo comigo e ele respondeu que tinha prometido que ia me matar porque eu tinha faltado na semana anterior.(...) Segurando os braços para contê-lo, fui conversando e explicando o motivo pelo qual tive que faltar, pois estava em Belo Horizonte estudando. Quando larguei suas mãos ele tentou mais uma vez me dar um soco, mas agora, sem conseguir me acertar. Pedi novamente para que parasse com aquilo, pois estava ficando muito chato. Ele parou, me deu um abraço e pediu para que não faltasse mais. (...) Esse momento foi muito interessante. Percebi que o Filipe gosta muito de mim e o jeito de mostrar que não gostou da minha falta, foi me agredindo. Acho que minha reação na hora foi a mais correta, conversei bastante para ele entender a minha falta e que aquilo que ele estava fazendo não era legal” (D23-1).*

Alguns educadores que trabalharam nos projetos foram lembrados pela participante Juliana, os quais, segundo ela, eram muito legais:

*“(...) ah tinha também as professoras que era muito legal da chacinha também, né? Tinha a Mônica, que ia antes, agora não sei, né? Acho que tá fazendo faculdade, né? Tinha o Adônis que era muito legal também, que as crianças gostava bastante dele, o Matheus... ah um monte de gente (...)” (PIV-7)*

Os funcionários também foram lembrados:

*“(...) Ah, também tem os funcionários que é muito legal... tem a Maria Eduarda que limpa lá, né? Que limpa. Tem (silêncio) o Marcão também, tem o Miranda que olha de vez em quando, mas ele mais fica no posto (...)” (PIV-27)*

A preocupação dos educadores com os participantes foi marcante. Na fala da Maria foi nítida a dedicação que ela tem pelas crianças e adolescentes, não só pensando nos projetos, mas também nas suas vidas, para além dos projetos:

*“(...) desde 2002 eu tenho fascínio pelas crianças. É uma turminha difícil de trabalhar (...) Mas, com o sacrifício, vai superando, né? (...)” (EI-3) “(...) vai fazendo e tudo que a gente puder fazer pra melhorar pras crianças, a gente vai fazer, pra melhorar, não o projeto em si... pra melhorar a vida delas, né? (...)” (EI-6)*

*“(...) que eu cuido da vida dos outros mesmo que (risos), é como se fosse filho da gente, né? (...)” (EI-7) “(...) Mas (...) eu sou assim nem muito amada, nem muito querida em algumas partes, porque (...) se eu ver uma coisa errada, eu vou bater de frente, eu vou (...) não importa a consequência, né? Porque eu quero o bem dessas crianças, né? Apesar que eles (...) tem hora que pensam que a gente não quer o bem, mas a gente quer o bem deles, né? (...)” (EI-8)*

Segundo a educadora:

*“(...) Igual como o... é... eu não ia ser supervisora daqui, eu vi que o projeto ia acabar, que ia ser outra dinâmica, dar só esportes, esportes pra eles e a gente que nossas crianças gosta do esporte, mas não é só o esporte em si, gosta da brincadeira, porque o objetivo deles não é... do projeto não é formar atletas, é formar cidadãos... e, na formação do cidadão, tem que ter muito cuidado... Se a mãe não tá preocupada com o cidadão, a gente tem que educar. Você também tem que ir num jeito, que tem hora que a criança tá nervosa, você também tem que relevar, tem que ter muito jogo de cintura, né? E também se deixar a criança querer fazer o que quer, aí não vira projeto também, né? Horário, a gente tem que cobrar o horário só que... sem a presença da mãe, não adianta a gente cobrar da criança, porque a criança em si, ela nunca tem... não sei... das regras, ela tá acostumada a apanhar. Quando você chega pra conversar, ela já é muito teimosa, né? Tem hora que você tem que extrapolar, dar um grito, que obedece... não só um grito, uns dez quem sabe, né? (risos) (...)”*  
**(EI-10)**

Já o educador Fabiano enalteceu o comprometimento dos educadores com os projetos, com os participantes e com os outros educadores. Em sua fala, os próprios participantes reconhecem essa dedicação:

*“(...) Eu acrescentaria (...) parabenizando as pessoas envolvidas neste projeto, sobretudo Vivências Diversificadas de Lazer, pois eu acho que têm uma preocupação muito mais com o projeto (...) do que o que financia este projeto, ou o que financiaria este projeto, é... tem uma parceria com a prefeitura, pois acontece num espaço da prefeitura, mas as pessoas envolvidas neste projeto têm um comprometimento grande com ele, com as crianças, com os outros educadores. Eu acho isso super importante e o diferencial de outros projetos que eu já tenha participado. Então, acho que há um comprometimento efetivo, um comprometimento grande com todos os integrantes deste projeto. Existe, como tudo na vida, sempre os oportunistas que em alguns momentos pontuais, colocam o seu banner ou pega o microfone pra fazer política, mas mesmo isso, esporadicamente, não atrapalha, nem interfere no andamento do projeto e no trabalho desenvolvido ali. As crianças percebem isso, nós também, com certeza, mas... e acho que isso faz até parte das reflexões, das discussões, do aprendizado ali, de saber que na vida vai ter alguns oportunistas, alguns sanguessugas e acho legal que, quando isso acontece, as crianças fazerem essa leitura e se questionar e falar ‘ah, mas só vem aqui no dia tal, só vem aqui e não sabe o que a gente passa, só vem aqui...’, e essas indagações, eu acho que reflete numa percepção diferente de mundo que, talvez em outros espaços, se realmente não tivessem essas interferências ‘inoportunas’, talvez não teria essa reflexão (...)”*  
**(EIII-12)**

O diário de campo 41 também mostrou o comprometimento de uma educadora com os participantes. Ela dedicou-se muito para organizar uma festa de aniversário para os participantes (ver figura 14):

*“Já às 8:00h começaram a chegar os primeiros participantes e os educadores (Talita, Karina e Fabiano). Fiquei muito contente com a empolgação da educadora Karina*

*em relação à festa de aniversário. Percebi, em seus olhos e em sua fala, a empolgação em realizar um momento especial para as crianças e adolescentes, que, até então, não sabiam de nada” (D41-1).*



**Figura 14:** Festa de confraternização dos participantes aniversariantes junto aos Educadores Matheus e Talita.

Na minha primeira vivência no projeto, quando ainda desenvolvido na chacinha, um dos acontecimentos que mais me chamou atenção foi o carinho e respeito dos participantes para com os educadores:

*“Faltando uma hora para terminar a vivência, outro aspecto começou a chamar minha atenção. Foi o relacionamento entre educadores, crianças e adolescentes. Os participantes estavam sempre brincando com o coordenador e educadores, expressando um respeito e carinho muito grande com os profissionais” (D1-1).*

Esse relacionamento foi percebido como imprescindível, conforme expressa a fala da Maria:

*“(...) Mas, é bem isso, né? Ah, eles gostam muito do contato... é... o professor pra trabalhar com as crianças aqui, ele não pode tem... ele não pode se preocupar, né? De fica limpinho. Igual ontem, né? Eu e o Matheus inventamos de dar judô, pra que, né? Até então que eu tava ensinando eles a cair, tudo bem, né? Quando eu fui lutar com o Matheus, fazendo de conta que era judô, mas que não era judô coisa nenhuma, era o kick boxing (risos), o Matheus não me deu uma rasteira de... de capoeira, caí no chão, dali a pouco o Matheus caiu pra cima de mim pra imobilizar e vem o grupo inteiro em cima... fizeram bolinho da gente... (risos) aí eu como supervisora, tava limpinha, né? Fiquei toda marcada, a manhã inteira e nem percebi que a roupa tava suja... (risos) (...)” (E1-13)*

O educador Fabiano relatou que, de início, não acreditava muito em projetos de extensão, os quais, segundo ele, na maioria das vezes, servem para que pesquisadores das universidades “abram a cabeça” da população selecionada apenas para coletar os seus dados.

Acreditava ainda que era mais um espaço, dentre os vários existentes, de alienação e de acalmar as pessoas de baixa renda. Mas, por meio da convivência e da preocupação dos educadores com os participantes, seu olhar para o projeto foi se transformando, conforme expressa sua fala:

*“(...) A leitura que eu fazia, e que ainda faço de alguns projetos de extensão universitária, é que há uma preocupação muito maior da academia, uma preocupação muito maior dos pesquisadores com seus dados do que com as pessoas que participam e relatam os dados e dão os dados coletados pelo pesquisador. Então quando recebi este convite, inicialmente, mesmo sabendo que era uma população carente, onde é... tenho inteira disposição e como ideal de trabalho, como profissional, tinha... aceitei mais por conta da bolsa que era oferecida, que não é uma bolsa com valor tão alto assim, mas me ajudou muito no momento... e... do que propriamente com o projeto. Cheguei no projeto um pouco desconfiado das coisas que aconteciam ali. A leitura que fiz inicialmente também foi um pouco da... do pão e circo, de que ‘vamos alegrar, vamos brincar, vamos virar cambalhota, vamos virar estrela e dar um pão com leite’ e tá bom, assim, sabe. Acreditava que era mais um espaço, nos vários espaços que há, de alienação e de acalmar as pessoas de baixa renda, as pessoas da periferia e... mas na convivência com os outros educadores, com as crianças, conhecendo melhor o projeto é... muitos ou alguns desses pré-conceitos foram mudados; alguns ainda está sendo trabalhado, mas muitos foram mudados e hoje faço uma leitura diferente, sobretudo deste projeto e de alguns outros projetos que tive a oportunidade de conhecer de perto. Mas confesso que sempre tinha e ainda tenho um pouco essa preocupação de que alguns pesquisadores, ou dos pesquisadores das universidades abrem a cabeça da população escolhida pra coletar os seus dados, coletam os seus dados e voltam pra ilha da fantasia pra estudar os dados e deixa a população, as pessoas com a cabeça aberta, sem saber o que fazer. Este projeto já faz quatro anos, se não me engano, a existência dele e... já passaram vários educadores, vários monitores, vários estudantes, mas o projeto continua e acredito que ele tem não somente porque trabalho nele, independente disso, mas por conhecer um pouco melhor nesse tempo que estou... é... tem, pelo menos, a intenção de ser diferente (...)” (EIII-13)*

Algumas críticas foram feitas a alguns educadores, os quais, em muitos momentos, ficam de braços cruzados durante o desenvolvimento das atividades ou só entregam uma bola ou um brinquedo e ficam assistindo, sem nenhuma participação. A Maria relembra, no entanto, outros momentos, nos quais educadores faziam tudo pelos participantes:

*“(...) Antes era o Adônis, o Adônis, o Matheus, eu e... a gente se juntava, a Mônica também... era outro perfil. Tudo mundo participa, tudo mundo se mata, mas aí a gente vê as ACTs, né? Embora que a gente fala, que o projeto tá trabalhando lazer, um lazer dirigido... não é só dar as coisas pras crianças, tem que estar junto... se você separar os maiores dos menores, você tem, então, um professor pros maiores, outro pros menores, né? Que tem que fazer uma coisa dirigida... não é só dar o material e a criança fazer o que quer, né? A gente desde o ano passado, quando voltamos pra ECO, tive essas dificuldades, né? Tanto no período da manhã como à tarde, mas, na medida do possível, tem hora que a gente*



*tem que puxar a orelha do professor só que não pode ficar puxando assim direto, né? Tem que dar um toque ‘Ó vamos fazer atividade todo mundo junto’, né? Mas você, querendo que o seu papel é educador, se o educador com o braço cruzado, não é educador, ainda mais aqui no Gonzaga, a gente estimula as crianças a fazer coisas que tem que fazer direto, né?... vai fazendo uma coisa direto com a outra, não pode dar tempo pra eles brigar. Se for fazer jogos, tem que ser um jogo atrás do outro, porque se você dá tempo, vira tumulto, um briga com o outro, vira bagunça, porque bagunça é de criança mesmo... a gente até concorda, né? Só que tem isso, né? (...)” (EI-9)*

*“(...) E tem hora que eu to assim na sala de supervisão, vendo as professoras com o braço cruzado, aí dá vontade de ir lá dar aula, né? Mas, eu tenho que ver que é ela que tem que dar aula, me seguro um pouco, né? E também a hora que a criançada aponta na minha frente, eu não resisto, dou um grito ainda como se tivesse dando aula, depende... a professora lá conversando, tá pondo os papo em dia e eu to me estressando porque aí eu tenho que fazer relatório, tenho que fazer minhas obrigações (...)” (EI-14)*

#### **D) Tirando as crianças da rua**

Nessa categoria, todos os grupos entrevistados (familiares, participantes e educadores) fizeram menções sobre o perigo das ruas para as crianças, evidenciando uma tendência em considerá-la como um lugar perigoso.

A Teresa, mãe do Lucas, e a supervisora Maria abordaram a importância da criação dos projetos de forma que as crianças e os adolescentes não ficassem na rua. Vejamos as falas:

*“(...) Ah, o projeto é uma coisa que nossa..! foi coisa melhor que aconteceu aqui no bairro, principalmente pras crianças, né? As crianças saem um pouco da rua e o meu filho adora este projeto (...)” (FII-1)*

*“(...) E, nessa oportunidade deles estar assim fazendo um projeto, saindo da rua... é... vejo tudo de bom, né? (...)” (EI-2)*

O discurso da Vera, mãe do Marcos, expressa sua concordância ao fazer uma observação dizendo que este espaço (a rua) é um local onde as crianças fazem muitas coisas erradas:

*“(...) Eu acho que foi um projeto muito bom que teve aqui no Gonzaga, que tirou muitas crianças que ficava na rua, fazendo muita coisa errada (...)” (FI-4)*

Ainda em relação a isso, manifestou-se Juliana:

*“(...) É muito bom pras crianças sim porque, você veja, antes as crianças ficava na rua, ficava pegando barreira, barreira do caminhão, né? E, agora, tem o projeto, né? (...)” (PIV-1)*

*“(...) não tinha nada pra fazer, as mães deixava as crianças pra rua, iam trabalhar e deixava pra rua, né? Ficava só bagunçando, no meio da rua (...)” (PIV-9)*

Para Dona Lúcia, avó de Juliana, o projeto é o lugar onde as crianças estão seguras, pois estão sempre acompanhados pelos educadores. Ressaltou também que, com as crianças e adolescentes estando no projeto, as mães e pais que trabalham fora todo o dia, podem ficar um pouco mais despreocupados:

*“(...) Ah, o projeto é tudo, né? É tudo porque as crianças têm onde ficar, porque se não tivesse projeto, eles ficava pra rua, porque as mãe trabalham, outras não tem quem fica com eles, então ia deixar pra rua, e aqui no projeto eles tem onde ficar o dia inteiro (...)” (FIV-1)* *“(...) Então, o projeto é bom demais pras crianças e pra gente, porque tem quem olha, que fica junto com as pessoa, os professor vê que eles não tão sozinhos, eles não tem onde bagunçar, e tando dentro de casa, aí uma hora tá dentro de casa, outra hora tá pra rua. Você não vê o que eles faz quando não tá dentro de casa, não tá sabendo que tá pra rua e você não vê, quer dizer que, então, é ótimo, é ótimo o projeto, pra nós aqui do Gonzaga é... que que eu posso falar? Tudo de bão, né? (...)” (FIV-2)*

*“(...) Se eu não tenho ali, eles vão aonde? Pra rua, que eu não guento segurar tudo aqui dentro. A mãe trabalha, o pai trabalha, e eu segurá eles aqui não dá... pra mim, ali é bom demais por isso... ‘ai vó, vou lá no campinho’... ‘vai’... eles falam campinho, porque joga tudo ali, né? Vai, eu sei que tá ali, tá seguro, porque, se fosse pra outro lugar, eu não podia falar vai. Eu sei lá o que eles iam fazer por ai sozinhos, né? E, ali, já tem os professor tudo, né? (...)” (FIV-8)*

A Larissa, mãe do Rafael, verbalizou que, com o filho na escola e no projeto, tornava-se mais fácil encontrá-lo:

*“(...) O projeto pra mim foi (...) uma melhor oportunidade, porque o Rafael gostava mais mesmo de fica na rua e sair pra escola... dava o que fazer pra achar ele, que ele sumia, agora, com o projeto lá perto de casa, é mais fácil ele tá aí. Se dá o horário da escola eu sei onde encontrar ele (...)” (FIII-1)*

As familiares Vera e Dona Lúcia também consideraram importante o fato das crianças e os adolescentes estarem um período na escola e outro, no projeto:

*“(...) Foi assim, um jeito dele sair da rua à tarde, né? Que ele estudava de manhã e freqüentava à tarde. É um jeito assim da criança sair da rua (...)” (FI-1)*

*“(...) Vai de manhã na escola, de tarde passa aí, os que vai de tarde, de manhã passa aí e fica aí, né? Não é verdade? (...)” (FIV-11)*

Sobre esse assunto, disse a educadora Talita:

*“(...) E o projeto pra mim é, assim, uma oportunidade, né? Porque quem estuda de manhã, né? Frequenta o projeto à tarde, e quem estuda à tarde, frequenta o projeto de manhã. Então, essa é uma oportunidade, né? Pra que eles não ficam na rua, né? É..., saindo da escola, eles vão direto pro projeto, né? (...)” (EII-1) “(...) E é muito legal, porque eles não ficam na rua (...)” (EII-4)*

Já a Teresa sugeriu mudanças no projeto, no sentido de oferecer também atividades aos finais de semana:

*“(...) Porque as crianças ficam muito na rua, aqui no Gonzaga, e poderia ter alguma coisa entre sábado e domingo porque as crianças ficam sem fazer nada. Às vezes, o Lucas confunde... amanhã é sábado (...) e ele pensa ‘ah mãe, eu vou pro projeto’ e eu falo ‘ah mas hoje não tem Lucas, hoje é sábado’. Uma vez ele se arrumou e ia descer de dia de sábado e eu falei ‘Não, Lucas, (...) o projeto só é de segunda a sexta’, aí ele fica de final de semana: ‘Ah, não tem nada pra fazer mãe, não tem nada’. Aí as crianças ficam tudo aí na rua, no sol, soltando pipa, porque, de segunda à sexta, eles tem alguma coisa pra fazer, né? Ir pro projeto (...) Porque a quadra fica fechada, né? De final de semana, né? E tem até criança que passa ali por debaixo, pra poder ir pro parquinho, brinca uma bola, porque não tem nada pra fazer aqui no final de semana pras crianças, não tem nada... e a quadra fica fechada... porque se tem é... alguma pessoa pra dar alguma atividade, eles abrem a quadra, né? Os meninos ficam com a chave, né? Mas se não tem, não vão deixar as criança lá sozinha, vai que machuca, quebra alguma coisa, né? Tem que ter alguém pra olhar, né? Tem que ter alguém pra olhar as crianças (...)” (FII-4)*

Em minha reflexão sobre o brincar na rua, lembrei, quando criança, como era prazeroso brincar nesse espaço, o qual, na visão dos familiares, é considerado perigoso. No entanto, entendo também que é no espaço da rua que são tecidas as diversas relações sociais, entre pessoas de idades e gêneros diferentes, às vezes, conflituosas. A anotação no diário expressa esse momento de reflexão:

*“A primeira brincadeira foi o pique-esconde, (...). Lembro do tanto que participei dessa brincadeira, quando criança. Naquela época, era muito legal, pois eu e meus amigos brincávamos na rua. Hoje, infelizmente, vejo poucas crianças tendo oportunidade de realizar essa brincadeira na rua, muitas vezes, devido ao grande número de carros ou pela rua hoje ser considerada, por muitos, como um lugar perigoso para brincar. O que tem me chamado a atenção, no Gonzaga, é que posso, no dia-a-dia, encontrar crianças, adolescentes,*

*adultos e idosos utilizando o espaço da rua, como um espaço de brincadeiras, de encontros, de conversas e também de conflitos, como entre policiais e moradores, que frequentemente são abordados” (D31-2).*

Esta forma de brincar na rua, entre crianças e adultos, esteve presente em um trecho do diário de campo 19:

*“Paramos o carro no Centro Comunitário do Pacaembu e fomos caminhando até a ECO. No trajeto duas observações chamaram minha atenção. Perto da igreja, havia cerca de cinco crianças, de idades bem diferentes, brincando com outros cinco adultos de bolinha de gude e muitas amarelinhas desenhadas no chão da rua perto da ECO. Foi interessante verificar a integração entre adultos e crianças, em uma atividade de lazer” (D19-1).*

### **E) Brincar e aprender de barriguinta cheia é melhor**

No cotidiano dos projetos, foi visível o interesse dos participantes pelo lanche. Nesse momento, todos paravam o que estavam fazendo e se apressavam para poderem alimentar-se (ver figura 15). Vejamos algumas falas dos participantes Rafael e Juliana:

*“(...) Ir lá no centro comunitário comê.” (PIII-2)*

*“(...) Agora ficou bem melhor porque as criança lancha, depois vem, toma banho e vai pra escola (...)” (PIV-10) “(...) Ai a gente... eles faz um bolo pras crianças, as crianças comem (...)” (PIV-25).*



**Figura 15:** Participantes e educadores Fabiano e Luiz no momento do lanche no Centro Comunitário do Pacaembu

Expressando essa categoria, Dona Lúcia, avó da Juliana, referiu-se ao quanto foi fundamental o momento do lanche para as crianças e os adolescentes do projeto:

*“(...) Porque lá tanto eles comem, né? Tanto eles comem como tem professor (...)” (FIV-3)* *“(...) É isso... porque eles comem, eles bebem, eles tem onde ficar. Você quer melhor que isso, pra que? Acho que tá ótimo (...) porque muitos não têm nem o que comer, e ali tem (...)” (FIV-5)*

Essa fala a respeito da falta de alimentos nos lares das crianças do projeto foi retratada no diário de campo 42. Uma vivência foi realizada, constando de um passeio para uma praça do bairro vizinho; os participantes deveriam levar alimentos para o piquenique planejado. Poucos tiveram condições de fazê-lo e, os que não levaram, alegaram falta de dinheiro ou não haver nada em casa para levarem:

*“Pergunto, então, se eles haviam trazido o lanche e a bebida para fazermos o piquenique. Nessa hora, vejo em vários olhos e por meio de respostas claras e diretas o pouco número de pessoas que havia levado alguma coisa. Os que não puderam levar diziam: ‘professor, minha mãe não tem dinheiro para comprar nada’, ‘não tinha nada em casa para eu trazer’. É com muita tristeza que recebo essas informações e reflito o como é importante o lanche que entregamos no final da vivência. Acredito que, se fosse para outro público, o lanche não teria a importância que tem no nosso projeto” (D42-1).*

O lanche, além de sua importância no sentido de deixar os participantes com a sensação de “barriguinha” cheia, constituiu-se também em momentos de diálogo e conhecimento mútuos. Todos os envolvidos no projeto participavam desse momento: os educadores, a supervisora, os funcionários, as crianças e adolescentes e, às vezes, até os familiares. Esse destaque conferido ao momento do lanche foi descrito em trecho do diário de campo:

*“Estou achando muito interessante o lanche ser no início, pois os participantes chegam no horário e também por ser um momento onde participantes, professores e funcionários ficam conversando, o que traz várias aprendizagens e fortalece as amizades” (D48-1).*

Na época da chacinha, havia várias árvores frutíferas e, assim, além do lanche oferecido ao final das vivências, os participantes também podiam experimentar várias frutas,

colhidas nas próprias árvores, como manga, abacate, jabuticaba, entre outras. Esses momentos, foram destacados nas falas dos participantes Juliana e Marcos:

*“(...) Aí lá era muito legal lá porque lá tinha árvore, a gente podia subir, tinha muita... tinha árvore de jabuticaba, a gente podia subir pra comer, tinha pé de manga que tinham muitas mangas, tinha vários tipos de pé de fruta, assim (...)” (PIV-6)*

*“(...) Aí mudou, nós foi pra Chacrinha, como eu disse, aí o Adônis vinha e a Maria também e o Matheus, aí nós ia lá catar jabuticaba quando era época, abacate também (...)” (PI-7)*

Em uma das vivências na chacrinha, registrada em um trecho do diário de campo, os participantes solicitaram aos educadores para não brincarem do que havia sido combinado na semana anterior, ficando, assim, durante toda a manhã, colhendo jabuticabas:

*“Nesse dia, as crianças e adolescentes tinham escolhido três brincadeiras, pega-pega americano (...), vôlei adaptado (...) e pé na lata (...). Porém quando chegamos à chacrinha, elas viram que as jabuticabeiras estavam carregadas de frutas maduras e pediram para os educadores deixarem-nas apanhar após o café da manhã. (...) As crianças ficaram a manhã toda apanhando jabuticabas e guardando-as em sacos plásticos. Os mais velhos, que tinham mais habilidade para subir nas árvores, ajudavam os menores que, geralmente, eram seus irmãos ou primos. (...) Observo que a maioria, além de apanhar as frutas para seu consumo, apanhava para dar para a mãe. Isso me fez refletir, em conversas com as crianças, sobre a importância da mãe para suas vidas (...) Outra coisa muito interessante que me chamou a atenção no dia-a-dia foi a interação que as crianças tinham com a natureza, brincando muito na terra, subindo nas árvores, apanhando várias frutas no pé, brincando de Tarzan, de cavalinho nos galhos e de balanço” (D5-1).*

Finalizando, enfatizo o discurso da participante Juliana, o qual revela que, na época da campinho, um dos motivos pelo pequeno número de participantes era a falta do lanche:

*“(...) Era pouquinha gente porque não tinha lanche, não tinha nada e quase ninguém queria vir, né? (...)” (PIV-5)*

**Pra Mode Chatear**

(Composição: Antonio Carlos Jobim)

*As criancinhas a gente prende no banheiro  
Não deixe no terreiro  
Que é pra não incomodar.  
A gente grande gosta de ficar sozinha  
Lá vem as criancinhas, que é pra mode chatear.  
Zulmira, Zulmira  
Tranca elas no banheiro  
Não deixe no terreiro  
Que é pra não incomodar.*

*A gente grande a gente prende no banheiro  
Não deixe no terreiro  
Que é pra não incomodar.  
A criancinhas gostam de brincar sozinhas  
Lá vem a gente grande que é pra mode chatear.  
Zulmira, Zulmira  
Tranca elas no banheiro  
Não deixe no terreiro  
Que é pra não incomodar.*

## CONSIDERAÇÕES

Destaco que as considerações em um trabalho com base na fenomenologia não são conclusivas, no sentido de findar o estudo de um fenômeno. Neste tipo de pesquisa o fenômeno é entendido como perspectival, assim sendo, possuidor de inúmeras possibilidades de se mostrar, se des-velar.

Retomo, antes, o objetivo deste estudo: analisar os processos educativos presentes na prática social lazer, no contexto do Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” em seu novo equipamento de lazer do Jardim Gonzaga, a ECO, segundo a percepção dos participantes mais antigos nos projetos, de seus respectivos familiares e educadores.

Dentre os processos educativos desencadados na convivência de participantes, educadores e familiares, saliento: o aprender brincando, a vivência lúdica diversificada e a autonomia na decisão e forma de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro, a afirmação étnico-racial, o respeito e a interação com o meio ambiente, o incentivo à leitura e à escrita, aprendizagens em diferentes espaços, o comprometimento.

O brincar e o aprender para os participantes não estão em oposição. Em suas falas: “*aprende... quando você vem de quinta, nós joga bola, nós passeia*” (PIII-A1), “*(...) eu aprendo muito, eu... eu brinco.(...)*” (PII-A1), “*Aí outro dia é mais legal ainda, aí começa tudo de novo, como nós vai brincando de bola, participando das brincadeiras, jogando queima, (...) vôlei também, é pega-pega ajuda, duro-mole americano, (...) esconde-esconde e outras brincadeiras*” (PI-A2), ressaltam o potencial que as brincadeiras e os jogos têm na aprendizagem.

A diversidade de vivências lúdicas desenvolvidas no “novo” espaço também teve destaque nos diários de campo e nas falas dos sujeitos da pesquisa. Brincamos de pega-pega, pique-esconde, pular corda, soltar pipa, futebol, queimada, vôlei, garrafobol, teatro, dança, confecção e leitura de jornal, brincadeiras de personagem, xadrez, gincanas, realizamos passeios, fizemos oficinas de pipas, de baragandam entre outros. A diversidade das vivências e a possibilidade de contemplação é um dos objetivos do projeto, fazendo com que estas possuam significados para seus participantes.

Vale ressaltar que as regras dos jogos e brincadeiras eram bem flexíveis, podendo ser modificadas quando os participantes e demais envolvidos consideravam sua necessidade. Havia também autonomia dos participantes na mudança das brincadeiras e jogos,



como pode ser visto no trecho do diário de campo 15: “*eu e a educadora Diná fomos para o campo pular corda. No meio da atividade um grupo que estava pulando corda começou a se pendurar na trave, dando início a outra brincadeira*” (D15-1).

O momento de diálogo igualitário, para sugestões e escolhas das atividades, se destaca entre as falas dos sujeitos. Nesse processo, estão presentes: o respeito pelos gostos das pessoas, o compartilhar das brincadeiras e o desenvolvimento da memória, pois, na semana seguinte, os participantes têm que lembrar o que havíamos combinado.

Esse processo de sugestões e escolhas destaca-se como um momento de educação para o lazer, sendo muito importante a participação e a autonomia de todos os envolvidos no projeto para a superação de uma *educação bancária* (FREIRE, 2005a).

Assim, para Fiori (1986) “a educação é, pois, processo histórico no qual o homem se re-produz, produzindo seu mundo. Todos que colaboram na produção deste, deveriam reencontrar-se, no processo, como sujeitos de sua própria distinção histórica, autores de sua existência” (p.10).

Na perspectiva de uma educação dialógica, na qual há o respeito entre educadores, educandos e comunidade como um todo, processos educativos foram desencadeados pelos envolvidos. Os educadores permanentemente aprendiam, a partir dos jogos, com o carinho dos participantes, com o relacionamento entre os educadores, com os familiares dos participantes, com o espaço do projeto e arredores, com os contatos das mais diversas formas. O educador Fabiano, destacou que mais “*aprendia do que ensinava*” (EIII-A9). O próprio educador diz que aprendeu com a dor, com o sofrimento e com as adversidades, principalmente do ponto de vista econômico. Também, atribui importância ao toque, ao abraço, ao querer colo durante as vivências, enfim, ao contato afetivo, o que considera importante para compreender melhor a vida dos participantes.

Freire (2005a) escreve: “é através [do diálogo] que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador” (p.78).

Ainda segundo Freire (2005b, p.118):

A relação dialógica, (...) não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ele funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando.

Deste modo, o convívio entre todas as pessoas que fazem parte do projeto é fundamental para possibilitar a ocorrência de aprendizagens.

Segundo Oliveira e Stotz (2004, p.6-15):

Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente à frente (...) é a arte de se relacionar, dá intensidade à relação, sabor ao fazer e gera afetividade e saber (...). Conviver se aprende convivendo e para essa convivência há algumas moedas: simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade em relação aos tempos.

Em relação à temática étnico-racial, a preocupação com questões afirmativas sempre esteve presente no projeto. Aponto como resultado positivo umas das vivências na qual o educador Fabiano ficou surpreso com o grande número de participantes que pintavam figuras de crianças e adultos com o lápis marrom e preto. Na ocasião, ele disse *“que, em todo seu trabalho com a questão racial ele nunca havia visto tantas pinturas retratando os negros, os quais, no caso do Jardim Gonzaga, são a maioria, mas sim a cor bege que é a mais usada”* (D20-2).

Porém, em um estudo que realizamos em 2007, percebemos a dificuldade dos entrevistados em se auto-afirmarem enquanto negros, optando, alguns, pelo uso de expressões, tais como: “moreno escuro”, “marrom”, “mulato pardo”, entre outras (SANTOS et al., 2007).

Tal situação, possivelmente decorre do preconceito racial ainda existente em nosso país. Embora os negros representem mais de 90 milhões de pessoas, o que qualifica o Brasil como o segundo maior país de população negra no mundo, tem-se, ainda, uma cultura visual, na qual, segundo Inocêncio (2006, p.1):

(...) o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos, porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. Esses são apenas alguns dos motivos que fizeram e fazem expressivas parcelas da população afro-brasileira alimentarem desejo obsessivo por aproximação, ainda que ridícula, das imagens positivas que o segmento branco hegemônico constrói dia-a-dia em torno de si próprio.

Segundo Oliveira (2004), a maior parte desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia, trabalho.

Para Araújo (2005, p.14):

A inserção da população negra no mercado de trabalho no Brasil é marcada pela vulnerabilidade que resulta da desigualdade racial. Ela trabalha mais e ganha menos do que a população branca, ocupa postos de trabalhos mais precários e está mais exposta ao desemprego.

O papel da mídia nesse processo reforça o preconceito. São poucos os negros que trabalham apresentando os telejornais, ou programas de auditório, ou programas infantis, entre outros. Nas novelas, a maioria dos papéis destinados aos negros é de pessoas de baixa renda, como empregadas domésticas. São poucos os personagens negros que possuem uma condição social mais favorável. Além disso, pouco se conhece sobre os familiares dos personagens negros das novelas brasileiras, dando a impressão de que estes se encontram sozinhos no mundo.

Em pesquisa sobre o corpo na mídia, Bento e Gonçalves Junior (2006), analisaram as capas da revista “Época” (Editora Globo), publicadas ao longo de um ano, e observaram que a maioria das imagens das capas era de pessoas brancas. Em relação às mulheres, encontraram 38 brancas, 4 negras, 1 oriental e nenhuma indígena. No caso masculino, foram 58 imagens de pessoas brancas, 4 de pessoas negras e nenhum oriental ou indígena.

A temática ambiental também foi indicada nas falas dos participantes. No passeio ao “buracão” ressaltou a interação e preocupação dos participantes com o meio ambiente, como no trecho do diário de campo 32:

*“Mas o pior estava por vir. Tínhamos que atravessar o riacho, mas como todos já sabemos, ele estava todo sujo e cheirando muito mal. Inconformado o participante Olavo disse: ‘minha mãe sempre fala que quando ela era criança, ela vinha sempre no buracão para nadar, pois naquela época essas águas eram todas limpas’. Ele não foi o único a ficar inconformado, todos nós ficamos. Como é triste ver um local tão bonito com tanta sujeira e esgoto” (D32-1).*

Outra situação que reporta a temática ambiental ocorreu em um de nossos encontros na chacinha, no qual, alguns participantes, jogando pedras em um animal silvestre (saruê) que apareceu em uma das árvores, provocaram a morte do animal. Nesse momento, foi aberto o diálogo sobre o ocorrido, utilizando-se de estratégias como contar histórias, dramatização e pintura. Em momento posterior, outro animal, da mesma espécie, surgiu no local e a postura dos participantes foi bem diferente, amistosa, tendo inclusive, preocupação em alimentar e abrigar o animal.

Em relação ao incentivo à leitura e à escrita, várias experiências foram marcantes no projeto. Realizamos contações de histórias, peças de teatro, entre outras atividades. Porém, destaco aqui o processo de criação e leitura dos jornalzinhos. A escolha das matérias, e até mesmo a elaboração destas, eram realizadas pelos participantes. Em cada edição bimestral havia matérias sobre o bairro, entrevistas com participantes, educadores e moradores, fotos tiradas dos passeios e das brincadeiras, e também um espaço para passatempo, com desenho para colorir (muitas vezes de autoria dos participantes), cruzadinhas, caça palavras, entre outros (ver apêndice 2).

O momento de entrega dos jornalzinhos era sempre muito especial, e esperado com ansiedade pelos participantes. A primeira coisa que faziam ao recebê-los era realizar as atividades de passatempo, como por exemplo, colorir os desenhos. No entanto, é preciso ressaltar que muitas vezes a maioria dos participantes não se interessava pela leitura das matérias. Nestes momentos sempre houve incentivo por parte dos educadores para a prática da leitura, atitude esta que nem sempre teve êxito.

Os entrevistados valorizaram processos educativos desencadeados fora da instituição escolar. Entendo, conforme Silva et al (2008), que identificar e valorizar os processos educativos em práticas sociais (nesse caso a prática social lazer), faz com que tenhamos um olhar crítico ao estabelecido monopólio pedagógico de sistemas educacionais, que pretendem, muitas vezes, deter o único meio pedagógico capaz de educar. De acordo com Dussel (s/d): “a ‘escola’ arroga-se assim o dever sublime de dar toda cultura à criança (...). O certo é que com isso elimina os subsistemas educativos (...)” (p.205).

Não só processos educativos positivos foram desencadeados no projeto. Tenho que destacar que durante toda a minha inserção, os conflitos estavam presentes. Mesmo que dois participantes tenham apontado a diminuição desses conflitos, no transcorrer das vivências, as educadoras Talita e Maria reclamavam da falta de disciplina dos participantes, da agressividade, das brigas, que conseqüentemente influenciavam negativamente os processos educativos.

Em alguns momentos, na tentativa de diminuir os conflitos, alguns educadores tiravam os participantes que estavam fazendo bagunça das atividades e também davam suspensão. Vale ressaltar que os educadores do Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer” não concordavam com esta ação, preferindo usar o diálogo na tentativa de resolver esses conflitos. Quando surgiam essas discordâncias entre os projetos e/ou educadores, havia sempre um respeito muito grande entre as pessoas, na tentativa de chegar a uma solução ou entendimento mais adequado.

Enfatizo que as mudanças de espaços (campinho, chacinha, centro comunitário do Pacaembu e ECO), ocorridas durante todos esses anos (2002-2005), propiciaram o desencadeamento de processos educativos diferenciados, pois, os envolvidos no projeto foram construindo novos significados para cada espaço. No campinho (espaço que eu ainda não estava presente) havia apenas um terreno de terra batida com traves de futebol e também era usada a calçada em frente às casas para realização de pinturas e oficinas de pipa, ocorrendo uma maior interação com os moradores do local. Na chacinha, havia muitas árvores frutíferas e muita vegetação, o que fez com que os participantes tivessem uma interação maior com a natureza. No Centro Comunitário do Pacaembu, com a diminuição do espaço, as relações intergeracionais foram afetadas pela divisão etária dos participantes. Já na ECO, destaca-se a diversidade de espaços, como o parque infantil, quadra, campo de futebol, sala de multiuso, entre outros, proporcionando uma maior diversidade de atividades. Esses são apenas alguns exemplos ocorridos devido às mudanças de espaços.

Em relação aos passeios fora do bairro, quando os participantes entravam em contato com novos espaços, estes ficavam muito curiosos, muitas novidades lhes chamavam a atenção para além do objetivo central do passeio (como assistir uma apresentação de dança): uma torneira diferente, a existência de elevador ou algum outro detalhe do espaço físico. Tudo isso era motivo de muitas perguntas e aprendizagens.

Destaco a experiência que tivemos com o elevador, no passeio para a exposição “Jogos e Brincadeiras do Povo Kalapalo”, no SESC/São Carlos, retratada em trecho do diário de campo a seguir:

*“Eu estava conversando com o coordenador Luiz quando três meninas me chamaram para ver o elevador. Elas queriam de qualquer maneira andar de elevador. Até aí nenhum problema, mas de repente surgiram outras 10 crianças querendo andar. Quando a porta do elevador abriu, todos entraram de uma vez só. (...) Quando o elevador fechou para subir para o primeiro andar, observei a alegria que estavam naquele momento. Ao abrir a porta no primeiro andar havia duas funcionárias do SESC esperando o elevador. Nesse momento, pedi que todos saíssem para as duas entrarem. Ao saírem eles ficaram na mureta chamando os outros participantes. De repente todos começaram a subir as escadas até chegar ao primeiro andar. Junto com os participantes veio o Luiz e a Maria para tentar me ajudar. (...). Quando os participantes já estavam descendo as escadas, o elevador abriu a porta e cerca de 10 participantes entraram novamente. Nesse momento pedi para as pessoas que já tinham ido sair do elevador. Elas obedeceram e com 6 participantes o elevador desceu para o térreo. Quando o elevador abriu a porta, havia muitos esperando para entrar. Minha sorte foi que a Maria os chamou para frente do SESC, pois o ônibus havia chegado” (D27-1).*

Ainda sobre as aprendizagens em diferentes espaços me chamou a atenção que todos os grupos entrevistados (familiares, participantes e educadores) demonstraram uma tendência em considerar a rua um lugar perigoso.

A rua, na contemporaneidade, passou a ser encarada como um espaço em que se faz presente a violência, os perigos, os enganos, as drogas, as tentações, as deformações sociais. Tal imagem negativa é destacada pela mídia e pela forte interferência do Estado, que através de políticas públicas oferecem atividades de lazer para crianças e adolescentes enquanto estratégias para “tirá-las da rua”.

Reconheço esses perigos, contudo concordo com Pires (2006), que considera a rua como um espaço público de formação da identidade e da cidadania, na qual se manifestam as diferenças sociais, econômicas, culturais existentes nas sociedades contemporâneas.

Segundo Pires (2006, p.68):

É preciso que a rua não seja mais vista somente como um local de passagem, circulação e violências, mas principalmente, como um local de encontro, onde a sociedade possa se encontrar e (re)encontrar consigo mesma, onde os atores sociais se relacionem, discutam a vida e o cotidiano, enfim, que a rua seja restituído seu título de espaço da vida, lugar onde se possa efetivar a construção, por parte das crianças e jovens, da pedagogia coletiva, pois ela é a condição necessária à apropriação de saberes e conhecimentos, que são elaborados sem objetivar a produção de valores negadores da possibilidade do estabelecimento de idéias voltadas à homogeneização das visões sobre as coisas do mundo, de pensamentos, comportamentos, de corpos dóceis e eficientes.

Durante os anos da minha inserção no Jardim Gonzaga, verifiquei no espaço da rua várias relações sociais entre pessoas de idades e gêneros diferentes, e poucas vezes, estas foram conflituosas. Em vários momentos presenciei adultos sentados, na calçada ou na frente de bares e outros comércios, conversando; senhoras e senhores com seus filhos, sobrinhos ou netos, brincando ou confeccionando algum brinquedo ou observando-os brincar em grupos. Nos mais diversos espaços do bairro, sempre que as crianças estavam brincando na rua, havia adultos observando ou tomando conta delas. Portanto, as ruas do Jardim Gonzaga estiveram sempre cheias de pessoas e, conseqüentemente, cheias de vida.

Para Jacobs (2001), a rua é um espaço no qual crianças e adolescentes podem brincar e aprender, vivenciar momentos de lazer com autonomia e liberdade. Para a autora, as ruas onde as crianças brincam com a presença de adultos, que as observam, é um espaço muitas vezes mais seguro que parques específicos para crianças.

Ainda segundo Jacobs (2001, p.90):

Na prática, é só com adultos das calçadas que as crianças aprendem – se é que chegam a aprender – o princípio fundamental de uma vida urbana próspera: as pessoas devem assumir um pouquinho de responsabilidade pública pelas outras, mesmo que não tenham relações com elas. Trata-se de uma lição que ninguém aprende por lhe ensinarem.

Em relação ao comprometimento, este é demonstrado por todos envolvidos. Para os educadores, a preocupação com os participantes ficou evidente, principalmente nas falas da Maria e do Fabiano. É nítida a dedicação deles pelas crianças e adolescentes, não só pensando nos projetos, mas também na vida destes, para além do projeto. Enaltecem ainda, o comprometimento dos educadores com os projetos e com os outros educadores.

Os participantes demonstraram muito carinho com os educadores. A participante Juliana lembra de muitos deles, mas destaco das falas dela, os elogios feitos à Maria, que desde o início, em 2002, está presente nos projetos, ajudando na construção e no seu desenvolvimento.

Teresa, familiar de um dos participantes, inclusive, pediu para que os educadores do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” comparecessem todos os dias, e não apenas, uma vez por semana.

Para Freire (2006, p.20):

Se de seu compromisso como homem (...) não pode fugir, fora deste compromisso verdadeiro com o mundo e com os homens, que é solidariedade com eles para a incessante procura da humanização, seu compromisso como profissional, além de tudo isto, é uma dívida que assumiu ao fazer-se profissional.

Por vezes, projetos sociais são idealizados ou vistos como assistencialistas, ou seja:

(...) modalidade de ação em que apenas se transfere dados e conhecimentos, mostrando-se desinteresse em dialogar e desconsiderando o outro pelo o que é e sabe. Deste modo, diferentemente do que se aparenta o assistencialismo é mutilador, cerceador de iniciativa, deixando a pessoa à mercê de uma situação de eterna dependência. É, por fim, uma atitude inadequada a todo o processo de conscientização, já que é antagônico a este e não “libertador” (VASCONCELOS; BRITO, 2006, p.46)

Mesmo em nosso projeto, o próprio educador Fabiano assim o imaginava, quando iniciou sua inserção. Mas com o tempo, percebeu que educadores envolvidos têm um comprometimento muito forte com o projeto, com os participantes e seus familiares, com o

diálogo, e embasamento e desenvolvimento de ações pautadas na fenomenologia existencial e educação dialógica, as quais vão além de um projeto assistencialista.

Neste sentido, Freire (2000, p.65) nos alerta:

O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica.

Em relação ao momento do lanche, antes de ser assistencialista, converte-se em tempo/espço no qual, além de comer, dialogamos *uns-com-os-outros*, e assim, conhecemos um pouco mais as pessoas. De todo modo, não posso deixar de salientar o significado que os participantes dão a esse momento, no sentido de poderem se alimentar, pois muitos deles têm dificuldades financeiras, sendo o lanche fundamental.

Finalizando, destaco o carinho e o afeto que recebo dos participantes, o que, em nenhuma outra situação enquanto animador cultural fui tão bem acolhido, como no Jardim Gonzaga. Os abraços, os apertos de mãos, uma frase dirigida com amor, fizeram com que me sentisse parte do bairro e da vida daquelas pessoas, que para mim são “mágicas”, pois com todas as adversidades no dia-a-dia, são pessoas que transmitem muita vontade de viver e muita alegria.

Destaco ainda que além *do que* aprendemos (jogos; brincadeiras; respeito para com o outro, independentemente do gênero, da idade, da etnia, da condição social, da situação profissional, da cultura...), de igual importância foi o *como* aprendemos (nos humanizamos): em experiências concretas, em vivências significativas, em reciprocidade (GONÇALVES JUNIOR e SANTOS, 2006), uma vez que como aponta Freire (2005a, p.78) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesegrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- ALVES JUNIOR, Edmundo D.; MELO, Victor A. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ARAÚJO, Ubiratan Castro de. O negro no mercado de trabalho. In: BRASIL. **O negro no mercado de trabalho**. Brasília: Ministério do Trabalho/Fundação Cultural Palmares, 2005. p.13-18.
- BENTO, Clovis Claudino; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. O corpo na mídia: percepções de alunos de educação física de uma escola pública estadual. In: EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PRAXIS, 7., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. CD-ROM
- BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: \_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p.150-175.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. In: MENDES, Durmeval Trigueiro. **Filosofia da educação brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p.135-194.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRUHNS, Heloísa T. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspecto da globalização. **LICERE**, Belo Horizonte: v. 1, n.1, p. 77-94, 1998.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- BRACHT, Valter. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, Christiane Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.147-172.
- BRAMANTE, Antônio C. Lazer: concepções e significados. **LICERE**, Belo Horizonte: v.1, n.1, p.9-17, 1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988, artigo 6º. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 08 fev. 2008.
- CAMARGO, Luiz O. de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003
- CAMPOS, Silmara Elena Alves et al. O lazer cotidiano do Jardim Gonzaga - São Carlos. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER - LAZER E TRABALHO:

NOVOS SIGNIFICADOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 15., 2003, Santo André. **Anais...** Santo André: SESC/SP, 2003. CD-ROM.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 23 de Abr. 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2001b.

DUSSELL, Enrique D. **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba: Editora Unimep, s.d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v11, n.1, p.3-10, jan./jun., 1986.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação e política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

GAELZER, Lênea. **Lazer: bênção ou maldição?** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 1979.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GOMES, Christianne Luce. Lúdico. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a. p.141-146.

GOMES, Christianne Luce. Lazer - concepções. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p.119-126.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização**: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal. 2003. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal).

GONÇALVES JUNIOR, Luiz, et al. Lazer e processos educativos no Jardim Gonzaga – São Carlos/SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER – ÉTICA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 17., 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UCDB, 2005. CD-ROM

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus Oliveira. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PRAXIS, 7., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. CD-ROM

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo, 1997. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/>>. Acesso em: 10 de mar. 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Prefácio. In: MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural**: conceitos e propostas. Campinas: Papirus, 2006, p.9-11.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. In: UNB. Centro de Educação à Distância. Educação Africanidades Brasil. Brasília: UnB/CEAD, 2006. p.185-192.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Carlos**: dados estatísticos da população. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 29 ago. 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

MACHADO, Ozaneide Venâncio de Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba, UNIMEP, 1994. p.35 – 46.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da humanização**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v.24, n.1, p.139-147, 1990.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia, fundamentos e recursos básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes; EDUC, 1994.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. Animação cultural. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.12-15.

\_\_\_\_\_. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

ÓCIOS do ofício. Direção de Valquíria Padilha. São Carlos: UFSCar, 2004. 1 dvd (34 min.), son., color. ACIEPE Lazer em Debate.

OLIVEIRA, Fabiana de. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; STOTZ, Eduardo Navarro. Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: REUNIÃO DA ANPED – SOCIEDADE, DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO: QUAL UNIVERSIDADE?, 24., 2004, Caxambú. **Anais...** Caxambú: ANPED, 2004. CD ROM.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2001.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer: concepções e significados. **LICERE**, Belo Horizonte: v.1, n. 1, p.18-27, 1998.

\_\_\_\_\_. Vivência lúdica no lazer: humanização pelos jogos, brinquedos e brincadeiras. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p.171-193.

PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes. A rua como lugar de formação da cidadania, prazer e felicidade. In: CARVALHO, João Eloir (Org.). **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 63-69.

SANTOS, Matheus Oliveira. **Projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”**: um olhar nos processos educativos. Belo Horizonte: UFMG/ EEF, 2005. Monografia apresentada à Especialização em Lazer.

SANTOS, Matheus Oliveira, et al. Estação comunitária do Jardim Gonzaga: processos educativos vivenciados na prática social do lazer In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE: SABERES DOCENTES, 7., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2007. v.1. p.1543-1555.

SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. **Folha de São Paulo**, 19 mar., p.18, 2000.

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal. **Programa Habitar Brasil BID**: projeto de urbanização integrado – Gonzaga e Monte Carlo. São Carlos: Prefeitura Municipal, 2002a. vol. 4. Trabalho de participação comunitária.

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal. **Programa Habitar Brasil BID**: projeto de urbanização integrado – Gonzaga e Monte Carlo. São Carlos: Prefeitura Municipal, 2002b. Vol. 5. Projeto urbanístico.

SÉRGIO, Manuel et al. **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **LICERE**, Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, 2003.

SILVA, Benedito. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Maurício Roberto. A exploração do trabalho infantil e suas relações com o tempo de lazer/lúdico: quando se descansa se carrega pedra! **LICERE**, Belo Horizonte: v.4, n.1, p.09-21, 2001.

SILVA, Petronilha Oliveira Gonçalves, et al. **Práticas sociais e processos educativos**: costurando retalhos de uma colcha. São Carlos: UFSCar/PPGE, 2008. Texto para fins didáticos da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos.

TÁPIA, Luis Ernesto Rodriguez. Método em fenomenologia. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S. F. **Temas fundamentais da fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984. p.69-74.

VENÂNCIO, Silvana. **Educação física para portadores do HIV**. 135 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VENTOSA, Victor Pérez. ¿De qué hablamos cuando hablamos de animación sociocultural? animador sociocultural. **Revista Iberoamericana**, Salamanca, v.1, n.2, maio/set., 2007. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufjf.br/animadorsociocultural/>>. Acesso em: 25 fev. 2008.

VALLA, Victor Vicent. A crise de interpretação é nossa: procurando entender a fala das classes subalternas. **Educação e realidade**, v.21, n.2, p.177-190, 1996.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006.

WERNECK, Christiane Luce Gomes. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 2000.

WERNECK, Christiane Luce Gomes. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **LICERE**, Belo Horizonte: v.1, n.1, p.47-65, 1998.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1990.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 - DIÁRIOS DE CAMPO

**Diário 1 - 23/09/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

#### PRIMEIRO DIA NO PROJETO

Esse foi meu primeiro dia no projeto e muitas coisas marcantes aconteceram. Quando chegamos à chacrinha fui apresentado aos participantes de uma forma muito descontraída. Havia cerca de 40 crianças e adolescentes, os quais, em todo momento, me perguntava sobre a minha vida (onde moro, se eu estudo, entre outras). Ao mesmo tempo, despertou-me curiosidades sobre suas vidas e, em conversas não formais, fui melhor conhecendo essas pessoas.

Conversando com a educadora Mônica sobre o que consistiria aquela vivência, ela disse que seria um dia livre, no qual elas poderiam escolher as brincadeiras e o local para brincar. Isso foi muito importante para mim, pois fui passando por vários grupos e conhecendo melhor os gestos, os hábitos, as palavras, enfim, conhecendo melhor a realidade dos participantes.

O que mais chamou minha atenção, nessas passagens pelos grupos, foram a riqueza e diversidade de atividades e o respeito entre os participantes.

Eles brincavam de subir nas árvores, de pega-pega, bolinha de gude, pular corda, balanço, apanhar abacate, de casinha, entre outras.

Faltando uma hora para terminar a vivência, outro aspecto começou a chamar minha atenção. Foi o relacionamento entre educadores, crianças e adolescentes. Os participantes estavam sempre brincando com o coordenador e educadores, expressando um respeito e carinho muito grande com os profissionais (D1-1).

Após muitos pedidos das crianças e adolescentes, combinamos que, para a próxima quinta-feira, eles trouxessem brinquedos de casa para brincarem livremente na chacrinha.

Na hora de voltar para casa, duas crianças foram de mãos dadas comigo e disseram duas frases que me deram a certeza que eu estava no lugar certo para minha inserção:

-“tio Matheus, você é super legal, espero que você sempre venha para cá.”

-“isso, tio, vem sempre aqui para brincar com a gente.”

**Diário 2 - 30/09/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

#### BONECAS, CARRINHOS, BOLAS... COMO É BOM BRINCAR!

Conforme combinado na vivência anterior, muitos participantes trouxeram carrinhos, bonecas, peões, bolas, bolinhas de gude, entre outras para brincar com os amigos na chacrinha. Alguns participantes deixaram de trazer porque não se lembraram de trazer.

Foi uma manhã muito gostosa, pois, em pequenos grupos, os participantes criavam várias brincadeiras, espontaneamente. Entre essas, estão duas que gostaria de citar.

A primeira, veio de um grupo com cerca de 10 meninas, que foram para uma sala e brincaram de casinha. Cada uma tinha sua função e os brinquedos ajudavam muito no despertar da fantasia e da imaginação. As bonecas se tornavam bebês e, no fogão de brinquedo, elas brincavam de fazer “comidinha”. Um acontecimento chamou-me a atenção, pois as crianças, junto com a educadora Mônica, descobriram que havia uma aniversariante e elas fizeram um bolo de areia para cantar os parabéns e festejar com a amiga.

A outra brincadeira ocorreu na quadra de areia. Cerca de cinco meninos e três meninas ficaram brincando de caminhãozinho. Mas, o interessante, é que eles não se limitaram a brincar apenas com os brinquedos; eles criaram ruas, pontes e castelos na areia, construindo, assim, uma grande cidade, expandindo as fronteiras da imaginação.

No final da manhã, alguns participantes estavam tentando derrubar as mangas verdes das árvores com pedras e, sem querer, uma dessas pedras atingiu a cabeça de um dos participantes, ocasionando um corte em sua cabeça. Após o acidente, todos pararam de brincar e, com muita preocupação, queriam a todo o momento saber como ele estava e o que lhe havia acontecido. Eu e o educador Adônis colocamos a criança no

carro e levamos ao hospital mais próximo. Depois de ser atendido, veio a tranquilidade, pois o ferimento tinha sido simples e não necessitou ser suturado, nem fazer uso de medicação.

Após o susto, levamos a criança para sua casa e avisamos sua mãe, que entendeu o ocorrido.

**Diário 3 - 07/10/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

### **FUTEBOL – PAIXÃO NACIONAL !!!**

Para esse dia, havia sido combinado, com os participantes, a realização de uma peça teatral sobre o casamento do príncipe Adônis (educador do projeto) e da princesa Mônica (educadora do projeto). Porém, o clima estava nublado e poucas crianças (cerca de 10) foram ao projeto, gerando mudança da atividade.

Então, reunimos os participantes e perguntamos qual brincadeira gostariam de ter. E a grande maioria escolheu o futebol.

O jogo foi muito interessante, sendo que vários acontecimentos chamaram a atenção. O primeiro foi sobre a questão do gênero, no qual os meninos brigavam com os educadores para que as meninas não jogassem, sempre com o mesmo discurso “futebol é só para os meninos”. Depois de várias conversas, chegamos a um acordo para que todos participassem das atividades.

Durante a partida, muitos participantes ficaram bravos, dizendo que eles não estavam tocando na bola; então, paramos o jogo e reformulamos as regras, decidindo que, para que o gol fosse válido, todos teriam que pelo menos tocar uma vez na bola.

E, por fim, foram as discussões nas equipes. Quando alguma equipe estava perdendo, começavam as brigas entre os jogadores da mesma equipe. Conversamos bastante com os participantes sobre o assunto, buscando compreensão quanto a companheirismo também na derrota (D3-1).

Ao final, conseguimos encerrar o jogo, mas percebi o tanto que está sendo enfatizada, em nossa sociedade, a importância da vitória, sendo que para existir, o vencedor, tem que existir o perdedor. O diálogo que tivemos foi um bom início para discutir essas questões.

**Diário 4 - 14/10/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

### **FESTA DO DIA DAS CRIANÇAS.**

Comemoramos, nessa quinta-feira, o dia das crianças, realizando uma festa, em um dia muito especial para elas que se tornou para nós também, com o apoio do “São Carlos Clube” e da empresa “Jacaré Ki Pira Eventos e Lazer”, que doaram brinquedos para todas as crianças.

Os brinquedos foram colocados em uma sala e as crianças e adolescentes podiam escolher apenas dois. Para decidir quem pegaria primeiro, foi feito um acordo junto com os participantes e a maioria decidiu que seria que o critério seria por idade crescente.

O interessante foi que todos os participantes respeitaram o acordo. Eles entravam na sala onde estavam os brinquedos, escolhiam sem brigas e saíam para o pátio para brincar.

A partir de então, algumas situações chamaram a atenção.

Houve crianças que abandonaram seus brinquedos e foram brincar com outros amigos. Outras, juntaram vários brinquedos, transformando o momento em uma grande brincadeira. Essas brincadeiras tinham o elemento lúdico muito presente, pois, ao brincarem, as crianças exerciam o poder criativo do imaginário humano.

Entretanto, o que mais chamou a atenção foram duas trocas de brinquedos entre as crianças. A primeira foi entre uma que escolheu um cachorrinho com controle remoto, que possuía dois botões, um para ele andar e o outro para latir e uma criança que tinha escolhido uma bola de plástico.

A segunda troca ocorreu entre uma que escolheu um rádio de comunicação e uma criança que escolhera uma carreta plástica.

Isso mostra que, muitas vezes, as crianças preferem brinquedos que estão mais ligados a sua cultura do que os brinquedos eletrônicos, os quais, geralmente, limitam as brincadeiras e o elemento lúdico.

Ao final, todos os participantes, com seus presentes, retornaram às suas casas, acompanhados pelos educadores.

**Diário 5 - 21/10/2004**



**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

### **TUDO PELA JABUTICABA ...**

Nesse dia as crianças e adolescentes tinham escolhido três brincadeiras; pega-pega americano (atividade de pega-pega, na qual, quem for pego, tem que ficar parado, com as pernas abertas. A pessoa pega só poderá voltar a se mover se algum colega, que não estiver pego passar debaixo de suas pernas); vôlei adaptado (regras elaboradas pelos participantes e educadores com base nas oficiais, a partir dos interesses e necessidades do grupo) e pé na lata (atividade muito parecida com o polícia e ladrão, onde uma equipe chuta as latas e correm para se esconder e a outra tem que capturar e levar para a cadeia). Porém, quando chegamos à chacrinha, elas viram que as jabuticabeiras estavam carregadas de frutas maduras e pediram para os educadores deixarem-nas apanhar após o café da manhã.

As crianças ficaram a manhã toda apanhando jabuticabas e guardando-as em sacos plásticos. Os mais velhos, que tinham mais habilidade para subir nas árvores, ajudavam os menores que, geralmente, eram seus irmãos ou primos. Isto não tornou possível a realização das brincadeiras combinadas na vivência anterior.

Observo que a maioria, além de apanhar as frutas para seu consumo, apanhava para dar para a mãe. Isso me fez refletir em conversas com as crianças, sobre a importância da mãe para suas vidas.

Outra coisa muito interessante que me chamou a atenção no dia-a-dia foi a interação que as crianças tinham com a natureza, brincando muito na terra, subindo nas árvores, apanhando várias frutas no pé, brincando de Tarzan, de cavalinho, nos galhos e de balanço (D5-1).

Observo que as crianças e adolescentes, ao verem as frutas no pé, mesmo estando ainda verdes ou ainda pequenas, costumam apanhá-las de modo desesperado. Foi muito difícil conscientizar e chegar a um acordo com os participantes sobre a necessidade de aguardar o amadurecimento das frutas.

**Diário 6 - 28/10/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

### **HIP-HOP E GONZAGA, TUDO A VER!!!**

Conforme combinado com as crianças e adolescentes na vivência anterior, a educadora Mônica levou um aparelho de som e alguns CD's de Hip-Hop para tocar na hora do café da manhã. Alguns participantes nem ligaram para a novidade, pois tomavam o café brincando na grama; já os outros ficaram bem perto do som, escolhendo e cantando as músicas.

Após o lanche fomos brincar na quadra de areia de pega-pega fuji-fuji (fica um pegador entre duas linhas, quando ele fala pega-pega, as outras pessoas, que estão atrás de uma das linhas, têm que correr para a outra linha. Se, no percurso, o pegador relar em uma pessoa, essa pessoa também vira pegador. O jogo termina quando todas as pessoas são pegadas); corrida de carriola (formam duplas, uma criança fica deitada de barriga para baixo e a outra, de pé, pega as pernas de quem está deitado e começa a andar. A pessoa que estiver deitada, deve, com a força dos braços, ajudar no deslocamento) e futebol adaptado (regras elaboradas, pelos participantes e educadores com base nas oficiais, a partir dos interesses e necessidades do grupo).

Nesse dia, os participantes estavam muito dispersos. Em todos os momentos das atividades as crianças não respeitavam as regras acordadas, levando, na maioria das vezes, ao fim do jogo.

Mas, o que mais chamou minha atenção, foram as brigas. Ocorreram brigas entre crianças da mesma idade, crianças mais velhas com crianças mais novas, meninos com meninas, sendo que a principal causa dessas brigas foi proveniente dos palavrões que as crianças e adolescentes falavam uns para outros. Para dificultar, na maioria das vezes, os primos e irmãos mais velhos entravam na briga para ajudar seus parentes, acarretando, assim, o aumento do conflito.

Foi um dia muito difícil e cansativo para os educadores que, em todo momento, tinham que parar as atividades para chamar a atenção dos participantes.

**Diário 7 - 18/11/2004**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Chacrinha – Bairro Monte Carlo**

Depois de duas semanas ausente devido a problemas de saúde, retorno ao projeto para meu último dia, no ano de 2004.

Ficara combinado com as crianças e os adolescentes na semana anterior que hoje realizaríamos três brincadeiras: o pular corda, o vôlei adaptado e a queimada (jogo entre duas equipes, no qual o objetivo é “queimar”, ou seja, tocar com a bola todas as pessoas da equipe adversária para se tornar vitoriosa).

As três atividades ocorreram normalmente, diferentemente das vivências do dia 28/10/04, quando ocorreram muitas brigas.

Na brincadeira de pular corda, os participantes, além de cantar para ajudar os companheiros, também ajudavam as crianças mais novas a adquirirem ritmo e coordenação para facilitar na hora de pular.

Paralelamente, ocorria na quadra de areia um vôlei adaptado com os adolescentes. As crianças que não queriam pular corda ficaram torcendo pelas equipes, fazendo, de um simples jogo uma grande festa.

Ao final, todos foram para a quadra de areia para jogar queimada. Esse foi um momento muito marcante e divertido para mim, pois lá estavam todos os educadores, crianças e adolescentes que fizeram parte desses dias gratificantes, nos quais realizei minha inserção, e que muito me ajudaram a perceber a vida de uma maneira muito mais humana e alegre.

**Diário 8 - 11/05/2005**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Centro Comunitário do Pacaembu**

### **NOVA MUDANÇA, NOVO ESPAÇO.**

Iniciamos o ano de 2005 com várias modificações. Devido a uma reforma na chacinha, tivemos que mudar para o “Centro Comunitário Maria Bernadete Rossi Ferrari”, conhecido como Centro Comunitário do Pacaembu. Como o espaço era menor, os participantes foram divididos em dois grupos. Às segundas, quartas e sextas-feiras, participavam apenas crianças e adolescentes entre 11 a 17 anos, adolescentes. Às terças e quintas-feiras participavam as crianças de 03 a 10 anos. Como nossa inserção ocorre só às quartas-feiras, nesse ano não trabalharemos com as crianças menores.

Nessa minha primeira vivência do ano, havia cerca de 20 adolescentes, os quais, no primeiro horário, ficaram aprendendo jogos de tabuleiro. Eles puderam jogar dama, xadrez e banco imobiliário.

Os processos educativos possibilitados pelo jogo banco imobiliário foram muito interessantes. Os adolescentes aprenderam a usar o dinheiro para investir na compra de terrenos, casas e hotéis. O jogo os estimulou a lidarem com o dinheiro, podendo ter lucro ou chegarem à falência. O jogo também estimula a realização de contas de multiplicação, adição, subtração e divisão.

Quando os adolescentes foram chamados para o início do segundo horário de atividades (jogar futebol), os participantes desse jogo não quiseram interrompê-lo. Então, continuamos jogando até às 11:00h, horário de encerramento das atividades do projeto no período matutino.

Pude perceber que os adolescentes que estavam mais concentrados e que tinham maior noção de matemática se deram melhor no jogo. Já os outros perderam todo seu dinheiro e imóveis, chegando à falência, terminando sua participação no jogo.

Após o projeto, os educadores se reuniram em uma sala e decidiram que, já na próxima semana, nós sentaríamos com os adolescentes, ao final do dia, para decidirmos, com eles, a programação para a próxima vivência.

OBS: tivemos a primeira participação da voluntária Bianca que participará do projeto para realização do trabalho de conclusão da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos do PPGE/UFSCar.

**Diário 9 - 18/05/2005**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Centro Comunitário do Pacaembu**

### **BANCO IMOBILIÁRIO E MUITA CONVERSA.**

Quando chegamos ao Centro Comunitário, alguns adolescentes já vieram perguntar se nós iríamos jogar banco imobiliário no primeiro horário. Nesse dia, como estavam programados jogos de tabuleiro para o primeiro horário, pudemos, então mais uma vez brincar.

Logo após o lanche, o educador Adônias pediu para o aluno Cacá que pegasse os tabuleiros de dama, xadrez e o banco imobiliário. Aí surgiu o primeiro conflito entre as crianças.

Na semana anterior ficara combinado entre o grupo que a participante Janaína seria a próxima responsável por administrar o banco, durante a brincadeira. Entretanto, quando fomos iniciar o jogo o participante Cacá, que havia ficado responsável por pegar o jogo banco imobiliário, disse que ele seria o administrador do banco, dando início ao conflito.

A aluna Janaína, irritada, começou a discutir com o Cacá. Os dois não chegaram a nenhum consenso e, então, fui chamado para resolver o problema.

Expliquei ao Cacá que havia sido combinado que, naquele dia, a Janaína seria a responsável pelo banco e que, na próxima vez que jogássemos, ele seria o responsável. Mas, mesmo assim, ele não aceitou, dizendo sempre:

- “Fui eu que peguei o jogo, então eu serei o banco”.

Os adolescentes que iriam participar do jogo começaram a ficar inquietos e decidiram, juntos, que se o Cacá fosse o banco, eles não iriam jogar. Mesmo assim, ele não entregou o banco para a Janaína.

Decorridos cerca de quinze minutos de negociação, o educador Zezinho chegou à roda desejando saber o que estava acontecendo. Expliquei-lhe e ele, irritado com o fato, tomou o jogo da mão do Cacá e disse:

- “Você não joga mais e, se quiser ir embora, o portão está aberto”.

Depois do acontecido o Cacá foi brincar com outros adolescentes na quadra e o educador Zezinho entregou o jogo para a Janaína; eles puderam, então, iniciar a brincadeira.

No mesmo período, o educador Adônis estava na quadra de areia e observou outras brincadeiras entre os adolescentes.

Alguns deles começaram a pegar água em um pote e misturando-a com areia para fazer esculturas. Eles fizeram bonequinhos, carrinhos, mas, o que mais chamou minha atenção foi o número de crianças que pararam de brincar de vôlei para participar da brincadeira.

Em outro jogo, inventado pelas crianças no primeiro semestre de 2004, batizado de “bola ao cesto”, percebemos também mudanças nas regras. A “bola ao cesto” é um jogo com dois participantes. Eles ficam um de frente para o outro, com certa distância e com uma garrafa “pet” cortada no meio que está sendo segurada por uma das mãos; lembrando que as garrafas foram cortadas por eles. O objetivo do jogo é lançar uma bolinha de tênis, um para o outro, tentando colocá-la dentro da garrafa “pet” cortada ao meio.

Depois de muitas rodadas, os adolescentes inventaram novas regras. Eles tiraram a garrafa do jogo e ficaram jogando a bola com as mãos. A pessoa que deixasse a bola cair saía da brincadeira, entrando outra pessoa em seu lugar. Assim, todos podiam participar (D9-1).

Às 9:30h as crianças foram para a quadra de areia jogar futebol. Os participantes do banco imobiliário continuaram jogando até o término do horário do projeto.

Conforme combinado na última vivência, sentamos com os adolescentes e perguntamos o que eles queriam brincar na próxima segunda semana do projeto (na próxima semana será o Dia do Desafio e as crianças irão participar, junto com escolas e creches, de atividades programadas pela Prefeitura Municipal de São Carlos). Muitas opiniões foram dadas, como fazer pipa, assistir filme, jogar bet's, desenhar, jogar tênis de mesa e pular corda.

Combinamos que iríamos ver o que nós conseguiríamos de material para ver o que seria possível realizar.

OBS: tivemos a primeira participação da voluntária Helen que participará do projeto para realização do trabalho de conclusão da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos do PPGE/UFSCar.

**Diário 10 - 25/05/2005**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Centro Comunitário do Pacaembu**

## **DIA DO DESAFIO.**

O dia estava chuvoso e quando chegamos ao Centro Comunitário havia apenas dois participantes. Enquanto esperávamos o lanche, a educadora Mônica sugeriu que brincássemos de “Forca”. Todos adoraram a idéia e brincamos até o fim do lanche.

Quando estávamos nos preparando para ir ao ginásio do “Centro Comunitário Maria Bernadete Rossi Ferrari” para a realização das atividades do Dia do Desafio, cerca de dez participantes surgiram. Enquanto rapidamente tomavam o lanche, o Educador Adônis e eu pegamos corda, bolinha de tênis e taco de bet's para utilizarmos com os participantes depois dos quinze minutos do Dia do Desafio.

Depois de todos terem tomado lanche, fomos caminhando até o ginásio. Quando chegamos, havia mais crianças dos colégios da vizinhança. Estava presente também o Sr. Edson Ferraz, Secretário Municipal de Esportes e Lazer e seus assessores, os quais, antes do início das atividades, realizaram um

pronunciamento sobre a importância do Dia do Desafio e da preservação do ginásio, já que havia sido reformado recentemente. No seu pronunciamento o Secretário usou palavras muito formais às crianças, deixando-as muito dispersas e sem conseguirem entender sobre o que ele estava falando.

Na primeira atividade, todos foram para a quadra e, liderados pelo educador Adônis, realizaram cerca de dez minutos de ginástica. Em seguida, eu e a educadora Mônica, realizamos por cerca de dez minutos, o pega-pega Fuji-Fuji (jogo onde as crianças ficam de um lado da quadra e um pegador no meio. Quando o pegador grita pega-pega, as outras crianças têm que gritar Fuji-Fuji e atravessar para o outro lado da quadra. Quem for pego pelo pegador, também vira um pegador. A atividade encerra quando todos forem pegos). A última atividade foi uma apresentação de dança realizada pelas crianças do nosso projeto, com a duração de cerca de dez minutos.

Encerradas as atividades do Dia do Desafio, todas as crianças das escolas foram embora, com exceção daquelas do nosso projeto que ficaram brincando de corda, de vôlei e bet's.

No pular corda, o educador Adônis resgatou várias músicas e brincadeiras tradicionais. O que mais chamou a atenção dos participantes foi pular corda com duas cordas, girando em sentidos contrários.

No bet's, os participantes alteraram todas as regras, brincando apenas em duplas, onde um jogava a bolinha para o outro tentar acertar com o taco. Quando algum dos dois participantes errava três rebatidas, outro participante entrava em seu lugar.

No vôlei tivemos a participação dos agentes de saúde. Após muitas dificuldades para jogar o vôlei tradicional, combinamos que poderia ser dado um pingo na quadra pra facilitar o jogo. Depois da inclusão da regra, o jogo ficou muito mais dinâmico e prazeroso.

Às 10:40h, retornaram ao Centro Comunitário para as crianças tomarem lanche e encerramos o projeto.

**Diário 11 - 01/06/2005**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Centro Comunitário do Pacaembu**

### **DIVERSIDADES DE REGRAS NUM SÓ JOGO.**

Conforme combinado anteriormente com os participantes, realizamos, no primeiro momento das atividades o bet's. Considerando que o espaço do "Centro Comunitário Maria Bernadete Ferrari" não possui espaço para a prática desse jogo, os participantes sugeriram a rua. A próxima dificuldade foi encontrar um trecho da rua que não possuísse um declive. Após muitas sugestões dos participantes e dos educadores escolhemos uma parte da rua que era menos inclinada, mas, mesmo assim, no meio do trajeto da brincadeira, o terreno da rua era um pouco côncavo.

Para dar início ao jogo dividimos as equipes e discutimos as regras. O interessante foi a diversidade de regras citadas pelos participantes e educadores, evidenciando as múltiplas possibilidades de jogar o bet's.

O jogo foi muito divertido. As pessoas que estavam junto com os educadores, aguardando para jogar, ficavam torcendo e incentivando os participantes. Em alguns momentos da brincadeira, as pessoas que estavam esperando a sua vez, ficavam brincando de toque de vôlei com a educadora Mônica.

O futebol estava marcado para às 9:30h, mas só começou às 10:10h, devido ao interesse dos participantes em relação ao bet's.

Faltando dez minutos para encerrar as atividades do projeto, chamamos os participantes para o lanche do encerramento e para dialogar sobre o que eles gostariam de fazer na próxima semana.

Muitos estavam eufóricos e inquietos querendo voltar a jogar futebol, prejudicando o início da conversa. Mais calmos, começamos a dialogar novamente e eles escolheram duas atividades, assistir um filme de ação chamado "corridas clandestinas" e, no segundo momento, jogar futebol, já que nessa vivência o futebol tinha durado pouco tempo.

Quando encerrado o projeto, o educador Matheus ficou responsável por trazer o filme e a pipoca, o educador Adônis, a televisão e a educadora Mônica, o aparelho de DVD.

**Diário 12 - 08/06/2005**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Centro Comunitário do Pacaembu**

### **DIA PARA ASSISTIR FILME.**

Conforme combinado na vivência anterior, levamos todos os materiais necessários para assistir ao filme. Mas, ao chegarmos, o educador Adônis falou que não seria necessário, pois ele havia conseguido a sala de vídeo da escola do futuro, localizada ao lado do centro comunitário.

Fomos, então, tomar lanche com os participantes e alguns começaram a ficar inquietos, falando que não queriam assistir ao filme e sim jogar futebol.

Então sentamos todos juntos e conversamos sobre o que combináramos e que a opção pelo filme era deles. Foi quando um aluno verbalizou que não queria assistir ao filme, pois nesse filme não havia cena de roubo de carro.

Após muita conversa, decidimos, em conjunto, que aqueles que não quisessem assistir ao filme, poderiam ir embora para a casa, o que não aconteceu.

Às 8:45h fomos para a escola do futuro para assistir ao filme “Corridas Clandestinas”, filme que aborda a questão de “rachas” de moto. Todos ficaram muito atentos, inclusive aqueles, que inicialmente, não queriam assisti-lo.

O filme foi encerrado por volta das 10:40h, tempo necessário para que os participantes retornassem ao centro comunitário para o segundo lanche. Enquanto eles comiam, ficamos em círculo, conversando sobre o que eles desejavam para a próxima semana. Todos pediram a confecção de pipa.

Como já havíamos conseguido o material junto ao DEFMH/UFSCar e à SMEL/PMSC, ficou, então, decidido que realizaríamos uma oficina de pipa.

**Diário 13 - 15/06/2005**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 12:00h**  
**Centro Comunitário do Pacaembu**

### **PIPA PARA TODO MUNDO.**

Esse foi um dia muito especial para todos nós. Contamos com a participação do Coordenador do projeto, Professor Luiz Gonçalves Junior, o qual havia conseguido parte do material para a confecção das pipas.

Logo ao chegar, as crianças e os adolescentes ficaram muito eufóricos querendo ver e pegar o material para a confecção da pipa; mas antes de mostramos, solicitamos que fossem tomar o lanche.

Quando fomos distribuir os materiais, deixei os carretéis de linha para que os participantes pegassem, e quando percebi que havia mais participantes do que linha pedi, com ajuda do professor Luiz, para que quem tivesse pegado devolver. Houve muita resistência dos participantes em devolver, pois muitos não queriam dividir as linhas com os outros participantes, principalmente com as meninas, alegando que pipa era só para meninos. Após conversarmos, a maioria entregou, sendo que quatro carretéis não apareceram.

Durante a confecção da pipa houve uma divisão de tarefas muito interessante entre os participantes. Alguns ficaram cortando os bambus para fazer as varetas; outros ficaram cortando os sacos plásticos para fazer a rabiola e os demais ficaram recortando e colando as folhas de papel de seda. O que me surpreendeu foi a ajuda que os meninos deram para as meninas na confecção de suas pipas, os mesmos que, no início, não queriam que as meninas participassem.

Enquanto os participantes terminavam suas pipas, o Professor Luiz entregava-lhes os carretéis de linha para que fossem à rua, em frente ao centro comunitário, para soltá-las.

A grande maioria conseguiu confeccionar sua pipa, sendo que apenas um aluno não quis participar, atrapalhando muito os colegas durante a atividade.

Ao final, foi uma festa muito bonita ver tantas pipas, confeccionadas pelos próprios participantes, nos céus do Jardim Gonzaga.

**Diário de Campo 14 - 10/03/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**09:00h às 10:30h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **ACERTOS PARA O INÍCIO DOS PROJETOS NA ECO.**

Nesse dia marcamos uma reunião com a supervisora da ECO (Maria) para conversarmos sobre o início dos projetos. Estavam presentes na reunião o coordenador do projeto “Vivência em Atividades Diversificadas de Lazer” (Luiz) e o estagiário Fabiano (DEFMH/UFSCar). Nessa reunião falamos da expectativa dos projetos retornarem ao espaço de origem e sobre as novas educadoras dos projetos (Rosângela e Diná).

O grande problema exposto pela Maria, diz respeito à possibilidade de não usarmos a quadra para a realização das atividades. A médica da Unidade de Saúde da ECO não quer que tenha barulho nas salas de consultas entre 8:00h e 15:00h. Como a quadra fica bem ao lado, a médica solicitou que não houvesse atividades naquele local (D14-1).

O coordenador Luiz ficou muito aborrecido com a conduta adotada pela médica e ficou responsável por conversar com ela e com secretário de esportes e Lazer de São Carlos.

Fiquei também muito chateado com a medida tomada, mas acredito que o Luiz irá resolver esse problema. Depois de encerrada a reunião, retornei para minha residência.

**Diário 15 - 23/03/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **PRIMEIRO DIA DO PROJETO NO “NOVO” ESPAÇO (ECO).**

Foi inaugurado, em dezembro de 2005, no antigo campinho, o novo espaço de lazer do bairro Jardim Gonzaga, denominado Estação Comunitária (ECO), que conta com uma quadra poliesportiva coberta, um mini-campo de futebol, uma sala de projeção, uma área de convivência, uma Unidade de Saúde da Família e um parquinho.

Com a inauguração da ECO, os projetos “Campeões na Rua”, da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer e Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, da Prefeitura Municipal de São Carlos (SMEL-SMCAS/PMSC) e “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar), iniciaram o ano de 2006 desenvolvendo suas atividades no novo local.

Na primeira vivência do ano do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” viemos cheios de dúvidas e incertezas sobre alguns pontos do projeto. Um exemplo disso foi em relação à utilização dos espaços da ECO, pois não sabíamos se poderíamos usar a quadra poliesportiva, uma vez que havia uma solicitação da médica para manter a quadra fechada, tanto no período da manhã como no da tarde, para que não houvesse barulho nas salas de consulta.

Para o desenvolvimento dessa primeira vivência, o educador Fabiano e eu preparamos uma brincadeira que tem como objetivo conhecer o grupo. A brincadeira chama-se “O que você tem para me vender?”; ela foi desenvolvida na referida quadra, com a condição de os participantes não fizessem muito barulho. Sentaram em círculo, ficando uma pessoa no meio da roda, em pé. A pessoa que estava no meio da roda dirigia-se a uma pessoa que estava sentada e perguntava: “O que você tem para me vender?”. A outra pessoa tinha que falar algum objeto que estava no seu corpo. Por exemplo, ela dizia “camiseta”. Nesse momento, todos que estivessem usando camisetas tinham que mudar de lugar, sobrando sempre uma pessoa em pé. A atividade terminava quando todas as pessoas respondiam à pergunta.

Após essa atividade foi realizado o jogo pega-pega Fuji-Fuji. A maioria dos participantes gostou da atividade e alguns saíram no meio do pega-pega.

Terminado o jogo, a educadora Rosângela informou-nos que o horário do projeto havia mudado. Ao invés de subirmos para o lanche às 10:45h para que os participantes o tomassem às 11:00h, nós teríamos que sair às 10:15h, para que eles o tomassem às 10:30h.

Depois da conversa com a professora, juntamos todos participantes no meio da quadra para decidirmos, em conjunto, o que seria realizado até o final da vivência. Para esse dia, os participantes escolheram futebol e corda.

O educador Fabiano ficou na quadra com a educadora Rosângela jogando futebol e eu e a educadora Diná fomos para o campo pular corda. No meio da atividade um grupo que estava pulando corda começou a se pendurar na trave, dando início a outra brincadeira (D15-1).

Às 10:10h juntamos todos na quadra para decidirmos o que seria realizado na próxima vivência. Os participantes e educadores escolheram o esconde-esconde, queimada, vivo-morto, pega-pega e um pouco de futebol.

No trajeto para o Centro Comunitário do Pacaembu (local do lanche) os participantes foram acompanhando os educadores e conversando entre si. O lanche servido nesse dia foi banana com vitamina e bolacha. À medida que os participantes terminavam, eles foram liberados para voltarem para suas casa.

**Diário 16 - 30/03/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **AS REGRAS COMBINADAS COM AS CRIANÇAS.**

O dia estava muito ensolarado. O Fabiano e eu chegamos um pouco atrasados (8:10h) e fomos conversar com as educadoras Rosângela e Diná. Falamos sobre as atividades que havíamos combinado anteriormente com os participantes para serem realizadas nesse dia; esconde-esconde, queimada, vivo-morto e pega-pega e um pouco de futebol.

Quando fomos chamar os participantes para dirigirem-se e posicionarem-se na quadra, muitos começaram a cobrar o vivo-morto. Pedimos para que todos sentassem em círculo a fim de conversarmos sobre as atividades. Nesse momento, muitos ficaram fazendo barulhos e brincadeiras.

Pedimos várias vezes para fazerem silêncio e nada resolvia. A educadora Rosângela ficou muito brava e começou a gritar com eles. Ela pediu respeito para com os educadores e decidiu pegar uma folha de papel para combinarmos algumas regras antes de prosseguirmos com as atividades.

Enquanto ela foi pegar o papel, procurei conversar e pedir para os participantes que respeitassem mais esse momento, ressaltando sua importância, uma vez que iríamos conversar sobre as atividades que iríamos realizar nessa vivência.

Quando a Rosângela voltou, pediu para eles ajudarem a construir as regras que teriam que ser respeitadas durante o desenvolvimento dos projetos, a partir daquele dia. Foram sete as regras criadas pelo grupo, sendo que a maioria delas foi citada pela educadora Rosângela. As regras foram as seguintes:

1. Respeitar os amigos (xingar, brigar, chutar);
2. Respeitar os educadores;
3. Ouvir em silêncio quando alguém estiver falando;
4. Participar das atividades em grupo;
5. Fazer silêncio durante as explicações das atividades;
6. Chegar na hora combinada e permanecer até o final;
7. Silêncio no refeitório.

Após a elaboração das regras, questionei-me se elas seriam respeitadas, considerando que, quando foram criadas, muitos participantes nem prestaram a atenção no que a educadora estava falando. Um outro motivo é que a maioria das regras não foi criada juntamente com os participantes, mas foi imposta pela professora.

Depois de encerrado a conversa sobre as regras, combinamos com os participantes as atividades que seriam realizadas. Entre as que haviam escolhido anteriormente, apenas a vivo-morto foi realizada. Todos participaram da brincadeira. Um detalhe que me chamou a atenção foi o interesse dos participantes em puxarem a atividade.

Encerrada a atividade solicitada, os participantes pediram para fazermos uma corrida de carruola. Eles se organizaram em duplas e se posicionaram na linha de fundo da quadra de vôlei. Quando o educador Fabiano disse “já”, eles tiveram que ir até a outra linha de fundo e trocar de posição (quem era a carruola virava o operário e vice-versa); depois, deveriam voltar para a linha de onde eles haviam saído.

A atividade foi realizada duas vezes e, após encerrada, o professor Fabiano sugeriu a corrida de caranguejo. A brincadeira é parecida com a anterior, mas ao invés de ser em duplas ela é individual. Os participantes tinham que se posicionar na linha de fundo da quadra de vôlei com os pés e as mãos no chão e a barriga virada para o alto. Quando o Fabiano falava já, eles tinham que ir até a outra linha de fundo e voltar para a linha de onde eles tinham saído. Quem chegasse primeiro, era o campeão.

Nesse dia também foi realizado o futebol e algumas brincadeiras no parquinho.

Às 10:15h nós chamamos todos para o meio da quadra para conversarmos sobre as atividades da próxima vivência. Foram combinadas as atividades: futebol, corda, vôlei, dama, pega-pega e batata quente.

Após as propostas das atividades, os participantes foram lavar as mãos e depois subimos para o lanche. Foi servido vitamina de abacate e pão com manteiga. Depois de terminarem o lanche, os participantes voltaram para suas casas.

**Diário 17 - 06/04/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **O DIA EM QUE A SUPERVISORA FALTOU.**

O dia estava nublado. O Fabiano e eu paramos o carro no Centro Comunitário do Pacaembu e nos dirigimos à Estação Comunitária conversando sobre as atividades que foram escolhidas na vivência anterior;

corda, batata quente, vôlei, dama, pega-pega e futebol. Conforme prometido, levei uma batata crua para a realização da brincadeira batata quente.

No percurso encontramos três crianças (de 4, 5 e 7 anos) que nos acompanharam até a ECO. Essas crianças, logo que nos viram, foram correndo para nos darem as mãos.

*Comentário do Observador (C.O.): Nesse momento senti, pelo toque e conversa das crianças, o carinho que elas têm por mim e pelo educador Fabiano (D17-1).*

Chegando à ECO, a maioria das crianças estava no parquinho brincando no gira-gira, no escorregador, na areia e de amarelinha (no parquinho existe um pedaço de chão sem areia com desenho do jogo amarelinha). Devido à chuva da noite anterior, a areia estava toda molhada e as crianças faziam rios e lagos com as poças da água. A maioria delas ficou um pouco molhada.

*C.O.: Quando olhei as crianças brincando na areia molhada minha primeira reação foi tirá-las dali, mas logo lembrei que, na minha infância, fazia a mesma coisa e adorava. Então, deixei as crianças brincarem normalmente.*

Caminhando um pouco mais encontrei a educadora Diná. Fui em sua direção para cumprimentá-la e, logo em seguida, fui apresentado à nova professora da tarde que estava ao seu lado. Senti falta da educadora Rosângela e da supervisora Maria que não estavam presentes no local. Fui procurar o inspetor Miranda e questionei sobre a ausência das mesmas. Nesse momento, ele me apontou a educadora Rosângela que estava acabando de chegar e disse que a supervisora estava doente e por isso não viria. Solicitei, então, ao inspetor Miranda a chave da sala da supervisora, local onde ficam guardados os materiais, para iniciarmos as atividades. Para minha surpresa, ele me disse que não tinha a chave e que o único material possível de ser utilizado eram duas bolas de futebol que estavam no espaço da cantina (esse espaço não estava em funcionamento).

Em seguida, fui informar o Fabiano sobre o material. As educadoras estavam conversando em um banco e lá permaneceram até o final das atividades.

*C.O.: Fiquei questionando o porquê delas não virem ajudar nas atividades. Será que é acomodação por eu e o educador Fabiano estarmos ali presentes e elas pensarem que às quintas-feiras não precisam ajudar? Sabemos que o nosso projeto é em parceria com o da prefeitura e que todos são fundamentais para que ele ocorra da melhor forma possível. Ou será que elas ficam pensando “lá vem os professores da universidade, eles vêm na quinta e querem fazer tudo do jeito deles”? Fico com essa dúvida e espero que, nas próximas vivências, ela seja esclarecida.*

Percebendo que elas não iriam ajudar, o Fabiano e eu fomos chamar os participantes para reunirem-se na quadra para conversarmos sobre as atividades a serem desenvolvidas naquele dia. Quando questionamos quais atividades haviam sido escolhidas, eles lembraram de todas. Por motivo de falta de material, algumas foram excluídas, permanecendo apenas o futebol, pega-pega e batata quente.

Fomos, então, realizar a primeira atividade, a batata quente. Nesse momento, os participantes começaram a se dispersar, correndo de um lado para o outro e muitos se dirigiam para o parquinho. Nesse momento falei para o Fabiano ficar na quadra que eu iria para o parquinho com as outras crianças.

*C.O.: Não conseguimos fazer com que eles prestassem atenção na gente. Sinto-me um pouco incomodado com a dispersão, mas acredito que não obrigá-los a ficarem quietos e sentados não seja a melhor opção.*

Lá no parquinho aconteceu de tudo. Um grupo de 20 pessoas ficaram por cerca de 30 minutos brincando de amarelinha, na areia e nos brinquedos. Quando estava sentado, assistindo à amarelinha, uma menina de cinco anos sentou-se ao meu lado e disse: “Matheus, eu não queria ser negra”. Nesse momento, lembrei-me, então, de muitos momentos em que discutíamos, na universidade, a questão do preconceito. Essa frase me pegou de surpresa e minha reação foi perguntar: “Mas por quê?”. Ela disse: “Eu queria ser branca igual a você, eu não gosto da minha cor”. Ficamos conversando sobre a questão racial e o quanto eu a achava bonita, sendo negra.

Depois da conversa, ela voltou a brincar na areia e eu tive que apartar algumas brigas nos brinquedos e na amarelinha. Nesse dia, ocorreram muitas brigas e estava muito difícil fazer com que eles se acalmassem.



*C.O.: Os participantes continuavam brigando muito. Em nenhum momento eu e o Fabiano usamos de violência. Nossa atitude foi a de sempre de conversar com essas pessoas na tentativa de acalmá-las.*

Após as brigas no parquinho, a Márcia pediu para que eu retirasse as crianças dali para que ela lavasse as calçadas que ficam em volta do parquinho. Chamei as crianças para ouvirem uma história de terror que não havia sido realizada no encontro anterior. Todos foram para os bancos, ao lado do campo de futebol. Quando todos estavam sentados, comecei a contar a história do homem do dedo cortado que, em síntese, não passa de uma história cômica. Ela se resume a um homem que recebe várias ligações de uma pessoa que sempre fala: “Eu sou o homem do dedo cortado e estou no seu país”. Depois diz: “Eu sou o homem do dedo cortado e estou na rua da sua casa”. Até que, na última parte, alguém bate na porta da casa. O homem, assustado, abre a porta e ouve novamente uma voz misteriosa: “Eu sou o homem do dedo cortado, você tem um band-daíd para me emprestar?”. Nessa hora, todos começaram a rir.

Perguntei aos participantes se eles não queriam realizar um concurso para ver quem dançava de forma mais engraçada. Os participantes adoraram a idéia e ficaram entusiasmados. Para dar início à atividade, chamei todos os meninos para dançarem, sendo que as meninas ficariam de juradas. Quase todos os meninos participaram; eu fazia uma batida de rap na boca e um de cada vez dançava. As meninas não paravam de rir, finalizando com a vitória ao menino que dançou mais engraçado.

Depois foi a vez das meninas dançarem, invertendo os papéis na atividade. A partir daí algumas coisas começaram a chamar a atenção. Os participantes entraram tanto no “mundo” da brincadeira que elas não queriam mais saber quem era o campeão e sim dançar pelo prazer que a dança proporciona. Encerrada a brincadeira os participantes vieram pedir para continuar com outros ritmos. Dançamos Hip-Hop, forró (os pares eram formados por pessoas do mesmo sexo e de sexos diferentes e alguns dançavam sozinhos) e, por fim, o funk. Lembro-me aqui que não havia aparelho de som. Eram as próprias crianças que cantavam as músicas.

*C.O.: Foi muito importante para mim esse acontecimento. Com a falta de materiais fiquei sugerindo as atividades. As crianças gostaram da sugestão e adaptaram a brincadeira do jeito delas. Foi muito intensa a participação delas na elaboração e desenvolvimento das atividades.*

Durante o desenvolvimento das atividades alguns pais, vizinhos à ECO estavam assistindo pelas janelas de suas casas, dando a maior força para os participantes. O educador Fabiano e os outros participantes que estavam na quadra vieram participar da brincadeira no momento em que estávamos dançando funk.

Ao término da atividade, deixamos os participantes brincarem um pouco sozinhos no campo e no parquinho. Depois de 15 minutos, reunimos cerca de 30 crianças (das 46 presentes) para decidirmos o que seria realizado na próxima semana. Eu sugeri que assistíssemos ao filme “A Era do Gelo”. Elas adoraram a idéia, mas a maioria preferiu assistir ao “Rei Leão”.

Como na ECO não há aparelhos de mídia, ficou decidido que o Fabiano levaria o aparelho de DVD e eu a televisão. Após tudo combinado, fomos formar a fila para os participantes lavarem as mãos e depois irmos ao Centro Comunitário do Pacaembu para tomarmos o lanche. No caminho, as educadoras que ficaram o tempo todo sentadas conversando, juntaram-se ao grupo para acompanhar os participantes. Como combinado em conjunto com os participantes, todos deveriam acompanhar os educadores, mas 3 pessoas correram na frente do grupo.

Conversando com os educadores sobre o ocorrido, ficou decidido que quem fosse à frente ficaria por último na fila para entrar no Centro Comunitário. E foi isso o que ocorreu, respeitando, assim, os que acompanharam o grupo.

*C.O.: Não sei se para resolver o problema de quem vai na frente seja deixá-los por último na fila. A fila só serve para esperar todos chegarem e para que não haja tumulto ao entrar. Esses participantes que vão para o final da fila recebem o lanche ao mesmo tempo em que os outros.*

Todos entraram e receberam o lanche, a salada de frutas e uma banana. Antes de comerem eu fiz um agradecimento a Deus pelo alimento e rezamos juntos o Pai Nosso (D17-2). Nesse momento, as educadoras já entraram na cozinha e não ajudaram a servir.

Quando todos foram embora, sentei-me juntamente com o Fabiano na mesa da cozinha e ficamos conversando com as merendeiras Flávia e Mariana sobre o comportamento agressivo das crianças.

A Flávia disse que segunda-feira é o pior dia, pois elas passam o final de semana em casa e voltam para as atividades mais agressivas. As merendeiras acham que a família bate muito nos participantes. O Fabiano sugeriu a possibilidade de realizar, com frequência, reuniões com os pais para dialogarmos sobre a

questão da agressão. Todos acharam a idéia muito interessante, mas as merendeiras alertaram que a participação dos pais nessas situações é pouco freqüente.

Concordamos com elas, mas ficamos de pensar em algumas alternativas que pudessem estimular a participação dos pais, como oferecer um lanche ou cafezinho. Todos gostaram da idéia e ficou combinado de conversarmos com a supervisora Maria sobre o assunto.

Terminando a conversa, eu e o Fabiano voltamos para nossas casas.

**Diário 18 - 20/04/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **O FILME QUE NINGUÉM GOSTOU.**

Para a próxima vivência, que seria no dia 13 de abril de 2006, estava programado o filme o Rei Leão. No entanto, no dia 12 de abril, ao ligar para ver se a Maria havia reservado a sala de multiuso, fiquei sabendo que na quinta (dia programado para a realização da vivência) não iria ter projeto porque esse dia era ponto facultativo para funcionários da prefeitura.

Passamos, então, a programação para o dia 20 de abril (quinta-feira seguinte). Na quarta-feira (19 de abril de 2006), encontrei-me com o educador Fabiano que informou que não poderia ir ao projeto, por motivo de viagem, deixando, no entanto, disponível o aparelho de DVD, conforme combinado.

Agradei e disse que não precisaria mais do DVD, pois eu havia conseguido uma fita de vídeo do Rei Leão 3 e que eu mesmo levaria a televisão e o vídeo-cassete.

Nesse mesmo dia encontrei o coordenador Luiz, responsável pelo projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”, que considerou importante realizar alguma atividade relacionada com o dia do índio (19/04). Conversando com o coordenador, ele sugeriu que eu conversasse com sua orientanda Mônica, a qual tem um projeto de iniciação científica com os índios Kalapalos, para ver o que ela poderia sugerir para ser desenvolvido junto aos participantes. Achei a idéia muito interessante, mas achava que na próxima vivência seria muito difícil trabalhar esse tema, pois o filme tomaria quase todo o período do projeto.

No momento que estávamos conversando, a Mônica veio à sala do coordenador. Explicamos o que estávamos combinando naquele momento e ela se propôs a levar uma fita de vídeo com algumas brincadeiras indígenas e a trabalhar algumas delas com os participantes, na vivência do dia 4 de maio de 2006. Achamos a idéia muito interessante, já que ela fez parte do nosso projeto durante dois anos e tinha muita experiência em trabalhar junto aos índios. O coordenador Luiz nos acompanharia nesse dia e eu fiquei encarregado de conversar com os participantes e com as educadoras sobre essas possibilidades que seriam realizadas na próxima vivência.

No dia 20 de abril de 2006 cheguei dez minutos atrasado (8:10h) na ECO, pois tive algumas dificuldades com a televisão e o vídeo cassete. Diferente das outras vivências, eu parei o carro na própria ECO e não no Centro Comunitário do Pacaembu, para que fosse mais fácil de levar a televisão e o vídeo cassete. Muitos participantes, ao me verem, saíram correndo em minha direção perguntando se eu havia trazido o filme o Rei Leão.

Levando os aparelhos para a sala encontrei a educadora Diná que me falou: “Matheus, a Rosângela não agüentou a pressão dos participantes e das mães e saiu do projeto”. Fiquei muito surpreso com a notícia e continuei a levar os aparelhos para a sala. Fique pensando que no dia da reunião com as mães ela havia falado que, em maio, ela sairia de lá de qualquer maneira.

*C.O.: Na verdade, eu esperava por essa decisão. Pelo seu jeito autoritário, muitas mães e participantes estavam ficando irritados e até desafiando a referida educadora.*

Deixei o vídeo e a televisão preparados para iniciarmos o filme e fui conversar com a supervisora Maria. Ela contou-me que a Rosângela havia conseguido aulas em uma escola do estado, abandonando o projeto e que estava procurando outro educador para ocupar o seu lugar.

Após a conversa, eu e a Diná reunimos cerca de 25 crianças para iniciarmos o filme, ficando apenas 5 meninos jogando bola na quadra. Antes do início da projeção, combinamos três regras com os participantes:

1ª regra: Quem quisesse ir ao banheiro, não precisaria pedir;

2ª regra: Quem quisesse parar de assistir ao filme, era só sair da sala, sem fazer bagunça, pois a educadora Diná estaria lá fora brincando com os outros participantes;

3ª regra: fazer silêncio, pois na sala ao lado estava tendo aula de alfabetização de adultos, e o que dividia uma sala da outra era uma divisória de ferro móvel que não barrava o barulho.

No começo do filme, todos ficaram muito atentos. Os que já o haviam assistido ficavam mostrando os personagens: “esse é o Timão”, “esse é o Rei Leão”, querendo mostrar que já conheciam o filme.

Após uns 15 minutos, os participantes começaram a conversar e a sair da sala. Cada hora era um grupo que fazia barulho, até que perdi o controle e pedi, em voz alta, para que eles parassem de fazer bagunça, para que não atrapalhassem quem estava interessado em assistir ao filme e à aula ao lado.

Nesse momento, veio uma mulher solicitar silêncio e que parassem de fazer bagunça, pois estavam atrapalhando a aula. Eu conversei com ela e disse que eles já estavam sabendo e que iriam respeitar. Cinco minutos após, um homem entrou na sala e foi me pedir para que os participantes parassem de conversar, pois estavam atrapalhando a aula. Achei estranho, pois elas não estavam conversando mais; logo, outro rapaz anos entrou e me pediu a mesma coisa.

Comecei a achar muito estranho tantas pessoas irem lá pedir para os participantes fazerem silêncio, pois eles já estavam em silêncio. Então, chegou a supervisora Maria e ficou conversando comigo. Eu lhe contei o acontecido e ela ficou muito irritada, pois não eram alunos que estavam indo lá, mas sim moradores que faziam parte da associação de moradores do bairro e que ainda não haviam tomado posse e queriam mostrar poder.

Ela estava irritada também porque essas pessoas não foram conversar com ela antes para saber se podiam ou não entrar na sala para falar comigo e porque estavam pensando que por serem da associação, podiam mandar na ECO.

*C.O.: Eu fiquei pensando depois sobre o ocorrido e fiz algumas perguntas para as quais ainda não tenho respostas. Como é que os moradores se vêem na ECO? A prefeitura ouve a população? Os moradores estão se julgando donos do espaço? Está havendo diálogo entre a coordenação da ECO e a associação de moradores?*

Ao encerrar o filme, apenas duas crianças estavam na sala. Não fui perguntar aos demais participantes o motivo de terem saído antes do término do filme, pois a Diná foi me chamar para subirmos com as crianças para elas tomarem o lanche.

Antes de irmos para o lanche, conversamos sobre a próxima vivência. Perguntei para eles o que estava sendo comemorado naquela semana e todos lembraram que era o dia do índio. Perguntei, então, se eles conheciam alguma brincadeira indígena e todos responderam que não. Falei sobre o projeto com os índios e todos ficaram muito contentes com a proposta, principalmente por terem a oportunidade de reverem a educadora, que já conheciam.

Enquanto os participantes lavavam as mãos para o lanche, fiquei conversando com a Diná sobre o dia-a-dia do projeto e ela disse coisas muito importantes que eu não sabia. Falou das oficinas que ocorrem durante a semana na parte da manhã, das oficinas que ocorriam de segunda e quarta-feira. No período da manhã tinha oficina de ginástica artística com o educador Nascimento, xadrez e damas com o educador José Vicente e escolhinha de futebol com o educador Baltazar. Já no período da tarde tinha arte circense com o educador Ricardo e o projeto Viva Vôlei com o educador Valdir. Considerei importante a minha participação em algumas dessas oficinas para melhor conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos outros educadores.

No caminho para o lanche, as crianças nos acompanharam sem que nenhuma sáisse correndo na frente. Esse acontecimento me chamou a atenção, pois, nas últimas vivências, conforme descrito em outros diários, algumas crianças saíam sozinhas, sem o acompanhamento do educador. Perguntei para uma das crianças, que sempre ia na frente, o porquê dela estar acompanhando, e ela respondeu: “os professores ficavam pedindo toda a hora para todos andarem juntos e minha mãe me pediu para respeitar os professores”.

Quando estávamos atravessando a primeira esquina, o participante Lucas foi me abraçar para falar “tchau”. Achei estranho e perguntei o por que dele não ir tomar lanche com a gente, e ele respondeu: “Matheus, minha mãe não quer que eu volte sem o acompanhamento dos professores, por isso ela não me deixa ir”. Essa criança é filho de uma das mães que, na reunião, pediu para dialogar sobre a volta do lanche. Naquela reunião a supervisora falou que não seria possível nenhum educador acompanhar o grupo na volta para casa. Fui, então, com a criança em direção à mãe, que estava em frente a sua casa, e lhe pedi para que ela o deixasse ir conosco e que eu o traria de volta. A mãe ficou muito contente e o deixou subir comigo.

No caminho, fomos cantando uma música que todos adoraram. A música era a seguinte: “Fui à Nova Iorque visitar a minha vó, minha vó me ensinou a dançar o chep, chep. Chep, chep, chep, a dançar o chep, chep.” Quando chegava na parte “a dançar o chep, chep” eu apontava para algum participante e ele tinha que começar a dançar do seu jeito e os outros acompanhavam, imitando quem havia sido o escolhido.

Chegando ao Centro Comunitário, fizemos a dança com as merendeiras, que adoraram, entrando no clima da brincadeira. Depois de acalmarmos todos para a reza, puderam saborear uma salada de frutas.

Na volta, pude acompanhar pela primeira vez o grupo. Foi muito interessante, pois eu fui conhecendo as casas dos participantes e seus familiares, o que, em nenhum outro momento, foi possível.

Chegando perto da ECO, o participante Lucas correu em direção à sua mãe. Nesse momento eu percebi a alegria da criança em ter ido junto com os outros para tomar o lanche. A mãe me agradeceu muito e os dois foram para casa.

Chegando à ECO fui pegar a televisão e a fita de vídeo para ir embora e perguntei para a supervisora Maria, se era possível deixar o aparelho de vídeo guardado em sua sala para ser usado na próxima semana. Ela disse que não tinha problema nenhum e solicitou que eu o colocasse sobre a estante.

Falei “tchau” para todos os funcionários, coloquei as coisas no carro e voltei para minha casa.

**Diário 19 - 27/04/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **TEATRO E JORNAL. ALGUMAS NOVIDADES DO PROJETO.**

Para esse dia, havia ficado combinado de trabalharmos algumas atividades indígenas com os participantes, com o apoio da Mônica. Mas na noite anterior, fui conversar sobre a vivência e ela disse que não poderia ir, pois havia um outro compromisso, ao qual ela não poderia faltar.

Na manhã do projeto havia ficado combinado de nos encontrarmos (o coordenador Luiz, o professor Fabiano e eu) em frente ao Departamento de Educação Física da UFSCar. O encontro ocorreu às 07:45h quando informei ao coordenador que a Mônica não poderia participar e dialogamos sobre qual seria nossa decisão sobre as atividades do dia. Achamos melhor não trabalharmos o tema do índio, por falta de experiência com o mesmo, e explicamos o ocorrido às crianças. Decidimos dialogar com elas sobre o que gostariam de brincar e aproveitamos para conversar sobre a possibilidade de se construir o jornalzinho do projeto.

Para irmos todos juntos à ECO, deixei meu carro na UFSCar e fomos no carro do coordenador. Paramos o carro no Centro Comunitário do Pacaembu e fomos caminhando até a ECO. No trajeto duas observações me chamaram a atenção. Perto da igreja, havia cerca de cinco crianças, de idades bem diferentes, brincando com outros cinco adultos, de bolinha de gude e muitas amarelinhas desenhadas no chão da rua, perto da ECO. Foi interessante verificar a integração entre adultos e crianças em uma atividade de lazer (D19-1). Já em relação à amarelinha, achei interessante ver os desenhos em vários lugares da rua, refletindo que o gosto deles por essa atividade havia sido desencadeado pelo espaço da ECO que possui uma amarelinha no chão, onde muitos brincam diariamente.

Chegando próximo à ECO muitas crianças vieram correndo em nossa direção para nos abraçar e logo perguntaram sobre a Mônica. Avisamos que ela não poderia vir e que explicaríamos o porquê quando estivéssemos todos reunidos.

Logo que entramos fui conversar com a Maria para avisar que não assistiríamos ao filme sobre o índio e para saber como estava caminhando o projeto nos outros dias. Nesse momento, surgiu uma mãe (Andréia), que depois fiquei sabendo que era da associação de Moradores do Jardim Gonzaga, com seu filho conhecido como Jorge, que interrompeu a conversa para me falar sobre o teatro que o filho dela iria realizar com dez participantes do projeto. A peça seria apresentada na festa em comemoração ao dia das mães, que seria realizada na ECO. O discurso dessa mãe foi muito interessante. Ela disse: “professor, o meu filho vai realizar um teatro com os participantes para apresentar para as mães. Eu acho muito importante organizar festas, teatros, oficinas aqui na ECO, pois esse espaço foi construído para a gente aqui do Gonzaga e precisamos usar ele da melhor maneira possível. Mas nós estamos com um problema, não temos fantasias para os participantes do teatro. Será que vocês não poderiam conseguir pra gente”.

Achei toda essa fala muito rica, principalmente o interesse em usar o espaço para a realização de várias atividades. Enquanto ela falava o Luiz chegou à roda e ouviu toda a conversa. Perguntei à mãe o que seria representando no teatro e ela falou que seria uma conversa de vários anjos com Deus e que estava precisando de roupas para os anjos. Nesse momento lembrei-me das fantasias que fizemos em acampamentos de férias, para as quais usamos o pano TNT, que é um pano mais barato.

Falei da possibilidade de usar esse material mais barato para confeccionar as roupas e o papel cartão para fazer as asas. Todos gostaram da idéia e ficamos de tentar conseguir uma verba para esses materiais.

Os participantes estavam todos dispersos pelo espaço e pedi ajuda para a Maria e para a educadora Diná para juntarmos todos no centro da quadra. Tivemos, no início, algumas dificuldades, mas, ao final, conseguimos juntar todos, diferentemente das outras vivências.

*C.O.: Foi importante pedir ajuda, tanto da supervisora quanto da educadora. Por elas estarem diariamente com as crianças, senti que as crianças respeitam mais a elas que a nós, talvez por estarmos presentes apenas às quintas-feiras.*

A dificuldade em dialogar também melhorou. É verdade que alguns participantes não paravam de conversar entre si, mas percebi que a maioria participava mais ativamente dos diálogos. Nesse momento o Jorge falou para o grupo um pouco sobre o tema do teatro. Eu falei do jornalzinho que queríamos construir junto com eles e muitos se mostraram interessados. Conversamos sobre as atividades a serem realizadas naquele momento.

Um grupo foi ensaiar o teatro comigo e com o Jorge, outros foram pensar no jornal com o Fabiano e outros foram jogar bola com o Luiz. A Diná ficou com quatro crianças que não queriam ir para nenhuma atividade e foram brincar de pular corda.

Fiquei no teatro até o final da vivência e achei muito interessante como ocorria a interação e o desenvolvimento entre o grupo. Contarei agora um pouco dos fatos que ocorreram durante esse tempo.

No início, o Jorge me explicou o papel de cada um na peça e disse que os participantes estavam fazendo muita bagunça, desrespeitando umas às outras. Durante todo o ensaio isso ocorreu, mas fiquei surpreso como ele resolvia esses problemas. Ele conhece muito bem os participantes e tratava cada um de maneira diferente, sem ofendê-los.

Um acontecimento muito interessante ocorreu quando o grupo foi decidir quem seria o anjo principal. Havia duas meninas que queriam ser esse anjo, mas, no ensaio do dia anterior, uma delas havia desistido. Então, ficou aquela discussão: “Eu que vou ser”, “não sou eu, você tinha desistido”. Até que, conversando com o grupo, sugeri tirar jockey-pô e quem ganhasse seria o anjo. Elas aceitaram e jogaram até a definição da vencedora. A menina que perdeu ficou muito triste, chorando bastante. Nesse momento perguntei para o Jorge se não poderia haver 2 anjos para o papel principal. Ele disse: “não está no script, mas se a vencedora quiser dividir, sem problema algum”. A vencedora falou que para ela não tinha problema nenhum e pediu para a amiga parar de chorar.

*C.O.: Nesse momento lembrei-me do filme a Janela da Alma, onde uma diretora de cinema cresceu com muito complexo por nunca ter sido a artista principal das peças da escola. Por isso, tive a idéia de dividir o papel principal.*

Durante o ensaio, observei que as crianças ficaram muito entusiasmadas com o teatro, ensaiando mais de 8 vezes a peça, sem desanimarem. Ao final, sugeri que o grupo concedesse uma entrevista para o jornalzinho e todos aprovaram a sugestão. Antes de terminar, o Jorge agendou com eles novos dias e horários para o ensaio.

O futebol também foi muito legal. No início, os maiores e mais habilidosos foram selecionados para o mesmo time e cada um queria resolver os impasses à sua maneira, sendo, na maioria das vezes, “fominhas”. O jogo foi interrompido e conversamos sobre a importância do trabalho em grupo, que todos deveriam tocar mais a bola, para o jogo ser mais interessante e para que os participantes brigassem menos. Depois, as equipes foram novamente divididas e, na partida seguinte, todos trocaram mais passes, deixando o jogo mais lúdico.

Fabiano falou sobre o interesse das crianças pelo jornal. Todos acharam interessante colocar uma matéria sobre o dia das mães, uma receita de comida, entrevistas com os participantes do projeto, colocando a foto do entrevistado e um caça-palavras e “o que é, o que é”.

Antes de irmos para o lanche, sentamos no “caracol” com os participantes e perguntamos o que eles queriam fazer na próxima vivência. Eles decidiram brincar de pega-ajuda, jogar futebol, jogar vôlei, assistir à Era do Gelo e brincar de salva.

Quando saímos para o lanche, o participante Lucas começou a chorar. Não perguntei o motivo, pois era a mesma criança que a mãe não deixava ir para o lanche por causa das brigas na volta. Falei, então, com o Luiz sobre a possibilidade de trazê-lo de volta, ainda que tivéssemos de subir novamente, pois o carro estava no Centro Comunitário do Pacaembu. Ele disse que não haveria problema nenhum. Fui falar com o garoto que eu pediria à sua mãe que o deixasse vir conosco. Chegando na primeira esquina, ela já o estava esperando. Conversei e ela o liberou.

No caminho, as crianças pediram para cantarmos a música do Tchep- Tchep. Ao invés de falarmos Nova Iorque, nós começamos a falar Gonzaga. Novamente essa atividade foi muito divertida, sendo realizada em todo o percurso.

Mais uma vez nenhuma pessoa chegou antes dos educadores. Eles entraram, rezaram e tomaram milk-sheik de groselha. Os maiores terminavam e iam descendo, na frente; já os menores desceram comigo, Fabiano e o coordenador Luiz. No meio do percurso as crianças quiseram parar para apanhar João bolão. Erguemos algumas crianças para que pudessem pegar as frutas para todos. Quando estávamos chegando à ECO, fui levar o Lucas para sua casa, mas ele disse não ser necessário, pois seu pai estava ali perto jogando baralho.

Despedimos-nos de todos e fomos para o centro comunitário e de lá para a UFSCar, onde combinamos de nos encontrar, eu e o Fabiano, todas as quartas-feiras na hora do almoço, para decidirmos sobre as vivências posteriores e refletirmos sobre as anteriores.

**Diário 20 - 11/05/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 11:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **O DIA DAS MÃES ESTÁ CHEGANDO.**

Durante a semana, eu, o educador Fabiano e o coordenador Luiz preparamos o primeiro jornal construído por nós e pelos participantes do novo espaço do projeto. Nesse primeiro número, o jornal abordou uma matéria sobre a questão indígena, duas entrevistas, uma com os participantes da peça de teatro e a outra com o participante Valdir, um texto em homenagem ao “Dia das Mães” e os passatempos com o “Vamos Colorir” e a “Cruzadinha”.

Combinamos os três de irmos juntos na quinta- feira, às 07:45h.

### **DIA DA VIVÊNCIA:**

Conforme combinado, nos encontramos às 07:45h. No trajeto, conversando sobre as atividades que os participantes tinham escolhidos, na vivência anterior: salva, futebol, pular corda, ping-pong, pega-ajuda e teatro. Nesse momento contei que a Maria havia me ligado durante a semana dizendo que os materiais para a confecção de fantasia já estavam na ECO e que seria bom montá-las nessa vivência. Os dois gostaram muito da novidade e falaram que seria bom que acompanhasse o grupo nessa atividade.

O Fabiano apresentou a proposta que, quando fosse entregue o jornal para os participantes, que eles pudessem pintar o “Vamos Colorir” e responder a “Cruzadinha” com os lápis de cor que ele havia trazido. Acharmos à idéia muito interessante e concordamos em realizar essa atividade, caso houvesse o interesse dos participantes.

Chegamos à ECO por volta das 8:10h e, quando caminhávamos para entrar, observei que alguns participantes já estavam jogando futebol.

Caminhei até a sala da Maria para ver o material que havia sido comprado para confeccionar as fantasias e entreguei-lhe um jornalzinho. A Maria aprovou e disse que, além do teatro, as mesmas crianças iriam cantar uma música para as mães, ensaiada pelo Jorge.

Ao sair da sala, encontrei a educadora Diná e entreguei-lhe um jornalzinho. Depois fui ao encontro do Luiz e do Fabiano para juntarmos o grupo. Nesse momento, o pessoal do futebol ficou nervoso dizendo que não iria parar o jogo para reunião. Nesse momento, os educadores explicaram o motivo da reunião e, após muito diálogo, eles concordaram.

*C.O.: No momento que estávamos reunidos para conversar, os participantes que não queriam parar a atividade foram as que mais participaram dessa conversa. Nas últimas vivências estamos tendo algumas dificuldades para reunir todos os participantes, mas com muito diálogo isso vem melhorando.*

No início, solicitamos que eles se lembrassem do que haviam escolhido para esse dia. Depois de um silêncio de 10 segundos, o grupo começou a se manifestar. A primeira criança lembrou do “salva”, outra falou do ensaio e da construção das fantasias, mas, o que eles mais lembravam era do futebol. Entregamos o jornal para os participantes. Todos estavam muito eufóricos para vê-lo. O que mais chamou minha atenção foi a alegria das pessoas que fizeram parte do teatro ao verem a sua foto e lerem a matéria que eles ajudaram a construir. Alguns até pediram caneta para darem autógrafos no jornal dos outros participantes. Outro que ficou muito feliz foi o Valdir que havia sido o entrevistado do mês.

Em seguida, chamamos todos para as atividades programadas. O pessoal do teatro foi para a sala de multiuso comigo para confeccionar as fantasias. O Fabiano foi com cerca de 7 pessoas para as mesas ao ar livre para pintar o jornal. O Luiz levou alguns participantes pra jogarem ping-pong. A educadora Diná levou algumas crianças para pular corda. E, por fim, ficaram alguns jogando bola, sem o acompanhamento de um educador.

As pessoas que participaram do teatro, antes de irem para a sala de multiuso, foram comigo pegar o papel cartão, o pano TNT, papel laminado, tesoura, cola e lápis para a confecção das fantasias na sala da Maria. Quando chegamos à sala de multiuso os participantes estavam muito eufóricos e brigando entre si para ver quem pegaria os primeiros materiais. Eu e a Maria tivemos muita dificuldade em cortar o tecido para cada participante e decidimos ir para o palco para não atrapalharmos a aula dos adultos que estava ocorrendo ao lado.

No palco, solicitei aos participantes que não tivessem pressa, pois todos iriam fazer sua própria fantasia. No início, a conversa teve efeito, mas, após algum tempo, as brigas voltaram, dessa vez para pegar a

tesoura e a cola. Nesse momento não interferi; queria ver se eles conseguiriam se entender, o que acabou ocorrendo: um começou a ajudar o outro para confeccionar as asas dos Anjos, já que, sozinhos, eles não conseguiriam.

Enquanto fazíamos as fantasias, começaram a chegar pessoas que estavam no futebol para ver o que a gente estava fazendo. Essas pessoas pegaram as sobras do papel cartão e começaram a fazer capacetes de soldados com a minha ajuda. Depois do primeiro capacete de soldado, todos queriam outro igual. Ao final da vivência, havia cerca de 20 crianças com capacete.

Terminando as fantasias fui devolver os materiais para a Maria. Chegando em sua sala, havia dois participantes que queriam que fizéssemos espadas de jornal. Achemos a idéia muito boa e começamos a confeccioná-las. Pronta a primeira espada, a maioria das pessoas do projeto queria uma igual. Isso fez com que atrasássemos nossa ida para o lanche.

Nesse dia não foi possível reunir os participantes para decidirmos sobre as atividades da próxima vivência, pois a maioria estava brincando com a espada e não queria parar.

A nossa ida para o Centro Comunitário foi muito tranquila. Após cumprir a suspensão de uma semana, o participante Lucas estava novamente feliz em poder ir tomar lanche, pois sua mãe não o deixava ir sozinho.

Chegando ao Centro Comunitário, os participantes foram sentando-se à mesa e ficaram muito eufóricos quando ficaram sabendo que seria servido polenta com molho vermelho.

Ao terminaram a alimentação, a maioria deles ficou esperando os educadores para voltar para casa. A volta foi muito divertida. Fomos cantando os hinos e os gritos da torcida do São Paulo e do Corinthians. A grande maioria das pessoas era corinthiana, mas a maioria dos adultos que estava na rua era são paulina, deixando a brincadeira mais divertida.

Chegando à ECO, o coordenador Luiz e o educador Fabiano estavam me esperando para irmos à UFSCar.

No trajeto, o Luiz contou como foi o ping-pong. Disse que tudo estava muito divertido, que as crianças mais novas e três adolescentes estavam brincando junto com ele. No meio da atividade, a Maria o chamou de lado e falou que os adolescentes não poderiam brincar, pois aquele horário era apenas para os menores.

Ele achou muito estranho o que ela dissera, pois o combinado era que às quintas-feiras juntar-se-iam crianças e adolescentes, de 3 a 17 anos, para trabalharem a interação entre as gerações. A supervisora disse que havia esquecido do combinado e que iria mudar o mural de programação para os adolescentes pudessem participar (D20-1).

*C.O.: Em todas as vivências verifiquei que os adolescentes não estavam participando. Sempre que encontrava com algum na rua eu perguntava o motivo. Todos verbalizavam que estavam matriculados em escolas de período integral e, conseqüentemente, não poderiam ir ao projeto. No caso dessa vivência, o Luiz teve a preocupação de perguntar se eles estavam “matando” a aula e eles responderam que estudavam à noite. Essa observação foi importante para sabermos que há adolescentes que podem participar do projeto às quintas-feiras.*

Já o Fabiano relatou sobre a atividade de pintura. Ele achou muito interessante o grande interesse das crianças em resolverem a “cruzadinha” e pintar o “vamos colorir”. No “vamos colorir”, o que lhe chamou mais a atenção foi que a maioria dos participantes pintava a mãe e o filho com o lápis marrom e preto. Referiu que, em todo seu trabalho com a questão racial, ele nunca havia visto tantas pinturas retratando os negros, os quais, no caso do Jardim Gonzaga, são a maioria, mas sim a cor bege que é a mais usada (D20-2).

Outro aspecto que lhe chamou a atenção foi que os participantes, por decisão própria, começaram a pintar as colunas de notícias e entrevistas do jornal com cores variadas, fazendo com que o jornal, antes preto e branco, ficasse mais bonito e colorido.

Chegando à UFSCar o Luiz parou o carro em frente ao Departamento de Educação Física, logo depois peguei meu carro e voltei para minha casa.

**Diário 21 - 18/05/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **ENSAIO DE CANTO PARA HOMENAGEAR A FÁTIMA PICINN.**

Nessa quinta-feira eu estava muito ansioso para saber como tinha sido a apresentação teatral, na comemoração do “Dia das Mães”. Nesse dia fomos eu e o Fabiano com o meu carro e chegamos às 08:00h na

ECO. Muitos participantes vieram em nossa direção para nos abraçar. Esses momentos foram muito marcantes para mim, pois mostram o carinho que eles têm por nós, educadores.

Ao entrar, encontrei o Jorge e perguntei como tinha sido o teatro. Disse ter sido muito bom, que as mães adoraram e que a quadra estava repleta de pessoas, dando aquele “friozinho na barriga”. Perguntei, então, se havia acontecido algum problema. Ele respondeu que houve dificuldade para fixar as asas nas costas e que um participante sentiu vergonha na hora de subir ao palco, tendo que ser substituído por outro.

Depois dessa conversa, fui cumprimentar a Maria e perguntar como tinha sido a festa em comemoração ao “Dia das Mães”. Ela estava muito animada e disse que os participantes tinham se apresentado muito bem no teatro. Perguntei também se era possível a gente parar as atividades às 9:00h para que 10 (dez) participantes ensaiassem a música “O direito de ser criança”, de Gildásio Mendes, com a educadora de música Regina, a qual faz parte da Secretaria da Infância e Juventude de São Carlos.

Os dez participantes iriam apresentar essa música, na sexta-feira (19/05/06), na câmara dos vereadores, para homenagear a Fátima Picinn, que iria ser condecorada como a Assistente Social do ano de 2005. Ela foi a principal responsável por conseguir que o Programa Habitar Brasil fosse desenvolvido no Jardim Gonzaga.

Achei muito interessante esse tipo de homenagem. Tive muita vontade de participar, mas, infelizmente, não pude ir. Fomos, então, chamando os participantes para conversarmos na quadra. Nesse dia, ninguém achou ruim parar o que estava fazendo. Quando todos estavam sentados falei que não havíamos combinado nada na vivência anterior, mas que havia algumas brincadeiras que ainda não havíamos realizado. Perguntei se sabiam quais eram.

Eles lembraram de duas: o “salva” e o “pega-ajuda”. Perguntei com qual eles prefeririam começar e eles escolheram o salva.

Por não conhecermos o jogo, pedimos para que eles mesmos explicassem. Foi muito interessante. Os participantes são divididos em duas equipes. Uma equipe vai se esconder e a outra conta até dez para pegar. Após 10 segundos, os pegadores podem ir pegar, tendo apenas que encostar no corpo do adversário. Quando pego, o fugitivo era levado à trave da quadra de futebol que simbolizava uma “cadeia”, de onde ele só podia sair quando algum fugitivo livre esbarrasse na trave. Após todos os fugitivos serem capturados, trocavam-se as posições: quem era pegador, virava fugitivo e vice-versa.

A brincadeira foi muito dinâmica. Os participantes ficaram muito envolvidos na atividade. Outra questão interessante foi que a brincadeira usou todos os espaços específicos de lazer da ECO. Nós só fomos parar de brincar 25 minutos depois do início, devido à chegada da Regina.

Conforme dito anteriormente, a apresentação na câmara será feita por 10 participantes do projeto, os mesmos do teatro apresentado em homenagem às mães. Entretanto, a Maria achou interessante que todos participassem do ensaio para conhecerem a letra da música e para terem uma atividade diferenciada de lazer.

A Regina pediu para todos que fossem ao palco, atrás da quadra de esportes, para o início do ensaio. Ela estava carregando um violão e várias folhas contendo a letra da música que, posteriormente, foram entregues para a maioria dos participantes. No início, fiquei surpreso com o andamento do ensaio, pois todos estavam muito concentrados acompanhando a canção. A partir da terceira vez que eles deveriam cantar, a Regina dividiu os participantes em dois grupos. O primeiro foi formado pelas pessoas que iriam se apresentar na sexta-feira, ficando todos de pé, um do lado do outro, já na formação correta para o dia da apresentação. Já o outro grupo tinha apenas que permanecer sentado e assistir ao ensaio.

Já no primeiro ensaio nessa nova formação, os participantes que permanecerem sentados, começaram a levantar e a brincarem um com o outro. Nesse momento, o Fabiano, percebendo o desinteresse dos mesmos em assistir ao ensaio dos colegas, chamou-os para irem para a quadra brincar de pega-pega.

Ao terminar o ensaio, juntamos novamente os participantes. Os menores ficaram com a Diná pulando corda e brincando no parquinho; já os outros ficaram comigo e com o Fabiano jogando futebol na quadra. A partida foi muito divertida; os participantes não estavam interessados em ganhar, mas sim em estar brincando de futebol com os educadores. Cada gol era comemorado com muita folia para chamar a atenção dos adversários.

Às 10:15h paramos todas as atividades e pedimos aos participantes que lavassem as mãos e depois sentassem no “caracol”. Nesse dia, diferentemente da semana anterior, a maioria estava interessada em dialogar sobre as atividades a serem realizadas na próxima semana.

As atividades decididas foram: dança (o Fabiano ficou encarregado de trazer o som e, os participantes, os CD’s), pega-ajuda, futebol e esconde-esconde.

**Diário 22 - 28/05/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**19:00h às 22:00h**  
**SESC – São Carlos**



## APRESENTAÇÃO DO MILÁGRIMAS NO SESC.

Essa semana eu não pude participar do projeto na quinta-feira, pois fui para o VII Seminário “O Lazer em Debate”, realizado na UFMG, em Belo Horizonte. O evento foi realizado de quinta-feira de manhã até sábado à noite. Tinha a possibilidade de ficar no domingo em Belo Horizonte conhecendo alguns lugares turísticos, mas preferi voltar para São Carlos para acompanhar os participantes e educadores dos projetos no passeio ao SESC.

Cheguei em São Carlos às 18:00h no domingo e já liguei para o Luiz para avisar que eu iria no passeio e também para sondar se eu poderia pegar uma carona com ele. Fui informado que ele não estava mais em casa, tinha saído pra resolver algumas coisas, e depois iria pegar o educador Fabiano no SESC, para irem juntos ao Gonzaga.

Nesse momento troquei de roupa rapidamente e fui de carro para o SESC encontrar o Fabiano e o Luiz. Quando cheguei ao SESC o Fabiano estava esperando o Luiz sentado na calçada. Estacionei meu carro e ficamos conversando sobre a vivência de quinta-feira que eu não pude participar.

Às 16:50h o Luiz estacionou o carro e ficou surpreso com minha presença. O Fabiano e eu entramos no carro e fomos em direção ao Jardim Gonzaga.

Foram convidados 14 participantes, além da Aninha, para assistirem à apresentação de dança. No entanto, quando chegamos à ECO, havia apenas cinco. O Samuel, que estava no local, falou que muitos costumam esquecer da data e do horário, havendo situações em que, na última hora, os familiares não deixam a criança ou o adolescente participar do passeio. Um exemplo disso é a própria filha do Samuel (Yasmin) que não pode ir, pois sua mãe obrigou-a a ir à igreja.

Pessoas para ocuparem as vagas não faltaram. Muitas crianças menores queriam ir, mas não puderam devido à idade. O único que pode ocupar um lugar vago foi o Otávio, mas para isso, eu tive que ir ao bar de sua avó, pedir que ela assinasse a autorização.

Havia sido combinado que a Van da prefeitura chegaria às 19:00h na ECO, pois a apresentação estava marcada para às 19:30h. O tempo foi passando e a van não chegava. Esperamos até às 19:25h e como a Van não apareceu, dividimos os educadores e participantes no carro do Luiz e da Aninha e fomos para o SESC.

Enquanto o outro carro não estacionava, ficamos brincando na ponte. A Juliana ficou muito incomodada com o cheiro forte do rio. Quando todos chegaram à ponte, a Aninha distribuiu balas para todas as pessoas, deixando-as muito contentes.

Ao entrarem no SESC, os participantes ficaram surpresos com o número de pessoas no local. A arquibancada estava totalmente lotada, tendo espaço apenas na frente do palco, onde todos deveriam ficar sentados. Como chegamos atrasados, tivemos que sentar no fundo e no lado esquerdo do palco.

Enquanto a apresentação não começava os participantes foram conhecer os índios Kalapalo, que moram na tribo do Alto do Xingu e estavam em São Carlos para o lançamento do livro que retrata as brincadeiras realizadas na tribo. Os participantes ficaram conversando com os mesmos e o que chamou a sua atenção foram os objetos indígenas, principalmente o arco e flecha.

Antes do início da apresentação, os meninos quiseram ir ao banheiro. Enquanto bebiam água, um dos participantes foi me chamar para abrir a torneira, pois não estava conseguindo abrir. Expliquei que aquela torneira era diferente das que eles conheciam. Expliquei que, para sair água, era necessário apertar o botão e que, após algum tempo, ela pararia. Os meninos ficaram muito impressionados com a torneira, apertando várias vezes para ver a água sair (D22-1).

Quando retornamos aos nossos lugares, as luzes do SESC se apagaram e foi iniciada a apresentação de dança do Milágrimas. No início, os participantes ficaram “hipnotizados” com as danças afro-brasileiras realizadas pelos jovens da periferia de São Paulo. Apenas ao final da apresentação eles começaram a dispersar sua atenção e a conversar.

Ao final, perguntei o que eles mais tinham gostado e eles disseram que gostaram dos sons e dos movimentos que eles faziam com a boca e com o corpo. Mas, o que mais impressionou os participantes, foi quando abriu-se um pano que cobria todo o palco, parecendo um mar (D22-2).

Antes de irmos embora ficamos conversando com alguns amigos que estavam assistindo à apresentação e os participantes puderam conhecer o palco e conversar com alguns dançarinos. Eles tiraram dúvidas sobre os ensaios e sobre o dia-a-dia daquelas pessoas.

Na saída, todos ganharam um livrinho sobre o Milágrimas e ficaram muito felizes por andar de carro novamente. No caminho eles disseram ter gostado muito do passeio e ficaram perguntando quando haveria outro. Quando chegamos ao Jardim Gonzaga, todos foram deixados em suas respectivas casas e depois voltei para a minha.

Foi muito importante ter retornado de Belo Horizonte para participar do passeio, juntamente com os participantes e educadores.

**Diário 23 - 01/06/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 11:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### A DANÇA FAZENDO SUCESSO COM OS MAIS NOVOS.

O dia amanheceu muito bonito. A temperatura estava agradável e o sol estava muito brilhante. Conforme combinado, peguei o Fabiano às 7:45h, na UFSCar.

No caminho fomos conversando sobre a possibilidade de irmos conhecer o “buracão” na próxima vivência e de combinarmos um piquenique com os participantes. Tivemos duas idéias; uma seria levar o lanche, que é entregue no Centro Comunitário do Pacaembu, para o próprio “buracão”; a outra, seria combinarmos para que cada um levasse um salgadinho e/ou uma bebida.

A idéia de irmos ao “buracão” surgiu de uma conversa que eu tive com o Luiz, devido à nossa curiosidade em conhecer esse espaço que faz parte do dia-a-dia dos moradores do bairro.

Chegando à ECO, todos os espaços reservados para estacionamento estavam lotados, então, estacionei meu carro na rua em frente ao prédio. Quando descemos do carro cumprimentei o Samuel que faz parte da comissão de moradores eleita para ajudar na administração desse espaço. Achei muito interessante vê-lo, logo de manhã, junto com outro morador cuidando do jardim da ECO, para deixá-lo mais bonito.

Ao entrar na ECO, o Gabriel veio correndo em nossa direção e deu um abraço muito forte na gente. Logo atrás dele, veio o Filipe, 7 anos, e pediu para que abaixasse para ele me dar um abraço: quando abaixei, ele começou a me dar vários socos fortes. Assustado, perguntei por que ele estava fazendo aquilo comigo e ele respondeu que tinha prometido que ia me matar porque eu tinha faltado na semana anterior.

Segurando os braços para contê-lo, fui conversando e explicando o motivo pelo qual tive que falar, pois estava em Belo Horizonte, estudando. Quando larguei suas mãos ele tentou mais uma vez me dar um soco, mas, agora, sem conseguir me acertar. Pedi novamente para que parasse com aquilo, pois estava ficando muito chato. Ele parou, me deu um abraço e pediu para que não faltasse mais.

*C.O.: Esse momento foi muito interessante. Percebi que o Filipe gosta muito de mim e o jeito de mostrar que não gostou da minha falta, foi me agredindo. Acho que minha reação na hora foi a mais correta, conversei bastante para ele entender minha falta e que aquilo que ele estava fazendo não era legal (D23-1).*

Depois desse fato, fui para a sala da Maria e falei do nosso interesse em conhecer o “buracão” e quis saber sua opinião sobre levarmos os participantes. Ela achou a idéia muito boa, mas alertou sobre a possibilidade deles ficarem indo de um lado para o outro, uma vez que esse espaço é muito familiar para eles. Sobre o lanche, ela achou melhor combinarmos de cada um levar sua comida ou bebida.

Ao sair da sala, fui em direção ao Fabiano, que estava conversando com algumas crianças e falei sobre minha conversa com a Maria. Ele ficou muito feliz com a aprovação e, em seguida, fomos chamar os participantes para iniciarmos as atividades. Quando entramos na quadra, o pessoal que estava jogando bola falou que não iria parar para conversar. Fui em direção aos que estavam reclamando e expliquei, novamente, a importância daquele momento para decidirmos sobre o que brincar e comentei sobre a possibilidade de irmos na semana seguinte ao “buracão”.

Eles aceitaram e sentamos todos juntos no meio da quadra. Quando começamos a falar sobre a experiência dos que foram na apresentação de dança no Sesc, o participante Filipe começou a brigar com o Lucas. Nessa hora, vários participantes começaram a se levantar para incentivar a briga e alguns começaram a bater no Filipe. Foi muito difícil acalmar a briga; quando eu tentava separar, outros tentavam bater nele. Até chegar um momento em que fiquei muito nervoso e comeci a gritar com quem estava participando da briga. O clima ficou muito carregado, falei de forma autoritária e pedi, enfaticamente, para que sentassem.

Depois de estarem mais calmos, voltamos a conversar sobre o espetáculo de dança. Infelizmente, nesse momento, não havia ninguém que assistira ao mesmo junto com a gente, mas foi importante falar sobre isso, para lembrar que no dia 29 de junho, todos irão ao SESC para a realização de uma oficina de brincadeiras indígenas.

Falamos também sobre o que eles achavam de irmos na próxima vivência no “buracão”. Todos ficaram muito empolgados com essa possibilidade e acharam muito boa a idéia de fazermos um piquenique. Todos ficaram encarregados de nos mostrar o “buracão” e levarem os salgadinhos para o piquenique. Já os educadores ficaram encarregados de levar a bebida.

Nesse dia não havia nada combinado previamente, pois não participei da vivência anterior e o Fabiano não ficou até o final, pois tinha compromisso no SESC. Conversando com eles, resolvemos dividir a

turma em duas; um grupo ficou comigo na quadra para jogar futebol e, o outro, com o Fabiano, ouvir música e dançar.

No futebol, tivemos momentos bons e momentos difíceis. Durante uma hora e quinze minutos, muitas pessoas foram chegando atrasadas no projeto, totalizando, ao final, umas 15 pessoas no futebol.

Os momentos positivos foram muitos. Durante o jogo, a questão da competição não estava tão aflorada nos participantes. O importante, para eles, era estar jogando. É lógico que tinha algumas pessoas se irritavam por estarem perdendo, mas a maioria estava interessada em brincar. Outra questão positiva foi que todas as pessoas que chegavam atrasadas participavam do jogo, sem qualquer restrição.

Mas tivemos também alguns momentos difíceis, principalmente as brigas. O Lucas só queria ficar no gol, mas outras pessoas também queriam e aí ficou combinado que cada hora um iria para o gol. Mas o Lucas não aceitava a decisão tomada pela equipe e ficava brigando com os outros.

Teve uma hora que sua mãe viu, pela janela de sua casa, (que fica em frente à ECO) ele brigando com o Filipe para ver quem iria ao gol e foi até lá para tomar satisfação. Nesse momento, não notei que eles estavam brigando, pois estava no outro time como goleiro. Quando chegou à ECO, ela começou a gritar com o participante Filipe dizendo que mandaria o primo mais velho do Lucas bater nele. Nessa ocasião, fui acalmar a mãe e expliquei que o culpado era o seu filho que não aceitava a decisão da equipe. Ela ficou brava, mas continuou falando que ia mandar o primo bater.

Além desse problema, tivemos outros, novamente, com o Filipe. Ele xingou o Valdir e os dois começaram a brigar. Só que os amigos do Valdir foram também entraram na discussão. Parei um pouco o futebol e fui conversar com o Filipe para ele se acalmar, pois ele poderia tomar uma suspensão durante uma semana, por estar envolvido com todas as brigas daquele dia.

Na volta para casa, o Fabiano falou que na dança a vivência tinha sido muito legal. As pessoas que participaram eram, na maioria, mulheres com idades entre 4 e 7 anos, mas que também havia alguns meninos.

No início, eles ficaram dançando livremente axé, fazendo suas próprias coreografias. Depois o Pedro foi correndo na sua casa pegar um CD de rap para ouvir e dançar. Todos mostraram que gostavam de rap. No final da dança, o Fabiano deu um CD de rap internacional para o Pedro, deixando-o muito feliz.

Faltando 10 minutos para as 10:00h, paramos de jogar futebol e fomos para as mesas que ficam ao lado do campo de futebol para brincar de pega-pega. Nesse momento, alguns continuaram jogando bola e, outros, que estavam dançando, vieram brincar com a gente. A atividade foi muito legal e os participantes escolheram brincar de salva, dividindo as equipes e organizando as regras.

Antes de dar início à atividade, os participantes pediram para que fizesse a brincadeira vivo-morto como aquecimento. Na atividade, trabalhei a questão de respeitar as regras de um jogo, pois quando realizei essa brincadeira em outra vivência, eles não aceitavam quando erravam e tinham que sair. Foi muito interessante conversar com eles sobre isso, pois quando começamos o vivo-morto eles mesmos saíam quando erravam, sem que alguém tivesse que chamar a atenção.

Encerrado o vivo-morto, começamos a brincar de salva. Nessa atividade, não tivemos nenhum problema com relação à indisciplina.

Por volta das 10:15h, pedimos para todas as crianças lavarem as mãos e sentarem no “caracol” para conversarmos sobre a próxima vivência. Na conversa, falamos para quem havia chegado atrasado sobre nossa visita ao “buracão”.

Terminando a conversa, começamos a subir para o lanche. Na saída da ECO, dei as mãos para uma menina e para o Filipe, que levava meu caderno de anotações com a caneta presa no espiral. Depois de alguns passos, o Lucas tentou me dar as mãos, tentando tirar a mão do Filipe. A reação dele foi tentar não se soltar de mim e, para isso, fez um movimento com o braço solto, acertando, sem querer, a caneta próxima ao olho do Lucas, que começou a chorar.

Pedi para o Fabiano que vinha logo atrás ver se tinha machucado e continuei a subir. No meio do caminho percebi que o Lucas não estava com o grupo e perguntei ao Fabiano se sabia onde ele estava. Ele disse que a mãe o parou no meio do caminho e não o deixou subir mais.

Chegamos ao Centro Comunitário do Pacaembu e fomos entrando para tomar o lanche. Nesse dia os participantes foram sentando em silêncio sem fazer bagunça, diferentemente das outras vezes. Quando todos estavam sentados rezamos o pai nosso e depois a Flávia distribuiu a vitamina de banana com as bolachas.

A volta foi tranquila, alguns voltaram sozinhos, outros mais a frente com o Fabiano e os últimos comigo. Chegando próximo à ECO encontrei a mãe do Lucas e fui perguntar por que ela não havia deixado ele subir com a gente.

Ela respondeu que não levaria mais o filho ao projeto, pois as crianças estavam batendo muito nele. Conversei com ela e disse que ele não era nenhum santinho, que naquele dia ele tinha sido o culpado em todas as brigas. Falei também que para resolver os problemas das brigas os educadores estavam usando do diálogo e não da violência. Nessa hora, ela retrucou minha fala, dizendo que preferia o sistema utilizado pela professora da escola que, quando uma criança bate na outra, deixava a pessoa que apanhou retrucar.

Falei com a mãe que esse sistema não ia ajudar a resolver o problema da violência e pedi para ela deixar o filho voltar ao projeto, Disse também sobre o combinado de levar os participantes no “buracão” para fazer um piquenique na próxima quinta-feira. Ela gostou da idéia e falou que o filho ia voltar para o projeto, mas continuou dizendo que ia chamar o primo dele para bater no Filipe.

O Fabiano me chamou dizendo que tinha que ir embora. No retorno para nossas casas, fomos falando da importância de realizarmos reuniões com as mães dos participantes para dialogar sobre a questão da violência. Ficamos comprometidos de falar com a Maria sobre a possibilidade da realização dessas reuniões.

**Diário 24 - 08/06/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 11:00h**  
**Passeio ao Buracão**

## **PASSEIO AO BURACÃO.**

Chegou o grande dia. Eu não via a hora de conhecer o espaço mais bonito do Jardim Gonzaga. E não era só eu que estava nessa ansiedade. O Luiz, o Fabiano e os participantes também não viam a hora de realizar o passeio para o buracão.

Na saída com destino ao Gonzaga nos encontramos: o Fabiano, o Luiz e eu no Departamento de Educação Física de UFSCar, no horário combinado. No caminho fomos conversando sobre o passeio e perguntei se alguém tinha comprado os refrigerantes conforme o combinado. O Fabiano já estava levando o seu na mochila, o Luiz e eu ficamos de comprar no barzinho em frente à ECO para ajudar o comércio do bairro.

Chegando a ECO por volta das 08:15h e senti a primeira alegria do dia. Os participantes, ao verem o carro do coordenador Luiz estacionando, começaram a correr em minha direção gritando meu nome e, ao chegarem, começaram a me abraçar. Nesse momento fiquei muito emocionado com os abraços. Os participantes também abraçavam com o mesmo entusiasmo o Luiz e o Fabiano.

Os participantes, após esse caloroso cumprimento, começaram a falar do passeio ao buracão. Muitos mostraram os salgadinhos que haviam comprado para o passeio. Já alguns vieram me falar que a supervisora Maria que iria comprar seu salgadinho, pois sua mãe não tinha dinheiro; já outros levaram garrafas pet's com água, pois era a única opção que podiam levar.

Nesse momento fiz uma reflexão sobre duas coisas: sobre as dificuldades financeiras de muitas famílias do Jardim Gonzaga e sobre os passeios que realizo com crianças de classe média alta, nos quais as crianças costumam levar muitos salgadinhos, chocolates, balas, chicletes, dentre outros.

Quando fomos entrando para conversar sobre nosso passeio, comecei a tirar fotos dos participantes e educadores. As crianças e adolescentes ficaram muito empolgados com a minha máquina fotográfica. A cada foto tirada, eles corriam em minha direção para ver como havia ficado. Muitos me pediram para tirar uma foto, mas eu disse que deixaria só quando estivessemos no buracão.

Enquanto eu tirava fotos, o coordenador Luiz e a supervisora Maria foram comprar mais salgadinhos e refrigerantes no bar em frente à ECO.

Depois das fotos, todos foram sentar para conversar sobre o passeio. Estavam presentes nesse dia a educadora Diná e o educador José Vicente. Na conversa ficou decidido que iríamos andar juntos e que o caminho que iríamos seguir era o do “pastim”. Quando eles falaram “pastim” eu fiquei pensando quem seria essa pessoa. E depois fui descobrir que o tal “pastim” era o lugar onde tem um pasto de boi.

Na saída percebi a felicidade dos participantes por poderem ser os guias do passeio, falando, empolgadamente, sobre o buracão. Os participantes que estavam comigo de mãos dadas mostravam os lugares onde soltam pipa e onde iríamos começar nossa descida. Enquanto nos dirigíamos para o “pastim”, encontrei o Hélio e seu irmão. O Hélio não está mais participando do projeto mas, na semana passada, me encontrou e disse que iria descer com a gente para ajudar os educadores. Nesse momento, ele e seu irmão se juntaram ao grupo.

Quando chegamos ao final do “pastim”, os participantes pediram para os educadores subirem numa pedra para verem a vista do buracão. Fiquei impressionado com o lugar, muitas árvores, barulho de água, barulho de pássaros, mas também pude ver algumas cenas que me deixaram triste. Perto da vegetação fechada havia muitos entulhos e alguns pontos de queimada.

Na continuação do passeio, começamos a descer uma trilha onde tínhamos que andar em fila indiana. Em alguns momentos a trilha era muito íngreme e os mais velhos ajudavam as crianças menores. Fiquei muito impressionado com o interesse dos participantes em ajudar, além dos menores, eles faziam questão de ajudar a educadora Diná (D24-1).

No caminho, fui conversando com o Hélio sobre o buracão e uma hora pedi para que ele falasse um pouco sobre o que costumam fazer naquele local. Ele respondeu:

- “a gente vem aqui para soltar pipa, brincar, jogar bola e gostamos de trazer pessoas para conhecer aqui”.

Logo depois de o Hélio falar da pipa, apareceram mais dois participantes que estavam ali perto soltando pipa. Eles recolheram as pipas e juntaram-se ao grupo.

No final da descida, entramos no meio da vegetação nativa. Parecia que eu estava fazendo uma trilha em alguma fazenda ou em algum lugar longe da cidade. Mas não, aquele lugar maravilhoso era o buracão do Jardim Gonzaga. Cem metros depois que entramos na vegetação, senti uma enorme tristeza. Encontramos um riacho que estava todo poluído e cheirando muito mal. Perguntei para um dos participantes de que local estava vindo o esgoto. Ele respondeu que vem do bairro Pacaembu e que o esgoto é despejado no riacho. Nesse momento, todos se mostraram incomodados com aquela sujeira (D24-2).

Para continuar nosso passeio, tivemos que atravessar o riacho. Para nossa sorte havia algumas pedras que possibilitavam nossa travessia sem pisar naquela água poluída. Novamente os mais velhos ajudaram os menores a atravessarem o riacho.

Depois de todos atravessarem, andamos mais cinquenta metros até chegarmos ao lugar onde iríamos realizar nosso piquenique. Esse lugar era um morro com mato baixo.

Ao chegarem, os participantes foram logo brincar no morro. Alguns começaram a soltar pipa, outros acharam pedaços de papelão e começaram a descer o barranco escorregando no papelão, outros sentaram debaixo de uma árvore e ficaram conversando, outros ficaram brincando de gangorra no galho da árvore e outros ficaram correndo pelo espaço.

O interessante foi que a iniciativa das brincadeiras veio dos próprios participantes, os educadores eram chamados pelos participantes para brincarem juntos (D24-3).

Enquanto brincavam, deixei alguns participantes tirarem fotos do buracão e das brincadeiras.

Depois de uns 20 minutos, alguns participantes vieram cobrar o piquenique. Nós conversamos com eles sobre qual seria o melhor lugar para ser realizado. Uns queriam fazer o piquenique ali onde estávamos e outros preferiam fazer no meio do morro debaixo de uma árvore.

Nesse instante tivemos o primeiro problema. Um grupo de meninas queria fazer o piquenique separado dos outros participantes. O coordenador Luiz não gostou da idéia, pois achava que o piquenique tinha que ser realizado com todos os participantes juntos.

As meninas ficaram reclamando e insistindo em realizar o piquenique separado dos outros. Depois de muita conversa, elas conseguiram o feito. Enquanto todos estavam fazendo piquenique debaixo da árvore e no meio do morro, elas ficaram no pé do morro com a educadora Diná.

O piquenique foi uma festa, os participantes não paravam de comer e beber. Os salgadinhos e os refrigerantes acabaram muito rápido devido à pressa dos participantes em consumir comida e bebida. Depois de encerrado, todos ajudaram a juntar os lixos nos sacos plásticos para deixar o espaço limpo.

Deixamos as crianças e os adolescentes brincarem mais uns 10 minutos e depois chamamos todos para irmos tomar lanche no Centro Comunitário do Pacaembu. Um grupo quis fazer um novo caminho e foi acompanhado pelo educador José Vicente, e os outros voltaram pelo mesmo caminho.

O caminho de volta foi mais tranquilo, pois todos tiveram mais facilidade na subida. No meio do caminho os participantes ficaram falando do tanto que eles gostaram de ter ido ao buracão e disseram também que queriam voltar mais vezes para fazer piquenique e brincar. Perguntei então para o Gabriel de qual espaço ele gostava mais de brincar, se era na ECO ou no buracão, e ele respondeu:

- *“Eu gosto muito da ECO, lá tem parquinho e quadra, mas eu gosto mais do buracão, pois eu posso soltar pipa e escorregar de papelão, é mó da hora”.*

Quase chegando no “pastim” o Hélio mostrou um lugar onde um morador foi assassinado. Ele disse que ninguém gostava do sujeito e que a polícia teve que descer ali para pegar o corpo.

Nessa hora, o grupo que estava com o José Vicente chegou à mesma trilha que a nossa e todos fomos juntos em direção ao Centro Comunitário do Pacaembu.

Quando chegamos, todos sentaram esperando o lanche. Nessa hora, aproveitamos para conversar um pouco sobre o passeio e o jornal.

Todos adoraram o passeio e quando perguntei se havia algum outro lugar que pudéssemos visitar e brincar, eles disseram que a gente podia ir às novas praças e no terrão. Todos gostaram da idéia e ficou a ser combinado nas futuras vivências. Já a questão do jornal ficou decidido que na próxima vivência iremos montar as reportagens. Eles falaram que seria legal ter entrevistas, fotos do passeio, reportagens sobre o milágrimas, sobre o passeio que iremos realizar no SESC e sobre a festa Junina.

Depois de tudo combinado, os participantes tomaram leite com groselha e comeram dois pães com manteiga. Eles não gostaram muito da bebida, deixando muitas sobras nas canecas. Terminado o lanche os participantes voltaram para suas casas.

Quando voltei para a ECO fui conversar com a supervisora Maria sobre o nosso passeio do dia 29/06. Ela disse que a Lígia da Secretaria de Cidadania e Assistência Social havia conseguido um horário no SESC no dia 21/06 e um ônibus para levar as crianças e adolescentes do Gonzaga e do bairro Cidade Aracy, e pediu para que mudasse para esse dia o nosso passeio. Eu falei que iria conversar com o Luiz e depois ligava para ela para dar uma posição.

Quando cheguei no carro, o Luiz e o Fabiano ficaram me apressando para ir embora. No caminho de volta eu contei da minha conversa com a Maria e o Luiz ficou muito irritado com a notícia. Ele referiu que preferia que fosse no dia 29/06, pois já havia acertado a data com o SESC, e, no dia 21/06, não poderia participar, pois já tinha assumido outro compromisso.

Ficou decidido que eu e ele ligaríamos para a Maria para conversarmos. Na segunda-feira, dia 12/06, a Maria me ligou dizendo que achava melhor levar todos os participantes do projeto no dia 29/06, pois teríamos 40 participantes interessados no passeio. Eu falei sobre minha conversa com o Luiz e que no dia 29/06 seria perfeito para ocorrer o passeio.

A Maria ficou responsável por falar com a Secretaria de Cidadania e pedir o ônibus e qualquer novidade ela iria me ligar.

**Diário 25 - 22/06/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **POUCOS PARTICIPANTES NO INÍCIO MAS, AO FINAL, TUDO NORMAL.**

Depois de uma semana sem ir ao Jardim Gonzaga, devido ao feriado de Corpus Christi do dia 15 de junho, volto nessa quinta-feira com muita saudade dos participantes e querendo conversar mais sobre nosso passeio ao buracão.

Antes de ir para à ECO, passei na UFSCar para pegar o educador Fabiano que me esperava na lanchonete “Pão de Queijo Mineiro”. No caminho, fomos conversando sobre nosso passeio ao SESC, que será no dia 29/06, no qual visitaremos a exposição “Jogos e Brincadeiras do povo Kalapalo”. Estou muito ansioso para levar os 40 (quarenta) participantes para conhecerem um pouco mais da cultura indígena. Já a ansiedade do Fabiano é para ver como os participantes vão se comportar no SESC, uma vez que ele trabalha como monitor nessa exposição. Essa sua preocupação também é compartilhada por mim. Pensamos em duas possibilidades sobre o comportamento dos participantes no passeio. A primeira é que no começo tudo vai ser tranquilo, mas depois de dez minutos de visitação eles ficarão inquietos e começarão a brigar e a não respeitar os monitores do SESC. A outra possibilidade que pensamos foi de eles ficarem muito atentos à exposição.

Espero que chegue logo nosso passeio para vermos se uma dessas duas possibilidades irá ocorrer ou outra qualquer que havíamos pensado.

Ao chegar a ECO estacionei meu carro em frente à quadra e quando os participantes viram que éramos nós, correram em nossa direção gritando nossos nomes. Ao chegarem em nossa frente, a euforia era tão grande que dois ou três me abraçavam ao mesmo tempo. Esse carinho ao chegar vem ocorrendo com bastante frequência e está me deixando cada dia mais feliz em participar dos projetos (D25-1).

Ao entrar acompanhado pelo Fabiano e por seis crianças observei que havia poucos participantes na ECO. Além de nós, havia apenas três meninos e uma menina jogando futebol na quadra. Fiquei pensando o motivo disso, sem conseguir chegar a nenhuma conclusão.

Pedi licença a todos e fui à sala da Maria conversar sobre o nosso passeio ao SESC. Ela disse que estava quase tudo certo, faltando apenas a confirmação do ônibus. Logo que ela falou isso fiquei muito preocupado, pois o ônibus era imprescindível para nosso passeio. Ao perceber minha preocupação ela me acalmou, dizendo que iria ligar na Secretaria de Educação para ver se eles já tinham alguma resposta.

Convidei-a para assistir ao jogo do Brasil e Japão que seria no mesmo dia, à tarde. Ela ficou muito contente e confirmou sua presença no jogo que iria decidir a classificação do Brasil, na primeira fase da Copa do Mundo.

Saindo de sua sala, fui chamando os participantes para conversarem sobre as atividades que nós havíamos combinado na semana passada. Ao entrarmos na quadra para sentarmos no círculo central, veio novamente a reclamação das pessoas do futebol que pediam para que a gente não atrapalhasse. Fui conversar para explicar que havia alguns assuntos muito importantes e que seria interessante que participassem para ajudar nas decisões. A maioria aceitou e foi logo sentar junto com os outros. Apenas um menino não quis sentar e ficou reclamando muito da paralisação.

Na conversa, perguntei às pessoas do grupo se elas lembravam do que tínhamos conversado no final da vivência do passeio ao “Buracão”.

Depois de alguns segundos de silêncio, veio uma resposta muito sincera, “não”. Então lembrei que iríamos criar algumas matérias para o jornalzinho. Ao falar isso eles lembraram da conversa e das matérias que ficaram de ser construídas.

Observando o grupo percebi que não tinha nenhuma criança que havia ido no “Milágrimas”. Perguntei se eles sabiam o porquê da presença de poucos participantes naquele dia e eles responderam que muitos ainda estavam dormindo e que, em breve, a ECO estaria lotada.

Chamei então os interessados para me ajudar a escrever a reportagem sobre o passeio na ECO. Fui acompanhado pelo Gabriel, pela Thaís e pela Ariadne. Os outros participantes que não quiseram participar ficaram jogando futebol com o Fabiano e pulando corda com a Diná.

Para escrevermos a matéria, escolhemos uma mesa de cimento na qual batia sol. Os três, no início, ficaram me perguntando quando que iríamos novamente para o buracão, pois o passeio tinha sido muito legal. Respondi que nesse semestre seria difícil, pois na próxima semana, se tudo desse certo, nós iríamos para o SESC. Todos ficaram muito felizes com a notícia.

Após a conversa, abri meu caderno, peguei minha caneta e pedi para que eles ajudassem a contar um pouco do passeio. Nesse momento, eles pensaram bastante e o Gabriel falou:

- *“Nossa o que eu mais gostei foi do piquenique e das brincadeiras”.*

Já a Ariadne disse:

- *“Eu adorei o piquenique e de ter brincado com minhas amigas”.*

Pedi para eles tentarem falarem cronologicamente sobre as experiências que tivemos no passeio. O resultado foi o texto que coloco abaixo e que fará parte do próximo jornalzinho.

*“O dia estava ensolarado e muito bonito. No caminho para o buracão fomos conversando e parando para ver a natureza. Em um momento desse caminho, ficamos muito tristes. No meio das árvores havia um córrego todo poluído e com um cheiro horrível. Segundo o Hélio o córrego estava poluído devido ao esgoto das casas do bairro Jardim Pacaembu, que é despejado no local.*

*Depois do córrego, chegamos em um campo muito bonito e brincamos de escorregar no papelão, de balançar no galho da árvore, de soltar pipa, entre outras. Foi muito legal brincar lá.*

*Antes de irmos embora, fizemos o mais esperado do passeio, o piquenique. Comemos muitos salgadinhos, pão e refrigerante, tudo debaixo de uma grande árvore.*

*O passeio foi muito divertido e gostoso. Esperamos mais para frente voltar lá para brincar”.*

Fiquei muito contente com o interesse dos três em construir essa matéria. Ao terminarem, os acompanhei para as atividades. Ao chegarmos perto da quadra, verifiquei que a ECO estava lotada de crianças e adolescentes. Estavam lá as duas meninas (Juliana e Keith) que foram no “Milágrimas” e que ficaram de escrever a matéria comigo. Elas pediram para esperar a partida de futebol terminar para poderem me ajudar.

Depois de encerrada a partida fomos sentar no palco atrás da quadra e ficamos conversando sobre o passeio. Achei interessante que não só a apresentação de dança chamou a atenção delas, mas o percurso de carro, o encontro que tivemos com os índios do Alto Xingu e de ver o SESC lotado de gente.

Após muita conversa escrevemos o texto abaixo que também irá para o próximo jornal.

*“No caminho para o SESC-S. Carlos fomos fazendo a maior festa no carro do Prof. Luiz. Chegando lá, tivemos que atravessar uma ponte de madeira que balançava muito. Debaixo da ponte tinha muita água poluída. Nesse momento a Aninha entregou um monte de balas pra gente.*

*Entrando no SESC para ver a apresentação chamada “Milágrimas” encontramos vários índios que estavam de visita a São Carlos. Foi muito legal conversar com eles e ver seus arcos e flechas.*

*Quando começou a apresentação, tudo ficou escuro, com luz apenas no palco. Foi super legal. Eles apresentaram uma dança afro-brasileira muito bonita. O que a gente mais gostou foi quando entrou um pano que cobria todo o palco, parecendo um mar. Gostamos também dos sons e dos movimentos que eles faziam com a boca e com o corpo.*

*Quando acabou a apresentação, fomos conversar com os participantes do “Milágrimas”. Perguntamos se eles achavam muito difícil dançar daquele jeito e a resposta foi não, devido ao grande número de ensaios.*

*Antes de irmos embora o SESC nos presenteou com um livrinho sobre o espetáculo e depois voltamos para nossas casas acompanhadas pelo Prof. Matheus.*

*“O passeio foi cheio de surpresas agradáveis e esperamos ir novamente a outras apresentações como essa”.*

A matéria foi encerrada às 10:15h, bem na hora que a Maria chamou todos para que lavassem as mãos e sentassem no “caracol”. Fui conversar novamente com a Maria e ela disse que estava tudo certo com o ônibus. Fiquei muito feliz com a notícia. Ao comunicar para o grupo, todos também ficaram. O educador Fabiano contou um pouco como iria ser nosso passeio à exposição. Fiquei muito surpreso com a atenção que todos estavam no “caracol” ouvindo o Fabiano e depois ajudando a escolher as atividades. Ficou decidido realizar as seguintes atividades: pega-ajuda, queimada, viva o morto, salva e futebol.

No caminho para o lanche, muitas crianças voltaram a me cobrar outro passeio para o buracão. Pensando nessa insistência pensei em propor na outra semana de irmos a alguma praça nova do Gonzaga.

No lanche os participantes comeram dois pães com manteiga e um copo de leite com abacate. Ao terminarem, as crianças foram descendo para suas casas. Cerca de 10 (dez) participantes me acompanharam até o carro junto com o Fabiano. No caminho, pegava as crianças mais novas no colo e fazia de conta que eram um porquinho. Elas adoravam, pois eu passava pelos adultos tentando vendê-las por um real. O único problema dessa brincadeira foram as dores nas costas por carregar várias crianças no colo do Centro Comunitário até a igreja.

A vivência foi muito gratificante e já fico na expectativa para o passeio da próxima quinta-feira.

**Diário 26 - 29/06/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **EUFORIA PARA O PASSEIO DO SESC.**

Amanheceu um dia muito frio. Foi muito difícil sair da cama quentinha às 7:00h. Mas, esse dia seria diferente. Iríamos, depois da vivência da manhã, para o SESC conhecer um pouco das brincadeiras e jogos indígenas.

E é nessa expectativa que saio de casa para pegar o Fabiano na UFSCar. No caminho para o Gonzaga, ele estava, aparentemente, ansioso para o passeio. Ele não estaria conosco na hora do passeio, pois seu compromisso com o período da tarde é com o SESC, na exposição “Jogos e Brincadeiras do povo Kalapálo”. Para ele a ansiedade era diferente da minha, pois ele iria receber a visita dos participantes dos projetos que ele faz parte como educador.

Conversando sobre a vivência da manhã, achamos melhor realizar alguma atividade antes de distribuir os jornais, pois da outra vez que distribuimos no início, muitas pessoas o rasgaram, jogando fora. Estava levando no carro 40 jornais para serem distribuídos.

Quando chegamos à ECO, a festa foi grande. Novamente cerca de 5 (cinco) crianças vieram correndo em nossa direção, gritando nossos nomes. Quando chegaram a nossa frente, todos falavam do passeio, perguntando se iríamos com eles. A resposta vinha na maior animação: “Claro que vamos”.

Enquanto entrávamos na ECO, os outros participantes chegavam perto da gente para mostrar a autorização assinada pelo responsável para irem ao passeio. Percebi que todos estavam eufóricos para que o passeio chegasse logo.

Fui conversar com a Supervisora Maria e ela me disse que estava tudo certo com as autorizações e com o ônibus. Pediu-me apenas para que relembresse todos sobre a obrigatoriedade de irem com o uniforme da escola.

Saindo da sua sala, havia muitas crianças e adolescentes esperando na porta. Cumprimentei a educadora Diná e junto com o Fabiano fomos chamando todos para sentarem no meio da quadra. Nesse dia os participantes que estavam jogando futebol não reclamaram de terem que parar um pouco a atividade, mas na hora de conversarmos sobre o que eles haviam combinado de brincar, a Kellen ficou cobrando o futebol. “*Professor a gente quer jogar bola, vai logo*”. Mas a maioria dos participantes queria brincar de vivo-morto, salva e outros queriam ver o jornal.

Na conversa ficou decidido que iríamos brincar antes de vivo-morto e, depois, dividiríamos os participantes em três turmas: futebol, pintar o jornal e pular corda. Antes de irmos brincar eu peguei minha máquina fotográfica e tirei algumas fotos do grupo reunido no meio da quadra. Tive um problema com a questão da máquina, pois em todos os momentos da vivência, eles queriam tirar fotos. Até aí nenhum problema mas, quando emprestava a máquina para alguém, outra pessoa ficava tentando tirar a máquina com força, podendo até danificá-la. Sempre que isso ocorria, eu a pegava e não deixava mais ninguém tirar a foto, até eles se acalmarem.

No vivo-morto a maioria dos participantes foi brincar. A atividade foi muito divertida. Enquanto eu puxava a brincadeira os participantes que erravam vinham do meu lado atrapalhar os colegas. Um processo educativo que percebi nessa atividade, foi desencadeado quando eles erravam. No começo ninguém assumia o erro, tentando permanecer, contrariando a regra. Depois de muita conversa sobre a questão de falar a verdade e não tentar enganar os outros, eles começaram a assumir o erro para que a atividade pudesse terminar com um campeão.

Realizamos três vezes o vivo-morto e, quando o jogo foi encerrado, muitas crianças e adolescentes queriam jogar futebol e ver as matéria do jornal.

Dividimos o grupo em três. Quem queria jogar futebol, ficou com o Fabiano na quadra. Quem queria pular corda e brincar no parquinho foi com a Diná para o espaço coberto em frente da quadra. E quem queria ler e pintar o jornal veio comigo nas mesas que ficam no fundo do campo de futebol.



A atividade com o jornal contou com a participação de 10 crianças. Antes de distribuir, perguntei o que eles queriam fazer de atividade com o jornal. As crianças menores pediram para pintar as colunas e a matéria “vamos colorir” e os maiores queriam além de pintar formar um grupo de leitura.

Ao entregar o jornal, o Gabriel e a Ariadne foram logo procurando a matéria que eles ajudaram a escrever. O Gabriel saiu mostrando para todo mundo: “*olha gente meu nome está no jornal*”. Já a grande maioria ficou encantada em se ver nas fotos que foram tiradas durante o passeio no “Buracão”. Depois de contida a euforia, os participantes foram sentando e começaram a pintar. Depois de 10 minutos chamei os interessados em ler as matérias para formarem um círculo. O interessante nesse momento foi o respeito do grupo com as pessoas que tinham dificuldade em fazer a leitura.

Ao terminarem de pintar, pedi que me ajudassem a guardar o giz de cera na caixinha e fui levar de volta na sala da Maria. Lá conheci a Solange que trabalha como psicóloga da família pela prefeitura. Conversamos sobre meu trabalho na ECO e sobre a questão da violência. Enquanto conversávamos ela perguntou se eu fazia Mestrado na UFSCar. Ao responder que sim ela falou que era mãe da Juliana (aluna do Mestrado que está na mesma linha de pesquisa que a minha) e que ela sempre falava de mim e do quanto que era apaixonado pelo meu trabalho no Gonzaga. Fiquei cerca de 10 minutos conversando sobre o meu mestrado e o da filha dela. Antes de chamar as crianças e adolescentes para lavarem as mãos, a Maria disse que a Solange iria com a gente para o passeio do SESC.

Ao sair da sala fui ao encontro do Fabiano e juntos fomos chamando os participantes para lavarem as mãos e sentarem no “caracol” para conversarmos.

O assunto que mais conversamos foi sobre o passeio. Combinamos que todos estivessem em frente a ECO às 13:00h com o uniforme da escola e que só poderia sair para o passeio quem estivesse entregue a autorização. Já o Fabiano contou um pouco sobre o que eles iriam brincar no SESC e depois saímos em direção ao Centro Comunitário do Pacaembu para tomarmos lanche. Nessa hora o Fabiano despediu do grupo e foi pegar o ônibus para voltar para casa, já que eu iria almoçar no Centro Comunitário.

Antes do lanche, nós rezamos o “Pai Nosso” e depois foi distribuído para cada participante uma banana e um copo com arroz doce.

Na volta, acompanhei os participantes para casa e fui lembrando todos para estarem na ECO às 13:00h.

**Diário 27 - 29/06/2006**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**13:00h às 16:30h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga e SESC – São Carlos**

### **PASSEIO PARA A EXPOSIÇÃO “JOGOS E BRINCADEIRAS DO POVO KALAPÁLO”.**

Depois de uma manhã, na qual os participantes estavam muito eufóricos, chegou o momento mais esperado do dia. Quando a Maria, a Solange e eu voltamos do almoço às 12:50h, lá estavam praticamente todos os participantes, uniformizados como havíamos combinado.

Na espera pelo ônibus fui tirando algumas fotos e conversando com alguns sobre a expectativa que eles tinham sobre o passeio. O tempo foi passando e nada do ônibus da Paraty chegar. Preocupado com o atraso de 10 minutos, a Maria entrou na ECO e ligou para a empresa. Na volta ela disse que estava mesmo marcado para as 13:00h na ECO e que eles iriam tentar localizar o motorista para saber o motivo do atraso. Nesse momento ficamos mais calmos, mas com o passar do tempo, a preocupação voltou. Às 13:30h eu peguei o telefone da Paraty com a Maria e fui ligar para saber se eles tinham conseguido falar com o motorista. Na hora que eu estava ligando vieram a Keith e a Juliana me chamar, pois o ônibus tinha acabado de chegar.

Ao entrarmos no ônibus fizemos uma lista com todos os nomes dos participantes: no total eram 37. Fiquei muito feliz com o grande número de pessoas, já que no passeio que fizemos para assistir o espetáculo de dança Milágrimas, das 15 pessoas que ficaram de ir, apenas 5 compareceram. Acompanhando os participantes tivemos a presença da Maria, da Solange, do Samuel e uma representante das mães. O professor Luiz ficou nos esperando no SESC. Ao entrar no ônibus, perguntei para o motorista o porquê do atraso. Ele disse que durante o dia, faz várias rotas e que antes teve que levar algumas crianças nas escolas.

No caminho para o SESC fomos fazendo a maior festa no ônibus. No meio do caminho abri um saco de bala e distribuí quatro para cada um. Quando estávamos quase chegando, o Luiz ligou no meu celular preocupado com o nosso atraso. Ele pensou que tinha acontecido algum problema com a gente. Expliquei e disse que já estávamos chegando.

Quando chegamos, as crianças e os adolescentes foram descendo do ônibus e caminhando para o SESC. A Juliana veio de mão dada comigo e quando íamos entrar ela me puxou e disse. “*Professor olha ali a ponte que a gente atravessou no dia do Milágrimas, foi muito legal aquele dia, andamos no carro do Luiz e no seu também*”.

Ao entrarem no SESC, os participantes ficaram maravilhados com a exposição. Antes dos monitores começarem as apresentações, alguns ficaram em frente às televisões de plasma, olhando o dia-a-dia dos índios, outros foram brincar nas redes e outros ficaram colocando a mão em uma cascata de água. O que chamou minha atenção de alguns participantes foram os índios que apareciam nus nas televisões. Os meninos e as meninas adolescentes não paravam de rir e comentar sobre os genitais dos índios.

Enquanto olhavam a exposição fui conversar com o coordenador Luiz e expliquei, novamente, o acontecido com o ônibus. Ficamos conversando também sobre a vivência da manhã e o tanto que eles estavam eufóricos para esse passeio.

Depois de uns 5 minutos, os monitores dividiram os participantes em 4 grupos e cada um foi ver a exposição acompanhado por um monitor do SESC e um professor dos projetos. Eles puderam ver vários objetos e fotos de jogos e brincadeiras que o povo Kalapalo realiza em sua tribo.

Ao terminarem de ver a exposição todos foram levados até a Oca para iniciarem as primeiras brincadeiras. Os monitores explicaram que aquela era uma réplica de uma Oca e que as verdadeiras costumam ser maiores. Todos ficaram sentados em uma arquibancada enquanto os monitores faziam algumas mágicas com barbantes e desenhos de animais, também com os barbantes. Logo após, foram divididos em dois grupos. Os mais novos fizeram brincadeiras em uma quadra de areia e os maiores continuaram na Oca.

Os educadores dos projetos também se dividiram. Com os menores, ficaram a Maria, o Luiz, o Samuel e eu, e com os maiores ficaram a Solange e a mãe de um dos participantes. Na quadra de areia os monitores realizaram duas atividades, o Kagihugu e o Hagaka. O Kagihugu é um pega-pega. Já o Hagaka é um outro tipo de pega-pega, no qual um dos monitores é o Gavião e as crianças são os passarinhos. Cada passarinho constrói seu ninho na areia e depois vai provocar o Gavião, que por sua vez tenta capturar o maior número de passarinhos que não conseguiu chegar ao ninho. Os passarinhos capturados transformam-se em gaviões e, quando provocados, novamente saem do ninho e tentam capturar mais passarinhos. A brincadeira termina quando todos os passarinhos são capturados.

Ao encerrar a atividade, distribuí mais duas balas para todos os participantes. No caminho de volta para a Oca, eles pediram para irem tomar água e lavarem as mãos. Quando entrei no banheiro com os meninos um acontecimento novamente me chamou a atenção. Duas crianças tentavam abrir as torneiras, mas sem sucesso. Então eles pediram minha ajuda e eu disse que era preciso apertar o botão ao invés de girar a torneira. Eles ficaram muito surpresos quando apertaram o botão e logo depois começou a sair água. Mas, logo em seguida, outra dúvida apareceu. “*Professor como que para de sair água?*” Eu expliquei que desligava sozinho e eles ficaram impressionados com a torneira, apertando o botão para ver a água sair e parar sozinha.

Quando juntaram os grupos para encerrar as atividades, os participantes pediram para irem ao parquinho. Conversei com o Fabiano sobre a possibilidade de eles irem, mas ele disse que o projeto Curumim estava usando o espaço.

Ao terminar, os monitores agradeceram a participação de todos e pediram que ficássemos esperando o ônibus na área da exposição. As atividades encerraram às 15:30h e o motorista falou que estaria no SESC às 16:00h. Nesse espaço de tempo ocorreu muita confusão.

A primeira confusão ocorreu no espaço que fica do lado da Oca. Para tentar manter os participantes unidos, os chamei para distribuir as balas restantes. Comecei a dar duas para cada um, quando os mais velhos começaram a querer tirar as balas da minha mão. Nesse momento fiquei nervoso e falei que não daria mais bala para ninguém. Alguns participantes ficaram bravos, pois eles não tinham recebido e, então, resolvi jogar os restos das balas para o alto. Foi uma péssima idéia; os maiores empurravam os menores, transformando tudo em uma bagunça.

O problema das balas já estava resolvido, pois não tinha mais nenhuma para distribuir. Foi quando um funcionário do SESC nos chamou para retirarmos dois participantes que estavam subindo na Oca, pelo lado de fora e descendo como se fosse um escorregador. Nessa hora ficamos muito bravos e pedimos para os dois voltarem ao espaço da exposição.

Depois o Luiz viu uma gritaria no banheiro feminino e chamou a Maria para ver o que estava acontecendo. A Maria ficou muito brava com as meninas, pois elas estavam jogando os papéis de enxugar as mãos para o alto, sujando todo o banheiro.

Notei que os monitores do SESC começaram a ficar preocupados com a bagunça. Em dado momento as crianças e os adolescentes começaram a deitar em grupos de 4 pessoas na rede. A Maria chamou a atenção, mas eles voltavam a balançar até que um monitor do SESC tirou todas as redes, para que não arrebentassem.

A última “arte” que os participantes fizeram e que os monitores do SESC não gostaram foi na hora de andar de elevador. Eu estava conversando com o coordenador Luiz quando três meninas me chamaram para ver o elevador. Elas queriam de qualquer maneira andar de elevador. Até aí nenhum problema mas, de repente, surgiram outras 10 crianças querendo andar. Quando a porta do elevador abriu, todos entraram de uma vez só. Tentei pedir para saírem umas 5 crianças, mas sem sucesso. Minha próxima ação foi entrar junto com eles para subir até o primeiro andar e depois voltar para o térreo.

Quando o elevador fechou para subir para o primeiro andar, observei a alegria que estavam naquele momento. Ao abrir a porta no primeiro andar, havia duas funcionárias do SESC esperando o elevador. Nesse momento, pedi que todos saíssem para as duas entrarem. Ao saírem, eles ficaram na mureta chamando os outros participantes. De repente, todos começaram a subir as escadas até chegar ao primeiro andar, junto com os participantes veio o Luiz e a Maria para tentar me ajudar.

O elevador ficava do lado da sala da gerência e minha preocupação era que saísse alguém reclamando da bagunça. Quando os participantes já estavam descendo as escadas, o elevador abriu a porta e cerca de 10 participantes entraram novamente. Nesse momento pedi para as pessoas que já tinham ido sair do elevador. Elas obedeceram e, com 6 participantes, o elevador desceu para o térreo.

Quando o elevador abriu a porta, havia muitos esperando para entrar. Minha sorte foi que a Maria os chamou para frente do SESC, pois o ônibus havia chegado (D27-1).

Enquanto todos entravam no ônibus, fui contando para ver se havia 37 participantes. Depois de tudo conferido, o motorista seguiu em direção ao Jardim Gonzaga.

Na volta eu fiquei sentado no fundo do ônibus conversando com alguns participantes. Quando chegamos a ECO todos os participantes desceram do ônibus e voltaram para suas casas.

Depois que todos foram embora, fui conversar com a Maria sobre as dificuldades encontradas. Ela disse que a Solange considerava melhor passear com um número menor de pessoas e que os participantes maiores foram os que deram mais trabalho.

Tentei compreender as atitudes que alguns tiveram e das quais não gostamos. Para os participantes muitas coisas eram novidades pois eles queriam experimentar a sensação de balançar na rede, tocar no chafariz e andar de elevador, atitudes que para mim não são sacrificadas, mas que é preciso dialogar com eles sobre os problemas registrados e o que poderia ter sido resolvido sem gritaria ou desespero.

Para encerrar, gostaria de dizer que foi uma experiência muito gratificante, porém cansativa.

**Diário 28 - 11/10/2006**

**Matheus Oliveira Santos**

**13:00h às 16:30h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DO DIA DAS CRIANÇAS.**

Estava tudo organizado para o evento. Teríamos a participação dos monitores da empresa Jacaré Ki Pira na parte da manhã; os materiais para a gincana estavam separados, o mágico Caio confirmou sua presença na parte da manhã e a Vega Engenharia Ambiental patrocinou o evento, comprando 300 cachorros quentes, 120 brinquedos, 50 garrafas Pet de 2 litros e 300 picolés.

Ao sair de casa, às 07:15h, passei na casa do monitor Thiago e, logo depois, na empresa Jacaré Ki Pira, para pegar a Sara e a Thaís. Os três foram convidados para ajudar como voluntários na gincana e em eventuais necessidades. Quando chegamos (07:30h) já havia muitas crianças esperando na ECO. Parei o carro dentro da ECO para descarregar o material da gincana e todas as crianças presentes vieram correndo em nossa direção e começaram a me abraçar e a perguntar quem eram as outras pessoas. Esse primeiro contato das crianças com os monitores foi muito interessante. Em conversa feita ao final do evento, o Thiago lembrou que, já na recepção, as crianças foram muito receptivas, mostrando muito carinho em relação aos monitores.

Descarregamos, com a ajuda dos participantes, os materiais que estavam no carro e os levamos para o palco. Fomos organizando os materiais pra deixar tudo pronto para o início da gincana. O que chamou a atenção nesse momento foi o a curiosidade dos participantes em ver o computador portátil. Mostrei os programas que estavam no computador e a lista de músicas que seriam usadas na gincana. Mas, o que eles mais gostaram, foi o microfone. Chegavam a brigar, entre si, para ver que iria falar ou cantar uma música; depois de algumas brigas, desliguei a caixa de som e pedi para que todos descessem do palco.

Às 08:00h, chegaram o Luiz e o Fabiano e pudemos iniciar a gincana. Para ajudar na confraternização estavam presentes os educadores Baltazar que dá futebol para as crianças, o Nascimento que dá aula de ginástica, a Diná, a Maria, a Aninha, além dos outros que já foram citados.

Na execução da gincana, fiquei como apresentador; o Fabiano ficou organizando as provas; o Luiz, o Thiago, a Sara e a Thaís ficaram como monitores de equipes e os outros educadores ajudaram na execução das brincadeiras.

Depois de dividir os participantes em 4 equipes (vermelha, azul, laranja e verde), os monitores juntamente com os participantes tinham que formular um grito de guerra que valeria dez pontos. Depois foi chamada equipe por equipe para subir no palco. As equipes estavam muito agitadas cantando o grito de guerra e balançando as bexigas.

Logo depois realizamos a “corrida do saco”. Foram duas rodadas, sendo que cada uma contou com 5 participantes por equipe. Quando iniciava a música, significava o começo do jogo. O primeiro competidor

ia pulando dentro do saco até o final da quadra e voltava para o lugar onde tinha dado início a atividade. Nesse momento ele dava o saco para o segundo competidor que tinha realizar os mesmos movimentos, assim até o quinto competidor cumprir a prova.

Após a prova, as funcionárias da Vega chegaram na ECO e colocaram as faixas de divulgação da empresa no palco, conforme combinado anteriormente. A Aline e a Diná acompanharam todas as atividades em comemoração ao Dia das Crianças.

A prova seguinte foi a “corrida três pernas”. Foram duas rodadas, sendo que cada uma contou com a participação de 3 duplas. Cada dupla tinha uma perna amarrada com a do parceiro. Quando iniciava a música as duplas tinham que fazer o mesmo percurso da atividade anterior. Essa prova foi muito engraçada, pois muitas duplas caíam no chão devido a pressa que tinham em chegar na frente. Tanto a corrida no saco, como essa atividade tiveram as seguintes pontuações: a equipe que chegou em quarto ganhou 4 pontos, em terceiro 6 pontos, em segundo 8 pontos e primeiro 10 pontos.

Encerrando a “corrida três pernas”, chamamos as quatro equipes para sentarem em frente ao palco para a prova em que uma pessoa de cada equipe tinha que cantar uma música de rap. Nessa prova, todas as equipes ganharam 10 pontos, pois todos gostaram muito de todas as apresentações e acharam melhor não ter um vencedor. Nessa prova, dois acontecimentos chamaram minha atenção. O primeiro foi que a maioria dos participantes sabia as letras das músicas e acompanhava o colega, mesmo sendo de outra equipe, cantando ou batendo palma, já o segundo foi em relação ao “show” que o Jordan, representante da equipe laranja, realizou no palco, cantando um rap todo improvisado que falava do Jardim Gonzaga e de sua vida.

Na continuação da gincana, fomos para a brincadeira “dança da cadeira”, tendo duas rodadas com 5 participantes. Todos os participantes (20) ficam andando em volta das cadeiras, quando a música pára, eles tem que sentar nas cadeiras, mas sempre vai haver uma cadeira a menos, ficando sempre um de pé. Essa pessoa que ficou de pé sai do jogo e a brincadeira continua até chegar a um campeão. Nessa prova não foi computado pontos devido à confusão que ocorreu durante a atividade, na qual os mais velhos empurravam os menores quando iam sentar na cadeira e também devido à invasão de outras crianças na brincadeira, atrasando e atrapalhando o seu desenvolvimento.

Para unir novamente as equipes, reunimos todas em frente ao palco para a penúltima prova, “dança mais engraçada”. Cada uma tinha que escolher um casal para subir ao palco e dançar da maneira mais engraçada. A primeira dupla ficou um pouco envergonhada, “soltando-se” mais ao final da música, já os outros participantes liberaram a imaginação e fizeram vários movimentos criativos e engraçados. Ao final da apresentação todas as equipes acharam melhor dar a pontuação máxima para todos os participantes da dança.

A última prova foi a tradicional “corrida da colher com ovo”. Foram duas rodadas com cinco participantes cada. O participante colocava o ovo cozido na colher e tinha que carregar até o final da quadra e depois voltar para o início, dando a colher para o próximo da fila. A brincadeira acabava quando os cinco participantes completavam a prova. No final da prova, podemos presenciar um acontecimento muito engraçado, um participante da equipe verde queria comer o ovo depois dele ter caído muitas vezes no chão.

Ao encerrar as provas da gincana, o mágico já estava presente na ECO e solicitou 10 minutos para começar a sua apresentação. Nesse tempo disse ao mágico que estaria dando o resultado da gincana. É bom lembrar que todos os participantes iriam ganhar medalhas, independente de terem ficado em primeiro ou quarto lugar.

Ao final da gincana, havia cerca de 90 crianças e adolescentes participando das provas, além de muitos familiares que acompanhavam as provas. As anotações da pontuação e a somatória para dar o resultado da gincana foi feito pela participante Viviane, que ajudou muito para a realização da mesma; lembrando que todas as provas foram escolhidas pelos participantes.

Depois de ter o resultado nas mãos, comecei a fazer um “mistério” para deixar todos mais apreensivos. Quando chamei a equipe quarta colocada, os vencedores, os participantes ficaram tão felizes que subiram no palco festejando para pegar suas medalhas. A mesma festa aconteceu com a equipe terceira, segunda e primeira colocada, deixando a competitividade menos “afiorada” entre os participantes, pois, para eles, o interessante foi participar.

*C.O.: A gincana foi muito interessante, desde a reunião realizada na semana passada para escolher as provas até a premiação. Em falar em premiação em toda minha carreira como monitor de recreação, no qual realizei várias gincanas em clubes, escolas, acampamentos, nunca tinha visto tanta festa para a equipe que ficou em último lugar. A comemoração dessa equipe foi maior que a equipe campeã e isso se deu por todos terem ganhado medalha e pelo interesse que eles tinham em participar e não só competir.*

Após o encerramento da premiação, chegou o momento do mágico Caio. Para que os participantes conseguissem acompanhar melhor os números de mágicas, o Caio pediu para que todos ficassem na parte de baixo do palco sentados. Na primeira mágica, o Caio já fez aparecer uma pombinha, chamando a

atenção de todos os participantes. A apresentação durou cerca de uma hora e os participantes, familiares e educadores ficaram hipnotizados com a apresentação. Conversando com os educadores depois da festa, eles disseram que o mágico era muito bom e que acharam interessante ter chamado uma pessoa da platéia para ajudar. Em um desses momentos, o público não parava de rir. Ele chamou o Junior e pediu que ele desse um nó em dois panos, depois colocou os panos dentro da bermuda do Junior. Ninguém estava entendendo nada, quando derrepente ele puxa os panos e sai junto a cueca do participante.

Na última mágica ele faz aparecer um coelho dentro de uma caixa, que aparentemente não tinha nada. O público ficou eufórico ao ver o coelhinho. O Caio pediu que fizessem duas filas: uma de menino e uma de menina, para que todos passassem as mãos no coelhinho. Mas ele teve que interromper esse momento, pois os participantes começaram a desrespeitar a fila, iniciando um pequeno tumulto. Ele tentou continuar, mas uma criança queria furar a fila e bateu forte no coelho deixando o Caio muito triste e nervoso. Com isso ele parou de deixar os participantes passarem as mãos.

Encerrada a apresentação, combinamos, entre os educadores, qual seria a melhor forma de darmos os brinquedos e os alimentos, pois havia muita gente que não era dos projetos. Ficou decidido que iríamos fazer duas filas, uma de quem é dos projetos e uma de quem não participa. Quem participa dos projetos foi para a sala de multiuso para ganhar os presentes, o cachorro quente, o sorvete e o guaraná. Já os que não participam do projeto fez uma fila em frente à cozinha para ganhar cachorro quente, sorvete e guaraná. Enquanto os participantes dos projetos recebiam o presente, os outros iam pegando os alimentos e depois voltavam para casa.

A entrega dos presentes foi muito tranqüila, todos os meninos e meninas gostaram muito do que foi escolhido. No caso dos meninos, foi o carrinho e, no das meninas, foi bem diversificado, com bonecas, celulares de brinquedo, quite de beleza, etc. Depois de todos receberem os presentes, ganharam os alimentos e voltaram para casa.

O Jordan no final disse:

*“Adorei a festa, ganhei um carrinho que não tinha. Gostei das brincadeiras e muito do mágico”.*

Já a Tauana disse:

*“Eu participo do projeto e gostei muito do meu brinquedo”.*

No final os educadores e o Samuel ficaram na cozinha falando do sucesso que foi a festa de confraternização, comendo bastante cachorro quente e chupando picolé.

**Diário 29 - 29/03/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **RODA DE CONVERSA: COMO AJUDA.**

A semana do dia 29 de Março estava muito quente. Poucas vezes tinha visto o céu tão azul como nessa manhã. Acordei cheio de energia para mais um dia de projeto, tomei meu café da manhã e saí às 07:40h com destino ao Jardim Gonzaga. Estou muito contente por participar dos projetos nos dois períodos, manhã e tarde. No meio do caminho lembrei que tinha combinado de levar uma peça de picanha para almoçarmos no Centro Comunitário do Pacaembu. Pensei que não encontraria nenhum açougue aberto nesse horário, mas, para minha sorte, o primeiro açougue que passei pela frente estava aberto. Parei, comprei e fui para o Centro Comunitário do Pacaembu, onde deixei meu carro. Antes de descer para a ECO, entreguei a peça de picanha para a Mariana. Ela ficou muito contente por ter lembrado do combinado e falou que iria caprichar na picanha.

Chegando à ECO, um pouco atrasado, às 8:10h, percebi que tinha poucos participantes presentes. Os educadores Fabiano, Victor, Karina e Talita estavam em roda conversando. Quando cheguei à roda a primeira pergunta que fiz foi: cadê todo mundo? Eles me explicaram que nas quintas-feiras das 8:00h às 8:30h o grupo da Terapia Ocupacional (T.O.) da UFSCar iria realizar o projeto “roda de conversa”. Achei interessante a proposta, pois sempre tivemos dificuldades para reunir as crianças por muito tempo para conversarmos ou realizarmos atividades, nas quais eles tinham que ficar muito tempo sentados.

Fomos, então, para a sala multiuso para ajudar os estagiários da T.O. Quando entrei na sala, tive uma surpresa muito grande. Todos estavam sentados ouvindo os estagiários e pintando um pedaço de papel cartão que seria usado como um tapete para sentarem, às quintas-feiras em roda.

Sentei com um grupo de crianças (Pereira, Filipe e Rafael) e fiquei conversando, os ajudando a pintar seus respectivos tapetes. Essa atividade durou mais que o previsto. Fomos reunir os participantes na quadra apenas às 09:00h. A educadora Talita estava incomodada com o atraso e comentou: “tem muita atividade na quinta. Tem a gente, a roda de conversa e as meninas da animação de massinhas. A gente fica sem tempo para

realizar as atividades”. Concordo com a educadora, mas conversando com a Maria, ela disse que as pessoas só podiam vir realizar seus projetos de quinta-feira. Dessa maneira, acho interessante que existam os projetos, mesmo prejudicando de alguma forma algumas atividades.

Já com todos na quadra, perguntei o que nós tínhamos combinado na semana passada. Muitos lembraram do pé de lata, da queimada homem x mulher e do garrafobol, mas quando eu perguntei se tinham trazido as garrafas e as latas para a realização das atividades, apenas um levantou a mão e falou que sim. Fiquei muito triste e perguntei: “por quê vocês não trouxeram nada?” Todos, de uma vez, responderam: “nossa professor nem lembrei que era hoje que tinha que trazer?” Combinamos então, que na próxima semana era para todos trazerem, mas que a gente não iria realizar, pois tínhamos uma surpresa para esse dia. Não contamos que era a festa de páscoa com entrega de ovos, pois, muitos que não são dos projetos, vem no dia só, para ganhar os ovos.

Depois de combinado, fomos brincar de queimada homem x mulher. O Fabiano e o Victor ficaram na equipe dos meninos, a Talita e a Karina nas meninas e eu fiquei de árbitro. A brincadeira foi muito divertida e emocionante. No final tinham duas pessoas de cada equipe ainda sem serem queimadas. Como faltavam dois minutos para subirmos para o lanche, eu disse que se alguém fosse queimado acabava a brincadeira. Ao final, o Fabiano defendeu a bola com a mão e conseguiu queimar a menina mais competitiva do grupo, a Kellen. Os meninos ficaram comemorando muito e as meninas nem ligaram para a derrota, a não ser a Kellen, que mostrava, em seu rosto, a indignação por ter perdido.

Os participantes foram tomar água e lavar as mãos para subirmos ao Centro Comunitário do Pacaembu. Fomos fazendo a maior festa, cantamos corremos e muitos tentavam subir nas costas dos educadores para fazerem de conta que estavam subindo de cavalinho. Esse momento de caminhada é muito interessante, pois temos a oportunidade de conversarmos muito com os participantes sobre o dia-a-dia de cada um. Nesse período também percebemos o tanto que eles gostam da gente, pois a maioria vai de mão dada com algum educador.

Chegando ao local do lanche, os participantes foram sentando e fui conversar com os funcionários do local. A Flávia e a Laura estavam muito felizes que eu tinha trazido a picanha para o almoço. Ficamos conversando um pouco e percebi a ansiedade de todos nós para o horário do almoço. Depois da conversa, fui ajudar a entregar a salada de fruta, de que tanto os participantes gostam. Eles estavam comendo em silêncio quando comecei a fazer palhaçadas com um telefone sem fio. Brinquei que estava falando como Lula e todos deram muitas risadas. Quando todos terminaram, descemos de volta ao Jardim Gonzaga e os participantes iam ficando em suas casas.

Entre às 10:15h e 12:00h fiquei ligando para alguns amigos para jogar bola nessa sexta-feira no Gonzaga contra o time do Fabrício. Tínhamos combinado na quinta passada, mas como tinha esquecido preferi chamar meus amigos de última hora do que desmarcar com ele.

Na hora do almoço, subimos eu e a Maria para comermos a tão esperada picanha. Chegamos lá e tive uma bela surpresa. Além da picanha a Mariana tinha feito uma das comidas que eu mais gosto, mandioca frita. Nesse momento lembrei muito da comida da minha mãe, de tão bom que estava. Quando terminamos, eu e a Maria e a Laura pegamos dois colchonetes e fomos deitar na varanda. Esse momento é muito gostoso, pois podemos conversar sobre nossas vidas no dia-a-dia e, conseqüentemente, nos conhecermos mais.

Às 13:20h eu e a Maria descemos com o pessoal da T. O. para começarmos as atividades. Quando chegamos à ECO havia muitas crianças brincando na quadra e esperando o início das atividades. Pela primeira vez, eles vieram correndo em minha direção para me abraçar. Nesse momento percebi a confiança e o carinho que sentiam por mim.

Fiquei conversando com algumas crianças, enquanto o pessoal da T.O. preparava a atividade. Nesse dia, eles fizeram vários grupos, que estavam sempre acompanhados pelos estagiários, e colocaram um pedaço de papel no meio dos grupos com a imagem de um campo de futebol. Nessa atividade, eles tinham que falar tudo que eles sabiam sobre o futebol, como regras, esquemas táticos, técnica, entre outros. Ao final, eles pegavam uma pedra pequena e faziam uma partida de futebol, no qual as pedrinhas eram os jogadores e o papel o campo de futebol.

Logo após o encerramento das atividades, levamos todos para o centro da quadra para conversarmos sobre o ocorrido na semana passada. Diferente da semana anterior, todos ficaram sentados e conversando. Todos, sem exceção, reprimiram a atitude da polícia com os jovens do bairro. Percebi, em seus olhos, a raiva que sentem da polícia. Nesse momento fiquei pensando: será esse o papel da polícia? Por quê tanta raiva? Pensei, refleti e prefiro não chegar a nenhuma conclusão e, sim, refletir com os outros sobre tudo que aconteceu no bairro.

Depois de muita conversa, todos começaram a cobrar as brincadeiras. Olhei para eles e perguntei: o que vocês querem fazer? Nessa ocasião fiquei muito feliz, pois eles participaram ativamente desse processo, escolhendo o Salva e o Esconde-esconde. Começamos pelo Esconde-esconde; uma pessoa contava até 40 no piques e os outros iam se esconder, quando ele acabava de contar, o pegador tinha que procurar as pessoas. O papel dele era encontrar e voltar para o “piques” e falar o nome de quem ele tinha visto. Já os que esconderam tinham que correr para o “piques” e se salvar. Essa atividade durou quarenta minutos e foi muito divertida, tendo

a participação da maioria. Os que não brincaram ficaram conversando com os funcionários Marcão e Maria Eduarda.

A seguir, brincamos de Salva. Nessa brincadeira, os participantes são divididos em duas equipes. Uma delas vai se esconder e a outra conta até dez para pegar. Após 10 segundos os pegadores podem ir pegar, tendo apenas que encostar no corpo do adversário. Quando pego o fugitivo era levado a um poste de iluminação que simbolizava uma “cadeia”, de onde só podia sair quando algum fugitivo livre relasse na trave. Depois de todos os fugitivos serem capturados, trocavam-se as posições: quem era pegador virava fugitivo e vice-versa.

Nesse dia, percebi que os participantes da tarde eram menos preocupados com o futebol e o vôlei. Eles não cobram tanto os dois esportes. Nas próximas semanas tentarei entender o porque dessa diferença com o pessoal da manhã.

Faltando vinte minutos para o lanche, ficamos cantando algumas músicas infantis tradicionais. De repente o Manuel, que tem Síndrome de Down, começou a cantar e a impressionar a todos com a alegria e o gosto pela música. Todos ficaram impressionados e, quando ele terminava as músicas, todos começavam a aplaudir.

Ao final, fomos para a sala multiuso e tomamos leite com morango e bolacha maisena e depois todos voltaram para suas casas.

Para a próxima semana foi escolhido o garrafobol, para isso todos se comprometeram de trazer uma garrafa pet.

**Diário 30 - 05/04/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **COELHINHO DA PÁSCOA QUE TRAZES PRA MIM, UM OVO...**

Quinta-feira, antes da páscoa, a ansiedade toma conta das pessoas para a chegada do feriado da sexta-feira da paixão. Nesse dia, acordei muito cansado e querendo que o dia passasse logo para ir para Ribeirão Preto visitar minha família. Mas esse dia é especial, entregaremos, no final das vivências, um ovo de chocolate para todos os participantes.

Chegando à ECO, o meu dia começou a mudar. Toda aquela tensão para o dia acabar, logo foi embora com o carinho das crianças e adolescentes que me abraçam. Mesmo repetindo, em todos Diários de Campo, acredito ser importante lembrar esses momentos de carinho, pois isso faz com que cada dia mais eu fique entusiasmado para participar dos projetos. Além dos carinhos das crianças é muito visível o carinho dos familiares e dos educadores.

Nesse dia, a Talita e o Julian não participaram dos projetos. Os dois foram embora para suas cidades visitar suas famílias.

*C.O.: Em muitos casos os educadores que não faltaram ficariam bravos com os colegas pela falta. Nesse caso todo mundo achou oportuno, pois a Talita veio morar esse ano em São Carlos e nunca tinha ido visitar sua família na cidade do Rio de Janeiro. Nada mais justo de estar próximo das pessoas que sempre fizeram parte da vida dela. Isso vale também para o Julian.*

Na primeira atividade do dia, as meninas da T.O. realizaram a mesma atividade passada à turma da tarde na semana passada, mas dessa vez na sala multiuso. Eles fizeram vários grupos, que estavam sempre acompanhados pelos estagiários, e colocaram um pedaço de papel no meio com a imagem de um campo de futebol. Nessa atividade, eles tinham que falar tudo que sabiam sobre o futebol, como regras, esquemas táticos, técnica, entre outros. No final eles pegavam uma pedra pequena e faziam uma partida de futebol, no qual as pedrinhas eram os jogadores e o papel o campo de futebol.

Depois de encerrada atividade, levamos os participantes para o meio da quadra para conversarmos. Nesse momento a Kellen ficou reclamando: “ai professor eu não vou não, você vai querer fazer aquelas brincadeiras para criancinhas pequenas, eu quero jogar vôlei”. Fui de encontro com ela e falei que a gente ia escolher o que seria realizado, pois na semana passada não havíamos decidido nada. Ela continuou resmungando e não foi sentar com o resto das crianças e adolescentes. Desde o ano passado, a Kellen não aceita fazer coisas diferentes do vôlei, mas, ultimamente, tem participado mais das outras brincadeiras.

Já com todos sentados na quadra, ficamos conversando bastante. Eles estavam muito ansiosos para saber o que teria de surpresa no final da vivência, mesmo já desconfiando que entregariamos os ovos de páscoa. Depois conversamos sobre as brincadeiras do dia, os participantes escolheram o futebol e o vôlei.

*C.O.: Essas duas modalidades esportivas vêm sendo muito escolhidas pelos participantes. Os meninos vão para o futebol e as meninas para o vôlei. Conversando com o Fabiano decidimos propor um festival de vôlei para que todos participem, assim pretendemos que os meninos conheçam melhor esse esporte. A proposta será feita na próxima semana.*

Fui com os meninos para o campo de futebol e o Fabiano e a Karina ficaram no vôlei. O futebol foi muito estressante e a todo momento eles ficavam discutindo uns com os outros. Gritavam, falavam mal e às vezes queriam brigar porque um não tinha passado a bola para o outro, ou por uma falta mais violenta. Chegou um momento em que fiquei muito irritado e parei o jogo. Conversamos bastante e eles prometeram que iriam parar e se concentrar na partida. Ao recomencar, houve uma melhora muito grande, mas depois de uns cinco minutos as discussões voltaram. Na próxima vez que formos jogar, irei combinar algumas regras disciplinares antes para que isso não ocorra mais (D30-1).

No final todos foram chamados para a sala multiuso para receberem a surpresa. Ficamos sentados em círculo e começamos a cantar várias músicas de páscoa. Pelo que percebi, eles tinham cantado muitas músicas na escola. Depois fomos entregando o ovo dentro da sestinha que eles próprios fizeram e desenharam. Foi muito gratificante ver a alegria nos rostos de todos que o receberam. Antes de irem embora, fizemos um corredor humano e chamamos os funcionários Maria Eduarda e Marcão para ganharem os ovos. Eles tiveram que passar no meio do corredor e foram muito aplaudidos.

*C.O.: Foi muito bonito ver o carinho das crianças e adolescentes com os dois funcionários. Eles respeitam e brincam muito com os participantes, sendo por mim considerados educadores dos projetos.*

Após todos irem embora começaram a aparecer várias crianças e adultos querendo receber ovos. A Maria, com muita calma, explicava que eram apenas para as crianças e os adolescentes dos projetos.

Para a próxima semana iremos realizar o garrafobol e a festa para os aniversariantes dos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril.

Já a turma da tarde iniciou as atividades às 13:30h com os alunos da T.O. No começo ficamos todos em círculo e o Leandro tocou várias vezes a música popular da casa (era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...), acompanhado pelo cavaquinho. Depois eles foram divididos em grupo, no qual cada um tinha que desenhar uma casa com seus cômodos.

Os alunos da T.O. terminaram as atividades às 13:50h. Enquanto esperávamos a educadora Amanda chegar, fomos para a quadra para brincar de mãe da rua. Fiquei impressionado com a participação e o respeito deles com as regras. Fizemos mais de três rodadas e até o final ninguém tinha abandonado a brincadeira.

Encerrando, levei todos para o centro da quadra com a Amanda. Logo ao sentar eles começaram a perguntar da surpresa. A maioria já estava sabendo que eles iriam ganhar um ovo, pois os irmãos que participaram do projeto pela manhã havia contado. Por todos saberem, combinamos que, ao final, iríamos para a sala multiuso para ganhar o ovo. Em seguida conversamos sobre o que eles queriam brincar naquele dia. A sugestão foi unânime, queriam jogar queimada.

O jogo foi muito interessante. Quando decidimos que seriam homens contra mulheres, vários meninos quiseram jogar no time das meninas. Os meninos ficavam fazendo gracinhas e as meninas não paravam de dar risadas. Quando o jogo começou, o Faustão (adulto que fica diariamente na ECO) e seu amigo foram para quadra para brincar junto. Os participantes adoraram e sempre passavam a bola para que ele tentasse queimar alguém.

Fui o segundo a ser queimado e pela primeira vez gostei de ficar no “morto”. Tinha hora que eu esquecia que estava jogando e ficava brincando com as outras pessoas que já tinham sido queimadas. O Manuel, que tem necessidades especiais, ficou o tempo todo brincando e cantando comigo. Ao final, ele não parava de me abraçar, mostrando o carinho que ele sente por mim.

*C.O.: Nesse momento que fiquei brincando com o Manuel, percebi o tanto que ele é carente de carinho. Todo momento ele ficava do meu lado me abraçando e pedindo para a gente brincar. Os outros que estavam no morto adoravam ver o Manuel cantando e sempre brincavam junto com ele.*

No final da vivência fomos todos para a sala de multiuso para receber os ovos. Novamente, percebi a alegria deles quando ganhavam o presente. Na próxima semana ficou combinado que iremos brincar de garrafobol.



**08:00h às 16:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **FOTOS: LEMBRANÇAS QUE FICAM PARA SEMPRE.**

Nessa quinta-feira, combinamos de todos irmos para o Jardim Gonzaga (Matheus, Victor, Fabiano e Pereira). Estava muito ansioso para mostrar a todos as fotos que eu havia tirado nesses três anos de inserção e participação nos projetos. Como minha máquina é digital, tive que levar minha televisão e meu computador para todos verem juntos. Levei fotos da Chacrinha, do Centro Comunitário do Pacaembu, da ECO, do Buracão e dos outros passeios realizados.

Saí cedo de casa para chegar antes das 8:00h para conversar com a Maria sobre a comemoração de aniversário dos participantes e educadores dos projetos. Na conversa ela se mostrou muito preocupada por não conseguir, junto à prefeitura, os ingredientes para a confecção do bolo. Por esse motivo achamos melhor levarmos, na próxima semana, as crianças e os adolescentes para o buracão e deixar para realizar a confraternização no dia 26 desse mês.

Enquanto esperava as meninas da T.O. chegarem, comecei a tirar fotos dos participantes brincando no parquinho. Todos que já estavam na ECO ficavam pedindo para sair na foto e também queriam tirar suas próprias fotos. Como havia poucas pessoas nesse momento, passei a máquina para que se divertissem com os colegas.

Percebendo que as meninas da T.O. não chegavam, fui perguntar para Maria se hoje iria ter o projeto “roda de conversa”. Como a maioria das meninas tinha ido viajar, a Maria me disse que a Raissa achou melhor não realizar o projeto nessa semana. Após a conversa, chamei as educadoras Karina e Talita e falei que tinha trazido meu computador e minha televisão com as fotos das crianças. Elas acharam interessante que eu passasse para elas assistirem.

Enquanto eles brincavam no parquinho, fui para a sala multiuso e preparei todo o material para iniciar a apresentação. Quando estava tudo pronto, chamei todos para dentro da sala e iniciei a apresentação. Conforme eu ia mostrando as fotos dos outros espaços, os participantes iam lembrando daqueles momentos e não paravam de comentar as fotos. “olha essa foto é do dia das crianças. Eu ganhei um carrinho que tenho até hoje”. “Olha o balanço da chacrinha, como era bom brincar lá” (D31-1).

Ficamos quase meia hora dentro da sala vendo as fotos. Logo depois, reunimos todos na quadra para que escolhessem uma atividade. Sugeri o garrafobol (jogo parecido com a queimada, no qual as pessoas têm que derrubar as garrafas e não “queimar” os outros), mas poucos conheciam esse jogo. Expliquei rapidamente e aceitaram a minha proposta.

Dividimos, então, os participantes em duas equipes. Pedi para todos sentarem e iniciei a explicação do jogo. Fazia tempo que eu não via os participantes tão concentrados em uma explicação, eles, atentos, tiravam suas dúvidas com perguntas que me ajudaram na explicação. Daí era só iniciar o jogo, mas, para isso, precisávamos das garrafas. Pedi, então, para o Filipe e o Mathias irem buscar e enquanto isso as equipes conversavam para escolherem a melhor tática para o jogo.

Quando eles voltaram, pegaram uma garrafa cada e iniciamos a brincadeira. No início, como qualquer jogo novo, é interessante perceber como cada jogador vai tendo experiências de aprendizagem com o jogo, deixando-o mais dinâmico e emocionante. Depois de dez minutos todos já estavam no clima da brincadeira, inclusive os educadores. Eu, como árbitro, percebia como eles estavam compenetrados naquele momento.

Devido ao tempo que permanecemos vendo fotos, deu tempo apenas de realizáramos uma partida, mas a vontade dos participantes era que continuássemos brincando.

Antes de subirmos para o lanche, sentamos no “caracol” e por aclamação foi escolhido o passeio para o buracão com piquenique. Antes de confirmar fui perguntar para a Maria se havia algum problema e ela disse que não. As educadoras Talita e Karina gostaram muito da proposta dos participantes, pois elas teriam a oportunidade de conhecer o tão falado “buracão”. Ao final da conversa ficou decidido que eles iriam levar os salgadinhos e os doces e, nós educadores, as bebidas.

Nesse dia a subida para o lanche foi de grande nostalgia. Durante todo o percurso as crianças e os adolescentes ficavam lembrando da outra vez que tínhamos ido ao “buracão”. No percurso encontrei o Hélio que nos ajudou na última vez e que se prontificou a ajudar novamente.

No lanche continuamos a conversa sobre o buracão e depois os participantes puderam desfrutar de uma gostosa salada de fruta. Enquanto comíamos falei do nosso passeio para as merendeiras Flávia e Mariana e elas ficaram de preparar um lanche super gostoso para o piquenique.

Depois os participantes foram descendo para suas casas sozinhos ou acompanhados por nós educadores.

Já para o período da tarde, havíamos combinado na semana anterior de jogarmos garrafobol, mas quando cheguei à ECO tive uma boa surpresa. Funcionários da prefeitura estavam lixando a quadra para pintá-la, não sendo possível a realização do garrafobol.

Realizamos, então, várias brincadeiras tradicionais que fez com que eu lembrasse da minha infância.

A primeira brincadeira foi o pique-esconde, no qual uma pessoa “bate cara” e as outras vão se esconder. Depois que a pessoa termina de “bater cara” sai à procura dos outros que para ficarem livres têm que correr até o “piques” sem serem pegos. Quem for pego vira o próximo pegador.

Lembro do tanto que participei dessa brincadeira quando criança. Naquela época era muito legal, pois eu e meus amigos brincávamos na rua. Hoje, infelizmente, vejo poucas crianças tendo oportunidade de realizar essa brincadeira na rua, muitas vezes devido ao grande número de carros ou por a rua hoje ser considerada por muitos um lugar perigoso para brincar. O que tem me chamado muita atenção no Gonzaga é que posso no dia-a-dia encontrar crianças, adolescentes, adultos e idosos utilizando o espaço da rua, como um espaço de brincadeiras, de encontros, de conversas e também de conflitos, como entre policiais e moradores, que frequentemente são abordados (D31-2).

Confesso a vocês que, durante a brincadeira, parecia ter voltado a minha infância, mas ao mesmo tempo fiquei refletindo: por que nós adultos não brincamos mais? Por que brincar é coisa de criança? Infelizmente na nossa sociedade o trabalho fala mais alto, mas um dia acredito que o lazer, por meio das brincadeiras, vai ter o espaço que merece.

Depois reunimos todos ao lado da quadra e brincamos de rolamento. Nela os participantes deitam um do lado do outro e a pessoa da ponta começa a rolar em cima das outras. O auge da brincadeira foi quando chegou a minha vez de rolar. Nesse momento, todos os participantes ficaram agitados e, quando eu rolava, não conseguiam conter a alegria.

Ao encerrar o rolamento, ficamos sentados dando risadas e conversando sobre a brincadeira. O Junior não parava de repetir: “professor como você está pesado; vamos fazer mais uma vez professor”.

Por fim, fomos para o campo. A educadora Amanda e a Karina buscaram os colchões e ficamos brincando de dar cambalhotas e plantar bananeira. Havia pessoas que não conseguiam fazer os movimentos, sendo ajudados pelas pessoas que tinham mais experiências. Novamente fico feliz por ver os próprios participantes se ajudando.

Encerrando as atividades fomos para a sala multiuso para tomar vitamina com bolacha de sal. Queria dizer para encerrar que essa foi um das melhores vivências minhas no Gonzaga.

**Diário 32 - 19/04/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **PASSEIO AO BURACÃO: MUITAS ARANHAS E AVENTURA**

Chegou o dia mais esperado do ano (até então) para os participantes. Iríamos para o buracão fazer piquenique. Digo isso pela recepção de todos quando cheguei à ECO. Eles vieram correndo em minha direção mostrando os lanches e as bebidas com uma alegria contagiante. Já na ECO, encontrei as educadoras que estavam muito animadas para conhecer o lugar, mas percebi também um certo medo por tratar-se de um lugar desconhecido.

Às 8:15h o Fabiano e o Victor chegaram e fomos conversar em roda sobre o passeio. Ficou decidido que todos andariam juntos e que eles mostrariam qual seria o melhor percurso. Enquanto conversávamos, tivemos uma grande surpresa. As meninas da T.O. e do Anime-se chegaram para nos acompanhar com bastante comida.

*C.O.: Achei muito importante a participação de todos educadores no passeio. Foi um momento que pudemos conversar bastante e conhecer um pouco mais do Jardim Gonzaga, principalmente por ser uma área que os participantes tanto gostam.*

Quando saímos da ECO, fomos em direção ao Centro Comunitário do Pacaembu. No trajeto fomos conversando bastante e cantando a música “fui para o Gonzaga...”. No meio do caminho, encontramos o Hélio e ele, conforme a última vez, quis ir conosco para ajudar. Já perto do Centro Comunitário, nos dirigimos para o “Pastim”, onde podíamos ver uma linda paisagem do buracão.

Nessa parte do percurso algumas crianças (Vagner, Valdir, Pereira,...) começaram a correr na frente do grupo e nos deixaram preocupados. Tivemos que pedir bastante e às vezes até gritar para que eles esperassem o resto do grupo.

Nossa descida para chegar ao local do piquenique foi “recheada” de muita aventura. No início da descida foi muito comum ver os participantes e educadores escorregando e caindo no chão, fazendo com que os outros gargalhassem. Em seguida, tivemos que passar por uma área que estava com o mato muito alto,

preocupando todos em relação às cobras. Por fim dois desafios com muita adrenalina. O primeiro foi em relação ao grande número de teias de aranha, que apesar de deixar o ambiente muito bonito, trazia uma apreensão na hora de passar por elas. É importante destacar que foi conversado bastante com os participantes para não destruírem as teias e muito menos matar as aranhas, mas em alguns momentos presenciei alguns participantes destruindo as teias ao invés de desviarem. Nesses momentos parávamos tudo que estávamos fazendo para conversar e explicar que aquilo não poderia ser feito. O segundo desafio foi atravessar o riacho. Quando criança, lembro que gostava muito de ver riachos e poder atravessá-lo molhando os pés. Mas naquele riacho todos ficaram com medo de atravessar devido à sujeira. A água estava muito suja e cheirando mal. Tivemos, nesse momento, muita calma para atravessarmos todos sem que tocassem na água. Depois de atravessar chegamos ao lugar que iríamos realizar o piquenique.

Logo ao chegar os participantes quiseram tomar o lanche. O dia estava muito quente e muitos queriam beber refrigerantes para “matar” a sede. Então reunimos todos debaixo de uma grande árvore, abrimos as toalhas e os participantes foram fazendo grupos para o lanche. Como nesse dia não teria lanche no final da vivência, as cozinheiras do Centro Comunitário do Pacaembu fizeram cachorro quente para levarmos até o buracão. Foi uma alegria muito grande. Todos estavam felizes e gostando muito do lugar, sendo que várias crianças e adolescentes comentavam da variedade de comida do piquenique.

*C.O.: Vale lembrar que ninguém comeu apenas o que levou, todos dividiram a comida e bebida.*

Depois de terminarem o piquenique, ficamos mais trinta minutos no espaço brincando e conversando. Brincamos de pega-pega, de balançar no cipó, de andar pelas pedras do riacho e de brincar de gangorra com o galho da árvore, sendo que todas as brincadeiras foram surgindo espontaneamente.

Na volta para a ECO, tivemos que passar novamente por momentos de muita aventura. Como muitos ficaram cansados na volta por haver muita subida. A educadora Karina gostou muito de ter conhecido o local, mas ela disse que nunca mais voltaria devido às aranhas e ao cansaço. No final perguntei para os participantes se eles tinham gostado e todos responderam: “adoramos e queremos voltar sempre”.

Já perto da ECO, as crianças e os adolescentes foram voltando para suas casas e tiveram que correr para que não se atrasassem para a aula.

Às 12:00h subi com a Maria para almoçar e no caminho encontramos os participantes da tarde saindo da escola. Todos viam me abraçar e perguntar do passeio. Nesse momento, pude perceber a ansiedade deles para chegar o horário de irmos ao “buracão”.

Quando voltei para a ECO, às 14:00h, todos já estavam presentes e ansiosos para iniciarem o passeio. Eu, a Amanda e a Karina pedimos para todos sentarem e falamos um pouco sobre o passeio da turma da manhã. Conversamos bastante sobre disciplina e falamos para eles andarem sempre juntos, evitando algum problema com o mato alto e as aranhas.

Novamente o caminho escolhido foi o “pastim”, mas dessa vez, diferente da manhã, todos andaram juntos. Na primeira descida duas meninas de quatro anos começaram a chorar com medo do mato e dos bichos, o que fez com que eu e a Amanda levássemos cada uma delas no colo.

Aproveitamos o caminho feito pelos participantes da manhã, que deixaram uma trilha feita com o mato mais baixo, mas as aranhas ainda estavam lá. Quando vimos a primeira teia cheio de aranhas, outras crianças menores começaram a chorar com medo. Paramos a caminhada e explicamos que não devíamos ter medo delas, pois elas estavam nas teias e não iam atacar a gente. Mesmo com a conversa, muitos passavam muito longe, assustados.

Mas o pior estava por vir. Tínhamos que atravessar o riacho, mas como todos já sabemos, ele estava todo sujo e cheirando muito mal. Inconformado o participante Olavo falou: “minha mãe sempre fala que quando ela era criança, ela vinha sempre no buracão para nadar, pois naquela época essas águas eram todas limpas”. Ele não foi o único a ficar inconformado, todos nós ficamos. Como é triste ver um local tão bonito com tanta sujeira e esgoto (D32-1).

Atravessando o riacho através das pedras, chegamos ao local do piquenique. Diferente dos participantes da manhã, a turma da tarde escolheu brincar primeiro e depois lanche e beber. Brincamos de subir o morro, de pendurar nas árvores, algumas meninas ficaram sentadas conversando com as educadoras, brincamos de pega-pega e outras brincadeiras. Já no piquenique sentamos todos em volta das toalhas e nos deliciamos com tantas opções de comidas e bebidas, mas o que mais fazia sucesso era o cachorro quente feito pelas merendeiras do Centro Comunitário do Pacaembu.

Após o piquenique tivemos que voltar, pois já era quase 16:00h e os pais poderiam ficar preocupados.

Na volta eu e a Amanda, novamente tivemos que levar as meninas no colo. Para ser sincero tive muitas dificuldades com o terreno irregular e com as subidas, o que causou muitas dores nas costas. Quando chegamos à ECO o que mais se ouvia era quando iríamos voltar lá, pois o passeio tinha sido muito agradável.

Ao voltar para minha casa, a primeira coisa que eu fiz foi deitar no sofá e descansar por cerca de duas horas, pois levar os participantes da manhã e da tarde, em um mesmo dia, me deixou muito cansado e dolorido, mas com certeza muito feliz e realizado.

**Diário 33 - 03/05/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **DIA MUITO LONGO, MAS MUITO IMPORTANTE.**

Na semana anterior não participei do projeto, pois fui para o Rio de Janeiro participar do VIII Seminário Lazer em Debate. O evento foi muito produtivo, mas o que mais gostei foi de conhecer a “cidade maravilhosa”. Devido a minha ausência fiquei com muitas saudades das crianças, adolescentes, educadores, da Maria, enfim do bairro.

Em conversa na viagem com um colega do Paraná, ele me perguntou se eu não tinha medo de frequentar um bairro pobre. Na hora eu respondi rapidamente que não, mas depois, em um momento de reflexão, fiquei pensando o tanto que eu gosto desse lugar e que não consigo ver ele como um bairro pobre, violento, e sim como um bairro cheio de vida, no qual me dou muito bem com todos.

Nesse dia, cheguei às 8:00h na ECO e fui conversar com a Maria sobre a vivência da semana anterior. Nesse momento, chegaram as educadoras Talita e Karina, dizendo que a vivência foi muito tranqüila, poucas pessoas participaram naquele dia e que alguns deles ficaram produzindo matérias do jornal com o Luiz.

Depois da conversa fui, junto com as educadoras, participar do projeto “roda de conversa”. Quando sai da sala da Maria fiquei surpreso com o que vi: todos participantes estavam sentados prestando atenção nos fantoches que eram manipulados pelos familiares do projeto. Ao chegar, sentei com o Marcelo e o Rafael e ficamos escutando o teatrinho com a temática da família.

Quando as meninas terminaram a atividade, o Fabiano e o Victor ainda não tinham chegado, além disso, as educadoras Talita e Karina estavam na sala da Maria preparando um material para o Dia das Mães. Por esses motivos reuni todos no centro da quadra e, inicialmente, ficamos conversando sobre a vivência anterior. Eles contaram o que fizeram e eu contei sobre o meu passeio ao Rio de Janeiro.

Logo após, perguntei o que eles queriam fazer e 99,9% disseram que queriam jogar futebol (até as meninas que só gostam de vôlei pediram futebol). Como estava sozinho, falei para todos sentarem no canto da quadra enquanto eu buscava os materiais necessários para o jogo. Nesse tempo, o Victor e o Fabiano chegaram, sendo que o Fabiano foi ajudar as educadoras e o Victor ficou junto comigo. Quando voltei com os materiais para a quadra, todos pediram para irmos jogar no campo.

Lá dividimos o grupo em três equipes. Cada partida tinha 10 minutos, quem ganhava permanecia e quem perdia dava a vez para a outra equipe. Todos os jogos foram muito tumultuados, a maioria dos jogadores só pensava em ganhar e por isso tivemos vários momentos de discussões e brigas. Tive que parar várias vezes o jogo para conversar, mas parecia que nada adiantava e os conflitos continuavam. Ao final, sentamos todos nos bancos e conversamos bastante sobre os ocorridos. Na próxima vez que tiver futebol, ficou decidido que ficarei como juiz e cumprirei todas as regras disciplinares, podendo distribuir cartões amarelos e vermelhos.

*C.O.: Fiquei muito chateado que o Valdir saiu do meio do jogo. Ele estava jogando muito bem e tranqüilo e os adversários ficavam fazendo muita faltas nele, deixando-o muito nervoso. Depois do jogo, procurei-o, mas ele já tinha ido para casa.*

Logo após a conversa, fomos lavar as mãos e sentar no “caracol” para decidirmos o que seria realizado na semana seguinte. Nessa hora observei algumas crianças se divertindo com o brinquedo chamado barangandã<sup>28</sup>. Ele tinha sido confeccionado pelo Fabiano e ele propôs a atividade para a próxima semana. Além do barangandã, os participantes escolheram o garrafobol. Quando terminamos nossa reunião a Karina veio me lembrar que a festa em comemoração aos aniversariantes seria nesse dia e que tinha resolvido que cada educador doaria R\$10,00 para ajudar na compra dos ingredientes.

Encerrando nossa reunião, subimos todos para o Centro Comunitário para o lanche (salada de frutas). Na volta encontrei a Andréia e ficamos conversando sobre a festa do dia das mães.

<sup>28</sup> Brinquedo construído com barbante, jornal e papel crepom. Após a construção o brinquedo se torna um cometa. O jornal se transforma no núcleo do cometa, o papel crepom no rabo do cometa e o barbante é amarrado no jornal para as pessoas ficarem girando-o no ar.

Às 13:30h, depois do almoço no Centro Comunitário do Pacaembu, voltei à ECO para iniciarmos as atividades. Quando cheguei à quadra fiquei surpreso com o carinho e a empolgação dos participantes. Todos vieram me abraçar e falar que estavam com muitas saudades. Junto comigo chegaram as meninas do projeto “Roda de Conversa”. Elas reuniram todos no palco e realizaram a mesma atividade da manhã, novamente com muito sucesso.

No momento de encerramento da atividade, as educadoras Amanda e Talita chegaram e, nesse momento, sentamos na quadra para conversarmos sobre as brincadeiras do dia. Propus a eles para brincarmos de garrafobol, pois até então não tínhamos tido a oportunidade de brincar. Por não conhecerem o jogo eles ficaram com o “pé atrás”, mas quando eu expliquei a brincadeira todos quiseram participar.

*C.O.: pela primeira vez uma brincadeira reuniu todos os participantes da tarde, tanto os menores, quanto os maiores. Com essa diferença de gerações o jogo mostrou-se muito rico. Fiquei impressionado com a ajuda dos mais velhos em deixar os mais novos pegar a bola e participar normalmente do jogo. Na primeira partida a última pessoa a ser queimada foi uma das mais novas.*

A brincadeira durou uma hora e meia, realizando duas partidas, sendo que cada equipe saiu vencedora uma vez. Foi muito gostoso ver todos juntos até o final da brincadeira.

Depois reunimos todos na sala de multiuso para tomarmos o lanche e, antes de voltarem para casa, as crianças e os adolescentes ganharam chicletes e dadinho da educadora Amanda.

**Diário 34 - 17/05/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **SAIU O PRIMEIRO JORNAL DO ANO... UFA...**

Na noite de quarta-feira, fiquei preocupado com o frio que faria na manhã seguinte. Mas para minha surpresa, ao acordar na quinta-feira o céu estava todo aberto e com uma temperatura muito agradável. Como estamos chegando ao meio do ano, o sol começa aparecer mais cedo e conseqüentemente a temperatura aumenta mais cedo.

Ao entrar na ECO fui cumprimentar os participantes e verifiquei que havia apenas 6 pessoas. Abracei a todos e conversei um pouco com eles antes de ir à sala da Maria. A primeira coisa que eles me pediram, foi para pegar uma bola para eles brincarem. Olhei e pedi que esperassem, pois faltavam cinco minutos para sentarmos e conversarmos sobre as atividades combinadas na semana anterior.

*C.O.: está muito forte a cultura do futebol nos projetos. Nas minhas participações, os meninos e as meninas ficam pedindo a bola sempre que eu chego à ECO. Nas vivências anteriores conversamos bastante sobre a importância da diversificação das brincadeiras, jogos, oficinas, mas mesmo com a conversa parece que o futebol sempre vai ser o destaque.*

Saindo do grupinho dos participantes fui cumprimentar a Maria e as educadoras Karina e Talita que estavam na sala da coordenação. Conversando com a Talita, ela perguntou se eu tinha percebido o pouco número de participantes, dizendo que a semana inteira estava assim. Nesse momento mostrei para as três o jornalzinho do projeto e elas adoraram.

Ao sair da sala da Maria, fomos chamando os participantes para irem sentar na quadra. Nesse momento fiquei muito surpreso com a calma e o silêncio de todos. Aproveitando dessa situação mudei também o meu jeito de falar. Ao invés de querer falar alto e agitado, preferi falar mais calmo, percebendo que, nas outras vezes, o meu jeito de falar agitava as pessoas. Quando iríamos começar a conversar sobre as atividades, o Fabiano e o Victor chegaram e foram recepcionados com muita festa.

Depois de todos sentarem, perguntei se eles lembravam o que a gente tinha combinado. O Luiz Pereira me deixou surpreso com sua memória, enquanto os outros pensavam, ele já foi falando: “hoje era o dia do jornalzinho e do baran..., baran..., baran o quê mesmo, ah é barangandã”. Já o Marcos lembrou que não havíamos ainda brincado de garrafobol e perguntou se poderia ser feito naquele dia.

Com muita conversa ficou decidido que iríamos primeiro ler e pintar o jornal, depois confeccionar o barangandã e, por último, jogar garrafobol.

Nem todos ficaram contentes com o combinado; os mais velhos, por exemplo, não queriam de jeito nenhum ir à salinha para ler e pintar o jornalzinho, mas mesmo falando que eles poderiam esperar na quadra, eles preferiram acompanhar o grupo.

Durante a estruturação do jornal, na semana passada, conversei bastante com o Fabiano e achamos que o jornal está com muitos textos escritos com letras pequenas e poucas brincadeiras, não estimulando os leitores. Na vivência percebi exatamente o que dialogamos. Os participantes apenas pintavam o desenho dos índios feito pelos colegas e quando terminavam me entregavam o jornal para guardar. Não vi nenhuma criança ou adolescente lendo por conta própria. Até a educadora Karina disse que não teve vontade de ler a reportagem sobre o Karatê. Na próxima reunião com o Luiz irei comentar o caso e tentar apresentar novas propostas.

Outro fator que desestimulou os participantes a lerem o Jornalzinho foi o barangandã. Como alguns já haviam terminado de pintar, o Fabiano pegou o material e começou a ensinar essas pessoas a confeccionarem o brinquedo. No começo ficaram umas pessoas confeccionando e outras pintando, mas quando os primeiros barangandãs ficaram prontos, todos me entregaram o jornalzinho para fazer o seu.

Fiquei muito surpreso com o interesse das crianças e adolescentes por atividades manuais. Eles ficavam concentrados, observando o Fabiano ensinando os passos para a confecção do brinquedo. Nessa atividade os educadores só ajudaram na hora que tinha que dar o nó no barbante, pois muitos não sabiam ou não tinham força suficiente para tal.

Depois de todos prontos, fomos para a quadra e ficamos brincando até a hora do lanche, sem que os participantes, em nenhum momento, ficassem cobrando o garrafobol. Além de girar o brinquedo, eles foram inventando várias possibilidades de movimentá-lo. Tiveram pessoas que brincavam em duplas, um jogava o brinquedo para o alto e o outro tinha que pegar. Os educadores nesse momento ficavam observando e conversando com as pessoas.

Ah! Lembrando que no final das atividades tínhamos mais de 40 participantes. Mais uma vez esqueci de perguntar o motivo do atraso de alguns deles. Faltando dez minutos para às 10:00h horas, subimos conversando para o Centro Comunitário e tomamos leite com groselha e pão com goiabada. Na volta, alguns participantes voltaram sozinhos e os outros comigo e com as educadoras. Queria dizer por fim que adorei a manhã. Os participantes estavam muito calmos, sorridentes e participativos.

A parte da tarde mais uma vez foi bem gostosa. Apenas um acontecimento me incomodou: por que fizemos jornalzinho para o pessoal da manhã e não fizemos para o pessoal da tarde? Refletindo sobre esse deslize, prometi que no próximo jornal teríamos notícias do pessoal da manhã e da tarde. Pensei também em levar alguns modelos antigos para eles conhecerem e darem sugestões.

A minha chegada à ECO às 14:00h (não teve atividades da roda de conversa às 13:30h, pois os educadores estão participando de um congresso) foi marcada por abraços e correria dos participantes, que ao me verem ficaram muito eufóricos. É muito interessante ir percebendo as diferenças entre a turma da manhã e da tarde.

*C.O.: nesses primeiros contatos com o pessoal da tarde, percebi que há número maior de crianças pequenas, entre 4 e 6 anos e que os participantes são mais calmos e preferem brincadeiras mais variadas. Isso não quer dizer, de maneira alguma, que eles são melhores ou piores que os participantes da manhã, mas sim diferentes.*

Enquanto não reuníamos os participantes, a educadora Amanda ficou brincando com as meninas menores de amarelinha.

Para não atrapalhar as atividades, resolvi não reunir as pessoas para conversarmos sobre as brincadeiras. Ao invés disso peguei o material do barangandã e sentei perto do parquinho e comecei a ensinar alguns participantes a confeccionarem seus brinquedos.

Adorei ver os participantes brincando de amarelinha, nos brinquedos do parquinho e confeccionado seu brinquedo. Sempre muito natural.

Após terminarem as brincadeiras, perguntei se eles queriam brincar de garrafobol, pois, na semana passada, não tinha sido possível, devido a educadora Raissa da roda de conversa ter levado a chave da Maria. Na hora, todos responderam que sim e, então, pedi para que fizessem uma fila em frente à porta da cozinha para pegarem as garrafas.

Nessa hora, a Amanda ficou na quadra reunindo os participantes que já tinham a garrafa. As equipes foram divididas pelos participantes e depois de explicar novamente o jogo, começamos a primeira partida.

Mais uma vez todas as pessoas quiseram participar. Fiquei na condição de juiz e as educadoras em cada uma das equipes. Foi notável que uma dessas equipes estava muito forte, ganhando facilmente a primeira partida.

*C.O.: durante o jogo percebi que tem pessoas que são muito competitivas e que não aceitam perder. No início da segunda partida, a Isadora foi a primeira a ser queimada, ela simplesmente não queria aceitar. Ficou parada dizendo que não ia para o morto. Conversamos bastante com*

*ela e nada adiantou. Quando eu falei para as equipes que era para esquecer que ela estava ali e continuar a brincadeira, ela pediu a bola e aceitou ir para o morto.*

Na segunda partida, tentamos equilibrar mais as equipes, mas sem sucesso, tendo novamente a mesma equipe como vencedora. Percebi que os participantes da tarde gostam muito de queimadas e de aprender outra maneira de brincar um jogo tão tradicional.

Encerrando o jogo, fomos todos para a salinha multiuso para tomar o lanche. Nesse espaço os participantes ficam em círculos sentados em cadeiras de plásticos, diferentemente do pessoal da manhã que toma lanche no centro comunitário do Pacaembu, com mesas e cadeiras.

Confesso que até hoje não entendo porque o pessoal da manhã não toma lanche na própria ECO, já que isso ocorre com o pessoal da tarde.

Às 16:00h, voltei para minha casa para me preparar para o jogo da noite no campinho da ECO com o time do Fabrício.

Gostaria de dizer, novamente, que o dia foi maravilhoso.

**Diário 35 - 24/05/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **COR DA PELE: QUAL SERIA?**

Se na semana passada, fiquei com dúvidas se estaria ou não frio no dia do projeto, nessa semana não tive dúvida alguma. Mas o pior ainda estava por vir (pior, por eu não gostar de frio, ainda mais 7°C). Nunca tinha sentido tanta preguiça de levantar da minha cama. Como é gostoso ficar debaixo das cobertas em dia de frio. Contrariado, saí da minha cama e acordei o Fabiano (que dormiu na minha casa devido a uma confraternização do grupo do Cacuriá que ocorreu em casa na noite anterior), depois tomamos café da manhã e fomos para o Gonzaga. Nesse dia o Victor não pode ir, pois tinha viajado para São Paulo para resolver problemas pessoais.

A nossa recepção na ECO, como de costume, foi muito calorosa e emocionante. Caminhando abraçado por crianças, fui cumprimentar os educadores e funcionários da ECO. Conversei um pouco com todos e depois, nós educadores, fomos para o “caracol”, junto as meninas da T.O., começar as atividades.

O tema trabalhado nesse dia foi à ida ao hospital e as possíveis doenças. Como estratégia, elas usaram dois fantoches de meninas: uma negra e uma branca. No início todos estavam prestando atenção, mas, após algum tempo, alguns participantes começaram a conversar e atrapalhar a atividade, tentando pegar os fantoches das mãos das educadoras. Mesmo com muitas crianças e adolescentes ainda prestando a atenção, a atividade foi muito prejudicada, pois a maioria não conseguia ouvir o que elas falavam e os que atrapalhavam acabavam chamando mais a atenção. Não contente com isso, chamei a atenção dos meninos, mas as próprias educadoras da T.O., que estavam em cinco pessoas, não tentavam acalmar os meninos. Acabando o teatrinho, as educadoras perguntaram coisas que elas haviam tratado na peça, mas poucos se lembravam dos temas.

Pedi para que elas deixassem eu e o Fabiano usarmos um pouco os fantoches para brincar com os participantes. Quando fomos começar um diálogo, uma das educadoras pediu para que não fizesse gracinhas e tentasse passar algumas informações importantes para eles. Concordei com o pedido dela e começamos a falar de doenças, mas de uma maneira mais divertida. O resultado foi muito bom, os participantes não desviaram a atenção e nós conseguimos abordar várias doenças e temas referentes à saúde. No final elas agradeceram e recolheram os fantoches.

Em seguida, alguns participantes foram para o projeto Anime-se, e os demais foram para a quadra para decidirem as brincadeiras. Mais uma vez todos sentaram e ficaram entretidos, sendo possível conversar com calma, abordando vários temas. O primeiro fez referência ao projeto roda de conversa, no qual os educadores criticaram muito a atitude de algumas pessoas que atrapalharam a atividade. A Karina falou: “estou muito chateada, vocês deviam prestar atenção nas coisas sérias e importantes como vocês prestam atenção quando o Matheus fala das brincadeiras”.

*C.O.: Fiquei muito chateado com o discurso da educadora. Ficou parecendo que brincadeiras e jogos não são coisas sérias e importantes e que o nosso projeto é menos importante que os outros. Não foi só eu que percebi isso, mas o Fabiano também. Ele até sugeriu que eu perguntasse como ela vê nossa participação junto aos educandos.*

Por fim, tratamos sobre as brincadeiras que iríamos realizar naquele dia. Novamente o Luiz Pereira estava atento e falou que faltava a gente brincar de garrafobol. Todos concordaram com a atividade e

fomos pegar as garrafas e as bolinhas. Fiquei impressionado com a aceitação desse jogo pelos participantes. Tanto a turma da manhã, como a turma da tarde, entram no clima do jogo. Todas as faixas etárias participam normalmente, sendo que às vezes o último a ser queimado é o participante mais novo.

Nesse dia o jogo foi emocionante, a equipe que estava perdendo conseguiu, ao final, ganhar a partida, fazendo uma grande festa entre a equipe. Outra coisa que me surpreende é que a equipe que perdeu, ao invés de ficar triste e reclamando, pediu por outra rodada.

Ao encerrar o jogo, fomos todos para o “caracol” e combinamos que, na próxima semana, realizaríamos o handebol e o voleibol. Depois todos foram lavar as mãos e subimos ao Centro Comunitário Pacaembu para tomarmos o lanche. No percurso fomos conversando, cantando a música “fui para o Gonzaga, visitar a minha vó”, além de algumas crianças ficarem pulando nas minhas costas. De lanche eles comeram um pudim de chocolate muito gostoso e depois voltaram para suas casas, acompanhados pela Karina e pela Talita.

Durante a tarde, cheguei à ECO às 13:30h para acompanhar o trabalho das meninas da T.O. Dessa vez, elas trouxeram uma caixa amplificadora, com dois microfones e pediram para que eu fosse um dos personagens. Eu e a Raissa ficamos escondidos debaixo do “caracol”, deixando apenas os fantoches aparecendo para o público. Lemos o enredo da peça, assim como de manhã, mas dessa vez todos prestaram a atenção. Encerrando a atividade, as educadoras não deixaram os participantes brincarem com os fantoches, pois elas tinham que subir para o Centro Comunitário do Pacaembu para realizar atividades com os adolescentes e adultos que freqüentam o local.

Em seguida peguei um saco de salgadinhos e chamei todos para sentarem nos bancos para eu distribuir. Todos sentaram e ficaram calmos enquanto eu distribuía. Eram tantos salgadinhos que em meia hora os 40 participantes presentes conseguiram ir repetindo sem acabar. Além dos participantes, comeram os salgadinhos os educadores e os funcionários. A única reclamação foi a quantidade de pimenta que tinha no salgadinho, o que não interferiu em nada na vontade que eles tinha em comer.

Acabando o salgadinho eu, a Amanda e a Talita chamamos todos para o centro da quadra para conversarmos. Diferentemente da turma da manhã, as crianças e adolescentes estavam bastante eufóricos. A Isadora não parava quieta, querendo bater em vários meninos que ficavam provocando-a (dá para perceber que ela adora que eles fiquem no pé dela). Chegou um momento em que nós educadores perdemos a paciência e pedimos de maneira firme para todos sentarem e prestarem à atenção. Depois conversamos bastante sobre disciplina e apontamos para o fato do pessoal da manhã estava prestando muito mais atenção do que pessoal da tarde.

Quando todos estavam calmos, iniciamos o diálogo sobre as atividades do dia. Eles escolheram as brincadeiras elefantinho colorido, garrafobol, futebol e pular corda. A primeira foi o elefantinho colorido. A brincadeira é muito parecida com a mãe da rua, mas o pegador ao centro ao invés de gritar “mãe da rua”, grita “elefantinho colorido” e os demais respondem “que cor?”, aí o pegador escolhe uma cor, por exemplo verde, e todos que tiverem essa cor poderão atravessar a quadra sem serem pegos.

No meio da brincadeira, um acontecimento chamou minha atenção. Quando um pegador escolheu como cor a “cor da pele”, as crianças tiveram dúvidas se podiam atravessar sem serem pegos. A maioria das crianças e adolescentes negras atravessou pensando que o pegador poderia pegá-las. Nesse mesmo instante, parei a brincadeira e, em círculo, perguntei qual é a “cor da pele”? Eles pensaram e não falaram nada. Ao invés de eu esperar mais um pouco, fui logo dizendo que todas as cores (brancas, morenas, negras,...) eram as “cores da pele”, não existindo então uma cor padrão.

*C.O.: Devido a esse acontecimento, lembrei das experiências que eu tinha na escola, nas quais as professoras falavam para a gente usar como cor da pele uma cor do lápis muito clara, muito parecida com a cor da pele das pessoas brancas.*

Na volta da brincadeira, ele repetiu “cor da pele” e todos atravessaram sem que fossem pegos (D35-1).

Encerrada a brincadeira, fomos jogar garrafobol. Novamente o jogo foi um sucesso, sendo que os mesmos destaques que eu escrevi para a turma da manhã aplicam-se à turma da tarde. Como o tempo estava muito curto, conseguimos jogar apenas uma partida, não dando tempo para jogar futebol e pular corda, ficando essas atividades para a semana seguinte.

Por fim, fomos todos para a salinha para tomarmos lanche, tendo nesse dia vitamina com bolacha de sal. Gostaria de dizer que nunca estive tão feliz e realizado como estou hoje, com minha participação nos projetos.

**Diário 36 - 31/05/2007**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 16:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**



## FUTEBOL. O QUE SERIA DO BRASIL SEM ESSE ESPORTE?

Comecei o diário de campo com esse título devido à cobrança dos participantes por esse esporte. Se fosse possível, alguns deles jogariam futebol durante o dia todo, nos sete dias da semana.

Nessa vivência cheguei um pouco atrasado e não acompanhei o projeto “roda de conversa”, que segundo as educadoras Karina e Talita retratou o dia-a-dia dos moradores do bairro. Quando fomos reunir as pessoas para conversarmos sobre as atividades já tivemos o primeiro embate com o futebol. O Valdir com algumas outras pessoas queriam de qualquer maneira jogar futebol. Mas as outras pessoas queriam o handebol e o voleibol, o que havia sido combinado na semana passada.

Para resolver esse impasse, decidimos pela maioria que preferiu, naquele momento, jogar handebol. No início o educador Fabiano perguntou quem já tinha jogado handebol e apenas cinco alunos o tinham praticado nas aulas de Educação Física na escola.

Preocupado com a pouca vivência dos participantes, sugeri que realizássemos um jogo educativo para o handebol, chamado “bola a rede”. Esse jogo possui regras mais fáceis, mas tem o mesmo objetivo do handebol, fazer gols com a mão. Por ser parecido com o futebol, tendo como principal diferença a utilização das mãos ao invés dos pés, esse jogo cativou bastante os participantes do projeto. No “bola a rede” a pessoa que está com a bola não pode se movimentar, tendo a obrigatoriedade de fazer o passe ou arremessar para o gol, já os outros da equipe podem ficar se movimentando. Quando a pessoa que está com a bola faz um passe, por exemplo, ela pode voltar a se movimentar.

Durante a vivência, percebi que os participantes gostaram muito do jogo. O único acontecimento que eu não gostei, foi da maneira que nós educadores nos portamos na partida. Durante todo o momento, ficamos querendo ganhar, deixando de passar a bola para as crianças menores e reclamando muito com alguns participantes.

*C.O.: Percebo que os discursos de que todos têm que participar, que vencer não é o principal, mas sim participar, são discursos que muitas vezes na prática os educadores agem de maneira contrária. Os adultos, em minha opinião, são muito mais competitivos.*

Após o jogo, reunimos todos participantes e educadores no “caracol” e fomos conversar sobre as atividades para a próxima semana. Antes de deixarem o educador Victor falar, o Valdir e outros participantes já foram logo cobrando o futebol. Tentamos colocar também o vôlei, que não havia sido feito hoje, mas os participantes enfaticamente queriam apenas o futebol.

Encerrado esse momento, com aclamação ao esporte bretão, pedimos para todos lavarem as mãos para subirmos para o lanche. No caminho fomos cantando gritos de torcida pelo bairro. A maioria dos participantes é corinthiana, mas nas ruas encontrei vários adultos que torciam pelo São Paulo Futebol Clube. Já no centro Comunitário do Pacaembu rezamos e depois saboreamos uma deliciosa macarronada.

Ao encerrar, os participantes foram para suas casas acompanhadas pelas educadoras e eu voltei para minha casa, pois tinha um compromisso de tarde. Sendo assim, não pude participar do projeto na parte da tarde.

**Diário 37 - 21/06/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## O ARRAIÁ ESTÁ CHEGANDO.

Faltando exatamente uma semana para a festa junina dos Projetos “Campeões na Rua” (SMEL–SMCAS/PMSC), “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (DEFMH/UFSCar) e “Jovens e Ação” (Centro Comunitário do Pacaembu / PMSC), a ansiedade começa a tomar conta dos educandos, educadores e funcionários. A semana também contou com boas notícias. O Duzão, responsável pela empresa VEGA Engenharia Ambiental de São Carlos, irá ajudar a festa doando cachorro quente e refrigerante para 150 pessoas.

Já à vivência dessa quinta-feira foi repleta de muitos ensaios, tanto no período da manhã, quanto no período da tarde.

Estacionei o carro no Centro Comunitário do Pacaembu às 7:50h e fui caminhando para a ECO. No caminho fiquei pensando sobre o ensaio de Hip-Hop e ia cumprimentando os moradores que já estavam na rua ou em frente as suas casas. Já perto da ECO, encontrei algumas crianças dos projetos tentando colocar fogo no Buracão. Inconformado com o que estava vendo, corri em direção aos meninos e pedi para que eles

apagassem o fogo, pois ele podia se espalhar para toda a mata seca que envolve o local. Enquanto eles apagavam, explicava os fatores negativos que a queimada provoca, principalmente naquele local de prevenção ambiental. Depois de todos os focos apagados, fomos para a ECO a fim de iniciarmos as atividades.

A Maria veio conversar comigo e começou a falar das novidades da festa Junina. A primeira foi em relação às doações da VEGA que iria fornecer cachorro quente e refrigerante. A segunda foi em relação a uma palestra de meia hora que a prefeitura iria realizar sobre o perigo das queimadas. No momento que ele disse essa novidade, comecei a rir. A Maria sem entender nada ficou com uma cara de espanto. Depois das risadas falei para ela que era mesmo necessário, pois tinha acabado de ajudar a apagar um foco de incêndio, ocasionado por algumas crianças do projeto.

Depois da conversa com a Maria, cumprimentei todos os participantes e educadores dos projetos e os chamamos para sentar no Caracol para contarmos as novidades. Por volta das 8:20h as educadoras da T.O. chegaram e iniciaram as atividades. Elas levaram todos para a sala multiuso para confeccionarem bandeirinhas para a festa junina. Durante a atividade chegaram o Fabiano o Victor e as educadoras do Anime-se. Nesse momento os participantes se dividiram em vários grupos. Algumas continuaram confeccionando bandeirinhas; outras foram para no Anime-se e os outros foram comigo, com o Fabiano, com a Talita e com a Karina para a quadra ensaiar o Hip-Hop.

Antes de começar, peguei a lista com os nomes das pessoas que ensaiaram na semana passada e fiz uma chamada. A Juliana, a Marisa, o Luis Pereira, o Mudinho, o Lucas e Marcelo estavam presentes. A Letícia, a Ariadne e o Valdir faltaram no dia. Já a Juliana e o Julian entraram no grupo.

O ensaio foi muito divertido. Além de todas as pessoas que participaram do ensaio, muitas outras ficaram acompanhando e pela expressão, a aceitação estava garantida. Nesse ensaio permanecemos com a mesma estrutura: no início e em fila os participantes cumprimentam o público, depois eles sobem ao palco e em fila cada um saúda o público presente, em seguida em grupos de três ou quatro eles começam a apresentação com passos de Hip-Hop, e, por fim, eles formam uma roda e cada um entra para fazer mais passos de Hip-Hop.

Ensaíamos cada parte umas duas vezes, sendo que cada uma delas a apresentação individual e em grupo era diferente e mais complexa, mostrando o interesse dos participantes em melhorar a sua apresentação. Ao final, juntamos todas as partes e recebemos muitos aplausos das pessoas que estavam assistindo.

Faltando uns quinze minutos para o lanche a Talita e a Karina juntou todos os participantes para ensaiarem a tradicional quadrilha. Alguns não quiseram participar, mas a grande maioria estava no centro da quadra dançando e muito alegre. Um acontecimento que chamou minha atenção foi em relação à Juliana que mesmo dançando puxou a quadrilha.

Depois de todas as atividades encerrarem, fomos tomar lanche. A partir dessa vivência o lanche vai ser entregue na ECO, igual a turma da tarde, devido aos problemas de segurança que estavam ocorrendo no trajeto até o Centro Comunitário do Pacaembu. Os participantes pegavam rabeira nos carros e caminhões e por algumas pessoas irem à frente dos educadores, não respeitando o grupo.

A questão do lanche sempre foi motivo de muitas críticas por parte das mães, pais e responsáveis. Desde o início, quando os participantes voltavam sozinhos do Centro Comunitário do Pacaembu para casa, pediam para que o lanche fosse entregue na ECO, mas como não havia funcionários para essa função o lanche permaneceu no outro espaço. Agora com a preocupação com a segurança dos participantes, o funcionário Marcão vai ter que ir diariamente ao Centro Comunitário do Pacaembu buscar o lanche.

Na minha opinião, o próximo passo a ser dado é a prefeitura contratar funcionários para a preparação dos alimentos na própria ECO. A primeira experiência foi muito positiva, pois, além de eles não terem que fazer todo aquele trajeto, tiveram mais tempo de brincadeiras e atividades. Ao acabar de comer todos voltaram para suas casas.

Na parte da tarde, as atividades tiveram início às 13:30h com o projeto “Roda de Conversa”, desenvolvidas pelas alunas da T.O. Nesse horário havia poucas crianças e adolescentes e os que estavam presentes ficaram confeccionando bandeirinhas para a festa junina do projeto. Esse projeto vai até às 14:00h, pois às 14:30h as meninas realizam o mesmo projeto com os adolescentes do Projeto “Jovens em Ação”.

Ao encerrar as atividades, todos os educadores já estavam presentes na ECO. Fui conversar com a Vânia e a com a Karina para iniciarmos as atividades, e elas pediram para a gente reunir todos na sala multiuso, pois alguns meninos estavam, há algumas semanas, brincando de passar a mão no bumbum das meninas, sendo que algumas pareciam gostar da brincadeira, pois tinham motivo para correr atrás deles para bater.

Chamamos, então, todos para a sala para dialogar sobre o assunto. A reunião foi muito produtiva, além dos educadores muitos participantes falaram do assunto. No final ficou decidido que esses tipos de brincadeiras tinham que parar, caso alguém continuasse fazendo iria ficar suspenso do projeto por alguns dias. Encerrado o assunto, dialogamos sobre as brincadeiras do dia. Os meninos queriam, de qualquer maneira, confeccionar pipas, com as varetas e as linhas que a educadora Amanda tinha trazido. Já as meninas e dois meninos queriam ensaiar uma música de funk para apresentar na festa junina.

Continuamos todos na sala. Uns, de um lado, fazendo pipa, alguns ensaiando funk e os outros inventando brincadeiras em grupos.

Acompanhei o ensaio de funk, mas sem ajudar muito, visto que não sabia nenhuma coreografia. Nesse caso, a Bia ficou responsável pelo ensaio porque conhecia várias coreografias e se mostrava muito interessada em ensinar para as outras pessoas. O primeiro passo era: quais música iríamos dançar? Depois de ouvir todas as músicas do CD, os próprios participantes escolherem a música “Atoladinha” e “Glamurosa”.

*C.O.: As duas músicas são muito conhecidas pelas crianças. Em todos os eventos que realizo com crianças, não existe uma pessoa que não saiba cantar. Mas confesso que fiquei preocupado com as letras das músicas. O CD da Bia só tinha as versões ao vivo que traziam muitas palavras de baixo calão, como “caralho” e “vou te chupar todinha”. Pensei na hora de proibir, mas elas insistiam dizendo que queriam dançar aquelas músicas. Depois de muito diálogo decidimos que no dia da apresentação eu iria levar as músicas originais sem os palavrões. Para terminar queria deixar uma pergunta no ar: por que o público infantil gosta tanto dessas músicas?*

O andamento do ensaio foi muito proveitoso. Fiquei surpreso com a paciência da Bia e da Manuela em ensinarem os passos para os outros participantes. Quando alguém não sabia, elas iam ao lado da pessoa e pediam para ela imitar. Outro aspecto que me chamou atenção foi a diversidade de idades dos participantes. Havia adolescentes de 14 anos e crianças de 5 anos juntos dançando. Também em muitos momentos os meninos que estavam fazendo pipa iam lá dançar um pouco.

Encerrada a atividade, permanecemos todos nas salas para tomar lanche. Para a turma da tarde tinha bolacha salgada e leite com achocolatado. Antes de todos irem embora, dialogamos sobre as novidades que teríamos na festa junina, principalmente na parte da alimentação, como cachorro quente, refrigerante e pipoca.

Todos, inclusive eu, ficamos empolgados e ansiosos para a festa junina que, além da alimentação, teria a quadrilha tradicional, apresentação de Hip-Hop e de funk. Terminado o lanche pedi carona para a Amanda até ao Centro Comunitário. Lá peguei meu carro e voltei para casa para descansar.

**Diário 38 - 28/06/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **VIVA SÃO JOÃO! VIVA SÃO PEDRO! VIVA SANTO ANTÔNIO!**

Enfim, chegou o dia mais esperado do mês de junho: a festa junina. Nesse ano os preparativos para a festa começaram cedo, com muito esforço e empenho dos educadores, coordenadores, funcionários e dos educandos. A festa marca a parceria de vários projetos desenvolvidos tanto na ECO, quanto no Centro Comunitário do Pacaembu. Nessa parceria encontram-se os projetos “Campeões na Rua” (SMEL–SMCAS/PMSC), “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, em parceria do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar), “Jovens em Ação” do Centro Comunitário do Pacaembu, “Rodas de Conversa” do METUIA/UFSCar e o “Anime-se” da PMSC.

Na parte da manhã, a Maria tinha avisado os educandos que não haveria atividade e lanche, e que todos que viessem teriam que ajudar a enfeitar a ECO. Às 8:00h já havia muitos participantes na ECO e conversamos com todos sobre a festa e como nos dividiríamos para prepará-la.

Muitas crianças e adolescentes não lembravam que a Maria tinha dito que não haveria atividade e mostraram-se irritados por terem que ficar ajudando ao invés de brincar. Mas como o combinado tinha sido a preparação da festa, conversamos com essas pessoas e elas se prontificaram a ajudar. Depois de mais ou menos 20 minutos de conversa decidimos dividir as pessoas em dois grupos. Um ficou com as alunas da T.O., com a Karina, com a Talita, com a Maria e com a Maria Eduarda confeccionando bandeirinhas e flores de papel crepom para enfeitar a quadra. Já o outro grupo foi comigo para o palco para ensaiar o Hip-Hop.

*C.O.: mesmo não tendo nenhum traço tradicional da festa caipira, achei muito interessante ter ensaiado uma dança Hip-Hop, pois me mostrou o interesse deles pelo ritmo do rap. Nessa manhã quando fomos dividir os grupos, todos que participam da dança queriam de qualquer maneira ensaiar tanto para apresentar na festa junina dos projetos, quanto na festa junina do bairro.*

Tanto o ensaio, quanto a decoração caminharam normalmente. Mas o que me impressionou foi a dedicação dos participantes da dança nos detalhes e na criação dos passos de Hip-Hop. Foi importante o

processo de construção da coreografia, pois todos ajudavam com suas experiências nesse estilo de dança. Depois de mais de uma hora de ensaio, os integrantes acharam que estávamos prontos para a apresentação. Antes de dispersar o grupo pedi que todos viessem com roupas que caracterizavam o estilo da dança e todos aprovaram a idéia.

Ao encerrar o ensaio todos foram ajudar a enfeitar a ECO. Os enfeites estavam ficando tão bonitos que o Samuel da Associação de Moradores do Jardim Gonzaga foi pedir para a Maria deixar os enfeites para a festa junina do bairro que seria no sábado.

No final da manhã, antes de irmos almoçar no Centro Comunitário do Pacaembu, eu e a Maria ficamos paralisados com a beleza da ECO, com todas as bandeirinhas coloridas e mais as flores de papel crepom.

Na parte da tarde chegamos às 13:30h e já havia vários participantes na ECO esperando o início da festa junina. A primeira atividade prevista era uma palestra sobre o fogo ministrada pelo Frederico. Depois teríamos a quadrilha tradicional, as danças juninas, a apresentação do Hip-Hop e a apresentação do Funk, sendo que durante a festa as meninas da T.O. deixaram expostos os trabalhos realizados nesse semestre. Além dessas atividades, teríamos também a distribuição de cachorros quentes e refrigerantes doados pela empresa Vega Engenharia Ambiental e pipoca e algodão doce doados pelo sindicato dos Bancários.

Perto das 14:00h a Eco estava repleta de crianças e adolescentes, mas o que mais me chamava a atenção era o número grande de pais e responsáveis que estavam na Eco para acompanharem as apresentações. Antes de começarmos as atividades, todas as pessoas responsáveis pela alimentação já estavam presentes e preparavam as comidas para as 150 crianças e adolescentes presentes.

Com um pouco de atraso, o Frederico iniciou sua palestra sobre queimadas no palco da ECO. Para mim a palestra tinha que ter sido em outro dia, não em dia de festa. Os participantes nitidamente não prestavam atenção no palestrante e depois em conversas com muitos deles, eles não sabiam falar o que havia sido dito.

Logo depois da palestra demos início à quadrilha. Todos que iriam participar formaram as duplas e foram para a fila. As outras pessoas ficaram espalhadas pela quadra deixando o centro livre. Quando fui pedir para a professora Karina o papel com a ordem dos passos para narrar, tive uma surpresa muito boa. A professora disse que não iria precisar mais, pois a participante Juliana tinha aceitado ser a pessoa que puxaria a quadrilha. A apresentação foi muito linda, todos os passos da quadrilha tradicional estavam presentes e, ao final, todos foram muito aplaudidos.

Depois da quadrilha, fizemos uma pausa nas apresentações e liberamos a entrega das comidas e bebidas. Todos os presentes (educadores, educandos, funcionários e familiares dos participantes) correram para aproveitar o momento e ficamos cerca de uma hora se alimentando e conversando. O cachorro quente estava uma delícia, a pipoca fazia o sucesso de sempre, o refrigerante “matava” a sede, mas o que chamou mesmo a atenção foi a maneira que era feito o algodão doce. Ao invés de ter uma máquina que ligasse na tomada e funcionasse, o senhor que fazia o algodão doce tinha que pedalar como uma bicicleta para a máquina funcionar. Conforme ele pedalava, a máquina fazia o algodão doce.

Enquanto comíamos e conversávamos chegou a repórter da prefeitura para tirar fotos da apresentação de Hip-Hop. Pedi para ela esperar um pouco, mas ela não podia, pois tinha que estar às 16:30h na redação para mandar a matéria para os jornais da cidade. Aflito, chamei todos os educadores e a Maria e contei o acontecido. Todos acharam melhor parar a entrega da alimentação e chamar os presentes para assistirem a apresentação de Hip-Hop. Rapidamente reuni todos os participantes no palco e disse que agora seria nossa vez. Depois de cinco minutos, estávamos prontos e todas as pessoas estavam em frente ao palco para assistir.

A apresentação foi um sucesso, os participantes mostravam-se felizes no momento que dançavam, fazendo com que os movimentos da dança fossem naturais. Ao encerrar fiquei surpreso com o entusiasmo do público. Quando descemos do palco recebi vários parabéns pela apresentação, mas a fala que mais me emocionou foi a do Zinho, que participa de grupos de dança de rua da cidade e é irmão do Marcelo que fez parte da apresentação. Ele disse: “professor gostei muito da apresentação, estava muito bonita, meus parabéns”. É bom receber elogio de pessoas que conhecem e que vivem o Hip-Hop, agora a próxima apresentação será no sábado na festa junina do bairro.

Logo depois da nossa apresentação, a Talita chamou as crianças menores da manhã para apresentarem duas danças juninas. Em seguida foi a vez de a Amanda chamar as crianças menores da tarde para apresentarem suas danças. Nesse momento lembrei do tempo que dava aula no Colégio Dom Bosco e que ensaiava junto com outras professoras essas danças tradicionais juninas. A última apresentação foi o Funk. Nesse momento, além das meninas que iriam se apresentar, várias outras pessoas também subiram no palco. Durante as duas músicas cerca de 70 pessoas estavam no palco dançando funk. Isso demonstra o interesse das pessoas do Gonzaga por esse ritmo. Durante toda a festa as pessoas vinham me pedir para colocar músicas de funk.

Quando pensei que tinha acabado as apresentações, tive uma bela surpresa. A Vivian e a Daniela tinham montado um DVD com o trabalho desenvolvido durante esses meses. Elas apresentaram o DVD na sala de multiuso com data show. Todas as pessoas que assistiram ficaram durante a apresentação com uma cara atenta e era possível ouvir em todos os momentos várias gargalhadas. No filme aparecem várias fotos

minhas e um pequeno trecho do grupo ensaiando o Hip-Hop. O sucesso foi grande que elas tiveram que passar duas vezes para os participantes poderem rever.

Encerrando as apresentações os participantes ficaram brincando e comendo na ECO. Esse dia marcou a despedida dos projetos “Anime-se” e “Roda de conversa” que serão realizados no segundo semestre em outros locais.

Por fim, gostaria de dizer da alegria que foi a festa junina. É muito bonito ver a ECO cheio de gente se divertindo e aproveitando a vida. Foi importante também a participação de pais e responsáveis assistindo as apresentações e participando na aprendizagem das crianças e adolescentes. Queria agradecer a todos que ajudaram de qualquer forma na realização dessa festa maravilhosa.

**Diário 39 - 30/06/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**18:00h às 22:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **FESTA JUNINA É BÃO DEMAIS SÔ!**

A convite da Associação de Moradores do Jardim Gonzaga, fui à festa junina do bairro para além de aproveitar, fotografar e filmar. O início estava marcado para às 19:00h, mas cheguei às 18:00h para trazer 200 pães de cachorro quente cedidos pela padaria Vovó Lúcia e também para fotografar os preparativos da festa.

A festa junina foi realizada na ECO e na Avenida Maranhão que fica logo em frente e que estava bloqueada para não haver passagem de carros. Quando cheguei tinha poucas pessoas no local, pois ainda estava sendo tudo organizado. Na casa da Andréia, as pessoas preparavam os cachorros quentes para deixar todos prontos. Logo em frente tinha uma barraca onde quatro senhoras preparavam o vinho quente e o quentão. Um pouco mais pra frente havia outra barraca na qual o Jorge com seus amigos preparavam a tradicional brincadeira de pesca. Havia também no meio da rua uma fogueira, a cadeia e várias comidas e bebidas no bar da Dona Zimalda.

Todo o espaço estava decorado com muitas bandeirinhas e outros enfeites. Logo no início fui tirar fotos dos espaços e das pessoas preparando as comidas. Sempre nessa caminhada havia cerca de dez crianças ou adolescentes que me acompanhavam, sempre pedindo para tirar fotos deles.

*C.O.: Gostaria de deixar registrada a festa que as crianças e os adolescentes faziam quando me viam. O olhar deles era de felicidade e de carinho por me ver na festa. Nas primeiras horas da festa, vários deles ficavam me acompanhando em qualquer lugar que eu ia. Com certeza não era só eles que ficavam com o olhar de felicidade. Esse foi até então o dia que eu recebi mais carinho de um grupo de criança, nesse 10 anos que trabalho com essa faixa etária.*

Conforme o relógio se aproximava das 19:00h o local ia ficando mais cheio. A maioria das pessoas ficava aglomerada na Avenida Maranhão conversando e tomando uma bebida quentinha. Tudo que via de interessante, fotografava. A maior dificuldade era com os adultos, que em algumas vezes não deixavam, pois simplesmente não gostavam.

Já por volta das 20:00h o local já estava lotado. Além dos moradores, tinham políticos, funcionários da prefeitura e pessoas de outros bairros. Durante a festa, além de ficar tirando fotos ficava conversando bastante com a Maria, com a Laura, com o Samuel e a Andréia (comunidade) e com várias mães e pais dos participantes dos projetos.

Às 20:30h uma senhora que organizou e ensaiou a quadrilha chamou todos para dentro da Eco para que assistissem à apresentação. Nesse momento as crianças que participaram da apresentação de Hip-Hop vieram me cobrar a apresentação e eu disse que logo depois da quadrilha nós iríamos nos apresentar e deveriam chamar as pessoas que estavam faltando.

A apresentação da quadrilha foi no meio da quadra e a maioria da platéia ficou aglomerada do lado de fora da quadra sentados em bancos ou em pé. Filmei toda a apresentação, desde o casamento, passando pela quadrilha, até terminar no baile e na despedida. Com esse filme pretendo fazer uma montagem e gravar um DVD para entregar para a Associação de Moradores e às pessoas que ajudaram doando dinheiro, alimentos ou outros materiais.

Encerrada a quadrilha fui chamar todos as pessoas do Hip-Hop para que nos apresentássemos. Apenas a Juliana e a Marisa não participaram. A Juliana estava na igreja e a Marisa não tinha ido à festa. Mais uma vez a apresentação foi um sucesso. O público presente aplaudiu freneticamente nossa apresentação. Fiquei feliz que nesse dia o Hélio tirou várias fotos da gente se apresentando no palco.

Logo após a apresentação fui tirar foto das pessoas pegando algodão doce e bolo da cozinha da ECO. Nesse momento o botão da máquina que dispara a foto saiu e eu não consegui concertar a máquina, encerrando assim meu serviço de fotógrafo.

No restante da festa fiquei conversando com os moradores e bebendo vinho quente. Esse momento de interação com os moradores foi muito prazeroso. Depois do terceiro copo de Vinho quente, começou dar aquela moleza e decidi voltar para casa, pois estava com muito sono.

Adorei ter participado de uma festa organizada pelo bairro, no qual tudo que é feito se converte para a comunidade que, ao meu ver, parecia muita unida. Espero participar de outras e assim fazer cada dia mais parte da comunidade Jardim Gonzaga.

**Diário 40 - 16/08/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **SAUDADES DOS PARTICIPANTES E DE TODOS DO JARDIM GONZAGA.**

Depois de mais de um mês sem participar do projeto, devido às férias de julho e a problemas de saúde no início de agosto, retornei com muitas saudades dos participantes, do projeto e do bairro Jardim Gonzaga.

No retorno ao projeto, ainda um pouco resfriado, tive uma recepção bem calorosa por parte dos participantes, educadores e funcionários. Antes de iniciarmos as atividades fiquei conversando com os educadores sobre as vivências das férias. Nesse momento várias crianças me acompanharam, mas gostaria de destacar a alegria e o carinho do participante Gabriel, que em qualquer lugar que eu ia, ele ia atrás.

Por volta das 8:15h fomos para a quadra para conversarmos sobre o primeiro semestre e para combinarmos como seria o segundo. Em relação às atividades do primeiro semestre, os participantes lembraram de muitos momentos vividos no projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, como o passeio ao buracão, as partidas de garrafobol, os jogos de futebol e vôlei, os ensaios para apresentação na festa Junina, a elaboração dos jornalzinhos, entre outros. Para o segundo semestre combinamos de continuar nos reunindo para escolhermos e elaborarmos as atividades das vivências seguintes.

Até esse momento tudo estava muito calmo e com a participação maciça de crianças e adolescentes, mas depois que começamos a conversar sobre as atividades que iríamos realizar, as discussões começaram. Muitos participantes queriam jogar futebol e outros preferiam vôlei e handebol. Como no caso do futebol, eles queriam realizar um campeonato interno de um dia, achamos melhor deixar o futebol para a próxima semana e realizar o vôlei e a handebol. Nesse momento os participantes Marcelo e Valdir ficaram muito nervosos com a decisão, querendo de qualquer maneira jogar futebol. Nossa atitude foi conversar bastante e explicar que na semana seguinte teríamos o futebol. Para o Marcelo a conversa adiantou, mas o Valdir continuou nervoso e preferiu ir embora do projeto.

Enquanto os participantes dividiam as equipes para o vôlei junto com as educadoras Talita e Karina, fui buscar junto com o Luís Pereira a bola e a rede. Na volta para a quadra percebi que algumas pessoas estavam sentadas em volta da quadra e fui perguntar se eles não queriam jogar. Eles disseram que não gostavam de vôlei e que queriam apenas assistir.

Iniciamos a partida com os dois times bem equilibrados, mas percebi que a maioria não conseguia realizar os fundamentos necessários para o vôlei como o toque, a manchete e o saque. Mesmo percebendo as dificuldades dos participantes com os fundamentos, continuamos a partida até o final, com a vitória de dois sets a zero da minha equipe.

*C.O.: percebi a exclusão de algumas pessoas durante a partida, por não conseguirem realizar os fundamentos básicos. Era nítida a participação apenas das pessoas mais habilidosas, desestimulando a participação das demais.*

Antes de passarmos para o handebol, decidi realizar o câmbio (jogo adaptado do vôlei que é usado como aprendizagem para o esporte ou para ser praticado com as pessoas da terceira idade). Muitas pessoas já conheciam o jogo, dizendo que o praticavam na aula de educação física da escola.

Como o jogo é mais simples e fácil do que o vôlei, percebi que houve uma maior participação de todas as pessoas, diminuindo assim a exclusão de alguns. O jogo estava muito divertido e dinâmico, mas durante a partida começaram a ter algumas brigas. Os educadores pediam para as pessoas pararem, mas parecia que nada adiantava, até que eu “perdi” a cabeça e parei a atividades. Nesse momento a educadora Karina veio me dizer que eles estavam brigando muito no dia-a-dia e que nós teríamos que fazer alguma coisa para melhorar.

Nossa primeira decisão foi chamar todos os participantes para sentarem na quadra para conversarmos. Todos tiveram oportunidade de falar e ficou decidido que as pessoas que brigarem irão para casa acompanhado por um educador, que conversaria com sua mãe ou pai para tomar uma atitude.

*C.O.: Achei essa decisão muito melhor do que simplesmente ficar dando suspensão para as crianças e adolescentes. Muitas vezes os participantes ficam uma semana de suspensão e os pais nem sabem qual o motivo. Com essa nova decisão acreditamos que vai aumentar o interesse dos pais e responsáveis em saber do dia-adia do participante no projeto.*

Encerrada a conversa fomos tomar o lanche, mas antes todos tiveram que ir lavar as mãos no banheiro. Como hoje já havíamos combinado as atividades da semana seguinte, não foi preciso juntar todos no “caracol” para conversarmos.

No lanche todos estavam mais calmos. Nesse dia foi servido um macarrão com sardinha, além do suco. Achei estranho ver vários restos de comida nos pratos dos participantes. Fui comentar com a Maria Eduarda e ela me disse que eles não gostavam muito de peixe.

Após terminarem de comer, os participantes foram entregando os pratos e as canecas e voltaram para suas casas.

Na parte tarde cheguei à ECO às 14:00h e novamente fui recebido com muito carinho e festa. Fiquei muito emocionado com o olhar de alegria e o abraço que recebi do Pereira. Dentro da ECO, encontrei o Samuel da Associação de Moradores do Jardim Gonzaga que me convidou para participar do campeonato de salão que ocorreria na ECO. Fiquei muito feliz e empolgado e me comprometi de formar um time para participar.

Às 14:20h reunimos os participantes na quadra e conversamos novamente sobre as atividades do primeiro semestre e como irá funcionar o projeto no segundo semestre. Sobre as atividades realizadas, muitos falaram e lembraram da queimada, do passeio ao buracão, do salva, do esconde-esconde, do garrafobol, entre outras. Já em relação ao segundo semestre ficou decidido que nós continuaríamos a escolher as atividades da vivência seguinte no final de cada vivência.

Conversando sobre as atividades que eles queriam realizar, a maioria queria ir à nova praça chamada Pardinho, que recebeu esse nome em homenagem ao cantor Pardinho, natural de São Carlos, que fazia parceria com o Tião Carreiro. Além dessa opção, tinha a possibilidade de brincarmos de “mãe da rua” e queimada. Ao final ficou decidido que iríamos brincar da segunda opção e que o passeio para a praça do Pardinho seria realizado na próxima vivência, para que pudéssemos ficar mais tempo no local.

Conforme combinado começamos pela brincadeira “mãe da rua”. Estava muito bonito ver a quadra repleta de crianças e adolescentes (cerca de 40), de variadas idades, brincando com o mesmo jogo. Além disso, todos participaram com muita vontade, inclusive os educadores, que faziam de tudo para não serem pegos. Fizemos três rodadas, na primeira eu comecei sendo o pegador, na segunda foi o Olavo e na terceira vez foi a Isadora.

Logo depois fomos brincar de queima. Enquanto eu fui buscar a bola, as educadoras Amanda e Talita dividiram as equipes. A partir do início da brincadeira começamos a ter algumas dispersões. Das 40 pessoas que brincavam no início, ficaram apenas 20, sendo que as outras foram brincar de pega-pega no palco, chutar bola e soltar pipa no campo, e brincar no parquinho.

O jogo começou bem emocionante, com as equipes bem equilibradas. O que chamou minha atenção nessa brincadeira foi novamente ver adolescentes e crianças de quatro anos brincando juntos, mas também tenho que destacar que alguns dos adolescentes queriam a todo o momento pegar a bola. Quando nós educadores percebíamos isso, explicávamos que todos tinham que jogar a bola e que, por eles serem mais velhos, tinham que ajudar aos mais novos.

Encerrando a partida fui para o palco e fiquei conversando com algumas crianças. Falamos das férias escolares e o que eles fizeram para se divertir. A brincadeira mais comentada foi a pipa, que desde junho colore o céu do Gonzaga. É bom destacar que todas essas pipas continham cerol na linha e na rabiola, tornando a brincadeira mais perigosa. Na tentativa de falar para eles não usarem o cerol, a maioria respondia: “se tirar o cerol não tem mais graça soltar pipa; o legal é cortar a pipa do outro”. Outras brincadeiras também tiveram destaque na fala das pessoas, como o futebol, participar do projeto da prefeitura, brincar na rua, jogar vôlei, brincar de amarelinha, entre outras.

Ao final da conversa fomos lavar as mãos para tomarmos o lanche. Durante o lanche, fiquei brincando e conversando com algumas pessoas que nem lembro o que eles comeram e beberam. Só sei que no final fui chamado para comer um pedaço de bolo da reunião que estava tendo no posto de saúde, que, aliás, estava uma delícia.

Por fim, gostaria de lembrar que ficou combinado para a semana seguinte, com as educadoras, a festa para os aniversariantes do mês de Maio, Junho, Julho e Agosto. Na festa teremos um bolo e iremos fazer bexigas palito em forma de cachorro, espada e coração para entregar para todos participantes. Lembrando que serei um dos aniversariantes homenageados.

**Diário 41 - 23/08/2007**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 16:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## FUTEBOL E FESTA DE ANIVERSÁRIO, PAIXÕES NACIONAIS.

Pelo próprio título desse diário, pode-se perceber o tanto que a vivência foi especial para mim, para os outros educadores e participantes. Futebol e festa de aniversário são elementos muito importantes da cultura brasileira, que fazem parte de todas as regiões do nosso país.

Nessa quinta-feira cheguei ao Gonzaga às 7:45h e enquanto passava pelas ruas do bairro (de carro), notei um grande movimento de pessoas nesse horário. Estava um dia quente e muito bonito, porém o ar estava muito seco.

Quando cheguei à ECO havia poucos participantes no local, permitindo que conversasse um pouco mais tranquilamente com a Maria. Nossa conversa foi muito prazerosa. Ela contou que estava tudo preparado para nossa festinha de aniversário, faltando apenas a decoração da salinha. Pedi então que deixasse colocar minha mochila em sua sala e entreguei as bexiguinhas palito que seriam entregues para os participantes durante a festa. Também nesse momento perguntei para a Maria se poderia ser entrevistada após a vivência da manhã, contribuindo para meu mestrado. Ela disse que não havia problema algum e que seria um prazer em ajudar.

Já às 8:00h começaram a chegar os primeiros participantes e os educadores (Talita, Karina e Fabiano). Fiquei muito contente com a empolgação da educadora Karina em relação à festa de aniversário. Percebi em seus olhos e em sua fala a empolgação em realizar um momento especial para as crianças e adolescentes, que até então não sabiam de nada (D41-1).

Logo que todos chegaram, sentamos na quadra para conversarmos sobre o que tínhamos combinado. Diferente de outros momentos nos quais algumas pessoas não lembravam da atividade, nesse dia todos lembraram que teríamos futebol. Ai se alguém falasse que o futebol não poderia ser realizado, acredito que nesse caso teríamos um movimento organizado de reivindicação ao direito a esse esporte, com muitos manifestantes revoltados (D41-2).

Mas como o combinado era esse, dividimos as pessoas em três equipes, sendo que uma delas formada por mulheres e crianças pequenas. Já as outras duas equipes tinham os melhores jogadores e a rivalidade foi grande entre essas duas equipes, mesmo antes do início das partidas.

*C.O.: O que chamou minha atenção nessa ocasião, foi a felicidade de uma equipe quando o funcionário Marcão aceitou jogar no gol. Foi a primeira vez que eu vi o Marcão brincando com as crianças no projeto. Achei muito importante esse momento, pois podia ver nos olhos dos participantes a alegria de poder contar com sua participação.*

Antes de iniciarmos a partida, fui à sala da Maria e coloquei a roupa de árbitro, inclusive com os cartões amarelo e vermelho, todos originais. Quando voltei para o campo e as pessoas me viram, ficaram empolgadas e queriam ver os cartões. Achei importante vir com a roupa de árbitro, pois em outras ocasiões tivemos problemas de indisciplina nas partidas e de não respeito às regras. Nesse sentido a minha presença como autoridade nos jogos foi muito importante. Não tivemos nenhum problema de indisciplina e todos demonstravam respeito no campo.

As partidas foram emocionantes, sempre com muita torcida das pessoas que estavam esperando sua vez para jogar. Também gostaria de destacar as poucas discussões existentes entre os próprios jogadores das equipes, reclamações essas muito evidentes em outros momentos. Mas o que mais chamou minha atenção foi a vitória do time das meninas e crianças menores sobre o time que tinha os melhores jogadores. Quando eles ganharam, parecia que eles tinham ganhado uma copa do mundo, tamanha a alegria das crianças e da educadora Talita, capitã da equipe.

Após o término das partidas de futebol, fomos para o caracol e conversamos sobre a atividade da próxima semana. Ficou decidido que iríamos à pracinha do pardinho, brincar e fazer piquenique, sendo que cada um tem que levar o que for beber e comer.

Logo após falamos para os participantes sobre a festa e todos ficaram muito eufóricos com a notícia. Antes de entrarmos na salinha para cantarmos os parabéns, fui à sala da Maria e peguei as bexiguinhas. Entregamos uma para cada um e o Fabiano foi enchendo e eu fui fazendo coração, ou o cachorrinho, ou a espada. Todas adoraram e ficaram brincando até liberarmos a sala para os parabéns.

Quando liberaram nossa entrada na sala, todos ficaram surpresos com a decoração e com o bonito bolo todo enfeitado. Em seguida, sentaram nas cadeiras e eu fui chamando os aniversariantes dos meses



de Junho, Julho e Agosto para ficarem na mesa. Quando eu dizia o nome, as outras pessoas aplaudiam freneticamente.

Na hora de cantarmos parabéns, os aniversariantes ficaram na parte detrás da mesa e os outros ficaram na parte da frente. Esse momento foi muito emocionante, todos cantavam com muito amor. Logo depois, todos sentaram e eles puderam comer cachorro quente, bolo e suco. O que mais gostaram no final foi poder repetir o bolo e levar um pedaço para mãe. Em seguida todos voltaram para suas casas.

Na parte da tarde, os participante foram chegando às 14:00h já sabendo da festinha de aniversário que seus irmãos ou amigos da manhã lhe haviam contado. A animação estava garantida, desde o início os participantes me abraçavam e não viam a hora de tudo começar.

Quando a maioria já estava na ECO, fomos sentar na quadra para conversarmos sobre as brincadeiras do dia. Quando perguntei o que eles haviam combinado na semana passada, todos lembraram que iríamos para a pracinha do Pardinho, mas achamos melhor deixar para a próxima semana, pois teríamos muito pouco tempo devido à festa. Todos concordaram e ficou decidido que além de irmos à pracinha, iríamos fazer um piquenique, sendo que cada um levará sua bebida e sua comida.

Depois de tudo combinado, perguntei se eles não queriam fazer um campeonato de futebol e a maioria adorou a idéia. Do mesmo jeito da parte da manhã, fui colocar minha roupa de árbitro e quando apareci para os participantes me olharam, dando risada e querendo ver os cartões.

Como havia mais participantes do que de manhã, dividimos os participantes em quatro equipes, sendo que homens e mulheres ficaram nos mesmos times. Na parte da tarde tivemos que realizar os jogos na quadra e não no campinho devido ao calor e a força do sol.

Os jogos foram tão tranquilos quanto os da manhã. Todos respeitaram o árbitro e seus colegas de equipe. A Vanessa e a Isadora que não ficaram gritando e nem batendo nos colegas da equipe ou adversários. Apliquei apenas um cartão amarelo para Thiago, pois ele colocou a mão na bola intencionalmente.

*C.O.: A minha grande alegria foi em relação ao Lúcio e ao Manuel, que aproveitaram muito o futebol. Mesmo sendo deficientes mentais, as pessoas respeitaram e eles participaram das partidas. É muito emocionante ver deficientes brincando com as outras pessoas, mais do que isso, como é bom perceber o respeito entre eles.*

Durante o futebol, as crianças menores que não quiseram participar do jogo, ficaram no palco atrás da quadra brincando de casinha e com alguns brinquedos que ficam na ECO.

Depois de encerrado o futebol, fomos para o caracol para entregarmos as bexiguinhas para as crianças.

Quando fomos chamados para entrarmos na salinha a alegria foi geral, as crianças ficaram impressionadas com o tamanho do bolo e seu enfeite colorido. Chamamos então os aniversariantes um por um e para ficarem na parte de trás da mesa. Os outros ficaram na parte da frente e cantamos o parabéns com muita energia e empolgação.

Ao final da vivência todos sentaram em suas cadeiras e se deliciaram com cachorro quente, bolo e suco. Por fim, gostaria de ressaltar o prazer, a alegria, a empolgação dos participantes nesse dia e agradecer todos educadores que ajudaram na preparação da festinha, que mais uma vez foi um sucesso. Cada dia mais fica parecendo que todas as pessoas envolvidas nos projetos (educadores, funcionários, participantes e familiares) formam uma grande família, que para mim é maravilhosa.

**Diário 42 - 30/08/2007**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 16:00h**  
**ECO e praça Pardinho**

### **PASSEIO... PRAÇA... NATUREZA... LIBERDADE...**

Amanheceu. São 7:30h da manhã e já acordo pensando no passeio para a praça do Pardinho. Sempre que vamos fazer um passeio, por mais perto que seja, fico numa ansiedade tremenda por poder conhecer outros lugares. No caminho à ECO passo em um distribuidor de bebidas e compro um refrigerante de laranja para nosso piquenique e depois sigo em direção ao Jardim Gonzaga.

Ao chegar à Estação Comunitária do Jardim Gonzaga, sou recebido com muita festa e abraços carinhosos. Minha primeira fala é para ver como está o clima dos participantes para o passeio. E a resposta deles é como imaginava: muito entusiasmo e ansiedade. Pergunto então se eles haviam trazido o lanche e a bebida para fazermos o piquenique. Nessa hora, vejo em vários olhos e por meio de respostas claras e diretas o pouco número de pessoas que havia levado alguma coisa. Os que não puderam levar diziam: “professor, minha mãe não tem dinheiro para comprar nada”, “não tinha nada em casa para eu trazer”. É com muita tristeza que recebo essas

informações e reflito o como é importante o lanche que entregamos no final da vivência. Acredito que se fosse para outro público o lanche não teria a tamanha importância que tem no nosso projeto (D42-1).

Peço então que todos me acompanhem para dentro da ECO para conversarmos antes da nossa saída. Nesse meio tempo converso com a Maria e com as professoras Talita e Karina que preferem que o lanche seja servido na ECO e não na própria pracinha.

Enquanto conversávamos a Teresa chega perto da gente e pergunta se nós iríamos passear, pois o Lucas tinha pegado um saquinho com pães e um pacote de bolacha sem comentar com ela. Falei para a mãe que iríamos passear e ela começou a dar risada sobre a atitude do filho, que por conta própria já tinha se organizado.

Depois de todos esses acontecimentos, juntamos cerca de trinta crianças e adolescentes na quadra e começamos a conversar sobre o passeio. Falamos da necessidade de andarmos juntos, do cuidado com os carros e principalmente para os mais velhos ajudarem os mais novos. Já quase no final da conversa o Gabriel percebe que o Fabiano chega de moto e todos vão correndo na sua direção, gritando seu nome. Outro que vai participar do nosso passeio e que eu havia esquecido de falar é o José Vicente, professor de Dama e Xadrez, que participa nas manhãs de terça-feira e que por algum motivo faltou e veio repor hoje.

Na saída para a pracinha, fiquei emocionado em ver tantos participantes e educadores caminhando juntos pelas ruas do bairro conversando e brincando. A praça do pardinho fica no bairro do Monte Carlo, quinze minutos de caminhada da ECO. Durante a maior parte do trajeto estamos rodeado pelo “buracão”, que ao mesmo tempo nos mostra uma beleza extraordinária e trechos com muitas queimadas e sujeira.

Também nesse percurso fomos passando pelas casas de alguns participantes que faziam questão de mostrar onde moravam e apresentar seus familiares. Além disso, adorei o caminho, pois fui conhecendo lugares que nem imaginava que existia. Desses lugares o que mais me chamou a atenção foi uma pracinha redonda rodeadas por casas. Achei a pracinha muito bonita e nela estava brincando várias crianças de pega-pega, acompanhadas pelos olhares dos adultos.

Nas proximidades da pracinha do Pardinho, os participantes já saíram correndo para irem ao parquinho. A praça é muito grande e possui vários espaços, como: um parquinho com areia, um campo de futebol de terra batida, várias árvores, vários bancos e iluminação. Enquanto uma turma ficava no parquinho brincando, outros ficaram brincando de vôlei em círculo e outro grupo veio me pedir para irmos à nascente. Perguntei onde era a nascente e eles me falaram que era preciso descer alguns metros do buracão para chegar. Achei a idéia ótima e fui chamar o José Vicente para me acompanhar. No total foram 12 participantes, entre eles tinha um pessoal que conhecia e outro que nunca havia ido.

O passeio foi repleto de aventuras. Nossos guias, Valdir, Otávio e Marcelo nos levaram para o início da trilha. O lugar era lindo, uma mata toda fechada com um caminho, no qual tínhamos que andar em fila indiana. Quase trezentos metros abaixo, tivemos a primeira surpresa. Quando olhei para minha calça, ela estava com cerca de vinte carrapatos. Confesso que na hora fiquei muito assustado, pois já havia pegado vários em muitas fazendas e passeios em matas e, em todas às vezes, deram muito trabalho para serem retirados. Na hora comecei a tirá-los da calça e avisar aos participantes. Todos estavam cheios de carrapatos e o Lucas assustado começou a chorar. Então perguntei se eles queriam voltar, mas, como bons aventureiros, todos decidiram continuar.

Fomos passando por vários lugares lindos, sempre olhando para a calça para ver se aparecia mais algum carrapato. Quase chegando à nascente percebi que estávamos muito próximo do bairro Cidade Aracy e perguntei se eles em algum final de semana não queriam caminhar mais por essas trilhas. Todos adoraram a idéia, mas a vontade deles no momento era a de nos mostrar a nascente.

O último desafio foi uma decida muito íngreme que levava até a nascente. Confesso que fiquei maravilhado com o lugar. Era um filete de água transparente de cerca de cinquenta centímetros. Alguns participantes ficaram molhando os pés e olhando, outros continuaram a andar acompanhando o curso da água. De repente o Marcelo veio me chamar para ir ver o tamanho do riacho que eles tinham achado. Corremos para lá e quando chegamos era visível à tristeza de todos. Isso porque o riacho, com cerca de cinco metros de largura, estava todo poluído e cheirando mal.

O José Vicente ficou bastante comovido e chamou todos para falar sobre os dois momentos que havíamos vivenciado. Ele perguntou para os participantes o porquê daquela diferença entre as águas e eles responderam que uma estava nascendo da terra, e por isso estava limpa e a outra vinha de outros lugares onde era jogado o esgoto. A resposta estava certa, mas o José Vicente foi além e chamou a atenção para cuidarmos de nossas águas, pois um dia poderá faltar.

Percebemos que estávamos atrasados para voltar para a pracinha e sem poder descer mais pela trilha, pegamos o caminho de volta. O primeiro desafio foi a subida íngreme que com muita calma foi superada. Depois no meio do percurso os participantes reconheceram uma árvore de Jatobá que estava cheia de frutos. Fiquei novamente maravilhado, pois nunca havia visto essa fruta, muito menos sua árvore. Ficamos cerca de cinco minutos apanhando com pedras as frutas e logo em seguida continuamos nosso percurso. Para não passar pelo ninho de carrapatos, achamos melhor pegar uma outra trilha mais longa, porém segura. Na nossa chegada a

pracinha todos participantes aprovaram a caminhada até a nascente e foram correndo contar os acontecimentos para as outras pessoas.

Comigo e com o José Vicente não foi diferente. Quando chegamos ao local onde estavam os outros educadores, fomos logo contando as aventuras, principalmente dos carrapatos. A Karina ficou assustada com a notícia e disse que se depender dela, nunca mais vai descer nessas trilhas. A Talita nos contou que as pessoas que não tinham descido ficaram brincando no parquinho e com a bola, e disse também que quem tinha levado o lanche e a bebida já tinha feito o piquenique.

Ficamos mais uns cinco minutos conversando e depois fomos chamando as crianças e adolescentes para voltarmos à ECO. No caminho fomos perguntando o que eles tinham achado do passeio e todos responderam que adoraram e sempre que fosse possível gostariam de retornar ao local.

Quando chegamos, pedimos para que todos sentassem no caracol para decidirmos as brincadeiras da próxima vivência. A primeira brincadeira citada foi o Garrafobol e a segunda com a aceitação de todos foi um caça ao tesouro. Ficou decidido que seriam as duas brincadeiras, mas em seguida perguntei qual pirata eles queriam que viesse no bairro, um pirata dos EUA, um da Europa, ou um da África. E todos responderam, sem exceção, que queriam que viesse um pirata da África.

Depois fomos todos para a salinha rezar e comer arroz doce. Conversamos mais um pouco e depois todos voltaram para suas casas.

Na parte da tarde a minha chegada à ECO foi muito parecida com a da manhã. Fui recebido com muita festa e abraços, além de poucos participantes estarem com o lanche e a bebida para o piquenique. E os motivos também eram os mesmos. Falta de dinheiro e de alimentos em casa.

Mas a diferença estava no número maior de participantes (40) e de crianças menores (entre 4 e 6 anos). Logo em seguida entrei abraçado com alguns participantes e fui falar oi para a Talita e para a Amanda. Ao encontrar a Talita, ela me avisou que a Amanda estava viajando com a sua equipe de treinamento e que, por essa razão, não viria, sendo que nós dois ficaríamos como os únicos responsáveis pelo passeio.

Reunimos todos no centro da quadra e conversamos um pouco sobre o passeio da manhã, sobre a necessidade de andarmos juntos, do cuidado com os carros e principalmente para os mais velhos ajudarem os mais novos no percurso.

Como estávamos em um número menor de educadores, durante o percurso íamos chamando as pessoas que se adiantavam um pouco ou que ficavam para traz. Em um momento, quando íamos atravessar uma ponte, algumas pessoas pediram para passar por debaixo dela. Como não havia perigo, permitimos que o fizessem. Depois do primeiro, todos quiseram ir. Foi muito legal ver os mais velhos ajudando os mais novos a descerem embaixo da ponte. Até eu e a Talita fomos convencidos de atravessar.

Depois da aventura, continuamos nosso passeio em direção a Praça do Pardinho. Quando chegamos, diferentemente da parte da manhã, a Praça estava cheia de crianças e adultos. Os participantes foram logo se conhecendo e brincando juntos. Os meninos que são apaixonados por futebol foram logo para o campo de terra batida, as crianças menores foram para o parquinho brincar e o grupinho da Isadora, da Vanessa e da Bia foram fazer o piquenique em baixo de uma árvore.

Eu e a Talita ficamos sentados em baixo de uma árvore observando os participantes. Em todos os momentos nós estávamos rodeados de pessoas, que subiam na árvore, jogavam vôlei e soltavam pipa. Como fazia tempo que não soltava pipa, pedi para o Richarlison que deixasse eu soltar um pouquinho. O vento estava tão forte que foi fácil empinar a pipa. Já quando ela estava no ar, as crianças queriam me ensinar, a todo custo, a “desbicar” a pipa. Depois de muitas tentativas eu consegui “desbicar” para a alegria das crianças. Foi muito gostoso soltar pipa, coisa que eu não fazia há anos.

Já em relação ao passeio à nascente, preferi não realizar devido ao número grande de crianças pequenas e ao número pequeno de educadores e principalmente devido aos problemas com os carrapatos. Entretanto, em uma próxima oportunidade farei questão de mostrar as diferenças das águas da nascente e do riacho.

Chegando perto do horário de voltar, a Isadora começou a brigar com os amigos da sua turminha. A Vanessa, a Bia, e o Wilian. Quando notei que eles estavam brigando chamei a Isadora e perguntei o que tinha acontecido. Ela disse que a Bia tinha jogado água nela e que todos estavam querendo bater nela. Nervoso, fui perguntar para o grupinho o porque da briga e todos falaram que a Isadora estava muito chata, briguenta e que eles não eram mais amigos dela.

As provocações duraram todo o percurso de volta, ainda que, a toda hora, chamasse a atenção dos envolvidos. Quando chegamos à ECO chamei as pessoas envolvidas e nos reunimos na sala de materiais esportivos e recreativos para conversar. O grupo continuou dizendo que não ia ser mais amigo da Isadora e que iria bater nela. Com muita calma falei para que parassem com os xingamentos e as ameaças, pois se continuassem, tomaria outras providências mais drásticas. Ainda com expressões faciais de nervosismo eles concordaram e prometeram que iriam parar.

*C.O.: A Isadora durante as minhas vivências de 2007, sempre foi briguenta e mandona. Mas ela sempre teve o apoio desse grupinho. Foi a primeira vez que há vejo nessa situação de vítima e vindo me abraçar para chorar. Confesso que não tive pena dela e nem dei razão para as outras pessoas, simplesmente pedi para eles pararem com as discussões e as brigas, que na minha opinião não leva a nada.*

Depois da conversa, liberei todos para a sala onde as outras pessoas já estavam tomando lanche deixando, assim, nesse dia, de conversar sobre as brincadeiras da vivência seguinte. Os participantes comeram arroz doce e depois voltaram para suas casas. Ao chegar no meu carro, havia quinze pessoas me esperando. Quando destravei o alarme, os quinze entraram no meu carro e não queriam sair. Só depois de muita conversa e paciência eles deixaram que voltasse para casa.

**Diário 43 - 13/09/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

Não participei dos projetos. Fui para Ribeirão Preto.

**Diário 44 - 27/09/2007**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 16:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **O PIRATA VOLTOU E A VARIEDADE DE BRINCADEIRAS TAMBÉM.**

Depois de uma semana corrida, uma vez que entreguei minha dissertação para a qualificação na quarta-feira, venho para o Jardim Gonzaga muito aliviado. Ao chegar à ECO fiquei surpreso com o número grande de crianças e participantes logo às 8:00h. Em algumas vivências anteriores, eles estavam chegando um pouco atrasados, por volta das 8:30h.

Estava empolgado em realizar o caça ao tesouro. Havia levado a fantasia do pirata, as pistas e tesouro, que era recheado com bombons e salgadinhos. É bom ressaltar que o tesouro não ia ficar apenas com um grupo de participantes, mas sim para todos. A própria dinâmica do jogo diferente. Ao invés de dividir em equipes, os participantes tinham que andar juntos para encontrar as pistas e, conseqüentemente, o tesouro.

Quando expliquei o jogo, dizendo que há milhares de anos atrás o Jardim Gonzaga era habitado pelo povoado de Garamond e que o buracão era cheio de água do mar, os participantes entraram no clima da brincadeira, que contou com a ajuda da educadora Talita e da Karina. O Fabiano não foi nesse dia, pois “perdeu” o horário de acordar.

O povoado de Garmond foi extinto devido à invasão brutal do pirata “Ó do Borogodó”, um dos mais terríveis piratas de todos os tempos, e ele está de volta, pois depois de sua morte ele não consegue descansar em paz devido ao mal que fez. Sua única saída é ajudar um grupo de crianças e adolescentes a achar um de seus tesouros escondidos, tarefa que não será fácil, pois ele mesmo não lembra muito bem.

Ao me apresentar vestido de pirata, alguns participantes riam, outros ficavam com caras de surpresos. O desenvolvimento do jogo foi tranquilo. Fiz várias brincadeiras com eles, ensinei a música favorita do “Ó do Borogodó” e eles tiveram que correr muito para acharem as pistas e o tesouro. Ao final, forneci a última pista e eles encontraram uma caixa de sapato na sala da Maria. Nesse momento a euforia tomou conta de todos. Havia encontrado o tesouro, mas ainda não sabiam o que havia dentro da caixa. Quando abriram e descobriram que eram bombons e salgadinhos, já quiseram ir logo pegando.

Foi aí que o pirata entrou novamente em ação. Pedi para eles o tesouro e também para todos sentarem, pois o próprio pirata ia distribuí-lo. Fiquei contente com o comportamento deles em ficarem sentados sem pressa para ganharem o tesouro. No final agradei aos meus queridos amigos por me ajudar a poder, enfim, descansar em paz e logo depois tirei a fantasia na frente dos participantes.

Durante a atividade, a Daniela e a Vivian do Projeto “Anime-se” chegaram à Eco e nos ajudaram no caça ao tesouro. As duas vão, novamente, desenvolver o projeto às quintas-feiras. Nos meses de Agosto e começo de Setembro eles estavam vindo às quartas e sextas-feiras.

Logo em seguida fomos todos para o caracol para dialogarmos sobre as atividades que ainda poderíamos desenvolver. Ficaram decididas várias atividades. Com a Daniela e a Vivian, os participantes iam aprender a fazer Origami. Comigo, eles construiriam matérias para o jornal. E com a Talita e a Karina, eles iriam brincar de futebol na quadra.

Eu fiquei no próprio caracol e junto com a Juliana, a Keith e a Clara, o Márcio e o Ramiro. A Keith e a Clara contaram um pouco dos espaços dos projetos. A outra matéria foi uma entrevista com a Clara, feita por mim e pela Juliana.

Quando acabamos de escrever as matérias faltavam cinco minutos para o lanche, e nesse intervalo de tempo fomos ver os outros participantes fazerem Origami. Quando cheguei lá fiquei surpreso com número grande de pessoas. Havia cerca de vinte crianças e adolescentes fazendo dobraduras com o papel. O que eles mais fizeram foi o cata-vento, que ao final eles ainda pintavam. Já o futebol teve seu público de sempre. Conversando com a Talita e a Karina, elas disseram que foi muito tranquilo e gostoso.

Antes de servirmos o lanche, dialogamos sobre as atividades da próxima semana. Ficou combinado que faríamos o Pé na lata e polícia e ladrão. Depois da conversa servimos macarrão com suco e, ao final, todos ganharam uma banana.

O período da tarde foi muito gostoso, pois tivemos uma boa surpresa no meio da vivência que contarei mais à frente.

Começamos a vivência sentados no caracol, conversando sobre vários assuntos e também sobre as brincadeiras que iríamos desenvolver. Conforme combinado na semana anterior, ficou decidido brincarmos de Salva, pega-pega ajuda e pé na lata.

A primeira brincadeira desenvolvida foi o Salva. Os próprios participantes se dividiram em duas equipes e explicaram o jogo. No salva uma equipe vai se esconder e a outra conta até dez para pegar. Após 10 segundos os pegadores podem ir pegar, tendo que bater a mão três vezes nas costas do fugitivo. Quando pego o fugitivo é levado ao pilar em frente ao caracol que simboliza uma “cadeia”, de onde só pode sair quando algum fugitivo livre relasse em um deles. Depois de todos os fugitivos serem capturados trocavam-se as posições: quem era pegador vira fugitivo e vice-versa.

Ficamos meia hora brincando de salva. Na primeira partida a minha equipe começou fugindo, mas rapidamente a outra equipe capturou todos nós. Quando inverteu, pensamos que a história seria a mesma, mas não foi. Ficamos mais de vinte minutos tentando capturar todo mundo. Quase conseguimos, mas quando faltavam poucas pessoas, vinha alguém e salvava todo mundo. Ao final do jogo ficamos uns dez minutos sentados, conversando e descansando.

Enquanto descansávamos fomos interrompidos pelo Fabrício e pelo Faustão que tinham trazido uma surpresa para as crianças e adolescentes. Conversando com a gente, os dois falaram para os participantes que esse dia era dia de São Cosmo e Damião e que eles iriam entregar doces, balas e pirulitos.

Depois da notícia todos nós ficamos eufóricos e fomos para a rua receber as guloseimas. Foi muito divertido ver tantas crianças e adolescentes; alguns não eram do projeto e vieram pessoas também de outros bairros.

Para distribuir as guloseimas pedimos que todos sentassem. Foram entregues uma pipoca doce, duas balas e dois pirulitos para cada pessoa. No final sobrou um pouco de balas e pirulitos que foram jogados para cima e todos correram para garantir um pouco mais.

Na volta para a ECO, faltando meia hora para o lanche, pedimos para que todos sentassem no caracol para vermos o que seria feito nesse período. Lembrei do Jornalzinho e pedi para deixarmos o pique-esconde e o pé na lata para a próxima vivência. Metade do grupo foi me ajudar a fazer o jornal na salinha de multiuso. Já os outros ficaram brincando no parquinho e jogando futebol na quadra.

No início, as quinze pessoas que ficaram comportadas ajudando a ver quais temas seriam escritos nas matérias. Depois de uns cinco minutos a sala ficou uma bagunça. Havia pessoas que ficavam brincando com os colchões e outros que não paravam de brigar. Apenas um grupo de cinco pessoas ficou concentrado no jornal, mas como a bagunça atrapalhava muito, decidimos parar a atividade e conversarmos sobre comportamento.

*C.O.: A turma da tarde nunca ajudou a construir um jornalzinho. Devido a isso, achei melhor levar um jornalzinho construído com a ajuda dos participantes da manhã, para eles conhecerem melhor e aí sim depois ajudar na construção das outras edições.*

Encerrada nossa conversa, fomos para frente da cozinha pra tomarmos lanche. Sinceramente não gosto que os participantes fiquem sentados no chão comendo o lanche. Preferia como era antes e como é de manhã, todos na sala sentados em cadeiras.

Nesse dia foi servida bolacha com vitamina e, em seguida, todos retornaram para suas casas.

**Diário 45 - 04/10/2007**  
**Matheus Oliveira Santos**  
**08:00h às 16:00h**  
**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## ABORDAGEM POLICIAL. O JARDIM GONZAGA EM QUESTÃO.

Nessa quinta-feira tivemos a segunda reunião do “Centro de Referência da Assistência Social” (CRAS), realizado no Centro Comunitário do Pacaembu. O tema abordado foi a violência policial que teve como convidado o Major Silveira que realiza mestrado em educação, pela UFSCar, trabalhando com o tema da violência policial contra os negros.

A sala escolhida para a reunião ficou lotada com os funcionários e educadores dos Centros Comunitários do Pacaembu, Centro Comunitário Castelo Branco e da Estação Comunitária do Gonzaga. Apresentado pelo Fabiano, sua fala durante toda nossa conversa foi em relação à abordagem policial. No primeiro momento ele passou um vídeo educativo feito pela corporação, que mostrava o preconceito da sociedade e da própria polícia com os negros e pessoas de baixa renda quando é realizada a abordagem policial. Encerrado o vídeo, que tem duração de dez minutos, o Silveira falou que o que havíamos acabado de assistir, é exibido a todos policiais do Estado de São Paulo.

Depois ele começou a dizer que na polícia todas as pessoas têm que ser tratadas igualmente, mas que na prática isso não ocorre. E deu várias dicas sobre como se portar e agir durante uma abordagem com violência.

Logo em seguida a Maria (supervisora da ECO) contou suas vivências nada agradáveis com a polícia. Em sua fala ela lembrou das invasões de policiais à ECO, sem que eles fossem pedir autorização para entrar. Lembrou das agressões aos adolescentes e adultos que ocorriam em frente às crianças dos projetos. A Laura (supervisora do Centro Comunitário do Pacaembu) também falou das invasões ao Centro Comunitário, no qual os policiais apontavam a arma para os adolescentes e agrediam com socos e chutes. Toda vez que tentava intervir, os policiais faziam promessas de retaliações caso alguém falasse alguma coisa que estava acontecendo lá. Os funcionários da ECO, que são moradores do Jardim Gonzaga também falaram dos casos que vivenciaram, de agressão e desrespeito.

Enquanto essas pessoas citadas acima falavam, o Silveira mostrava qual era a melhor maneira para ajudar na diminuição desses casos. Ele mesmo prometeu levar um relatório da reunião para a maior autoridade da polícia, que fica em São Paulo, que por acaso é a cidade onde o Silveira mora, para que seja tomada alguma providência sobre o assunto.

Ao encerrar a reunião todos agradeceram muito sua presença e suas importantes informações. Algumas pessoas continuaram conversando com ele sobre o tema discutido.

*C.O.: Gostaria de ressaltar a importância da reunião. O Silveira ajudou muito a entendermos melhor sobre o que é permitido ou não na abordagem policial. Mas na minha opinião foi fundamental entendermos o que fazer caso vivenciemos uma violência policial.*

No período da tarde o projeto ocorreu normalmente. Cheguei a Eco às 14:00h e minha recepção mais uma vez foi calorosa. O Wilian, a Bia, a Ariadne e outras crianças e adolescentes foram correndo em direção ao meu carro para me abraçar. Levei vários tipos de abraços: abraços carinhosos, abraços na perna, abraços fortes e abraços em que a pessoa vem correndo e pula com tudo na suas costas.

O percurso até entrar na ECO é muito produtivo. Nele nós vamos de mãos dadas conversando sobre as novidades e o dia-a-dia. Em seguida fui cumprimentar os funcionários Marcão e a Maria Eduarda, além das educadoras Amanda e Talita. Mas a pessoa que mais fiquei feliz em ver foi a Maria. Mesmo a vendo no período da manhã, no Centro Comunitário do Pacaembu, fazia três semanas que não a encontrava na ECO, e estava com muitas saudades de ouvir sua voz falando com os participantes.

Depois fomos todos sentar no caracol para conversarmos sobre as atividades. Como na semana passada ficou faltando realizar algumas atividades, ficou decidido realizarmos o esconde-esconde e o pega-ajuda. Também ficou decidida a entrega do jornalzinho para que lessem e colorissem.

No esconde-esconde comecei “batendo cara” e os 35 participantes foram se esconder. A brincadeira durou uns 30 minutos e o que chamou minha atenção foi a permanência de todos participantes durante todo o tempo.

Ao encerrar a brincadeira, sentamos em volta do “piques” para descansar e conversar. Logo em seguida fomos para a quadra para brincarmos de pega-pega ajuda que durou cerca de 20 minutos e contou com todos os participantes.

A última atividade realizada foi o jornalzinho. Pedimos para que todos sentassem na quadra e fui distribuindo um jornal para cada e pedi que em grupos eles lessem e colorissem os escudos dos times do São Paulo, Santos, Palmeira e Corinthians, os quatro times com maior torcida no Estado de São Paulo.

A pintura foi um sucesso. Todos ficaram pintando compenetrados na atividade, mas foram poucas crianças e adolescentes que tiveram a iniciativa de ler o jornal. Fico muito chateado pelo pouco número de participantes que se interessam pela leitura. Quando solicitei que lessem, muitos alegaram não gostar de leitura.

Acho muito importante os projetos incentivarem a leitura, mas irei conversar com os outros educadores para vermos, juntos, o que podemos fazer para ajudar (D45-1).

Quando os participantes terminavam de ler e pintar, eu guardei o jornalzinho para ser entregue novamente depois do lanche.

O lanche nesse dia foi servido dentro da sala e antes de ser entregue nós conversamos sobre as atividades para a próxima semana. Decidimos que cada um irá trazer uma garrafa pet para confeccionarmos brinquedos com elas. No lanche os participantes receberam bolachas e um copo de vitamina. Ao encerrarem todos voltaram para suas casas.

**Diário 46 - 04/03/2008**

**Matheus Oliveira Santos**

**09:00h às 11:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **PREPARATIVOS PARA 2008.**

Para organizar o funcionamento dos projetos “Campeões na Rua” e “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” foi realizada essa reunião com a minha presença, a do Tadeu, Diná, Dulcinéia e Maria.

Foram apresentados os novos educadores. A única educadora da prefeitura a permanecer é a Amanda. Para fazer parceria com ela na parte da tarde, foi chamada a educadora Tina. De manhã temos a volta da educadora Diná, que participou dos projetos no ano de 2006 e para fazer parceria com ela o educador Tadeu.

Informei a todos que o Fabiano iria continuar no projeto e que teríamos um novo bolsista, o Maurício que cursa o terceiro ano de Educação Física na UFSCar.

Na reunião ficou decidido que as atividades na parte da manhã teriam início às 8:00h, com o lanche na sala de multiuso, que irá durar 30 minutos. Depois teríamos as atividades, as brincadeiras e os jogos que terminariam às 11:00h. Na parte da tarde o início das atividades, brincadeiras e jogos seria às 14:00h. Às 16:30h todos tomariam o lanche e às 17:00h encerrariam-se os projetos.

Ficou combinado que quem chegar atrasado não poderá participara das atividades daquela vivência. Também ficou combinado que após o lanche todos os participantes terão que escovar os dentes com a escova e a pasta que a prefeitura irá doar.

Espero que nesse ano tudo ocorra da melhor forma possível.

**Diário 47 - 13/03/2008**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 17:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

### **VOLTANDO DAS FÉRIAS: MUITAS SAUDADES**

Com uma ansiedade muito grande para dar início a mais um ano de projeto, acordo às 6:00h da manhã e não consigo voltar a dormir, permaneço na cama pensando em várias situações que ocorreram nesses anos de inserção. Nesse ano pensamos em várias mudanças na estruturação dos projetos e nas regras a serem seguidas, conforme relatado no diário de campo anterior, mas a minha maior expectativa é com a participação do novo educador Maurício, que se mostrou muito interessado em participar do projeto.

Ao sair da minha cama (7:30h), vejo que o dia está muito chuvoso o que afastaria os participantes do projeto. Antes de ir para o Gonzaga de carro, passo na UFSCar para buscar o Maurício, que havia combinado comigo às 7:40h na rotatória da Universidade. No caminho até o Gonzaga nós fomos conversando sobre o projeto e ele contou ter lido alguns artigos que havíamos publicado sobre o projeto.

Ao chegar à ECO por volta das 8:00h, com muita chuva, fui recebido por cerca de 6 crianças que ao me verem fizeram uma grande festa, me abraçando e pendurando em mim. Sempre que vinha uma pessoa me cumprimentar eu fazia questão de apresentar o Maurício. A minha surpresa foi em relação à aceitação, logo de cara, das pessoas (professores, auxiliares de limpeza, crianças, adolescentes, mães) em relação ao novo educador.

Como estava chovendo muito, fomos para a sala de multiuso para dialogarmos sobre o início do projeto. Lá, já estavam os educadores Tadeu e Diná com algumas crianças. Os dois estavam preparando o lanche (pão com patê e leite com achocolatado) que agora será servido no início. Enquanto eles tomavam o café fui conversando com alguns participantes sobre as férias e ao mesmo tempo ficava muito feliz em poder estar com eles novamente. Pude notar também a iniciativa do Maurício em servir o lanche e conversar com as pessoas. Ao meu ver, isso demonstra que ele está muito motivado. Logo após o lanche os participantes tiveram que ir

escovar os dentes. Eles pegavam a escova, que fica pendurada em um pedaço de pano TNT com o nome logo abaixo, e o Tadeu ia colocando a pasta.

No momento em que todos voltaram, pedi que sentassem em volta da mesa para conversarmos sobre as mudanças e as novidades. Todas as mudanças foram aceitas pelos participantes, que me surpreenderam ao dialogarem bastante sem se dispersarem. Apenas o Jordan não me respeitava quando solicitava que prestasse atenção. A novidade que eles mais gostaram foi saber que eles iriam ganhar um conjunto de camiseta e bermuda do projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”. Muitos até lembraram que eles já haviam ganhado um uniforme parecido, usado anos atrás.

Depois de muito diálogo fomos realizar a primeira brincadeira, que na ocasião foi proposta por mim. A brincadeira chama-se jogo do Crachá e o objetivo é conhecer alguns gostos das pessoas e de integrar o grupo.

Todos os participantes e educadores ganharam uma folha de papel A4 e uma canetinha. Pedi então, que dividissem as folhas em quatro partes. Em cada parte, deveria ser escrito algo. Na primeira era para colocar o nome ou apelido, na segunda era para colocar a cor favorita, na terceira parte a comida favorita e na quarta parte o time do coração.

Nesse tempo de preparação da brincadeira, fiquei feliz em ver que algumas crianças já sabiam escrever bem, ajudando os menores. Ao esmo tempo, fiquei preocupado com a dificuldade de algumas crianças, com mais de dez anos, em conseguir escrever. Muitas palavras erradas e muitos pedidos de novas folhas para que fosse escrito corretamente. Nesse momento, também foi possível perceber que algumas pessoas se dispensavam e ficavam conversando entre si, como foi o caso do Jordan e do Itamar.

Quando todos já haviam preparado o papel com os escritos, coleí a folha no peito das pessoas, com fita crepe, e comecei a explicar como seria a brincadeira. Ao colocar uma música (leveí minhas caixinhas de som do computador e plugueí no meu celular que toca músicas no formato MP3) eles tinham que dançar e olhar para os crachás (folhas) das outras pessoas e, ao encerrar a música, daria um comando, por exemplo, para reunir todas as pessoas que gostam da mesma comida.

Na brincadeira, enquanto a música tocava alguns dançavam, outros conversavam e outros ficavam na frente da caixa de som para ficar ouvindo a música melhor. Na hora que era para reunir, parecia um mercado, onde as pessoas ficavam procurando as pessoas que tinham o mesmo gosto para formarem os grupos. O momento de maior vibração na brincadeira foi quando eu pedi para que eles formassem grupos com pessoas que torciam pelo mesmo time. A maior torcida dos participantes daquele dia (cerca de dez crianças) era de Corintianos, sete eram São Paulinos com mais quatro educadores e um era Santista. Fiquei surpreso por não haver nenhum Palmeirense no grupo.

Vale lembrar que o número de participantes aumentou durante a vivência devido ao término da chuva. Essas pessoas foram informadas que na próxima semana quem chegar atrasado não vai poder participar.

Depois da brincadeira, reunimos novamente todos na mesa para decidirmos do que brincaríamos até o final da vivência. Sugerí fazer um mural para lembrar todos participantes e educadores das brincadeiras/atividades/jogos que seriam realizadas em cada semana. Alguns meninos pediram para ficar escutando músicas e os demais preferiam pular corda.

Como todas essas atividades poderiam ser realizadas sem nenhuma atrapalhar a outra, dividimos as pessoas em grupos e fomos brincar. Na sala fiquei eu com algumas crianças que me ajudaram a fazer o mural, fazendo desenhos e decorando para deixá-lo bem bonito. Além do mural, ficaram alguns escutando músicas. As músicas mais tocadas eram o Funk e o Rap.

Os outros educadores e participantes ficaram ao lado do caracol pulando corda. Quando saí da sala para colocar o mural ao lado do caracol, fiquei impressionado com a animação das crianças e o respeito da fila enquanto pulavam corda.

Faltando meia hora para às 11:30h, fomos todos para a sala multiuso para decidirmos o que iríamos realizar na próxima semana. As pessoas que ficaram ouvindo música sugeriram acompanhar também a música cantando no microfone. Como eu tenho uma caixa amplificadora e um microfone, todos acharam a idéia muito boa. Outro grupo de pessoas pediu para brincar de caça ao tesouro, que teve a aceitação de todas as pessoas, inclusive dos que queriam cantar. Um último grupo pediu para brincar de Pé na Lata.

As três brincadeiras foram aprovadas e serão realizadas em momentos distintos no intuito que todos participem. Logo depois, os participantes receberam uma banana e foram para casa para se prepararem para ir à escola.

Ao meio dia, eu e o Maurício fomos para o Centro Comunitário almoçar. Não imaginava a saudade que sentia daquela e também das conversas com a Rosa, a Laura e a Lurdes. O Maurício também adorou o almoço, fazendo um discurso comovente agradecendo as três pela possibilidade de poder almoçar lá.

Quando voltamos às 14:00h para o projeto, fiquei surpreso com o tanto de crianças que participavam em 2007 no período da manhã e que agora estão no período da tarde, “figuras” como o Gabriel, a Juliana e o Rafael. Novamente, fui recebido com muita festa, o que me deixa muito feliz.



No período da tarde havia um número bem maior de crianças em relação ao período da manhã, totalizando 32 participantes. Essa turma, também acolheu muito bem o Maurício.

No início fizemos o mesmo trabalho feito durante o período da manhã. Fomos para a sala e conversamos sobre as novas regras, sobre o uniforme e depois fomos fazer o jogo do crachá. Por ter mais pessoas o grupo parecia mais disperso e eufóricos, tendo que às vezes ser duro para conseguir o silêncio, a atenção de todos. Mas o jogo foi um sucesso igual à turma da manhã. Um diferencial foi o número maior de Corintianos, que eram quase a maioria, mas tinha um número grande de São Paulinos também, graças aos educadores. Dessa vez, havia dois Palmeirenses para fazer a festa.

Depois de encerrada a brincadeira, sentamos à mesa e a maioria decidiu jogar queimada tradicional. É impressionante o tanto que eles gostam desse jogo (D47-1). Os 32 participantes aderiram à atividade, desde crianças de 05 anos até 12 anos. Na primeira rodada a única discussão aconteceu quando a Kelen foi queimada e ela não queria ir para o morto. Na verdade ela queria que outra pessoa fosse no lugar dela, mas não deixei, pois quem tinha sido queimado era ela.

Já na segunda partida, fizemos algumas alterações nas regras. Ao invés de brincarmos de queima tradicional, achamos melhor mudar uma regra. Em cada equipe seria escolhida uma pessoa (conhecida como “super pessoa”) que se fosse queimada em qualquer momento da partida, terminava o jogo, dando a vitória para a equipe que queimou.

Mas ao ter que escolher uma pessoa as discussões voltaram. Na minha equipe havia um monte de criança que queria ser a “super pessoa” e todos aceitaram tirar na sorte.

Depois dos ânimos acalmados, o jogo começou e logo na segunda pessoa que minha equipe queimou era a “super pessoa”, terminado assim o jogo.

Faltando trinta minutos para às 17:00h, pedimos que todos lavassem as mãos para tomar o lanche e escolher as brincadeiras. Como as brincadeiras escolhidas durante a manhã já estavam no mural, houve uma influência muito grande nas escolhas da turma da tarde. Eles queriam cantar Rap e brincar de caça ao tesouro. Mas, um grupo de crianças pequenas pediu para brincar de mãe da rua e os mais velhos de queimada “garrafobol”. Depois de muito diálogo para ver quais dessas brincadeiras iriam fazer parte da programação, todos acharam melhor realizar tudo.

Ao final, eles comeram pão com patê e leite achocolatado e um pedaço de banana.

Na volta para casa, perguntei se o Maurício havia gostado do projeto e sua resposta foi que adorou, mas ficou surpreso com as brigas que aconteciam em todos os momentos e que depois de cinco minutos os que brigavam, estavam abraçando e também brincando. Por volta das 17:20h cheguei em minha casa.

**Diário 48 - 20/03/2008**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 17:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **CAÇA AO TESOURO E PÁSCOA: UMA VIVÊNCIA INESQUECÍVEL**

No segundo dia do projeto, estava muito empolgado, pois iríamos entregar os uniformes para as crianças e adolescentes. Nesse dia não precisei buscar o Maurício, pois ele viria de moto com o Fabiano.

Meu carro ficou lotado de caixas com camisetas e bermudas, além da caixa amplificadora para que os participantes pudessem cantar rap (uma das atividades escolhidas por eles para esse dia).

Ao chegar à ECO (8:00h) os participantes correram em direção ao carro para me cumprimentar. Eles já vieram perguntando dos uniformes e eu achei melhor deixá-los no carro e pegá-los depois para não causar muita afobação entre as pessoas. A única coisa que desci foi a caixa amplificadora, o microfone, o som e a máquina fotográfica para registrar tudo.

Na primeira parte do projeto, todos foram para a sala multiuso para tomar lanche. Nesse dia tinha pão com manteiga e leite com achocolatado.

*C.O.: Estou achando muito interessante o lanche ser no início, pois os participantes chegam no horário e também por ser um momento onde participantes, professores e funcionários ficam conversando, o que traz várias aprendizagens e fortalece as amizades (D48-1).*

Ao encerrar o lanche, as crianças e os adolescentes só falavam em brincar de caça ao tesouro. Enquanto fui me fantasiar de pirata, o Fabiano explicou a brincadeira (as crianças ao saírem da sala tinham que me encontrar para que o pirata pedisse ajuda para encontrar os quatro panos mágicos, que juntos informaria o local do tesouro).

Quando a brincadeira começou, logo me encontraram e a maioria já sabia que eu era o personagem. Quando eles iam me chamar pelo meu nome eu dava uma bronca e dizia que meu nome era “Ó do Borogodó”. Todos adoraram o nome e principalmente a brincadeira.

Após me apresentar comecei a dar as dicas do local onde estavam os panos, o Maurício ia junto com os participantes procurar e o Fabiano ia tirando as fotos.

Ao final, quando todos acharam os panos, criei uma pista para que achassem também o tesouro. Ao encontrarem, todos ficaram curiosos em saber o que era o tesouro. O tesouro era um estojo para cada pessoa, que foram doados pelo colégio Dom Bosco que infelizmente foi fechado por dificuldades financeiras. Pensei que eles não iam gostar do tesouro, mas para minha surpresa eles adoraram.

Logo depois da brincadeira, fui me trocar enquanto o Fabiano continuava a conversa com o grupo. As outras atividades que havíamos combinado para esse dia era o pé na lata e cantar rap. O Maurício e o Fabiano foram para a quadra brincar de pé na lata e me disseram depois que foi muito divertido e que todos ficaram até o final brincando. Enquanto isso na sala de multiuso, os outros participantes ficaram comigo cantando rap. Eu liguei a caixa amplificadora com o microfone e o aparelho de som e colocava as músicas que eles iam escolhendo para eles cantarem. Não foi só o rap que fez sucesso, mas também o funk, principalmente a música do Creu. Foi interessante ver os mais velhos passando a vez para os menores cantarem e o que me deixou mais surpreso foi eles saberem muitos raps e funks inteiros, sem errar nada.

A Diná e o Tadeu ficaram todo o período da manhã preparando a lembrança de páscoa que seria um porta- caneta.

Quando faltava meia hora para às 11:00h, chamamos todos para a sala de multiuso para entregar os uniformes, a porta caneta e o ovo de páscoa doado pela prefeitura.

Começamos entregando os uniformes. Os primeiros a receberem foram os menores. Foi gratificante ver tantos rostos alegres, recebendo os uniformes. Ao final quando iríamos entregar os ovos com a lembrança, tivemos uma notícia chata. A prefeitura havia levado apenas dez ovos para a ECO e o restante estava com a Maria que iria trazer os outros apenas no período da tarde. Final das contas, os participantes ficaram sem os ovos, mas irão receber na segunda-feira. Mesmo assim todos ficaram muito chateados.

Às 11:10h todos voltaram para casa e eu e o Maurício fomos para o Centro Comunitário do Pacaembu almoçar. Para a próxima vivência ficou combinado o garrafobol, pé de lata e festival de pega-pega.

No período da tarde fiquei surpreso com o número grande de pessoas (40) que havia na ECO para participar dos projetos. A recepção minha e do Maurício foi novamente muito calorosa, as crianças e os adolescentes abraçavam, pulavam, puxavam, enfim faziam a maior festa. Eles estavam ansiosos, pois sabiam que iam ganhar os uniformes, os ovos de páscoa e um brinde no caça ao tesouro.

Quando todos educadores chegaram à ECO fomos para a sala de multiuso conversar com os participantes. Eles lembraram de todas as atividades combinadas na semana anterior. Sugeri começar com a mãe da rua e a maioria aprovou. Fomos então todos para quadra brincar. Nesse momento tive uma grande surpresa no desenvolvimento da brincadeira. Nas três rodadas os participantes respeitaram as regras, aceitando quando eram pegos virando pegadores. Em outras vivências quando as pessoas eram pegas, muitas não aceitavam, tumultuando a brincadeira.

Depois de terminar, sentamos no meio da quadra e dividimos todos em dois grupos. Quem quisesse jogar garrafobol ia continuar na quadra com o Maurício, a Amanda e a Tina, e quem quisesse cantar rap, ia para a sala de multiuso cantar rap. Não perguntei para o Maurício como foi o garrafobol, mas quando fui ao banheiro vi que todos estavam participando normalmente. Já no rap, fiquei surpreso com o número grande de pessoas. Em algumas músicas eu segurava o microfone e ia passando por várias pessoas. O destaque foi o Hernane que criou várias letras de rap, sempre apoiado pelas outras pessoas. Teve até um rap que ele cantou em minha homenagem.

Faltando quarenta minutos para terminar o projeto, chamamos todos para a sala multiuso para começar o caça ao tesouro. Novamente a brincadeira foi um sucesso, com todos participando ativamente. O mais engraçado foi quando eu pedi para que procurassem por um dos pedaços do pano atrás do posto de saúde. Quando os participantes chegaram lá estava tendo uma reunião na sala ao lado e ao invés de ficarem bravos, os profissionais da área de saúde nos aplaudiram.

Ao final da brincadeira, todos ganharam os estojos e depois foram receber o ovo de páscoa, o uniforme, e o porta caneta. A entrega dessa vez foi por chamada, o único imprevisto foi com os participantes, Lúcio, Manoel e Álvaro que são muito grandes e a camiseta e o short ficaram muito justos. Tentarei pegar as camisetas do tamanho M que sobraram para dar para os três participantes.

Ao final, as pessoas voltaram para casa com os presentes. O melhor foi que eu também ganhei um ovo de páscoa. Para a próxima semana ficou combinado que brincaríamos de esconde-esconde, pé na lata, salva e escrever matérias para o Jornalzinho.

**A VIVÊNCIA QUE MAIS ME DESGASTOU DURANTE TODOS ESSES ANOS.**

Antes de sair de casa em direção ao Jardim Gonzaga, recebo o telefonema do Maurício pedindo se poderia pegá-lo, pois o Fabiano estava viajando. Como não me atrapalharia em nada, desviei do caminho tradicional e fui para a UFSCar buscá-lo.

Com o Maurício já no carro, fomos conversando sobre o projeto e disse que esse ano os participantes estavam mais calmos e participativos; nesse momento, ironicamente, tudo “virou de cabeça para baixo”. Essa quinta-feira foi a que mais fiquei desgastado e nervoso em todos os anos. Os motivos para o desgaste e o nervosismo serão mostrados na continuidade desse diário de campo.

Chegamos à ECO às 8:00h e a recepção, como não poderia ser diferente, foi muito calorosa. Ao entrarmos, fomos cumprimentando todas as pessoas que encontrávamos: a Maria, o Fábio, a Maria Eduarda, as pessoas presentes à ECO e o educador Tadeu, que me disse que a Diná chegaria um pouco atrasada.

Como de costume, chamamos todos para a sala de multiuso para tomar lanche. Nesse dia tinha bolacha de leite e leite achocolatado. Mais uma vez, esse momento serviu para que conversássemos muito e para que os participantes mostrassem que estavam usando os uniformes novos.

Depois do lanche os participantes permaneceram sentados e perguntei se eles lembravam o que tínhamos combinado na semana passada, e para meu agrado eles foram logo falando: festival de pega-pega, garrafobol e pé de lata. Perguntei se eles haviam lembrado de trazer as latas de nescau para fazermos o pé de lata e a resposta de todos foram não. Mais uma vez eles pediram essa atividade e não trouxeram o material.

Sugeri, então, que brincássemos primeiro de pega-pega e todos aceitaram. Ao perguntar quais pega-pegas eles conheciam, eles foram logo falando: pega-ajuda, pega-pega americano, pega-pega cada macaco no seu galho, esconde-esconde, mãe da rua, nunca três e pega-pega corrente. Depois, perguntei qual brincadeira seria a primeira e a maioria escolheu o esconde-esconde na tenda.

Esqueci de falar, no início do diário de campo que a prefeitura colocou uma tenda móvel com apresentações culturais, como teatro, oficina das mais variadas, apresentação de danças, entre outras. A tenda irá funcionar entre os dias 26 e 30 de Março, com uma programação diária que começa às 15:00h e encerra às 22:00h.

Para liberar o esconde-esconde na tenda combinamos algumas regras. Ninguém poderia subir no palco, entrar nos banheiros químicos ou estragar qualquer coisa. Após todos aprovarem as regras, começamos a brincadeira, que foi muito divertida. Até as meninas mais velhas que falaram que não iam brincar, participaram. O que me deixou feliz foi que as regras foram respeitadas. O ápice da brincadeira foi quando eu e o Maurício fomos os pegadores.

Ao encerrar o esconde-esconde perguntei qual outro pega-pega eles queriam realizar, e a maioria escolheu o pega-pega corrente. Essa brincadeira é muito simples. A área do jogo utilizada foi a quadra e a pessoa que começa sendo o pegador tem que relar nas pessoas, que passam a ser pegadoras, mas tendo que ficar de mãos dadas. No meio do jogo o primeiro pegador pode dividir a “corrente humana” em dois ou três grupos, para facilitar e para a brincadeira terminar mais rápida.

Fiquei muito surpreso e contente com o desenvolvimento da brincadeira. As pessoas não dispersaram e nem pararam de brincar até a última pessoa ser pega, o que demorou cerca de quinze minutos. Depois ainda realizamos duas rodadas de mãe da rua e mais uma de pega-pega corrente.

Ao encerrar o festival de pega-pegas, fomos beber água e depois dividimos as equipes para o garrafobol. Seria a primeira vez que usaríamos os jogos de coletes novos da cor azul e vermelho. A coincidência foi que o número de coletes era igual ao número de participantes; no total, vinte e quatro pessoas.

A primeira partida foi emocionante, sem problema algum. Mas, na segunda, o dia começou a apresentar problemas. O Wilian e o Itamar, de equipes diferentes, começaram a se xingar e também seus familiares. No meio da discussão o Itamar tentou acertar com uma garrafa pet com três dedos de água o Wilian, que ao desviar correu em sua direção e desferiu uma voadora no peito do Itamar, que caiu no chão. Como os dois estavam indo um pra cima do outro, intervi, segurando o Wilian. Nesse instante, o Itamar pegou outra garrafa pet e jogou com toda sua força em nossa direção. A garrafa veio direto na lateral do meu rosto, deixando-o bem inchado e vermelho. Na hora mantive a calma e pedi para que os dois parassem, foi quando a Denise foi à rua chamar a irmã do Itamar para bater no Wilian. Nesse momento perdi a calma e falei para a irmã do Itamar sair da quadra, pois os problemas teriam que ser resolvidos ali no projeto. Também pedi para a Denise sentar no palco e permanecer lá, de castigo.

Em seguida, acalmei o Itamar e o Wilian, com a ajuda dos outros educadores, e pedi para que continuássemos o jogo. Mesmo assim o Itamar ficou falando que pegaria o Wilian, na saída.

A Denise, depois de encerrada a partida, me desafiou e xingou; respondi dizendo que ela estava errada e que a gente tinha que lavar a roupa suja no projeto e não chamando as pessoas na rua.

Ao final, todos foram para a sala de multiuso e conversamos sobre o ocorrido e sobre as brincadeiras para a próxima vivência. Ficou combinado continuar o festival de pega-pega, fazer um campeonato de futebol, pular corda e escrever matérias para o jornalzinho.

Antes de irem embora, todas as pessoas ganharam uma laranja. O que me fez permanecer triste foi que o Itamar não veio me pedir desculpas pela garrafada. Às 11:30h eu e o Maurício subimos para o Centro Comunitário do Pacaembu para almoçarmos.

Acho que não comentei em nenhum diário de campo uma coisa que é muito importante para mim. Todos os dias, depois do almoço, pego um colchão de ginástica e tiro uma soneca de trinta minutos, ajudando muito no restante do dia.

No período da tarde, as coisas foram ficando piores. Desde a primeira brincadeira até a hora de ir embora ocorreram muitas brigas, discussões e desrespeito.

Ao reunirmos todos na sala de multiuso, os participantes demonstravam que estavam muito eufóricos, não conseguindo permanecer quietos por muito tempo. Conversamos sobre as atividades do dia (esconde-esconde, pé na lata, salva e jornalzinho) e preparamos também a participação voluntária deles em duas oficinas que iriam ocorrer na tenda, uma de teatro, às 15:00h e uma de dança do ventre, às 16:00h. A maioria se interessou em participar das oficinas, mas antes todos queriam brincar de pega-pega na tenda.

Assim como no período da manhã, ficaram decididas as mesmas regras para podermos brincar na tenda, mas nenhuma foi respeitada, o que me deixou muito chateado. Subiram o Márcio, a Isadora, a Ariadne, o Gabriel, o Caio e o Rafael. Esse último me tirou do sério. Pedi várias vezes para o Rafael descer, e ao invés disso ficou pulando no palco de madeira para me provocar, como se não bastasse seu irmão Caio foi fazer a mesma graça. Depois de pedir muito para eles descerem, perdi a cabeça e falei que ia conversar com a mãe deles. Nesse momento os dois desceram rapidinho para me impedir, mas para manter minha dignidade fui falar com a Larissa. Chegando em sua casa, expliquei-lhe tudo e pedi que conversasse com os dois, pois eles estavam me desrespeitando muito. Ela disse que tudo bem e fez uma cara de quem estava muito chateada com os meninos.

Na volta para a ECO percebi que todo mundo estava disperso. Pedi então ajuda para todos os educadores para juntarmos eles na quadra para conversarmos. Era impressionante como não conseguíamos a atenção de todos, demorando cerca de dez minutos para conseguirmos reunir eles. Nesse intervalo de tempo a Amanda veio me dizer que eles estavam dispersos desde segunda-feira.

Ao tentar conversar com eles, muitos ficaram conversando ao mesmo tempo. Em um momento da conversa, quando tentava falar sobre as regras que havíamos combinado antes e que não tinham sido respeitadas, o Rafael me interrompeu pedindo minha caneta para que o amigo dele fizesse uma tatuagem nele. Nesse instante fiquei muito irritado e a quebrei, me arrependendo depois.

Estava muito triste com tudo que tinha acontecido e falei para eles que não ia mais participar daquela vivência. Muitos vieram me pedir para continuar, o que me fez repensar e voltar a conversar com o grupo. Nesse momento chegou os alunos da EMEB Jante Lia que iam participar das oficinas, dispersando, novamente, o grupo. Muitos foram para as oficinas com o Maurício. Os outros ficaram comigo e com a Tina na sala de multiuso fazendo desenhos para o jornalzinho. No começo estava tudo calmo até a Isadora começar a brigar com a Ciça. Elas usaram muitos palavrões o que me deixou muito mais cansado e com vontade de ir embora.

Depois de todos terminarem seus desenhos, escolhemos o da Tina, do Rafael, do Ruan e da Isadora para sair no jornal. Depois as pessoas continuaram a fazer desenhos e o Silvério, o Lúcio, o Manoel, a Tina e o Luiz Pereira ajudaram-me a escrever uma matéria sobre desenhos para o jornal.

Às 16:30h, chamamos todos para tomar lanche e conversar sobre os acontecimentos do dia. Nesse instante a Leticia veio me pedir desculpas por tudo que tinha acontecido hoje. Ficou decidido para a próxima semana brincarmos de pé na lata, salva, campeonato de futebol e pular corda.

Para encerrar, os participantes tomaram o lanche (bolacha de leite com leite achocolatado) e foram para suas casas. Só queria deixar registrado que esse foi o dia mais desgastante que já passei em todas as vivências. Quando cheguei em casa fiquei deitado uns trinta minutos refletindo sobre o que havia acontecido.

**Diário 50 - 03/04/2008**

**Matheus Oliveira Santos**

**08:00h às 17:00h**

**Estação Comunitária do Jardim Gonzaga**

## **SURPESAS NO FUTEBOL.**

Uma semana depois de todos os problemas ocorridos na vivência anterior, acordo tranquilo para mais um dia de experiências marcantes. Digo marcante, pois fiquei surpreso com o que aconteceu no futebol, como veremos mais adiante.

Sem poder contar com a presença do Fabiano, que nesse dia ia fazer a prova de proficiência de seu mestrado, fui à UFSCar buscar o Maurício. No caminho até o Jardim Gonzaga fomos conversando sobre os incidentes da semana passada e disse que esse dia seria tranquilo, pois teríamos futebol.

Chegando a ECO, fomos recepcionados por cerca de dez crianças e adolescentes que abraçavam muito eu e o Maurício. É gostoso esse momento, pois eles sempre ficam discutindo para ver quem vai dar as mãos para os educadores. Muitas vezes eu tenho que dar as mãos para seis pessoas simultaneamente (D50-1).

Nessa vivência a Maria não estava presente, pois participava de uma reunião na secretaria da cidadania.

Por volta das 8:10h reunimos todos os participantes para tomar lanche, que mais uma vez foi composto por leite com achocolatado e pão com manteiga. Nesse momento conversamos bastante sobre o que ocorreu na semana passada. Quando fomos falar das atividades, a maioria lembrava do que havíamos combinado e quis começar com o festival de pega-pega e depois fazer o futebol e o jornalzinho.

Como já havíamos realizado alguns pega-pegas na semana passada, pedi para eles que escolhessem outras variações. Foram escolhidos o pega-pega americano e o nunca três. As duas brincadeiras foram muito divertidas, ficando surpreso com a participação de todos no nunca três, brincadeira essa que exige muita paciência, o que às vezes é muito difícil conseguir com esse grupo. É importante ressaltar que os últimos diários demonstram que eles estão mais atentos e participantes.

Encerrando o festival, o Itamar veio me pedir para brincarmos novamente de pega-pega corrente, brincadeira na qual realizamos na última vivência. Como o tempo estava corrido, combinamos de realizá-lo na próxima semana.

A próxima atividade me surpreendeu bastante. Quando fomos dividir os grupos para o futebol e para fazer o jornalzinho, a grande maioria não quis ficar no futebol. Se fosse em anos anteriores com certeza seria o contrário.

*C.O.: Dessa experiência gostaria de deixar uma pergunta no ar. Será que as diversidades de atividades estão influenciando nessa pouca procura pelo futebol? Não quero dizer nem que sim e nem que não, só quero relembrar que fiquei muito surpreso com o número baixo de pessoas no futebol.*

Para o campeonato ficou com os participantes o Maurício e o Tadeu. A Diná ficou com algumas pessoas pulando corda e eu fiquei com os outros na sala de multiuso fazendo o jornalzinho.

Fizemos dois artigos. O primeiro foi uma entrevista com a participante Selva. As perguntas realizadas foram elaboradas pela Adriana, Tauana, Raissa, e o Filipe. Essas pessoas também ajudaram a escrever a reportagem sobre a dengue. Ao iniciar o diálogo para saber o que colocaríamos na matéria percebemos que não tínhamos muitas informações sobre o assunto. Então fomos ao posto de saúde pedir ajuda a algum profissional da área da saúde. Quem nos recebeu, diga-se de passagem, muito bem, foi o Agente de Saúde Casagrande, que com a ajuda de um panfleto foi nos informando das coisas mais importantes. Ficamos muito atentos à explicação e, ao final, o agradecemos e voltamos para a sala de multiuso escrever a matéria que irá para o próximo jornal.

Terminado o artigo, vimos que já era 10:40h e fomos chamar os demais para combinarmos as atividades. Ficou decidido continuarmos o festival de pega-pega e fazer uma oficina de desenhos para expor na ECO. Antes de saírem os participantes receberam quatro bolachas cada um, recheadas com goiabada. Fiquei muito feliz com as experiências vivenciadas nessa manhã.

Na parte da tarde, pensei que o futebol seria diferente da manhã, pois logo lembrei do Silvério e de sua insistência em jogar bola no projeto, mas mais uma vez fui surpreendido. Com cerca de quarenta pessoas presentes fomos para a quadra brincar de pé na lata. O jogo estava muito divertido, mas algumas pessoas sugeriram realizar uma brincadeira muito parecida, o balança caixão. A educadora Amanda explicou o jogo e pediu que todos fizessem uma fila com todos agachados e que cantassem a música: balança caixão, balança você, da um tapa na bunda e vai se esconder. Nesse instante o último da fila dava um tapa no bumbum do penúltimo e ia se esconder. Aí novamente os participantes tinham que cantar a música até que a penúltima pessoa do grupo fosse se esconder. O último que restava do grupo tinha que sair procurando e capturando as outras pessoas. Brincamos duas vezes e todos adoraram.

Depois dividimos as pessoas em dois grupos. Um para jogar futebol e o outro para brincar no parquinho e pular corda. Mais uma vez, fiquei surpreso porque a maioria das pessoas não quis ficar no futebol.

No parquinho os participantes brincaram nos aparelhos do próprio parquinho, com carrinhos, com bonecas e pulando corda. Já no futebol conseguimos fazer três times, dois de meninos e um de meninas. Os jogos foram bem emocionantes e decididos nos detalhes. O time do Silvério e do Maurício foi o que mais venceu, mas os outros dois times também venceram. Foi impressionante ver as habilidades das meninas no futebol.

Ao final da vivência fomos tomar o lanche na sala multiuso e conversar sobre as atividades. Como nessa vivência teria macarronada, os participantes estavam muito eufóricos e dispersos na escolha das brincadeiras. Só registramos o interesse da maioria em brincar de garrafobol.

Antes de irem embora os participantes foram escovar os dentes. Fiquei muito feliz com a vivência depois de uma semana, na qual quase todos os acontecimentos me deixaram irritado.

Este foi o último diário de campo realizado para o Mestrado.

## APÊNDICE 2 - JORNAIS

### 1) JORNAL: OUTUBRO DE 2005

# Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos  
Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social / Prefeitura Municipal de São Carlos

Ano 5, Número19

Outubro/2005

## Editorial

Olá pessoal! Demorou um pouco mais aí está: outra edição do nosso jornal. Mais de um mês se passou desde o nosso último encontro neste espaço escrito. No entanto, valeu a espera. O número de colaboradores cresceu e, como era de se esperar, as discussões e as opiniões vieram com força ainda maior.

O Vamp, por exemplo, não se esqueceu do Seu Américo, que todas as semanas comparece na comunidade para dar a sua cota de contribuição e nem do pessoal do *Zine por um mundo melhor* que, assim como o Seu Américo, distribui o já esperado “Sopão” aqui no bairro.

O Wander preferiu mandar o seu recado sobre um assunto que interessa a todos por aqui: a expectativa com relação à inauguração da Eco (Estação Comunitária).

Aproveitando a discussão gerada pelo referendo sobre o comércio de armas de fogo e munição, eles foram conversar com as pessoas para conhecer a opinião delas a respeito do tema. Todos tiveram voz.

Os vários jogos e brincadeiras desenvolvidos no Projeto Campeões da Rua também foram lembrados pelo Wellington, que destacou algumas atividades.

Ah! E pra finalizar tem as cruzadinhas feitas pelo Jhonas, que traz uma homenagem a alguém que foi muito importante para o projeto. Quem é? Bem, isso vocês vão ter que descobrir...Valeu!!!

## Turma da sopa

Apesar de não conhecer o pessoal que distribui a sopa eu agradeço a eles por estarem ajudando a quem não tem o que comer. Vejo muita gente desempregada e isso me preocupa. Eu não me conformo com o desemprego.

Se não existisse a turma da sopa eu não sei o que seria da gente; fico muito contente com o que eles fazem pelas pessoas pobres.

Agradeço também ao Seu Américo que sempre nos ajudou. Espero que ele possa continuar nos ajudando. Obrigado!

(Vamp)

## A expectativa com relação à Estação Comunitária (Eco)

Eu acho que indo para a ECO nós teremos mais segurança, mas teremos que fazer o que eles mandarem. Já por aqui, nós somos mais livres e conhecemos todo mundo. Na Eco não conheceremos ninguém e sempre terá alguém para nos vigiar, enquanto que aqui nós andamos para onde queremos e o campo é liberado assim que todos chegam.

Por mim, eu ficaria por aqui, que é de onde eu gosto e ninguém muda a minha opinião.

(Wander)

## Entrevistas sobre o referendo

Neste último domingo aconteceu o referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munição no Brasil. A questão foi definida pelo voto, mas a discussão continua. Sabendo da importância do assunto, Vamp e Wander foram atrás das opiniões da comunidade e cada entrevistado defendeu o seu ponto de vista. Aí vai o que eles encontraram:

- *Você é a favor da proibição da comercialização de armas de fogo e munição no Brasil?*

**Claudinha:** “Não. Porque eu vou entregar a minha arma e se algum ladrão entrar na minha casa eu vou ficar desprotegida.”

**Adonis:** “Sim. Eu sou contra o porte de armas. Sou contra a violência.”

**Fátima:** “Não. Não sei se é bom desarmar o povo desta forma.”

**Lima:** “Sim. Não queremos ver mais mortes.”

### Os jogos e as brincadeiras do projeto

Todas as quartas realizamos atividades escolhidas pelo grupo (educadores e alunos); são atividades esportivas e recreativas que acrescentam muito na diversidade do nosso lazer. Algumas brincadeiras são: pé-na-lata, betis, futebol e pipa.

O vôlei também é muito realizado aqui no Projeto Campeões da Rua. Jogamos o toque, o time com rede, o três-corta...

As pessoas que vem no projeto gostam muito de jogar vôlei por ser muito simples e muito legal.

Outro jogo que a galera gostou foi o garrafabol, que consiste em uma queimada tradicional com garrafas PET que são a vida de cada jogador.

(Wellington)

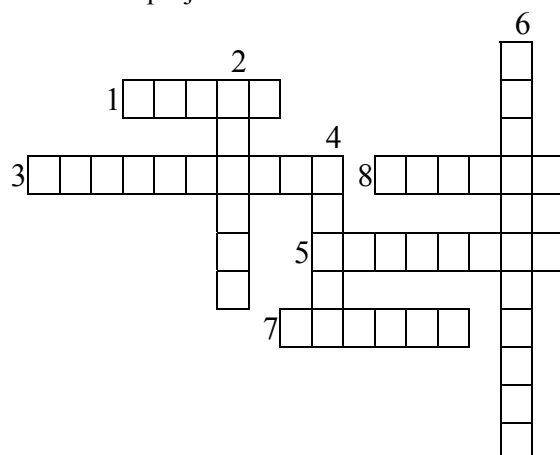
### Cruzadinhas

#### Vertical:

- 2) Nome de um educador do projeto.
- 4) Como se chama a coordenadora do Centro Comunitário?
- 6) Quem nasce em São Carlos é...

#### Horizontal:

- 1) O referendo decidiu sobre o comércio legal de munição e de...
- 3) Atividade praticada no projeto trazida pelo Matheus.
- 5) Nome de um time do estado de Minas Gerais que foi também nome de moeda brasileira.
- 7) Capital do estado do Amazonas.
- 8) Educadora que ajudou muito no desenvolvimento do projeto.



### VAMOS COLORIR!!!!

Caricaturas dos educadores desenhadas pelo aluno Mayke.



**CASCÃO**



**MARIA**



**ADONIS**



**MATHEUS**

### Colaboradores desta edição:

- Jhonas Rodrigo de Aguiar
- Matheus Oliveira Santos
- Rodrigo Barros Capobianco (Cascão)
- Mayke Rogério Oliveira da Silva
- Wellington Alves da Silva
- Wander Gabriel
- Célio Pereira da Silva (Vamp)



## 2) JORNAL: AGOSTO DE 2006

# Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos  
Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social / Prefeitura Municipal de São Carlos

Ano 6, Número 23

Agosto 2006

## Editorial

E aí galera, tudo bem? Nossa como o primeiro semestre de 2006 passou rápido. Foram muitas brincadeiras e passeios super divertidos. Vocês lembram da queima, do vivo-morto, do esconde-esconde, do salva? Legal também foi nosso piquenique no “buracão” e nossa ida ao SESC para conhecer um pouco mais da cultura indígena Kalapalo (vejam as fotos).

Nesse mês se comemora o dia do folclore, e nesse Jornalzinho vocês encontrarão histórias, personagens e muitas brincadeiras sobre o tema. Encontrarão também uma boa entrevista com nosso amigo Kenedi.

A cada edição nosso Jornalzinho está mais legal, continuem compartilhando da produção coletiva dele. Esperamos novas contribuições de Vocês: artigos, textos, desenhos, piadas... enfim *SUAS IDÉIAS!!!*

### O que se comemora esse mês?

Em agosto, criaturas assustadoras, divertidas, brincalhonas, travessas... estão a solta por aí, em verdade elas convivem conosco o ano todo, na imaginação para alguns, na realidade para outros. Ocorre que neste mês, em particular, são mais lembradas, em decorrência da comemoração do dia do folclore no dia 22.

A palavra folclore é formada a partir das palavras FOLK (“povo”) e LORE (“saber” ou “costume”). Ou seja, um saber do povo que é transmitido principalmente de forma oral.

O folclore está nas brincadeiras de rodas, nas adivinhas, nos versos, nos trava-línguas, nas cantigas, na superstição - que faz alguns evitarem passar debaixo de escada, por exemplo.

Agora que vocês já sabem o que comemoramos nesse mês, pergunte para as pessoas mais velhas de seu convívio se eles conhecem alguns personagens, histórias e lendas do folclore brasileiro. E por favor, depois nos contem para colocarmos no próximo jornalzinho.

## Fotos da visita à exposição Kalapalo

A visita foi realizada no dia 29 de junho e contou com a participação de 40 crianças e adolescentes dos projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (DEFMH/UFSCar) e “Campeões da Rua” (SMEL-SMCAS/PMSC) Vejam abaixo as fotos:



### Saci - Pererê

Autor: Newton Heliton

Pula, pula, pula saci  
Pula, pula, pula saci  
Olha o saci-pererê  
De uma perna só

Ele é um moleque danado  
Faz tudo ficar bagunçado  
Não deixa de lado o cachimbo  
Está sempre soltando fumaça

Esse saci-pererê  
Gosta de dar gargalhada  
Expulsa o homem malvado  
Dessas nossas matas

Colaboração do Guilherme - 8 anos

## **ENTREVISTA DO MÊS**



Kenedi - 11 anos

○ *que você acha dos professores dos projetos?*

Os professores são muito legais. Eles brincam com a gente de futebol, pular corda, queima. Professores eu gosto muito de vocês.

○ *que você mais gosta de fazer no dia-a-dia?*

Eu gosto de brincar de futebol, assistir televisão, principalmente o desenho do pica-pau e gosto muito de passear com meus irmãos e minha família.

*Qual é a sua comida favorita?*

Eu adoro lasanha e frango.

*Mande uma mensagem para todos que participam do projeto.*

Eu gosto muito de todos. Mãe, eu gosto muito de você.

### **Como foi nosso primeiro semestre?**

“No mês de Março a gente voltou o projeto para o antigo campinho, agora transformado na Estação Comunitária. Desde que a gente chegou, nós brincamos muito. Brincamos de esconde-esconde, futebol, pega-pega, pular corda, vivo-morto, queima e muitas outras coisas. Os nossos professores e amigos são muito legais. As médicas também são muito legais, quando a gente machuca elas cuidam da gente fazendo curativos. Tivemos também alguns problemas, principalmente as brigas. O certo seria que ninguém brigasse ou falasse mal do amigo. Esperamos que até o final dos anos a gente realize muitas brincadeiras.”

Kenedi - 11 anos

Joelson - 8anos

Taynara - 10 anos

## **Vamos colorir!!!!**



### **Trava-línguas**

Os trava-línguas são brincadeiras com palavras. Tente falar rapidinho:

Quem cara paca compra, paca cara pagará.  
Quem compra paca cara, pagará cara paca.

---

Em um ninho de mafagafos havia sete mafagafinhos; quem amafagafar mais mafagafinhos, bom amagafanhador será.

### **Adivinha**

O que é o que é? Pode ser grossa ou bem fina. Anda sempre passo a passo. Existe de corpo inteiro. Mais tem nome de pedaço?

**RESPOSTA: MEIA**

### **Caça – Palavras**

Encontre os seres que estão associadas ao folclore:

IARA, MULA SEM CABEÇA, CAIPORA,  
SACI PERERÊ, BICHO PAPÃO

D X D G T A E F D E W D D A S E P D D U B  
X F R E S D F U I J N B V V C U Y T R D C  
F G U I H X I A R A P M G E Q A S E S A A E  
E G H D E T Y U H G F R E S A W A A D F V  
C Z V B Q U H D R U S D E T E N B A R D O  
F R D E F D E M U L A S E M C A B E Ç A  
X F R E S D F U I J K L U I N D E J E N S U D  
D N B I C H O P A P A O E D G J J D D X D G  
T A E S A C I P E R E R E D U B X F R E S D  
F U I J N B V V C U Y T R D C F G U I H C  
A E R C V N J I C C A I P O R A H G F R E S  
A W A A D F V C Z V B Q U H D R U S D E T

## 3) JORNAL: OUTUBRO DE 2007

# Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos  
Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social / Prefeitura Municipal de São Carlos

Ano 7, Número 26

Outubro 2007

## Editorial

E aí pessoal, tudo bem? Mais um jornal está saindo cheio de novidades e diversão. Agora também para a turma da tarde que a partir da próxima edição estará escrevendo suas matérias.

Nesse jornalzinho iremos encontrar matérias sobre os projetos e seus espaços, sobre a comemoração do dia do folclore e uma matéria especial sobre o projeto "Roda de Conversa".

Ah! Não percam o "vamos colorir" que nessa edição conta com os quatro maiores clubes de futebol do nosso estado. Não se esqueçam que no dia 12 de outubro será dia das crianças. Então boa leitura e bom divertimento.

## Os projetos e seus espaços

Meu nome é Stefani e freqüento os projetos desde quando era o antigo campinho. Já o meu nome é Elizia e participo desde a chacinha.

No início era a Maria e o Adônis que brincavam com a gente. Naquela época a gente brincava de vôlei, de balanço na trave e pintava no campinho.

A mudança para a chacinha foi legal, pois tinha mais lugar para a gente brincar, como quadra, árvores de jabuticaba, manga, jaca, abacate, entre outros. Nessa época entrou nos projetos o professor Matheus e era muito legal, pois juntávamos todo mundo para escolher as brincadeiras.

Infelizmente tivemos que sair para o Centro Comunitário do Pacaembu. Lá era muito pequeno, mas mesmo assim era muito divertido. De vez em quando a gente brincava no ginásio da escola ao lado.

Em 2006 mudamos definitivamente para o antigo campinho que agora é conhecido como ECO. Gostamos muito daqui, pois aqui é maior, tem brincadeiras legais e tem os professores Matheus, Carol, Paula, Érica, Fabiano, Rosângela, além dos funcionários Laine e Huesner.

Mesmo com todas essas mudanças, a gente sempre gostou de participar dos projetos. Viva a vida, viva o projeto, viva a ECO.

Stefani: 11 anos  
Elizia: 10 anos

## Agosto foi o mês do folclore, mas o que é folclore?

O Folclore é a expressão da cultura, dos costumes e tradições de um povo, expressos de maneira oral, escrita ou cênica. Todos os povos têm folclore e é através da sua preservação que torna-se possível a perpetuação das diferentes culturas, bem como o conhecimento verdadeiro da história dos diversos povos.



O folclore é contado e recontado pela oralidade popular e representa a sabedoria do povo. Ele inclui mitos, lendas, contos populares, brincadeiras, provérbios, adivinhações, orações, maldições, encantamentos, juras, xingamentos, gírias, apelidos de pessoas e de lugares, desafios, saudações, despedidas e trava-línguas. Também inclui festas, encenações, artesanato, símbolos, receitas de comidas, medicina popular, danças, música instrumental e canções, inclusive as baladas e canções de ninar.



Folclore brasileiro – O folclore brasileiro possui a herança cultural dos índios, dos portugueses colonizadores, dos africanos e de outros imigrantes (...). É, portanto um folclore muito rico, isso sem contar as múltiplas manifestações resultantes da extensão do território brasileiro e das diversidades regionais.

Autor: Juscelino Tanaka

(Retirado: <http://www.brasilecola.com/datacomemorativas/dia-do-folclore.htm> - Acesso em 22/08/2007)

## **ENTREVISTA DO MÊS**



**Elizia - 10 anos**

**O que você acha do bairro que mora?**

Gosto muito do Jardim Gonzaga, porque aqui é super legal. Aqui tem projetos, tenho vários amigos e tem uma pracinha que eu brinco..

**O que você acha dos projetos?**

Legal. Eu gosto da Maria, do Matheus, da Rosângela e da Érica. Eu gosto de vir aqui brincar de caça ao tesouro, de pega-pega e muitas outras brincadeiras

**Que time você torce?**

Eu torço para o Corinthians. Mesmo ele perdendo eu sempre sou timão.

**Mande uma mensagem para todos que participam do projeto.**

Vocês meus amigos são super legais. Adoro brincar com vocês. Beijos para todos.

### **Roda de Conversa**

Na roda de conversa a gente tem como objetivo discutir um assunto de forma participativo, no qual todos podem falar.

Já fizemos uma casa de papel. Conversamos o que podia fazer ou não em cada parte da casa. Depois a gente fez um campo de futebol. A gente discutiu as regras do jogo e viu o que podia e o que não podia fazer.

Homenagem aos educadores e educadoras que participaram do projeto "Roda de Conversa" no primeiro semestre de 2007. Elaborado por Camila (13 anos), após entrevista com Karina (22 anos), educadora do projeto desenvolvido pelo Departamento de Terapia Ocupacional da

## **Vamos colorir!!!!**



## 4) JORNAL: JUNHO DE 2008

# Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos  
Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social / Prefeitura Municipal de São Carlos

Ano 8, Número 27

Junho 2008

## Editorial

E aí pessoarrrr? Este jornalzinho está bão demais sô! E pela primeira vez com os participantes da Tarde.

Nesse mês de Festa Junina, não podia farta uma reportagem do significado dessa festa tão arretada. Também têm matérias sobre o como é gostoso desenhar, uma entrevista com a Taissa e uma matéria especial sobre como se prevenir contra dengue.

O "vamos colorir" desta edição conta com os desenhos feitos pelo pessoal do projeto "Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer". Lembrem-se que 13 de junho é dia de Santo Antônio, 24 de junho de São João e 29 de junho de São Pedro. Então boa leitura e bom divertimento.

## Informações sobre a Dengue

Essa reportagem é para sabermos mais sobre a dengue. E para nos ajudar, pedimos ajuda para o Agente de Saúde Wilson.

Ele pediu que a Samanta lesse o livrinho que fala "todos contra a dengue" e depois conversamos muito. Aprendemos a não deixar a água parada por causa do mosquito da dengue. Ele é menor que o pernilongo, tem listras brancas e tem hábito diurno.

Então é preciso deixar nossas casas e terrenos vazios, sem água parada, para que o Jardim Gonzaga não tenha nenhum caso de dengue.

"A dengue pode ser completamente controlada com essas medidas que falamos acima. Fazendo com que o mosquito não encontre condições de se reproduzir."

Participantes da entrevista: Matheus, Brenda, Taissa, Jamime Patrícia, Samanta, Aiesca e Carlos Eduardo.



## **Junho tem Festa Junina, mas qual sua origem?**

Junho é o mês de São João, Santo Antônio e São Pedro. Por isso, as festas que acontecem em todo o mês de junho são chamadas de "Festas Joaninas", especialmente em homenagem a São João.

O nome joanina teve origem nos países europeus católicos no século IV. Quando chegou ao Brasil foi modificado para junina.



## **Assim surgiu a Festa de São João**

Dizem que Santa Isabel era muito amiga de Nossa Senhora e, por isso, costumavam visitar-se.

Uma tarde, Santa Isabel foi à casa de Nossa Senhora e aproveitou para contar-lhe que, dentro de algum tempo, iria nascer seu filho, que se chamaria João Batista.

Nossa Senhora, então, perguntou-lhe:

- Como poderei saber do nascimento do garoto?  
- Acenderei uma fogueira bem grande; assim você de longe poderá vê-la e saberá que Joãozinho nasceu. Mandarei, também, erguer um mastro, com uma boneca sobre ele.

Santa Isabel cumpriu a promessa.

Um dia, Nossa Senhora viu, ao longe, uma fumacina e depois umas chamas bem vermelhas. Dirigiu-se para a casa de Isabel e encontrou o menino João Batista, que mais tarde seria um dos santos mais importantes da religião católica. Isso se deu no dia vinte e quatro de junho.

Começou, assim, a ser festejado São João com mastro, e fogueira e outras coisas bonitas como: foguetes, balões, danças, etc...

**Santo Antônio - 13 de junho**  
**São João - 24 de junho**  
**São Pedro - 29 de junho**

(Retirado: <http://www.arteducacao.pro.br/cultura/junina.htm#Festa%20Junina> - Acesso em 31/05/2008)

## **ENTREVISTA DO MÊS**



**Taissa Caroline Vicente de Carvalho (7 anos)**

### **Você gosta do projeto? Por quê?**

Gosto. Porque eu gosto de aprender as coisas. Eu aprendi a pular corda, brincar de nunca três e também a jogar vôlei.

### **O que você mais gosta de fazer no projeto?**

Eu gosto de pular corda com os amigos, com a Letícia a Brenda, a Jamime e a Aiesca.

### **O que você mais gosta de brincar no dia-a-dia?**

Gosto de brincar de escolinha, pé-na-lata, brincar de casinha em casa, eu gosto de fazer lição na escola.

### **Qual a sua comida favorita?**

Minha comida favorita é a lasanha. Eu adoro presunto e muçarela.

### **Pra quem você quer mandar um abraço?**

Para todos os professores da ECO e para minha família.

## **Brincar de desenhar**

No projeto nós desenhamos bastante. O legal é desenhar em grupo, porque a gente vai ajudando e também é ajudado.

Dividimos os lápis de cor, borracha, apontador e canetinha. Achamos muito importante desenhar, pois soltamos nossa imaginação. O Renam gosta de desenhar carros, a Ariane gosta de desenhar Borboleta. A Fabíola gosta de desenhar o Smilgüido.

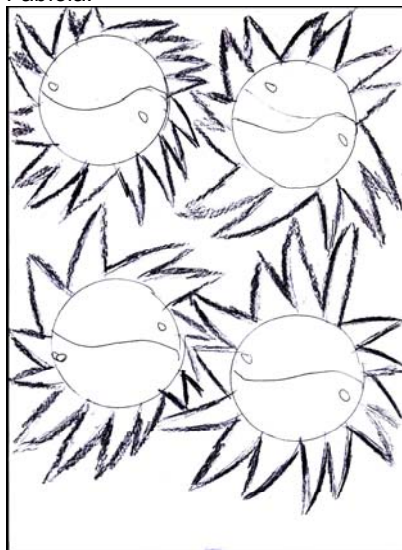
Logo abaixo mostramos alguns desenhos feitos por nós participantes. Esperamos que todos pintem com muito carinho.

Contamos com a ajuda de vocês para o próximo jornal. Boa diversão!

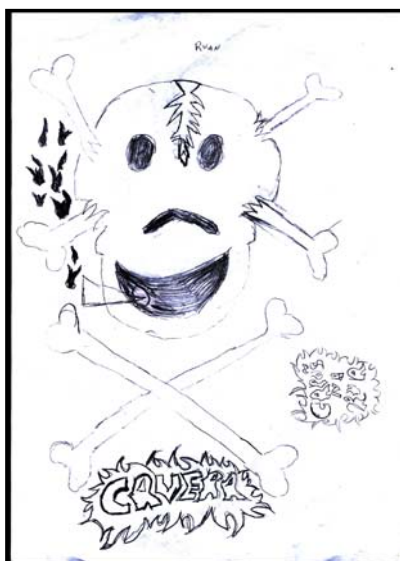
Texto escrito por: Renan, Batata, Luiz, Ariane, Fabíola.



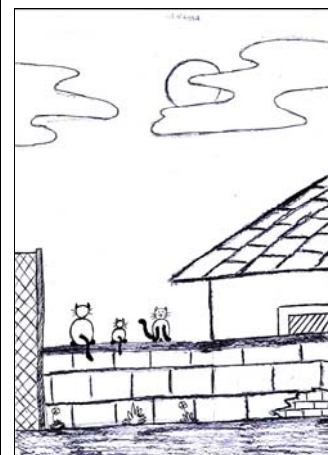
**Fabíola**



**Wágner**



**Ruan**



**Profa. Vanessa**

### APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: [secppge@power.ufscar.br](mailto:secppge@power.ufscar.br)



#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você, \_\_\_\_\_, e seu Responsável, \_\_\_\_\_, estão sendo convidados para participar da pesquisa “Lazer e Educação Popular: um olhar no projeto ‘Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer’”, a qualquer momento vocês poderão desistir de participar e retirar seus consentimentos, suas recusas não trarão nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição. Os objetivos deste estudo são investigar a preferência do que fazer no dia-a-dia para os participantes e seus responsáveis; os processos educativos envolvidos nas vivências do projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (DEFMH/UFSCar). Suas participações nesta pesquisa consistirão em conceder entrevista e imagens para uso exclusivamente acadêmico-científico. Não há qualquer risco com suas participações e poderá haver benefícios no sentido de melhorarmos a qualidade das ações de lazer desenvolvidas na Estação Comunitária do Jardim Gonzaga, bem como interferirmos na política pública de lazer da cidade de São Carlos. Salientamos que seus nomes serão alterados garantindo sigilo. Vocês receberão uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

\_\_\_\_\_  
Matheus Oliveira Santos

(RG: 27.071.032-2 / CPF: 268.800.858-73 / Tel.: (16)8116-4444 / aluno regular do PPGGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
Nome do Sujeito da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pai, Mãe ou Responsável pelo Sujeito da Pesquisa